

SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA

1999-2000



FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Uma entidade sindical de grau superior
que representa os interesses econômicos e sociais
dos produtores rurais catarinenses



SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL

**Promovendo a formação profissional e o desenvolvimento social
dos trabalhadores e produtores rurais de Santa Catarina**



INSTITUTO CEPA/SC

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO
E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DA AGRICULTURA

SÍNTESE ANUAL
DA
AGRICULTURA
DE
SANTA CATARINA
1999-2000

FLORIANÓPOLIS
2000

ESTADO DE SANTA CATARINA

Governador do Estado de Santa Catarina
Esperidião Amin Helou Filho

Vice-Governador
Paulo Roberto Bauer

Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Odacir Zonta

EXPEDIENTE

Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC
Djalma Rogério Guimarães

Gerente Técnico
Walter A. Casagrande

Gerente de Desenvolvimento Organizacional
José Eláudio Della Giustina

COORDENAÇÃO

Bibl. Telmelita Senna Ronsoni

ELABORAÇÃO

Eng. Agr. Admir Tadeo de Souza
Eng. Agr. Cesar A. Freyesleben Silva
Econ. Francisco Assis de Brito
Eng. Agr. Guido Boeing
Econ. José Souza Filho
Méd. Vet. Jurandi Soares Machado
Eng. Agr. Luiz Carlos Madruga da Silva
Econ. Luiz Marcelino Vieira
Eng. Agr. Luiz Toresan
Econ. Paulo Zoldan
Eng. Agr. Simão Brugnago Neto
Eng. Agr. Tabajara Marcondes

APOIO

Bibliotecária - Telmelita Senna Ronsoni
Copidesque - Joares A. Segalin
Digitação - Neusa Maria dos Santos
Editora - Zélia Alves Silvestrini
Estatístico - Gilberto de Oliveira
Mapas - José Osório Ortiz
Preços - João Manoel Anderson
Revisão Técnica - Eng. Agr. José Maria Paul
Econ. Márcia Janice Cunha Varaschin
Econ. Vitorio Manoel Varaschin

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. - v.1- 1976-
Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 1976-

Anual
Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura Catarinense,
1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.
Publicação interrompida em 1992.

1. Agropecuária - Brasil-SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e
Economia Agrícola de Santa Catarina.

CDU 631/636(816.4)(05)

APRESENTAÇÃO

O estado de Santa Catarina tem suas atividades agropecuárias assentadas predominantemente sobre a agricultura familiar diversificada. Com efeito, mais de 90% das propriedades agrícolas estaduais apresentam estas características, ou seja, possuem até 50 hectares de área, são exploradas diretamente pelo proprietário e sua família, dedicam-se à produção de no mínimo três atividades agropecuárias e seus produtos apresentam pequeno poder de barganha em razão de sua modesta participação individual no mercado.

Se, de um lado, estas características representaram, por muitos anos, fator de estabilidade, dando origem ao reconhecido modelo catarinense de pequena propriedade familiar, de outro, mais recentemente, passaram a determinar uma maior vulnerabilidade ao sistema, como decorrência do aumento da competitividade, determinada principalmente pela globalização da economia.

Neste panorama, existe, hoje, praticamente um consenso ao redor de algumas alternativas, com vistas à recuperação e ao desenvolvimento do pequeno agronegócio, cabendo destacar, entre outras: a) o desenvolvimento de atividades e de práticas que permitem elevar a sua renda; b) a busca de escala e do poder de barganha, através do associativismo e das parcerias; e c) a geração e disseminação de informações sobre a produção e o mercado que, em tempo hábil, permitem servir como base às tomadas de decisão.

Ciente do papel que lhe cabe neste contexto, o Instituto Cepa/SC, que tem na informação uma de suas principais atribuições, vem procurando desenvolver e aperfeiçoar uma série de atividades relacionadas a esta área, em consonância com as prioridades estabelecidas pela Secretaria do Desenvolvimento Rural e da Agricultura. Entre elas, destacam-se o acompanhamento e a análise periódica de preços agrícolas e de safras e mercado, que têm sua versão mais expressiva representada na Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, editada anualmente.

Além de contemplar informações conjunturais sobre a produção e o mercado dos principais produtos agropecuários de Santa Catarina, esta edição apresenta também informações estruturais relativas a território, clima, população, mão-de-obra, bem como da estrutura econômica e social da agricultura catarinense. Face à importância que a pesca, a aquicultura e a silvicultura passaram a assumir como alternativa de renda para o produtor rural e o pescador de nosso estado, a partir desta edição estas atividades serão consideradas de forma mais abrangente e detalhada.

Ao agradecer as colaborações que tornaram possível a presente edição, esperamos que este documento informativo cumpra a tarefa que se propõe, ou seja, a de subsidiar o desenvolvimento rural sustentável de Santa Catarina, especialmente da pequena e média propriedade familiar, que representa, no momento, o principal desafio a ser vencido por todos aqueles que estão efetivamente comprometidos com esta tarefa.

Djalma Rogério Guimarães
Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC

SUMÁRIO

PARTE I

1.1. DESEMPENHO DA AGRICULTURA CATARINENSE NAS SAFRAS 98/99-99/00	11
- INTRODUÇÃO	11
- DESEMPENHO DO SETOR PRIMÁRIO EM 1998 E 1999	12
- DESEMPENHO DO SETOR AGROPECUÁRIO NA SAFRA 99/00	14
1.2. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL	17
- ALHO	17
- ARROZ	19
- BANANA	23
- BATATA	26
- CEBOLA	31
- FEIJÃO	37
- FUMO	42
- MAÇÃ	47
- MANDIOCA	51
- MILHO	56
- SOJA	61
- TOMATE	65
- TRIGO	68
- UVA	74
1.3. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL	77
- AVES	77
- BOVINOS	81
- LEITE	84
- MEL	91
- SUÍNOS	93
1.4. DESEMPENHO DA PESCA E DA AQUICULTURA	96
- PESCA	96
- AQUICULTURA	104
- PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE	105
- CAMARÃO MARINHO	109
- MARISCO E OSTRAS	112
1.5. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO FLORESTAL	115

PARTE II

2.1. DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS	129
2.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA	135
2.3. ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO	143
2.4. INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA	147
2.5. PREÇOS AGRÍCOLAS	149

PARTE III

ANEXO I - Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das mesorregiões, microrregiões geográficas e municípios - 1997	155
ANEXO II - Associações de municípios do Estado de Santa Catarina	159
ANEXO III - Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios	163
ANEXO IV - Conceitos	169
LISTA DE FONTES	171
LISTA DE GRÁFICOS	173
LISTA DE MAPAS	175
LISTA DE QUADROS	175
LISTA DE TABELAS	176
ÍNDICE REMISSIVO	185



CONVENÇÕES

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

- o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

NOTA: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

SIGLAS UTILIZADAS

ABEF - Associação Brasileira dos Exportadores de Frango

ABPM - Associação Brasileira dos Produtores de Maçã

AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil

AGAPOMI - Associação Gaúcha dos Produtores de Maçã e Pêra

AINCADESC - Associação das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Santa Catarina

ANDA - Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas

ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

APINCO - Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte

BACEN - Banco Central do Brasil

CEAGESP - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

EPAGRI/CLIMERH - Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina/Centro Integrado de Meteorologia e Recursos Hídricos

FAASC/CEPEA - Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina/Centro de Referência em Pesquisa e Extensão Apícola

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

IBAMA/CEPSUL - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira das Regiões Sudeste e Sul

IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAA/DFA/SC - Ministério da Agricultura e do Abastecimento/Delegacia Federal da Agricultura

OCESC - Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina

SDA/GEDEF - Secretaria do Desenvolvimento Rural e da Agricultura/Gerência de Desenvolvimento Florestal

SDE - Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul

SECEX/DECEX - Secretaria de Comércio Exterior/Departamento de Operações de Comércio Exterior

SINDICARNE - Sindicato da Indústria de Carnes

SUDEPE/COREG - Superintendência do Desenvolvimento da Pesca

USDA - United States Department of Agriculture



NOTA EXPLICATIVA

- Os números entre parênteses na fonte das tabelas correspondem aos números da lista de fontes à página 171.

PARTE I

1.1. DESEMPENHO DA AGRICULTURA CATARINENSE NAS SAFRAS 98/99-99/00

- Introdução

O IBGE publicou, recentemente, os resultados de uma nova metodologia desenvolvida para obter estimativas do Produto Interno Bruto (PIB) para os estados da Federação. O trabalho foi executado de forma que seus resultados possam ser comparados entre si e sejam compatíveis com as Contas Nacionais do Brasil. O método segue as recomendações da ONU e faz parte da modernização do sistema estatístico nacional, que substitui os censos econômicos por pesquisas econômicas anuais.

Em Santa Catarina, o projeto foi coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul, que contou com o Instituto Cepa/SC para a construção da série referente ao setor primário. Esta última engloba a produção agropecuária, a silvicultura e exploração florestal, a produção particular do pessoal residente nos estabelecimentos e a transformação de tais produtos no interior dos estabelecimentos rurais (indústria rural). As estimativas da atividade pesqueira ainda dependem de um ajuste metodológico, já que a produção de dados do setor é bastante precária e não sistematizada.

A principal fonte utilizada na construção do ano-base da série do setor primário da economia foi o Censo Agropecuário de 1985. Para os anos correntes, as principais fontes foram as pesquisas anuais do IBGE, que fornecem informações sobre volume e valor da produção dos principais produtos do estado. A partir destes dados, foram construídos índices de volume e preços, que permitiram a construção das séries históricas.

Os resultados da série consolidada, 1985-1997, obtidos para Santa Catarina, indicam um crescimento de 56% no PIB estadual, enquanto a Região Sul e o Brasil cresceram 45% e 37%, respectivamente, no período. O PIB-estadual atingiu em 1997 o valor de R\$ 31,6 bilhões, que correspondeu a 3,7% do nacional, pouco acima dos 3,3% de 1985. O PIB per capita de R\$ 6.380 era o quinto do País em 1997, uma posição acima da de 1985.

O setor agropecuário, apesar dos problemas enfrentados por sucessivos planos de estabilização, mudanças cambiais e juros elevados, além do impacto mais recente da abertura comercial no País, tem apresentado um bom desempenho no estado e crescido a taxas superiores às da Região Sul e do País. No período estudado, cresceu cerca de 70% no estado, ao passo que na região cresceu 43% e no País, 40%. Em 1997, a participação do setor primário catarinense no nacional era de 6%, um pouco acima dos 5,2% de 1985.

Na economia estadual, embora o setor cresça em valores absolutos, perde posição relativa, que cai de 18,5% do PIB em 1985 para 12,8% em 1997. No País, representava 11,2% em 1985, passando para 7,7% em 1997. O crescimento mais acentuado do setor de serviços no estado e País justifica a perda de posição relativa da agricultura e confirma a tendência verificada nos países em desenvolvimento.

- Desempenho do setor primário em 1998 e 1999

Dados preliminares para o PIB de 1998 em Santa Catarina indicam um crescimento de 3,3% no setor primário, o qual atingiu 2,9 bilhões, resultantes da subtração de um VBP estimado em R\$ 4,1 bilhões pelo consumo intermediário de R\$ 1,2 bilhão. A evolução e a participação de cada uma das atividades que compõem o produto agrícola podem ser observadas na tabela 22 da Parte II.

Em 1999, o PIB do setor apresenta um crescimento mais expressivo, 16,9%, atingindo R\$ 3,4 bilhões, ainda que o crescimento do consumo intermediário (de 20,6%, atingindo R\$ 1,4 bilhão) tenha superado o do VBP (de 18%, atingindo R\$ 4,8 bilhões). Este comportamento no período deve-se ao aumento dos preços pagos pelo setor num ritmo maior que o dos preços recebidos, com destaque para os preços dos adubos e fertilizantes, defensivos agrícolas, transporte da produção e combustíveis.

O crescimento do valor da produção no ano de 1999 deve-se à combinação do aumento da produção total, que, na média dos principais produtos da agropecuária, cresceu 9,7%, e do aumento de 8% nos preços recebidos, conforme pode ser observado na tabela 1, onde se incluem os resultados por grupo de produtos.

TABELA 1/I - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (VBP) E VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO E DOS PREÇOS NA AGROPECUÁRIA - SANTA CATARINA - SAFRAS 97/98 E 98/99

PRODUTO/ATIVIDADE ECONÔMICA	VBP (Mil R\$)			VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO ⁽¹⁾	VARIAÇÃO DE PREÇOS ⁽²⁾
	1998	1999	1999 (%)		
Grãos	748.956	884.838	23,58	10,64	6,08
Hortaliças	98.200	139.753	3,72	17,99	20,5
Raízes e tubérculos	65.717	58.616	1,56	4,59	-11,75
Fumo	327.536	429818	11,45	24,98	5,00
Frutas	258.529	255.270	6,80	3,59	-5,29
Carnes ⁽³⁾	1.448.748	1.748.723	46,60	7,44	12,48
Leite	218.141	235.672	6,28	3,53	6,29
Agricultura	1.498.937	1.768.294	47,12	12,77	4,3
Pecuária	1.666.889	1.984.394	52,88	6,93	11,71
TOTAL	3.165.826	3.752.688	100,00	9,70	8,09

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Indica o crescimento da produção entre as safras 97/98 e 98/99.

⁽²⁾ Indica a variação dos preços entre 1998 e 1999.

⁽³⁾ Refere-se aos abates totais no estado.

Dentre as atividades que mais cresceram em Santa Catarina em 1999, destacam-se a pecuária (7,4%), cujos preços foram em média 12% superiores; a produção de grãos (11%), cujos preços foram 6% superiores, e a fumicultura, que se expandiu em 25%, com preços 5% superiores. Tais produtos mais do que compensaram o mau desempenho da produção de soja e tomate e dos preços aviltados do feijão, da maçã, da banana e da batata-inglesa.

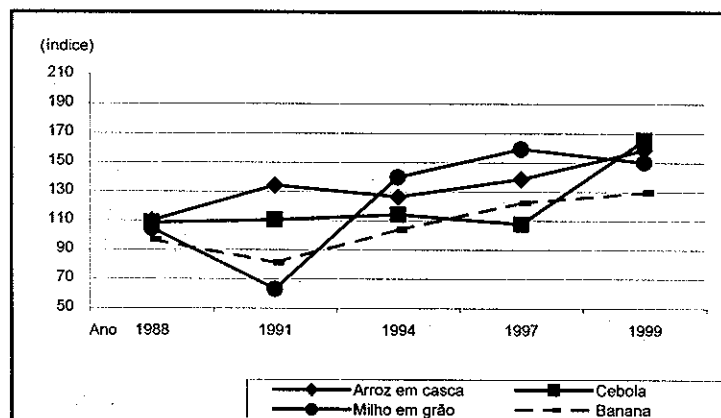
O bom desempenho do setor pecuário no ano passado deveu-se, principalmente, à expansão da avicultura, que cresceu 10%. Dentre os fatores que estimularam a atividade, está o crescimento das exportações, que se tornaram mais competitivas com a desvalorização cambial e também o crescimento do mercado interno, o melhor aproveitamento da capacidade ociosa e o aumento da produtividade da atividade. O crescimento da suinocultura é atribuído ao amadurecimento dos investimentos realizados,

à ampliação das integrações e ao aumento da produtividade. As exportações, ao contrário do previsto, não se alteraram significativamente. O crescimento do mercado interno também esteve abaixo do esperado.

A bovinocultura de corte, no estado, embora tenha melhorado a qualidade dos plantéis, continua perdendo espaço para as lavouras. A atividade leiteira, no entanto, continua crescente e seus atores têm investido em um sistema produtivo mais eficiente. Os preços mais elevados do leite verificados no ano passado são atribuídos à redução da safra nacional, desestimulada pelo preço das safras anteriores e afetada por problemas climáticos em vários estados. Em Santa Catarina, a estiagem foi menor e acabou beneficiando a atividade. Apesar da desvalorização cambial, as importações de produtos lácteos continuam em níveis elevados e ameaçam a produção nacional. O setor compete em um mercado em que há suspeitas de práticas desleais de comércio.

O crescimento da produção de grãos em 1999 deveu-se principalmente à produção do milho, do arroz e do feijão, as quais compensaram a queda na de soja. O potencial de produção de grãos, que poderia ter superado a marca registrada, não foi atingido devido a problemas climáticos durante o ciclo produtivo. O crescimento da produção de milho não foi suficiente para conter o crescimento do déficit estadual, agravado pelo aumento da demanda. O ajustado suprimento nacional e o encarecimento das importações também foram responsáveis pelo crescimento dos preços em 1999. A queda na produção de soja está associada ao clima desfavorável, mas a atividade se beneficiou pelo aumento dos preços, atribuído à desvalorização do real, embora tenha tido baixo impacto sobre as exportações. A produção do feijão também foi afetada pelo clima e ficou abaixo do esperado. Observa-se uma tendência no estado de deslocamento da produção do oeste para o planalto, onde a produção tem sido mais competitiva. A produção de trigo, ao contrário, foi favorecida pelo clima e teve produtividade recorde. A comercialização foi beneficiada pela desvalorização da moeda, que encareceu as importações, pela redução dos estoques mundiais e pela elevação do consumo interno. A rizicultura continua em expansão no estado, sobretudo através da introdução de variedades e investimentos em novas tecnologias. A produtividade é crescente e é a maior do País (Gráfico 1).

GRÁFICO 1/I - ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DA TERRA DE LAVOURAS SELECIONADAS - SANTA CATARINA - 1988-1999 - (1985=100)



FONTE: IBGE/Instituto Cepa/SC.

O expressivo crescimento da fumicultura está associado ao aumento de área, mas também à maior produtividade, em boa parte favorecida pelo clima. Os preços, apesar de terem crescido, foram considerados insuficientes pelos produtores.

A produção de frutas também teve bom desempenho. A boa qualidade da maçã e o estímulo cambial foram determinantes para o expressivo crescimento das exportações, mas insuficiente para estimular os preços internos, afetados pela queda na demanda. A produção de bananas passa a ser referência nacional. A crescente produtividade e qualidade do bananal deve-se ao aprimoramento dos níveis tecnológicos nas várias fases de produção e comercialização. Os preços mantêm-se estáveis devido à oferta ajustada à demanda e à concorrência com outras frutas no mercado nacional.

A produção de cebolas atinge recorde no estado. Seu excelente desempenho associa-se às boas condições climáticas que aumentaram a produtividade, mas também à redução das perdas pós-colheita, significativamente reduzidas. A qualidade do produto e o encarecimento das importações proporcionaram um ano de bons preços ao produtor. A produção de batatas teve ganho de produtividade através de investimento em novas tecnologias. A safra nacional atinge recorde; os preços caem muito, sendo os mais baixos dos últimos anos. A tabela 2 sintetiza a área plantada, a produção e a posição da produção agrícola estadual no contexto nacional.

TABELA 2/I - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E POSIÇÃO DO ESTADO NO BRASIL, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - SAFRA 98/99

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		PRODUÇÃO		POSIÇÃO DE SANTA CATARINA
	ha	PARTICIPAÇÃO SC/BR (%)	t	PARTICIPAÇÃO SC/BR (%)	
Alho	2.375	19,83	16.421	23,74	2a
Arroz	126.626	3,26	758.837	6,44	3a
Banana	25.603	4,86	499.641	6,06	3a
Batata	10.997	6,31	112.451	3,95	5a
Cebola	21.806	32,90	348.630	35,21	1a
Feijão	265.920	5,84	210.958	7,49	5a
Fumo	105.523	30,90	204.675	32,69	2a
Maçã	13.941	48,43	371.678	47,21	1a
Mandioca	35.211	2,19	632.547	3,03	9a
Milho	781.443	6,37	2.690.312	8,40	6a
Soja	220.573	1,69	471.619	1,53	9a
Tomate	2.905	4,48	134.812	4,15	6a
Trigo	24.861	1,98	45.440	1,86	4a

FONTE: IBGE e Instituto Cepa/SC.

A melhoria da renda dos produtores em 1999 tem-se refletido no crescimento das vendas internas de máquinas típicas de utilização na agricultura, como os tratores de roda, os cultivadores motorizados e as colheitadeiras (Tabelas 16 e 17 da Parte II). Também cresce a utilização de adubos e fertilizantes e defensivos agrícolas, apesar dos preços mais altos.

- Desempenho do setor agropecuário na safra 99/00

A avaliação do desempenho do setor para o ano 2000, baseada nos cinco primeiros meses do ano, comparados com idêntico período do ano passado, sintetizada na tabela 3, indica mais um ano de crescimento, cuja produção deverá se expandir em 8,5%. A evolução deve-se principalmente ao

crescimento de 14,8 % da avicultura, de 5,3% da suinocultura, de 20% da produção de milho e da horticultura, que cresce 17%, e compensam o mau desempenho da fumicultura, que recua 8,1%.

TABELA 3/I - ESTIMATIVA DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E DOS PREÇOS AO PRODUTOR NA AGROPECUÁRIA - SANTA CATARINA - SAFRAS 98/99 E 99/00

PRODUTO/ATIVIDADE ECONÔMICA	VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO ⁽¹⁾	VARIAÇÃO DE PREÇOS ⁽²⁾
Grãos	12,76	6,16
Hortaliças	17,07	18,28
Raízes e tubérculos	12,79	10,25
Fumo	-8,06	7,14
Frutas	12,19	-51,37
Carnes (3)	9,81	10,12
Leite	3,54	17,39
Agricultura	7,96	-4,55
Pecuária	9,06	10,94
TOTAL	8,54	3,20

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Variação percentual da produção entre as safras de 98/99 e as estimativas até maio de 2000 para a safra 99/00.

⁽²⁾ Variação percentual dos preços médios mensais de janeiro a maio recebidos pelo produtor em 1999 e 2000.

⁽³⁾ Refere-se a estimativas de crescimento dos abates totais.

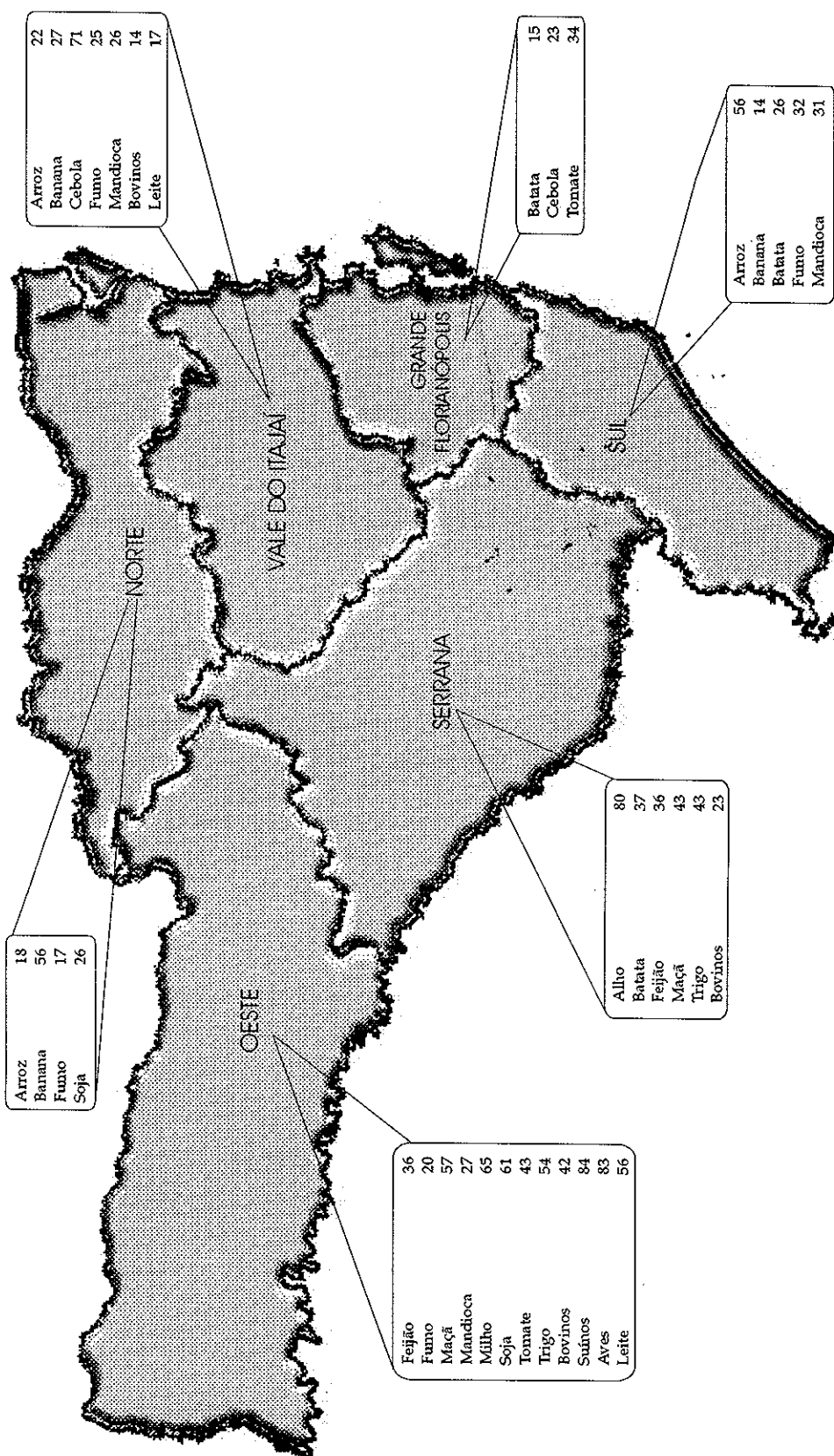
Aspectos comerciais favoráveis e boas condições climáticas favorecem também a cultura da banana, da mandioca e a cultura do trigo. Por outro lado, excesso de oferta e problemas de comercialização em anos anteriores estimulam a redução na área de plantio do fumo. Isso resulta em melhor preço para a cultura, que também foi beneficiada pela desvalorização do real.

Os preços das aves, dos suínos, dos bovinos e do leite, nesses primeiros cinco meses do ano, estão, em média, cerca de 11% acima dos do mesmo período do ano passado, com destaque para a bovinocultura de corte, cujos preços cresceram 20%, e os do leite, 17%. Os preços dos suínos e das aves estão também cerca de 9% acima. No entanto, os preços agrícolas estão 4,5% abaixo dos do ano passado. Dentre os produtos com acentuada variação negativa estão o arroz (-23%); a maçã (-73%); o feijão (-32%) e o alho (-11%). As variações positivas no preço do milho (27%), do fumo (7%), da soja (20%), da cebola (3%) e da banana (117%) não foram suficientes para compensar a queda daqueles produtos. Na média do setor agropecuário, os preços recebidos pelo produtor estão 3,2% acima dos verificados no mesmo período do ano passado.

Os dados observados confirmam a capacidade da agricultura estadual, diversificada e baseada na agricultura familiar, de crescer e manter-se em um cenário marcado por instabilidade e transformações, conforme verificado no período analisado. No entanto, cabe ressaltar que as análises efetuadas referem-se a informações agregadas e não refletem, portanto, a situação econômico-financeira individual dos produtores rurais e de suas regiões.

Paulo Zoldan

MAPA - 1/I - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO VALOR DA PRODUÇÃO DA AGROPECUÁRIA POR PRODUTO, SEGUNDO AS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - SANTA CATARINA - 1999



FONTE: IBGE/Instituto Cepa/SC.

1.2. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL

- ALHO

A ocorrência de turbulências desde a vigência dos novos parâmetros de globalização do mercado, no começo dos anos 90, culminou com a crise de 1995, quando a produção mundial foi de 8.326.229 toneladas de alho. A ela se soma a

TABELA 1/I - ALHO - PRODUÇÃO NOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999

PAÍS	ÁREA (ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (t)
Argentina	16.000	9.375	150.000
China	467.300	12.763	5.964.066
Coréia	42.416	9.048	383.778
Egito	10.699	20.949	224.133
Espanha	25.800	7.240	186.800
Estados Unidos	16.190	19.147	310.000
Índia	114.400	4.525	517.700
Rússia	26.000	6.231	162.000
Tailândia	24.000	5.568	133.626
Turquia	14.000	7.571	106.000
TOTAL	959.473	9.672	9.280.188

FONTE: FAO (11).

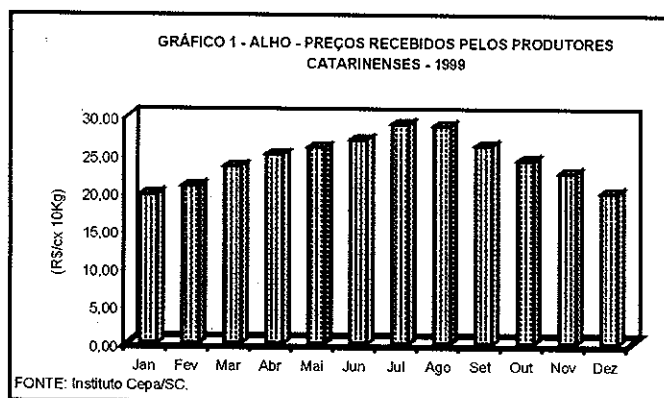
perda de produção, em volume e qualidade, por fatores climáticos em 1997, cuja produção chegou a 8.804.161 toneladas. Em 1999, no entanto, houve recuperação da produção na maioria dos países, chegando-se ao volume de 9.280.188 toneladas em uma área plantada de 959.473 hectares. O país que mais produziu foi a

China (5.964.066 toneladas), com 64,2 % da produção mundial, numa área plantada de 467.300 hectares (48,7% da área plantada no mundo). A produtividade média das lavouras chinesas alcançou, no último ano, 12.763 kg/ha, sendo 32% maior que a produtividade média mundial. Os dez maiores produtores mundiais, juntos, produziram 84,3% de todo o alho produzido em 78,8% da área plantada, conforme se pode observar na tabela 1.

A produção nacional acompanhou a crise mundial da produção e do mercado a partir de 1995. No entanto, a forte desvalorização do real em janeiro de 1999, seguida pelo incontestável crescimento da qualidade da produção das duas principais regiões produtoras em 1998 e 1999 (Sul e Centro-Oeste), aproximou os preços de venda no mercado nacional, ou seja, foi substancialmente restabelecida sua capacidade competitiva.

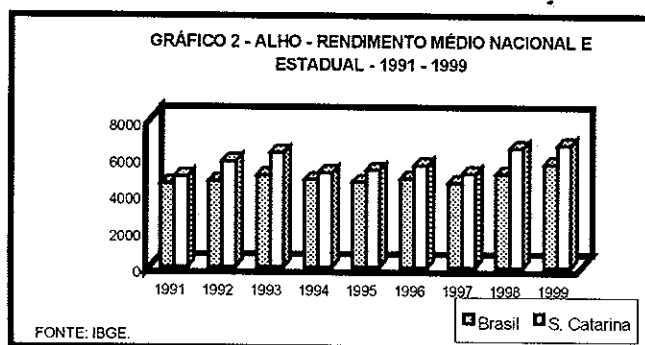
Mesmo assim, os chineses conseguiram ofertar seu produto a preços menores que os nacionais em nosso próprio mercado, atropelando até mesmo as exportações da Argentina. Face a isto, continuam absolutamente necessários os acordos de contingenciamento das importações, ou seja, as sobretaxas e os acordos que determinam volumes e prazos para as internalizações. A iniciativa dos vários segmentos da cadeia produtiva brasileira, destacadamente os produtores agora respaldados pelas autoridades federais, vem conseguindo conseqüências práticas, embora de pequeno alcance. São conhecidas as dificuldades de fiscalização. Para exemplificar, salienta-se que as importações chinesas deste ano foram calculadas em cerca de 17 mil toneladas, apesar de limitadas a 12 mil.

Desta maneira, o mercado se tornou lento e os preços, às vésperas da comercialização da safra da Região Sul, caíram; mas, em seguida, teve início uma



recuperação, provocada pela redução na oferta por parte dos produtores, ocasionando uma lenta e gradual recuperação, que se estendeu até meados de julho (Gráfico 1). Quando teve início a escassez da oferta do Sul do País, esta recuperação foi suficiente para que houvesse uma

forte determinação dos produtores em investir na atividade para a safra 2000. As estimativas iniciais sinalizam aumento de 10% na área plantada da Região Sul e de 15% nas regiões Centro-Sul e Sudeste.



Nas duas últimas safras das regiões produtoras do Sul e do Centro-Oeste, a melhoria de qualidade da produção vem-se devendo à intensificação da tecnificação das operações de plantio, cultivo e pós-colheita do alho. Mas não só. A ela se somou também a ocorrência de condições climáticas bastante

favoráveis, permitindo o alcance de índices recordes de produtividade. Conforme mostra o gráfico 2, a média nacional, que era de 4.554 kg/ha em 90/91, passou a 5.775 kg/ha na safra 98/99, prevendo-se 5.886 kg/ha na safra 99/00.

Em âmbito estadual, estes números são: 4.932 kg/ha em 90/91, e 6.914 kg/ha em 98/99, estimando-se em pouco mais de 7.423 kg/ha na safra 99/00.

Saliente-se que na região de Curitiba, a de maior produção, em Santa Catarina os alicultores esperam um rendimento médio em torno de 8 mil kg/ha.

Síntese Anual da Agricultura Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 2/I - ALHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98 - 99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Piauí	37	36	36	125	162	162	3.378	4.500	4.500
Ceará	42	40	42	113	125	136	2.690	3.125	3.238
Paraíba	3	5	5	1	12	12	333	2.400	2.400
Pernambuco	11	11	11	30	30	30	2.727	2.727	2.727
Bahia	635	943	838	2.199	4.878	3.639	3.463	5.173	4.342
Minas Gerais	1.615	1.822	1.903	8.091	10.226	10.895	5.010	5.613	5.725
Espírito Santo	367	474	474	2.361	3.162	3.162	6.433	6.671	6.671
São Paulo	290	190	190	1.455	900	900	5.017	4.737	4.737
Paraná	731	700	709	2.559	2.450	2.651	3.501	3.500	3.739
Santa Catarina	2.180	2.375	2.638	14.156	16.421	19.583	6.494	6.914	7.423
Rio Grande do Sul	3.676	4.009	4.009	18.848	22.622	22.622	5.127	5.643	5.643
Mato Grosso do Sul	11	-	-	30	-	-	2.727	-	-
Goiás	1.130	1.253	1.253	5.950	7.252	7.252	5.265	5.788	5.788
Distrito Federal	128	121	121	955	938	938	7.461	7.752	7.752
BRASIL	10.856	11.979	12.229	56.873	69.178	71.982	5.239	5.775	5.886

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 3/I - ALHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98 - 99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Chapecó	9	7	7	53	36	36	5.889	5.143	5.143
Joaçaba	530	539	465	2.344	2.518	2.174	4.423	4.672	4.675
Concórdia	7	7	7	33	33	33	4.714	4.714	4.714
Canoinhas	35	7	7	140	38	38	4.000	5.429	5.429
Curitibanos	1.440	1.670	1.985	10.720	12.981	16.390	7.444	7.773	8.257
Campos de Lages	103	103	104	660	660	662	6.408	6.408	6.365
Rio do Sul	19	10	10	73	30	30	3.842	3.000	3.000
Blumenau	3	2	2	9	6	6	3.000	3.000	3.000
Ituporanga	4	4	4	8	8	8	2.000	2.000	2.000
Tijucas	5	1	5	15	3	30	3.000	3.000	6.000
Florianópolis	4	3	3	14	9	9	3.500	3.000	3.000
Tabuleiro	11	10	24	33	31	84	3.000	3.100	3.500
Tubarão	10	12	15	54	68	83	5.400	5.667	5.533
SANTA CATARINA	2.180	2.375	2.638	14.156	16.421	19.583	6.494	6.914	7.423

FONTE: IBGE (16,19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativas do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Admir Tadeo de Souza

- ARROZ

Produção Mundial

A produção mundial de arroz em casca variou positivamente entre os anos civis de 1998 e 1999, praticamente alcançando os 600 milhões de toneladas. Cresceu cerca de 2,5% em área (3,6 milhões de hectares) e 3,5% em produção (19,1 milhão de toneladas), ou seja, 1% em produtividade.

Essas taxas foram alcançadas apesar do baixo desempenho da China (34% da produção mundial) e da Indonésia (8,5% da produção mundial), cuja variação de produção foi praticamente nula nesses anos.

Síntese Anual da Agricultura Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 1/I - ARROZ - ÁREA COLHIDA MUNDIAL E DO MERCOSUL - 1998-1999

PAÍSES	ÁREA COLHIDA (ha)		ÁREA COLHIDA (ha)		CRESCIMENTO (%)
	1998	MUNDO %	1999	MUNDO %	
Mundo	151.484.139	100,0	155.128.138	100,0	2,4
Índia	44.056.400	29,1	44.800.000	28,9	1,7
China	31.571.800	20,8	31.720.200	20,4	0,5
Indonésia	11.730.325	7,7	11.624.065	7,5	(0,9)
Bangladesh	9.974.000	6,6	10.470.000	6,7	5,0
Tailândia	10.000.000	6,6	10.000.000	6,4	-
Vietnã	7.362.400	4,9	7.648.100	4,9	3,9
Mianmar	5.408.150	3,6	5.458.490	3,5	0,9
Filipinas	3.170.042	2,1	3.978.000	2,6	25,5
Brasil	3.069.145	2,0	3.810.014	2,5	24,1
Paquistão	2.423.600	1,6	2.400.000	1,5	(1,0)
Outros Países	22.718.277	15,0	23.219.269	15,0	2,2
Mercosul	3.500.707	2,3	4.344.014	2,8	24,1
Brasil	3.069.145	2,0	3.810.014	2,5	24,1
Argentina	214.000	0,1	281.000	0,2	31,3
Uruguai	170.000	0,1	200.000	0,1	17,6
Chile	26.702	0,02	30.000	0,02	12,4
Paraguai	20.860	0,01	23.000	0,01	10,3

FONTE: FAO (11).

TABELA 2/I - ARROZ - PRODUÇÃO MUNDIAL E DO MERCOSUL - 1998-1999

PAÍSES	PRODUÇÃO (t)		PRODUÇÃO (t)		CRESCIMENTO (%)
	1998	MUNDO %	1999	MUNDO %	
Mundo	577.349.526	100,0	596.485.338	100,0	3,3
China	200.572.149	34,7	200.499.157	33,6	(0,04)
Índia	127.520.200	22,1	131.200.000	22,0	2,9
Indonésia	49.236.692	8,5	49.533.584	8,3	0,6
Vietnã	29.141.700	5,0	31.393.800	5,3	7,7
Bangladesh	28.292.940	4,9	29.856.944	5,0	5,5
Tailândia	22.784.436	3,9	23.271.688	3,9	2,1
Mianmar	16.651.400	2,9	17.074.600	2,9	2,5
Japão	11.200.000	1,9	11.468.800	1,9	2,4
BRASIL	7.743.665	1,3	11.778.807	2,0	52,1
Filipinas	10.236.000	1,8	11.388.000	1,9	11,3
Outros Países	73.970.344	12,8	79.019.958	13,2	6,8
Mercosul	9.913.968	1,7	14.876.807	2,5	50,1
Brasil	7.743.665	1,3	11.778.807	2,0	52,1
Argentina	1.036.000	0,2	1.576.000	0,3	52,1
Uruguai	949.007	0,2	1.300.000	0,2	37,0
Chile	104.375	0,02	130.000	0,02	24,6
Paraguai	80.921	0,01	92.000	0,02	13,7

FONTE: FAO (11).

TABELA 3/I - ARROZ - RENDIMENTO MUNDIAL E DO MERCOSUL - 1998-1999

PAÍSES	RENDIMENTO (kg/ha)		RENDIMENTO (kg/ha)		CRESCIMENTO (%)
	1998	MUNDO %	1999	MUNDO %	
Mundo	3.811,3	100,0	3.845,1	100,0	0,9
Rep. da Coréia	6.416,8	168,4	6.868,0	178,6	7,0
Estados Unidos	6.354,2	166,7	6.622,3	172,2	4,2
Uruguai	5.582,4	146,5	6.500,0	169,0	16,4
Japão	6.218,8	163,2	6.414,3	166,8	3,1
China	6.352,9	166,7	6.320,9	164,4	(0,5)
Itália	6.257,3	164,2	6.170,7	160,5	(1,4)
Argentina	4.841,1	127,0	5.608,5	145,9	15,9
Peru	5.766,7	151,3	5.534,8	143,9	(4,0)
Turquia	5.283,3	138,6	5.283,3	137,4	-
México	4.510,8	118,4	4.816,2	125,3	6,8
Média Outros Países	3.211,4	84,3	3.521,6	91,6	9,7
Mercosul	2.832,0	74,3	3.424,7	89,1	20,9
Uruguai	5.582,4	146,5	6.500,0	169,0	16,4
Argentina	4.841,1	127,0	5.608,5	145,9	15,9
Brasil	2.523,1	66,2	3.091,5	80,4	22,5
Chile	3.908,9	102,6	4.333,3	112,7	10,9
Paraguai	3.879,2	101,8	4.000,0	104,0	3,1

FONTE: FAO (11).

A produção do arroz beneficiado no mundo elevou seus níveis produtivos em percentuais inferiores aos do grão bruto (por volta de 1,8%, ou 7 milhões de toneladas) entre as safras 97/98 e 98/99. Do mesmo modo comportaram-se os níveis de consumo, que cresceram 6 milhões de toneladas (1,6%) entre essas duas datas. Ao mesmo tempo, elevaram-se em 8,4% os estoques de passagem do grão. Ainda nesse mesmo período foram incrementadas as importações mundiais de arroz em 5%, embora as exportações tenham permanecido no mesmo nível.

Para o presente ano agrícola, as tendências são de manutenção do percentual de acréscimo da produção (1,8%), discreta ampliação dos níveis de consumo (2,3%) e reforço da produção interna dos países, face à queda relativamente acentuada dos volumes de importação e exportação (-14,6% e -18,9%, respectivamente).

TABELA 4/1 - ARROZ - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - SAFRAS - 97/98 - 99/00

ARROZ BENEFICIADO	QUANTIDADE (milhões t)			VARIACIONES			
	97/98 (a)	98/99 (b)	99/00 (c)	b - a (t)	b / a (%)	c - b (t)	c / b (%)
Estoque inicial	51,3	54,9	59,5	3,6	7,0	4,6	8,4
Produção	386,8	393,8	400,7	7,0	1,8	6,9	1,8
Importação	24,7	25,9	21,0	1,2	4,9	(4,9)	-18,9
Consumo	383,3	389,3	398,4	6,0	1,6	9,1	2,3
Exportação	27,0	26,8	22,9	(0,2)	-0,7	(3,9)	-14,6
Estoque final	54,9	59,5	61,8	4,6	8,4	2,3	3,9

FONTE: Conab (14).

O Brasil e o Mercosul

O mercado brasileiro de arroz viveu mais um capítulo de instabilidade, potencializada principalmente pela formação e desenvolvimento do Mercosul. Estimulados pelos preços bastante remuneradores alcançados na safra imediatamente anterior, os produtores brasileiros (muitos dos quais também produtores no Uruguai ou na Argentina), bem como os desses dois países vizinhos, aumentaram fortemente sua produção (Brasil e Argentina, 52% cada e Uruguai, 37%). Esse volume de produção, somado ao quase 1,5 milhão de toneladas do estoque de passagem "entupiu" o mercado brasileiro e acarretou o rebaixamento geral dos preços. Assim o demonstram os preços médios recebidos pelos orizicultores sul-catarinenses que, após alcançarem R\$ 18,08 por saca de 50 quilos em fevereiro de 1999, diminuíram para R\$ 13,23 a partir de junho do mesmo ano (-27%), e ao fim do quarto mês do corrente ano caíram mais 18%, com preços em torno de R\$ 11,50/sc de 50 quilos, patamar em que permanecem até o momento.

Ao mesmo tempo, continua-se processando o progressivo e tecnificado crescimento da produção interna para os estados mais centrais do País, especialmente Mato Grosso.

Enquanto isso, o consumo interno mantém seu baixíssimo índice de crescimento (0,30% desde 1998), o que corrobora as estimativas de estabilização a curto prazo e retrocesso a médio prazo. Este ano agrícola sobrepuiu em 1,5% a quantidade total de arroz produzida no País.

Síntese Anual da Agricultura Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 5/I - ARROZ EM CASCA - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA BRASILEIRA - SAFRAS - 97/98 - 99/00

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	CONSUMO	CONSUMO PER CAPITA ⁽¹⁾	EXPORTAÇÃO	(1000 t)
							ESTOQUE FINAL
97/98	1.376,8	8.462,9	2.073,3	11.664,4	72,4	2,0	246,6
98/99	246,6	11.582,2	1.310,0	11.699,3	71,7	30,0	1.409,5
99/00	1.409,5	1.580,3	865,0	11.734,4	71,0	51,0	2.069,4

FONTE: Conab (14).
⁽¹⁾ kg/habitante/ano.

TABELA 6/I - ARROZ - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 98/99-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Rondônia	98.407	100.584	96.460	136.017	157.085	153.245	1.382	1.562	1.589
Acre	18.892	22.032	25.830	23.662	32.142	34.537	1.252	1.459	1.337
Amazonas	16.596	16.954	16.954	30.953	32.409	32.409	1.865	1.912	1.912
Roraima	15.200	15.500	15.500	39.073	50.850	50.850	2.571	3.281	3.281
Pará	285.245	318.677	308.391	352.239	416.783	452.492	1.235	1.308	1.467
Amapá	800	850	1.200	640	657	960	800	773	800
Tocantins	131.376	171.167	148.623	347.565	434.777	380.584	2.646	2.540	2.561
Maranhão	431.102	447.214	478.839	361.132	643.246	713.276	838	1.438	1.490
Piauí	144.939	160.369	173.098	85.319	229.797	262.304	589	1.433	1.515
Ceará	52.924	53.700	60.975	106.853	129.582	172.962	2.019	2.413	2.837
Rio Grande do Norte	994	870	975	122	596	1.625	123	685	1.667
Paraíba	7.958	8.113	8.968	2.389	4.604	14.803	300	567	-
Pernambuco	3.888	3.800	3.800	16.022	16.252	16.252	4.121	4.277	4.277
Alagoas	7.760	7.770	7.770	30.534	33.349	33.357	3.935	4.292	4.293
Sergipe	8.525	8.900	10.237	37.390	36.577	38.654	4.386	4.110	3.776
Bahia	50.505	66.065	54.950	79.746	96.244	94.819	1.579	1.457	1.726
Minas Gerais	180.544	161.491	134.193	332.335	305.216	264.574	1.841	1.890	1.972
Espírito Santo	9.905	8.106	6.229	23.970	21.753	17.568	2.420	2.684	2.820
Rio de Janeiro	4.518	5.442	4.862	12.071	15.241	14.165	2.672	2.801	2.913
São Paulo	59.800	71.000	61.900	130.600	126.100	118.500	2.184	1.776	1.914
Paraná	83.000	82.700	79.500	79.500	181.940	174.900	958	2.200	2.200
Santa Catarina	118.548	126.626	134.967	634.841	758.837	797.114	5.355	5.993	5.906
Rio Grande do Sul	869.230	989.653	956.154	3.594.856	5.630.077	4.874.051	4.136	5.689	5.098
Mato Grosso do Sul	59.524	69.736	70.548	196.601	261.516	234.407	3.303	3.750	3.323
Mato Grosso	364.270	756.639	674.830	776.502	1.811.114	1.749.326	2.132	2.394	2.592
Goiás	133.840	205.923	147.405	213.819	352.135	270.972	1.598	1.710	1.838
Distrito Federal	486	1.530	729	914	3.783	2.169	1.881	2.473	2.975
BRASIL	3.158.776	3.881.411	3.683.887	7.645.665	10.970.875	10.416.265	2.420	3.036	2.978

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Produção Catarinense

Em todo esse contexto, a produção catarinense, apesar de algumas incidências climáticas (frio prolongado na MRG de Joinville e inundações na MRG de Araranguá), cresceu cerca de 5% em relação à safra 98/99. A produtividade média estadual não repetiu o comportamento das duas safras imediatamente anteriores, reduzindo-se 1,5%.

As dificuldades de comercialização têm levado os produtores a entregar parte da produção com preço em aberto (mais destacadamente no sul do estado) e as

organizações que os representam a pressionar o Executivo Federal, entre outras ações, a ampliar os leilões de contratos de opção e a contingenciar mais restritivamente as importações argentinas e uruguaias.

Nenhuma mudança significativa ocorreu nas produções regionais do estado entre as duas últimas safras. As leves perdas das duas regiões mais expressivas na produção desse grão, Araranguá (-0,5%) e Joinville (-0,9%), foram mais do que compensadas pelos ganhos das regiões do segundo patamar, como Tubarão (12%), Rio do Sul (10%), Blumenau (20%) e Itajaí (14%), acarretando um crescimento de 5% na produção estadual.

TABELA 7/I - ARROZ - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98 - 99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	2.004	1.968	1.968	3.582	3.141	4.688	1.787	1.596	2.382
Chapecó	2.860	2.492	2.335	4.467	3.576	3.658	1.562	1.435	1.567
Xanxerê	1.384	1.326	1.131	1.817	1.926	1.941	1.313	1.452	1.716
Joaçaba	1.465	1.431	1.343	2.961	2.573	2.488	2.021	1.798	1.853
Concórdia	1.660	1.330	1.242	2.807	1.749	1.733	1.691	1.315	1.395
Canoinhas	1.590	1.600	1.663	2.987	2.921	3.964	1.879	1.826	2.384
São Bento do Sul	100	90	90	195	180	180	1.950	2.000	2.000
Joinville	18.870	19.847	18.765	103.173	133.841	132.632	5.468	6.744	7.068
Curitibanos	802	511	494	1.693	1.087	986	2.111	2.127	1.996
Campos de Lages	923	1.128	1.029	1.205	1.532	1.457	1.306	1.358	1.416
Rio do Sul	8.773	9.515	10.613	58.979	71.050	78.142	6.723	7.467	7.363
Blumenau	7.164	7.269	8.434	45.520	50.240	60.506	6.354	6.912	7.174
Itajaí	5.883	6.775	7.887	30.713	44.311	50.705	5.221	6.540	6.429
Ituporanga	307	309	304	1.564	1.864	1.789	5.094	6.032	5.885
Tijucas	475	475	790	2.688	2.768	4.799	5.659	5.827	6.075
Florianópolis	1.541	1.541	1.616	6.729	7.569	7.077	4.367	4.912	4.379
Tabuleiro	184	155	174	507	614	794	2.755	3.961	4.563
Tubarão	14.160	15.261	17.041	75.065	90.091	100.684	5.301	5.903	5.908
Criciúma	12.108	14.408	15.348	70.549	91.264	93.677	5.827	6.334	6.104
Araranguá	36.295	39.195	42.700	217.640	246.540	245.214	5.996	6.290	5.743
SANTA CATARINA	118.548	126.626	134.967	634.841	758.837	797.114	5.355	5.993	5.906

FONTE: IBGE (16,19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

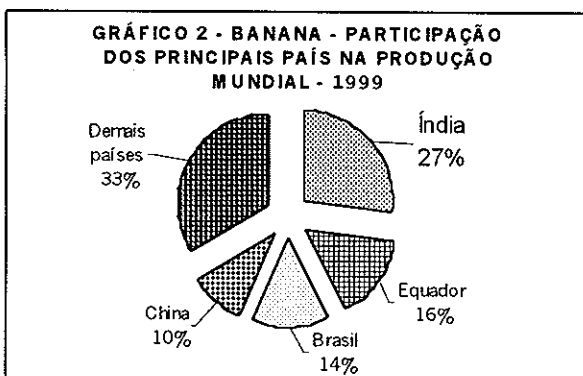
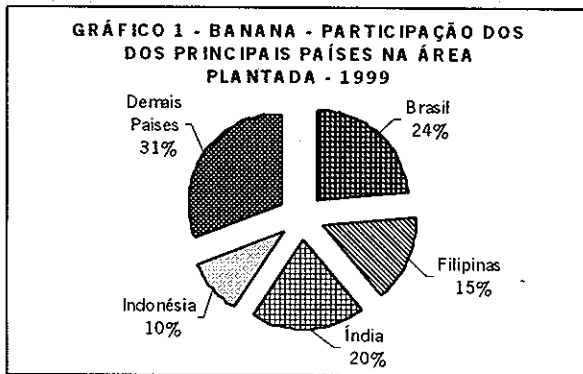
⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Cesar Freysleben Silva

- BANANA

A banana, por seu sabor e alto valor energético, está entre as principais frutas na preferência do consumidor. Por isso sua produção e volume de comercialização são expoentes mundiais, sendo superados apenas pela laranja e pela uva. O comércio mundial da fruta é de tal importância que, não raro, propicia verdadeiras batalhas judiciais, gerando conflitos entre nações. As mais comuns têm sido as que envolvem o mercado europeu da fruta.

Em 1999 foram produzidos 58.427.492 toneladas nos 3.809.431 hectares cultivados no mundo. A maior produção está na Índia e a maior área plantada é a do Brasil,



conforme podemos observar nos gráficos 1 e 2, a seguir, onde estão destacados os dez maiores produtores.

O Brasil é o país que mais consome a fruta, apesar de ser o terceiro em produção. A bananicultura brasileira apresentou significativo avanço no último ano, principalmente no que se refere aos rendimentos nas lavouras e à qualidade da produção. Embora haja muito a avançar, já estão sendo obtidos ótimos resultados com as novas tecnologias de produção e de comercialização do produto, adotadas de países especializados em produzir para exportação, como a Colômbia, a Costa Rica e o Equador.

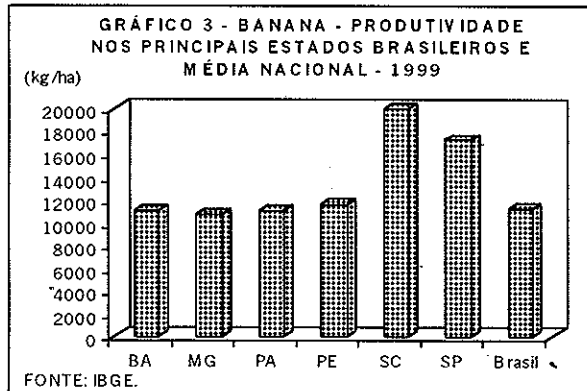
Os novos empreendimentos que surgiram em regiões mais propícias, como o norte de São Paulo, sul do Mato Grosso, em alguns estados do Nordeste e, particularmente, no Vale do São Francisco, têm alavancado a produtividade dos pomares com o aprimoramento dos níveis tecnológicos nas várias operações na fase de produção.

Para tanto, colaboram também as inovações nos tratamentos pós-colheita em banais das regiões tradicionais, como o Vale do Ribeira, em São Paulo, e o norte catarinense.

O rendimento médio brasileiro, que em 1998 foi de 1.025 cachos/ha, cresceu 2,73% em 1999, passando a 1.053 cachos/ha; a produção, que em 98 foi de 532 milhões de cachos, pulou para 550 milhões em 99, representando um aumento de 3,28%, mesmo com decréscimo de 0,7% na área plantada, segundo dados do IBGE. Além disto, ressalta-se que em todo o Brasil houve aumento significativo no tamanho médio do cacho, o que, de certa forma, elevaria em muito a produção nacional, caso as estatísticas fossem divulgadas em toneladas.

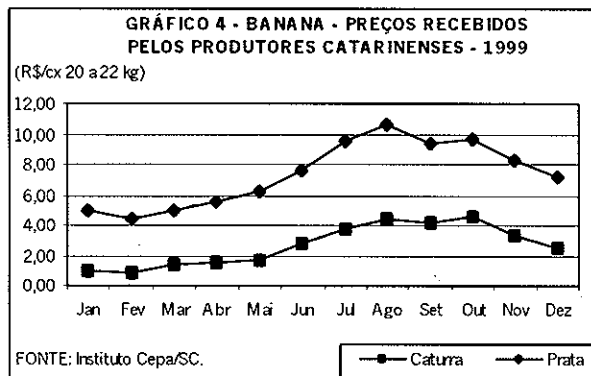
Santa Catarina continua sendo o terceiro produtor nacional da fruta. Em 1998, a produção estadual foi de 475.877 toneladas, considerando-se o peso médio do cacho de 14,30kg. A área colhida foi de 25.522 hectares e a produtividade média dos banais alcançou 18.871 kg/ha.

Comparativamente, em 1999 a produção cresceu 2,36%, somando 519.110 toneladas e o peso médio do cacho passou para 15,5 kg, enquanto a área plantada aumentou somente 1,53%, ficando em 25.603 hectares.



A produtividade média das lavouras sempre crescente faz com que Santa Catarina continue sendo referência nacional. Em 1999, a média estadual alcançou 20.275 kg/há, distanciando-se cada vez da média nacional e da maioria dos estados, conforme ilustração do gráfico 3.

O mercado apresentou uma oferta bastante ajustada à demanda na maior parte do período. As inundações no Vale do Ribeira no início do ano provocaram maior procura pela banana de Santa Catarina a partir do segundo semestre, fazendo com que a produção estadual, notadamente de banana-caturra, passasse a abastecer grande parte dos mercados do Sul e Sudeste brasileiros e ainda do Mercosul. Daí em diante, a qualidade da fruta catarinense e a sua boa apresentação fizeram com que ela se tornasse a preferida nos mercados, determinando a evolução gradativa dos preços, até esbarrarem na concorrência com outras frutas e apresentarem estabilidade.



Na média de janeiro a dezembro, os bananicultores receberam R\$ 2,69/cx de 20 a 22 quilos pela banana-caturra no litoral norte e R\$ 4,72/cx de 20 a 22 quilos pela banana-prata no sul do estado. No gráfico 4, apresentamos a evolução dos preços recebidos pelos produtores da banana-caturra no litoral norte e da banana-prata no sul do estado.

Com os aspectos comerciais favoráveis e a expectativa de estabilidade de preços por um bom período do próximo ano, tendo em vista a lenta recuperação de alguns bananais e a desativação de outros no Vale do Ribeira, os produtores catarinenses sentem-se motivados para investir no setor, qualificando cada vez mais a sua produção, podendo-se prever para o ano 2000 uma produção de 595.309 toneladas e rendimento médio de 22.656 kg/ha nos 26.276 hectares que serão cultivados. O peso médio do cacho está sendo avaliado em 16 quilos.

Síntese Anual da Agricultura Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 1/I - BANANA - ÁREA DESTINADA A COLHEITA NO ANO, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA DESTINADA A COLHEITA NO ANO			PRODUÇÃO (mil cachos)			RENDIMENTO (cachos/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Rondônia	7.787	7.985	7.985	6.004	5.917	5.917	771	741	741
Acre	5.001	6.680	6.858	5.415	7.796	7.626	1.083	1.167	1.112
Amazonas	41.701	43.574	43.574	45.419	47.855	47.855	1.089	1.098	1.098
Roraima	3.500	3.500	3.500	278	3.080	3.080	79	880	880
Pará	55.615	57.356	60.019	72.839	79.798	83.486	1.310	1.391	1.391
Tocantins	5.800	5.316	5.035	4.060	3.207	3.062	700	603	608
Maranhão	12.772	12.052	11.671	13.041	12.069	11.684	1.021	1.001	1.001
Piauí	2.749	2.824	2.804	3.026	3.533	3.456	1.101	1.251	1.233
Ceará	44.647	42.353	42.653	30.442	34.699	36.870	682	819	864
Rio Grande do Norte	3.461	3.715	3.735	4.904	4.993	5.098	1.417	1.344	1.365
Paraíba	20.349	16.962	16.467	15.832	20.610	24.788	778	1.215	1.505
Pernambuco	37.994	33.245	33.245	35.181	36.852	36.852	926	1.108	1.108
Alagoas	3.934	3.623	4.248	3.962	3.619	4.268	1.007	999	1.005
Sergipe	3.599	3.648	3.809	3.303	3.609	3.688	918	989	968
Bahia	52.463	47.733	49.654	53.669	51.827	55.441	1.023	1.086	1.117
Minas Gerais	40.561	41.147	42.115	40.137	41.470	45.253	990	1.008	1.075
Espírito Santo	23.542	22.122	21.897	21.702	18.464	18.366	922	835	839
Rio de Janeiro	28.859	28.978	28.859	16.510	16.450	16.829	572	568	583
São Paulo	49.170	52.120	50.460	63.000	64.000	62.230	1.281	1.228	1.233
Paraná	5.800	6.000	6.000	8.990	9.480	9.480	1.550	1.580	1.580
Santa Catarina	25.217	25.603	26.276	32.718	34.940	37.209	1.297	1.365	1.416
Rio Grande do Sul	10.219	11.191	9.043	10.043	9.310	9.184	983	832	1.016
Mato Grosso do Sul	4.872	4.827	4.168	5.290	4.642	4.546	1.086	962	1.091
Mato Grosso	30.148	31.119	30.817	22.334	21.771	19.627	741	700	637
Goiás	12.917	12.581	12.600	14.170	14.047	13.860	1.097	1.117	1.100
Distrito Federal	141	149	149	188	189	189	1.333	1.268	1.268
BRASIL	532.818	526.403	527.631	532.457	554.317	569.944	999	1.050	1.080

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 2/I - BANANA - ÁREA, DESTINADA A COLHEITA NO ANO, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA DESTINADA A COLHEITA NO ANO (ha)			PRODUÇÃO (mil cachos)			RENDIMENTO (cachos/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Chapecó	13	12	17	16	18	17	1.231	1.500	994
Concórdia	23	10	10	21	11	10	913	1.100	1.000
Canoinhas	50	50	50	50	14	25	1.000	280	500
Sao Bento do Sul	286	286	286	515	14	409	1.801	49	1.429
Joinville	10.560	10.972	10.969	17.817	18.551	20.516	1.687	1.691	1.870
Blumenau	3.616	3.559	3.714	4.182	5.950	6.341	1.157	1.672	1.707
Itajaí	2.174	2.286	2.408	3.159	3.282	4.044	1.453	1.436	1.679
Tijucas	110	120	120	200	143	143	1.818	1.194	1.194
Florianópolis	484	484	661	721	520	694	1.490	1.074	1.050
Tabuleiro	29	29	29	49	29	29	1.690	983	983
Tubarão	302	285	282	456	303	299	1.510	1.064	1.061
Criciúma	2.101	2.041	2.261	2.252	2.362	2.771	1.072	1.157	1.226
Araranguá	5.469	5.469	5.469	3.280	3.294	3.295	600	602	603
SANTA CATARINA	25.217	25.603	26.276	32.718	34.940	37.209	1.297	1.365	1.416

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

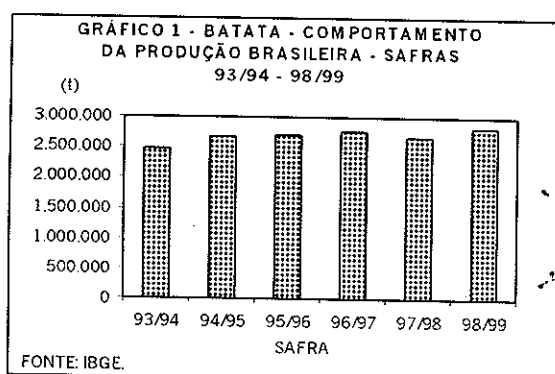
Admir Tadeo de Souza

- BATATA

Os números da bataticultura catarinense têm permanecido praticamente inalterados nos últimos anos. A razão deste comportamento reside no fato de que, em Santa Catarina, esta é uma atividade de pequenos e médios produtores rurais. A produção, com algumas exceções, é direcionada principalmente ao auto-abastecimento regional. A própria estrutura minifundiária do estado determina esta

característica, à qual se agregam a origem de seus colonizadores e a necessidade de diversificação de culturas.

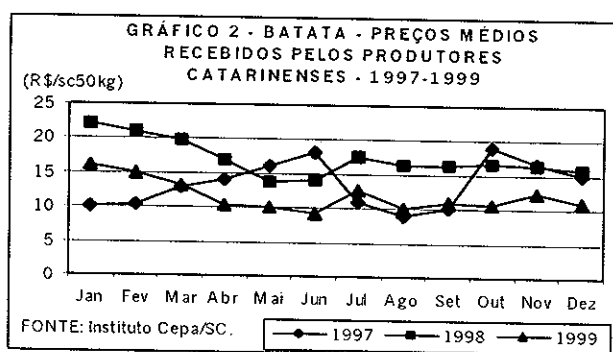
Os ganhos de área plantada e de produção registrados nos últimos quatro anos limitaram-se a percentuais de 10,0% e 5,7%, respectivamente, e não determinaram grandes alterações em termos de plantio e volumes ofertados. A área média total de cultivo registrada nas últimas safras ficou em 10,5 mil hectares e o total da produção colhida, em 108,4 mil toneladas.



O comportamento da produção estadual nos últimos quatro anos é mostrado no gráfico 1.

A produção de batatas concentra-se nas microrregiões dos Campos de Lages, Tubarão, Canoinhas, Criciúma e Tabuleiro, as quais, em conjunto, respondem por aproximadamente 80,0% do total da oferta interna.

Os baixos preços de comercialização verificados nos últimos anos também têm influenciado negativamente na implantação da cultura em Santa Catarina, sobretudo os valores recebidos em 1999, os mais baixos da série e inferiores aos custos de implantação das lavouras.



O comportamento dos preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina, nos três últimos anos, é mostrado no gráfico 2.

O declínio dos valores de venda tem sido registrado em nível nacional. Tal comportamento vem sendo creditado a dois fatores principais, quais sejam: primeiro, o aumento da produção

nacional, decorrente do extraordinário crescimento da oferta de Minas Gerais; segundo, os indicativos de uma suposta acentuada queda da demanda, tendo em vista a crescente descapitalização da população brasileira.

A oferta catarinense da safra 98/99, de acordo com informações do IBGE, totalizou 112,45 mil toneladas, correspondentes, respectivamente, a 82,60 mil toneladas obtidas no primeiro cultivo, ou das águas, e 29,85 mil toneladas colhidas na segunda safra, ou das secas. Em relação ao resultado alcançado na safra imediatamente anterior, o volume colhido neste cultivo apresentou um pequeno

aumento (apenas 2,9%), creditado, basicamente, ao incremento verificado na área de plantio.

O total da área cultivada nessa safra foi de 10.997 hectares, com crescimento de aproximadamente 4,0% frente aos 10.577 hectares plantados na safra 97/98. Na primeira safra, o plantio somou 8.413 hectares e na segunda, 2.584 hectares.

TABELA 1/I - BATATA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO - SANTA CATARINA - SAFRA 98/99 ⁽¹⁾

MICRORREGIÃO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Campos de Lages	3.701	36.400	9.835
Tubarão	1.578	17.917	11.354
Criciúma	705	11.117	15.769
Tabuleiro	915	9.370	10.241
Canoinhas	625	7.175	11.480
Rio do Sul	736	6.087	8.270
Curitibanos	384	5.176	13.479
Florianópolis	430	4.914	11.428
Ituporanga	631	3.979	6.306
Outras	1.292	10.316	7.985
SANTA CATARINA	10.997	112.451	10.226

FONTE: IBGE (16).
⁽¹⁾ Dados preliminares.

O desempenho da atividade nesse último ano, nas principais microrregiões produtoras e no total do estado, é mostrado na tabela 1.

Em nível nacional, a safra 98/99 registrou um volume de produção bruta de aproximadamente 2.846,5 mil toneladas e revelou um novo recorde na oferta interna do produto. Em comparação ao total da colheita do ano anterior, a produção deste cultivo mostrou-se evoluída em 6,4%.

O total da área plantada somou 174,4 mil hectares e a produtividade obtida, 16.325 kg/ha.

Todos os principais estados produtores acusaram aumento da produção nesta safra. Este registro justifica, de certa forma, o quadro de mercado verificado durante praticamente todo o ano de 99, de preços muito aquém das expectativas dos produtores, situando-se entre os mais baixos dos últimos anos. O péssimo resultado da comercialização do produto nessa safra resultou principalmente do fato de que a produção nacional tem apresentado índices de crescimento muito elevados, com os conseqüentes riscos de excedente de oferta e aviltamento dos preços, até porque a demanda, face à perda do poder de compra da população e do próprio hábito alimentar do povo brasileiro, tem-se apresentado estabilizada em

aproximadamente 13 kg/per capita/ano, um dos mais baixos índices de consumo do mundo.

O comportamento da baticultura brasileira na safra 98/99, por estado produtor, é mostrado na tabela 2.

TABELA 2/I - BATATA - PRODUÇÃO BRASILEIRA - SAFRA 98/99 ⁽¹⁾

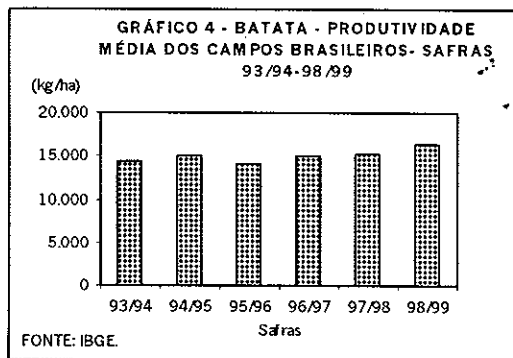
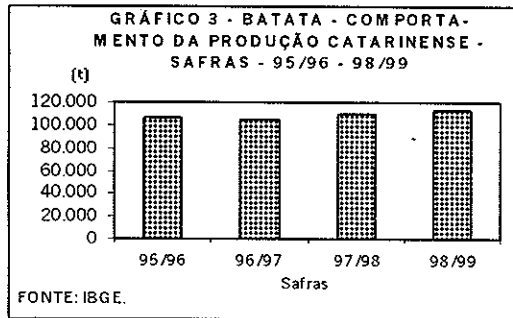
ESTADO PRODUTOR	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Minas Gerais	44.735	991.310	22.160
São Paulo	31.485	678.270	21.543
Paraná	40.700	603.500	14.828
Rio Grande do Sul	43.139	401.659	9.311
Santa Catarina	10.997	112.451	10.226
BRASIL	174.389	2.846.853	16.325

FONTE: IBGE (15).
⁽¹⁾ Dados preliminares.

A quebra de recordes de produção tem sido uma constante nos últimos

anos na produção nacional de batatas e resulta da adoção de novas tecnologias produtivas, as quais têm determinado significativos ganhos de rendimento médio das lavouras, especialmente na Região Sudeste do País.

Ao tempo em que se registram crescentes aumentos da oferta nacional, constata-se redução gradativa da área cultivada, de vez que os incrementos de produtividade têm sido muito mais elevados que os aumentos da demanda.

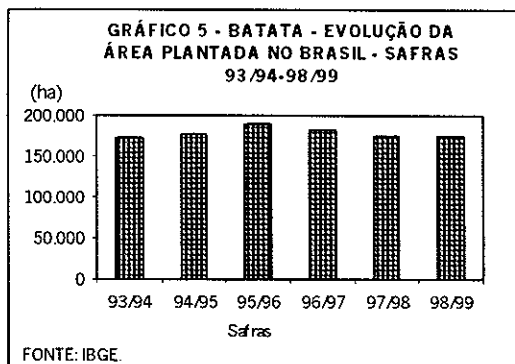


O aumento da produção e da produtividade média registrado pela cultura e o comportamento do total da área plantada nos últimos anos no País são mostrados nos gráficos 3, 4 e 5.

Os números da cultura na safra nacional 98/99 mostram algumas particularidades interessantes, quando comparados aos da safra passada e reforçam as afirmativas citadas anteriormente. Com efeito, revelam incrementos de 6,4% e 7,4%, respectivamente, no volume da produção colhida e no rendimento obtido, enquanto o total da área plantada acusa recuo 0,9%.

Para a safra 99/00, as expectativas são de redução dos valores em todos os cultivos (safra das águas,

das secas e do inverno), tendo em vista o péssimo resultado financeiro alcançado na última comercialização. Analistas do setor projetam uma diminuição de cerca de 10%, comparativamente ao resultado da última campanha, o que totalizaria, em nível nacional, uma produção bruta oscilando entre 2.500,0 mil e 2.600,0 mil toneladas.



As informações preliminares, com efeito, acusam queda da área de plantio, tanto na primeira quanto na segunda safra, em todos os grandes estados produtores.

Em Santa Catarina, os dados oficiais disponíveis revelam um plantio de aproximadamente 10.495 hectares, ou seja, acusam um pequeno recuo da área

plantada em relação à safra 98/99 e projetam um ligeiro crescimento da produção, estimada em 124,2 mil toneladas.

Do total da oferta estadual prevista para esta safra, 95,0 mil toneladas correspondem à colheita da primeira safra, ou das águas, e 30,5 mil toneladas à da segunda, ou das secas.

TABELA 3/I - BATATA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS 97/98-99/00

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Paraíba	1.208	797	...	2.400	4.534	...	1.987	5.689	...
Sergipe	42	32	...	309	239	...	7.357	7.469	...
Bahia	1.255	1.190	938	16.500	27.610	19.450	13.147	23.202	20.736
Minas Gerais	44.056	44.735	36.489	986.023	991.310	791.629	22.381	22.160	21.695
Espírito Santo	546	570	266	7.766	8.628	4.033	14.223	15.137	15.162
Rio de Janeiro	158	144	54	1.556	1.730	838	9.848	12.014	15.519
São Paulo	28.970	31.485	19.530	640.200	678.270	424.120	22.099	21.543	21.716
Paraná	41.837	40.700	35.700	532.000	603.500	633.000	12.716	14.828	17.731
Santa Catarina	10.577	10.997	10.495	109.326	112.451	124.157	10.336	10.226	11.830
Rio Grande do Sul	46.812	43.139	41.082	361.068	401.659	392.724	7.713	9.311	9.608
Distrito Federal	558	480	370	17.817	15.482	11.385	31.930	32.254	30.770
BRASIL	176.019	174.389	145.098	2.674.965	2.846.853	2.407.618	15.197	16.325	16.593

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I - BATATA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	20	20	20	172	172	172	8.600	8.600	8.600
Chapecó	200	256	279	1.405	1.851	1.947	7.025	7.230	6.978
Xanxerê	222	237	259	1.633	1.929	2.118	7.356	8.139	8.178
Joaçaba	213	169	182	1.958	1.627	1.755	9.192	9.627	9.643
Concórdia	66	62	52	449	356	406	6.803	5.742	7.808
Canoinhas	845	625	773	14.025	7.175	15.465	16.598	11.480	20.006
São Bento do Sul	280	285	245	2.021	1.944	2.153	7.218	6.821	8.788
Joinville	15	15	15	150	104	120	10.000	6.933	8.000
Curitibanos	346	384	447	4.971	5.176	6.750	14.367	13.479	15.101
Campos de Lages	3.462	3.701	3.088	35.182	36.400	31.844	10.162	9.835	10.312
Rio do Sul	957	736	664	7.366	6.087	6.239	7.697	8.270	9.396
Blumenau	27	29	34	236	276	292	8.741	9.517	8.588
Itajaí	7	6	6	82	68	68	11.714	11.333	11.333
Ituporanga	545	631	541	2.742	3.839	4.245	5.031	6.084	7.847
Tijucas	195	213	233	1.775	2.039	2.324	9.103	9.573	9.974
Florianópolis	372	430	419	4.516	4.914	4.889	12.140	11.428	11.668
Tabuleiro	663	915	913	7.468	9.370	10.357	11.264	10.240	11.344
Tubarão	1.539	1.578	1.570	15.225	18.007	20.668	9.893	11.411	13.164
Criciúma	603	705	755	7.950	11.117	12.345	13.184	15.769	16.351
SANTA CATARINA	10.577	10.997	10.495	109.326	112.451	124.157	10.336	10.226	11.830

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE e Instituto Cepa/SC.

Guido Boeing

- CEBOLA

A produção brasileira de cebola correspondente ao ano agrícola 98/99 totalizou aproximadamente 1.007,0 mil toneladas. O total da área plantada somou 67,8 mil hectares e a produtividade obtida, 14.842 kg/ha.

Estes são os números oficiais e conclusivos da última campanha ceboleira, e revelam algumas particularidades interessantes sobre o desempenho da atividade nessa safra: um ligeiro recuo da área cultivada em nível nacional, o registro de crescimento da oferta em todos os principais estados produtores e, principalmente, um aumento de produção de 21,7% comparativamente ao resultado obtido no cultivo anterior.

TABELA 1/I - CEBOLA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO - BRASIL - SAFRA 98/99 ⁽¹⁾

ESTADO PRODUTOR	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Santa Catarina	21.806	348.630	15.988
São Paulo	12.710	245.420	19.309
Rio Grande do Sul	16.648	177.347	10.653
Bahia	6.003	70.769	11.789
Pernambuco	4.300	64.500	15.000
Paraná	4.500	56.400	12.533
Minas Gerais	1864	43.834	23.516
BRASIL	67.844	1.006.942	14.842

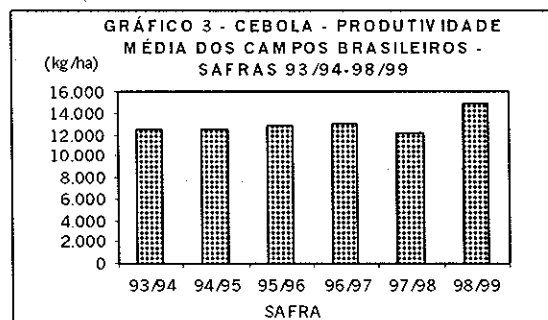
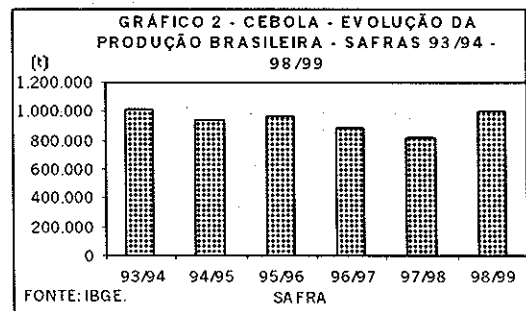
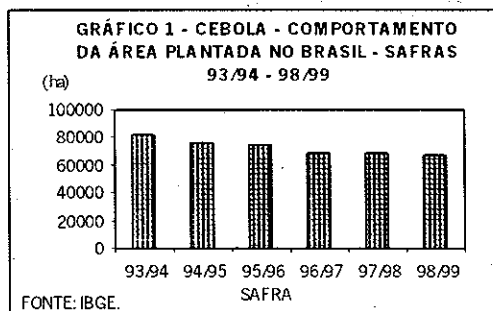
FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

O comportamento da última safra, por estado produtor, é mostrado na tabela 1.

O resultado desta safra altera também o comportamento que se vinha verificando nos últimos anos, de recuo da produ-

ção brasileira face à diminuição gradativa da área de cultivo (determinada pelo desestímulo dos produtores frente aos resultados alcançados, nem sempre muito positivos) e à manutenção dos níveis de produtividade média dos campos brasileiros, que jamais haviam ultrapassado 13.000 kg/ha, conforme se observa nos gráficos que seguem.



O desinteresse pela atividade por parte dos produtores, especialmente das Regiões Sudeste e Nordeste do País, foi decorrente também, e sobretudo, do forte crescimento verificado nos últimos anos nos volumes das importações, especialmente da Argentina, cujo produto, de melhor padrão, chegou a responder por quase 40% de demanda estimada para o País e comprometeu seriamente a comercialização da produção nacional, sobretudo das regiões supracitadas.

A evolução das importações brasileiras de cebola e os valores despendidos pelo País nestas aquisições, nos últimos anos, é mostrada na tabela 2 e representada no gráfico 4, a seguir.

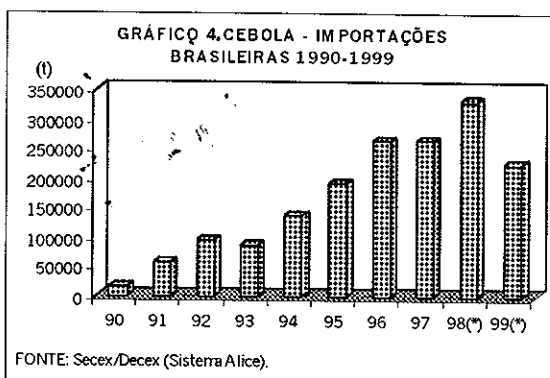
TABELA 2/I - CEBOLA - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1990-1999

ANO	VOLUME (t)	VALOR FOB (1000 US\$)
1990	16.893	5.633
1991	58.373	18.099
1992	95.895	18.025
1993	87.785	26.038
1994	137.900	28.198
1995	192.123	55.317
1996	264.151	38.226
1997	264.918	75.518
1998 ⁽¹⁾	330.623	57.867
1999 ⁽¹⁾	224.417	24.994

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

GRÁFICO 4. CEBOLA - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS 1990-1999



FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

Sem desconsiderar a contribuição dos demais estados produtores, os quais, conforme já observado, todos registraram crescimento da produção colhida, a verdade é que o excepcional desempenho da última safra nacional pode ser creditado ao extraordinário resultado apresentado pela atividade em Santa Catarina, cujo volume de oferta representou aproximadamente 35% do total da produção brasileira.

TABELA 3/I - CEBOLA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO PRODUTORA - SANTA CATARINA - SAFRA 98/99⁽¹⁾

MICRORREGIÃO	NÚMERO DE MUNICÍPIOS	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Ituporanga	07	11.210	202.370	18.053
Tabuleiro	05	4.110	61.110	14.869
Rio do Sul	18	2.836	44.108	15.553
Subtotal	30	18.156	307.588	16.941
Outras	100	3.650	41.042	11.244
Total Estadual	130	21.806	348.630	15.988

FONTE: IBGE (16).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

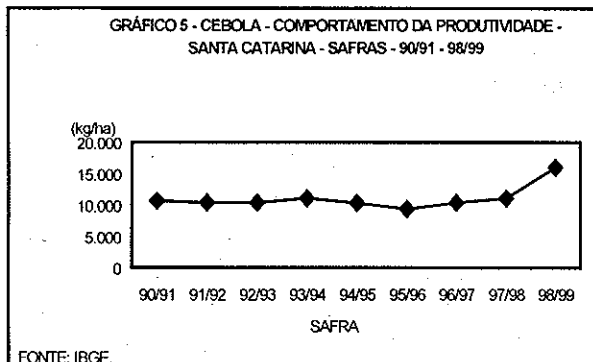
Com efeito, os dados oficiais conclusivos da safra ceboleira catarinense, correspondentes ao ano agrícola 98/99, superaram todas as expectativas mais otimistas relacionadas ao cultivo, revelando um montante de produção colhida de 348,6 mil toneladas, um total de área plantada de 21,8 mil hectares e uma produtividade média de

15.988 kg/ha. A tabela 3 mostra sua distribuição de acordo com as principais microrregiões produtoras.

Os cebolicultores catarinenses, em número aproximado de 18 mil, segundo o Censo Agropecuário do IBGE de 1995, certamente guardarão boas recordações da safra estadual 98/99, por algumas particularidades muito importantes:

- O total da produção, de 348,6 mil toneladas, foi recorde histórico na oferta catarinense do bulbo, confirmando o estado como líder na produção nacional. Superou em 13,7% o volume de 309,8 mil toneladas obtido na safra 91/92, até então a maior produção estadual, e em 27,8% a colheita alcançada na safra do ano agrícola 97/98.

- O plantio de 21,8 mil hectares representou uma redução de 11,4% em relação à área cultivada na safra imediatamente anterior. Há que se registrar que a menor área de cultivo foi determinada por condições climáticas desfavoráveis - excesso de chuvas - por ocasião do transplante das mudas para os campos definitivos.



- O rendimento médio dos campos catarinenses totalizou 15.988 kg/ha, superando em 44,2% a produtividade obtida na safra 97/98 e em 7,7% a média nacional registrada nesse mesmo cultivo. O ganho de produtividade verificado nessa safra em Santa Catarina é consequência direta dos pesados investimentos realizados pelos produtores em irrigação e conservação do solo, além da adoção de novas e modernas tecnologias produtivas, e confirmam a tendência constatada nos últimos anos de gradativos aumentos dos

rendimentos físicos das áreas ceboleiras do estado, conforme demonstra o gráfico 5.

- A oferta líquida direcionada ao mercado foi avaliada em 290,0 mil toneladas, constituindo-se, também, no maior volume de produção já comercializado pelo estado. Superou em 38,0% o total de 210,0 mil toneladas ofertado no ano de 94 e em 65,7% o montante comercializado na safra passada.

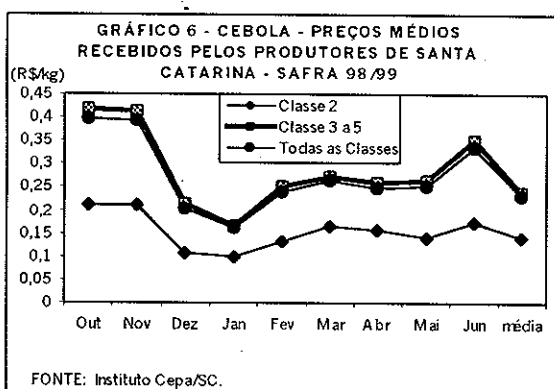
- O percentual de perdas pós-colheita (normalmente muito elevado no estado) foi estimado em apenas 16,0%, sendo o menor já registrado no processo de comercialização estadual do bulbo.

Todos estes aspectos, extremamente importantes, revelados pela cebolicultura em Santa Catarina na safra 98/99, podem ser atribuídos, em particular, à criação do Mercosul, que determinou um acirramento da competição entre os países-membros e a necessidade de uma maior eficiência da atividade. Parte também se deve às excelentes condições de clima registradas nas fases de desenvolvimento, bulbificação e colheita do produto.

Outro item a destacar nessa safra foi a excelente qualidade do produto colhido, creditada à ocorrência de tempo seco verificada na fase de arrancamento dos bulbos. Os resultados dessa particularidade ficaram patentes pelo boa aceitação do bulbo catarinense pelo mercado e pelo reduzido percentual de perdas pós-colheita.

Com efeito, a comercialização da produção colhida, embora não tenha registrado os mais altos valores já obtidos pelo produto, transcorreu de forma excepcional, especialmente se se considerar o elevado volume da oferta estadual.

O preço médio ponderado recebido pelo produtor catarinense alcançou R\$ 0,23/kg, resultante de um preço médio de R\$ 0,14/kg para a cebola da classe 2, e de R\$ 0,24/kg para a cebola da classe 3 a 5, que representou 80% do total da comercialização catarinense. Foi 4,5% maior que o valor obtido na safra 97/98 e superou em 36,0% o custo de produção da cultura, o qual, de acordo com análises deste Instituto, revelou para a grande maioria dos produtores custos totais de R\$ 0,17/kg e custos variáveis de R\$ 0,15/kg.



O comportamento dos preços médios mensais registrados nesta safra é mostrado no gráfico 6.

O total de recursos movimentados na última comercialização estadual somou o extraordinário montante de R\$ 67.440.000,00.

O excelente resultado da comercialização da safra 98/99 foi creditado, principalmente, à qualidade do produto colhido, que apresentou um superior padrão de classificação. De outra parte, foi também beneficiado pela

desvalorização do real, que encareceu sobremaneira o produto importado, dificultando a sua internalização no País.

Com efeito, as informações oficiais acerca do montante de cebola importada pelo Brasil no decorrer do ano de 99 acusaram um volume de 224,4 mil toneladas, ou seja, revelaram uma redução de aproximadamente 32,0% comparativamente ao total adquirido no ano de 98 (Gráfico 4).

Com relação à safra 99/00, as informações disponíveis permitem projetar um volume de produção bruta superior ao obtido na última safra.

Esta afirmativa baseia-se em levantamento oficial do IBGE, que revela uma expectativa de colheita bruta de aproximadamente 1.097,3 mil toneladas, ou seja, um crescimento de oferta de 9,0% comparativamente à colheita de 1.006,9 mil toneladas da safra 98/99.

O total da área a ser plantada é estimado em 67.267 hectares e não mostra alteração significativa em relação aos 67.844 hectares de cultivo verificados na safra anterior. A produtividade média esperada, de 16.313 kg/ha, supera em 9,9% o rendimento obtido na safra precedente.

A expectativa atual do desempenho da atividade ceboleira no Brasil na safra 99/00, por estado produtor, é mostrada na tabela 4.

TABELA 4/I - CEBOLA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO ESPERADO PARA A CULTURA NO BRASIL - SAFRA 99/00 ⁽¹⁾

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO ESPERADO (kg/ha)
Santa Catarina	24.241	456.036	18.813
São Paulo	12.710	265.639	20.900
Rio Grande do Sul	16.595	181.536	10.939
Paraná	5.200	52.800	10.154
Bahia	3.508	47.635	13.579
Pernambuco	3.013	47.073	15.623
Minas Gerais	2.000	46.600	23.300
BRASIL	67.267	1.097.319	16.313

FONTE: IBGE.

⁽¹⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

É necessário destacar que os dados atualmente disponíveis para as Regiões Sudeste e Nordeste do País são estimativos. Refletem, ainda, uma intenção de plantio e projetam níveis de colheita que poderão ser alterados dependendo do comportamento do mercado do bulbo.

Na Região Sul, onde a cultura é implantada com mais antecedência, haja vista que as cultivares utilizadas possuem

exigências, em termos de fotoperíodo, diferenciadas das demais regiões produtoras do País, as atividades pertinentes a esta safra já foram praticamente concluídas.

O crescimento estimado para a produção nacional pode ser creditado ao grande incremento da atividade previsto para o estado de Santa Catarina.

A produção catarinense, de fato, superou as mais otimistas previsões de colheita. É avaliada em 456.036 toneladas e deverá se constituir no mais novo recorde na oferta interna do produto.

O volume da produção prevista assegurou ao estado a permanência, pelo quinto ano consecutivo, na primeira colocação entre os principais estados brasileiros produtores de cebola. Representou cerca de 66,0% do total da oferta prevista para a Região Sul e aproximadamente 42,0% da produção nacional estimada para o corrente ano agrícola.

Em comparação ao resultado alcançado no safra 98/99, os atuais são 11,2% superiores na área plantada, 30,8% no total da produção colhida e 17,6% no rendimento médio dos campos.

O excelente resultado da cebolicultura catarinense nesta safra pode ser creditado a dois fatores principais: o registro de condições climáticas favoráveis e a sensibilidade dos produtores para a adoção de novas tecnologias produtivas, que resultaram, nos últimos dez anos, no extraordinário aumento de 75% no índice da produtividade média estadual.

Do total da colheita estadual desta safra, estima-se que aproximadamente 30,0%, ou seja, um volume da ordem de 136,0 mil toneladas, deverá ser descartado face às perdas ocorridas no processo de arrancamento, cura e do longo período de estocagem. Além da perda natural por desidratação, o excesso de chuva na colheita e a ausência de armazéns para a guarda do produto (o volume da produção colhida superou a capacidade de estocagem disponível) contribuíram para o elevado percentual de descarte. Em função disso, a oferta líquida para o mercado está avaliada em 320,0 mil toneladas.

Apesar da previsão de crescimento da oferta a ser direcionada aos principais centros de consumo do País, o resultado final da comercialização desta safra deverá superar os números obtidos nas duas últimas campanhas estaduais.

Com efeito, as informações disponíveis permitem projetar um preço médio de comercialização de aproximadamente R\$ 0,26/kg, ou seja, um valor 13,0% superior ao preço recebido pelo produtor na safra do ano passado.

A comercialização da safra da Região Sul está praticamente concluída. Nos demais estados produtores do Brasil, a cultura encontra-se em fase de tratos culturais, colheita e comercialização da produção.

TABELA 5/I - CEBOLA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98 - 99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Pernambuco	4.021	4.300	3.013	50.130	64.500	47.073	12.467	15.000	15.623
Sergipe	11	13	...	52	42	...	4.727	4.667	...
Bahia	4.941	6.003	3.508	66.592	70.769	47.635	13.477	11.789	13.579
Minas Gerais	1.022	1.864	2.000	19.822	43.834	46.600	19.395	23.516	23.300
São Paulo	10.680	12.710	12.710	200.740	245.420	265.639	18.796	19.309	20.900
Paraná	6.300	4.500	5.200	56.400	56.400	52.800	8.952	12.533	10.154
Santa Catarina	24.600	21.806	24.241	272.700	348.630	456.036	11.085	15.988	18.813
Rio Grande do Sul	16.613	16.648	16.595	160.837	177.347	181.536	9.681	10.653	10.939
BRASIL	68.188	67.844	67.267	827.273	1.006.942	1.097.309	12.132	14.842	16.313

FONTE: IBGE (15).

(1) Dados preliminares.

(2) Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 6/I - CEBOLA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	3	3	103	26	26	2.027	8.667	8.667	19.680
Chapecó	46	77	92	403	697	836	8.761	9.052	9.087
Xanxerê	26	30	50	241	328	513	9.269	10.933	10.260
Joaçaba	352	368	371	3.523	3.675	3.709	10.009	9.986	9.997
Concórdia	37	25	35	281	197	269	7.595	7.880	7.686
Canoinhas	240	197	207	1.190	1.656	2.286	4.958	8.406	11.043
São Bento do Sul	25	25	35	220	220	310	8.800	8.800	8.857
Curitibanos	430	379	451	5.017	5.963	8.137	11.667	15.734	18.042
Campos de Lages	916	901	924	7.617	8.129	8.358	8.316	9.022	9.045
Rio do Sul	3.360	2.836	3.407	38.181	44.108	63.286	11.363	15.553	18.575
Blumenau	23	18	18	266	216	270	11.565	12.000	15.000
Ituporanga	12.690	11.210	12.030	150.300	202.370	263.610	11.844	18.053	21.913
Tijucas	1.750	1.450	1.650	16.400	18.400	23.480	9.371	12.690	14.230
Florianópolis	61	61	90	646	646	944	10.590	10.590	10.489
Tabuleiro	4.510	4.110	4.640	47.310	61.110	75.560	10.490	14.869	16.284
Tubarão	112	105	112	904	804	2.049	8.071	7.657	18.295
Criciúma	19	11	26	175	85	392	9.211	7.727	15.077
SANTA CATARINA	24.600	21.806	24.241	272.700	348.630	456.036	11.085	15.988	18.813

FONTE: IBGE (16, 19).

(1) Dados preliminares.

(2) Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Guido Boeing

- FEIJÃO

Caracterização

A produção brasileira está em torno 3,0 milhões de toneladas por ano. Segundo o IBGE, que usa critérios próprios para distribuir a produção em primeira, segunda e terceira safra, a primeira tem dois momentos de concentração da produção. No primeiro, compreendido entre dezembro e fevereiro, colhe-se 50% da produção, e entre maio e junho, 20%. A segunda safra tem uma distribuição maior, com 85% da produção distribuída de abril a agosto, com o mês de maio sendo responsável por 25%. A terceira é colhida nos meses de inverno e primavera; nos estados menos sujeitos a geadas, apresenta produção que responde por aproximadamente 10% da safra nacional.

A produção brasileira se concentra em pequenos estabelecimentos, tanto na primeira quanto na segunda safra. No intervalo entre 10 e 100 hectares situa-se mais de 50% do total produzido na primeira safra; 20% da produção é colhida em estabelecimentos entre 20 e 50 hectares. Entretanto, na terceira safra, a concentração da produção está no intervalo de 200 a 500 hectares, tanto para a área total do estabelecimento quanto para a área colhida com feijão, enquanto que na primeira e segunda safra, o estrato de 2 a 5 hectares de feijão é o mais representativo.

Em Santa Catarina, a produção se realiza na primeira e na segunda safra. A primeira, contribui com mais de dois terços da produção e a segunda, com quase 30%. A primeira tem concentração de plantio em setembro e outubro; na segunda, o plantio se concentra nos meses de janeiro e fevereiro.

A implantação da primeira safra se dá ao longo do tempo no sentido do oeste para o centro. Na região Oeste, a colheita está concentrada no mês de dezembro, na região Norte, em janeiro e na região Serrana, em fevereiro. Nas regiões do Vale do Itajaí e Grande Florianópolis, está distribuída entre dezembro e fevereiro. Na região Sul Catarinense, que tem expressiva contribuição na oferta do feijão na segunda safra, sua colheita na primeira safra se concentra no mês de dezembro.

O número de produtores na atividade, representado pelo número de estabelecimentos, é de 203 mil. A primeira safra é plantada em quase metade deles; desses estabelecimentos, mais de 90% têm uma área total inferior a 50 hectares.

A concentração em Santa Catarina se dá no estrato dos estabelecimentos de 10 a 20 hectares. Dos 93 mil estabelecimentos que exploram essa cultura na primeira safra, 91% é de estabelecimentos com área total igual ou inferior a 50 hectares; na segunda safra, esse percentual atinge 96%.

Além das pequenas áreas, outra característica da cultura do feijão em Santa Catarina está na capacidade de intervenção do sistema cooperativo na

comercialização e também na formação de preços desse produto, haja vista que do total produzido no estado mais de um terço é comercializado pelas cooperativas; em algumas microrregiões, como as de Chapecó e Concórdia, sua participação excede 50% de toda a produção.

Tendências

A formação dos preços do feijão no mercado brasileiro, especialmente do feijão-carioca associado às alterações no consumo alimentar e ao desenvolvimento tecnológico, tem provocado um deslocamento da produção do Sul para o Sudeste e Centro-Oeste, do pequeno para o médio e grande produtor, e do feijão de sequeiro para a produção de feijão irrigado. A escala de produção e a margem constante têm permitido um deslocamento contínuo na produção, pois o preço obtido no produto com a melhor tecnologia tem conseguido um diferencial cada dia maior, principalmente pelo fato de esse produto representar, a cada dia que passa, uma parcela menor no orçamento familiar.

Este movimento se repete também em Santa Catarina, com a produção se deslocando da região Oeste para a do Planalto, especialmente a microrregião de Curitibanos, em virtude dos bons resultados obtidos na produção da região. Enquanto a média ajustada da área semeada de três safras na região de Chapecó decresce, a mesma média é crescente na microrregião de Curitibanos.

Desempenho da safra 98/99

A produção brasileira de feijão no período 98/99 atingiu 2,9 milhões de toneladas, representando um aumento de 31% sobre o volume colhido no período imediatamente anterior. Contribuiu para isso o aumento de 26% na área colhida, o que representou um incremento de 900 mil hectares em relação ao período 97/98, quando os efeitos do fenômeno "El Niño" se fizeram sentir no Brasil com muita intensidade.

Mesmo assim, a safra de grãos enfrentou momentos bastante críticos sob os efeitos do fenômeno "La Niña". No Centro-Sul, registrou-se escassez de chuvas no mês de novembro, quando a maior parcela da primeira safra dessa cultura se encontra em floração e frutificação. Uma nova estiagem se abateu no Sul em março, sendo interrompida somente com uma forte geada na primeira quinzena de abril, afetando dessa vez, e de forma significativa, a segunda safra de feijão, especialmente no estado de Santa Catarina.

No estado, a estiagem de novembro de 1998 pegou o cultivo da primeira safra em floração e granação. De uma produção esperada de 192,5 mil toneladas, só foram colhidas 166,5 mil, com uma quebra de 13,5%, com a maior parte dos problemas localizados na região Oeste Catarinense.

As microrregiões de São Miguel do Oeste, Chapecó e Concórdia foram as mais prejudicadas. Nas microrregiões de Xanxerê e Canoinhas ocorreu queda de rendimento, apesar de o resultado ter sido melhor que a média das últimas três

safra. Nas regiões de Campos Novos e Curitibanos, que plantam mais tarde, as quebras foram menos intensas. A estiagem de março e as chuvas na colheita comprometeram a qualidade do grão.

Na segunda safra, a cultura sofreu ainda mais com as intempéries, uma vez que as lavouras, em março e abril, quando estavam em floração e granação, perderam por estiagem e, entre 11 e 16 de abril, pelo excesso de chuvas seguidas de fortes ventos e geada. Foram plantados 95,5 mil hectares, esperando-se inicialmente uma colheita de 86,0 mil toneladas. Contudo, esses problemas, conjugados com os de clima, implicaram uma redução de 41,5 mil toneladas, ou 48% de queda na produção esperada. Com esse resultado, na safra 98/99 foram colhidas em Santa Catarina 211 mil toneladas, das quais 166,5 mil na primeira safra, e 44,5 mil na segunda.

Desempenho da safra 99/00

A produção nacional de feijão no período 1999/2000 deve exceder 3 milhões de toneladas. A Argentina, que tem completado a oferta no mercado nacional de feijão, especialmente de feijão-preto, deve colher mais de 180 mil hectares desse tipo de feijão, além de mais 100 mil hectares de outros feijões, de menor importância para o balanço da oferta total do produto no Brasil.

A estimativa para a primeira safra excede 1 milhão de toneladas; com um regime de chuvas normal no Nordeste e no Sudeste, é possível que, somada à segunda, ultrapasse 2,6 milhões de toneladas, e a terceira fique no intervalo entre 300 mil e 400 mil toneladas.

Em Santa Catarina, o IBGE estimou inicialmente uma redução de área de 6% para a primeira safra sobre a primeira safra passada, em virtude dos problemas climáticos das duas anteriores. Quanto à produção, as estimativas iniciais indicavam que seriam colhidas 208 mil toneladas nessa mesma área em virtude da expectativa de um rendimento de 1.250 kg/ha, decorrente do aumento do padrão tecnológico dessa produção, especialmente no oeste.

Apesar de possível tal rendimento, a estiagem ocorrida depois da geada do dia 15 de agosto de 1999 deixou o solo muito seco e aumentou os temores de que mais uma vez os efeitos do "La Niña" provocassem perdas significativas, fato que se confirmou em novembro, provocando quedas significativas nas estimativas iniciais, especialmente nas plantações ao sul da BR 282 na região Oeste Catarinense. Se o tempo foi novamente adverso no oeste, especialmente na área que faz limite com o estado do Rio Grande do Sul, foi muito generoso na área que faz divisa com o Paraná e no planalto catarinense.

Para a primeira safra, a área plantada está estimada em 160 mil hectares e a produção, em 177 mil toneladas. Comparada com a da primeira safra, 98/99, quando foram colhidas 166,5 mil toneladas, há um pequeno aumento de produção, apesar da queda de 6% na área plantada.

Para a segunda safra, espera-se uma redução de 37% na área semeada em comparação com os 95,5 mil hectares plantados no ano passado, ficando em torno de 60 mil hectares. Mesmo assim, as condições climáticas têm sido muito favoráveis à cultura, significando que a produção da segunda safra nesse ano poderá ser superior àquela obtida no ano passado, em virtude de o rendimento médio por hectare, que no ano passado foi de 465 kg/ha, poder duplicar.

Em Santa Catarina, estima-se para esse período uma produção superior a 230 mil toneladas; desse total, 75% é proveniente da primeira safra; a segunda safra, que neste ano atrasou em virtude de uma estiagem em janeiro, deve contribuir com o restante.

TABELA 1/I - FEIJÃO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Rondônia	92.607	96.602	96.692	54.149	58.629	58.015	585	607	600
Acre	11.882	14.441	14.144	6.502	7.574	7.346	547	524	519
Amazonas	5.139	5.238	5.238	4.291	4.344	4.344	835	829	829
Roraima	782	500	500	230	150	150	294	300	300
Pará	83.554	94.234	81.176	47.128	57.566	50.125	564	611	617
Amapá	150	300	300	45	132	120	300	440	400
Tocantins	4.882	4.654	4.394	1.661	1.260	1.586	340	271	361
Maranhão	67.484	61.472	70.256	18.584	26.130	31.804	275	425	453
Piauí	193.714	219.216	208.626	18.242	70.559	89.964	94	322	431
Ceará	465.435	576.736	565.521	57.607	189.824	245.645	124	329	434
Rio Grande do Norte	67.591	75.258	87.299	7.214	10.156	42.334	107	135	485
Paraíba	137.242	145.629	188.285	5.232	20.362	108.775	38	140	578
Pernambuco	154.925	124.389	280.000	19.102	35.891	107.400	123	289	384
Alagoas	116.133	86.881	104.876	38.328	34.645	49.845	330	399	475
Sergipe	52.429	61.353	59.773	29.432	36.254	32.983	561	591	552
Bahia	606.671	822.298	736.294	221.125	348.873	510.478	364	424	693
Minas Gerais	432.595	454.444	431.270	338.969	381.215	385.589	784	839	894
Espírito Santo	35.055	35.739	33.871	28.400	27.999	26.759	810	783	790
Rio de Janeiro	9.268	8.718	3.183	7.164	6.729	2.237	773	772	703
São Paulo	208.630	261.500	250.200	254.430	293.600	281.100	1.220	1.123	1.124
Paraná	577.122	695.400	528.000	502.960	553.000	469.620	871	795	889
Santa Catarina	241.992	265.920	215.071	158.284	210.958	228.341	654	793	1.062
Rio Grande do Sul	189.254	202.760	186.536	119.929	158.425	151.178	634	781	810
Mato Grosso do Sul	31.547	42.429	24.154	33.673	33.521	21.706	1.067	790	899
Mato Grosso	25.304	28.610	28.504	16.343	19.251	21.652	646	673	760
Goiás	112.335	153.877	82.775	186.522	200.977	128.135	1.660	1.306	1.548
Distrito Federal	12.976	15.305	13.917	24.388	29.324	29.160	1.879	1.916	2.095
BRASIL	3.936.698	4.553.903	4.300.855	2.199.934	2.817.348	3.086.391	559	619	718

FONTES: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 2/I - FEIJÃO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	16.062	16.430	13.675	5.389	7.373	10.408	336	449	761
Chapecó	86.175	87.690	63.060	25.663	40.669	45.921	298	464	728
Xanxerê	13.584	15.358	13.703	9.409	11.705	17.044	693	762	1.244
Joaçaba	12.575	12.267	12.825	11.288	13.163	16.790	898	1.073	1.309
Concórdia	10.880	10.490	8.930	4.694	4.195	9.761	431	400	1.093
Canoinhas	15.980	21.020	18.390	18.098	23.528	29.668	1.133	1.119	1.613
São Bento do Sul	570	730	690	433	723	1.006	760	990	1.458
Joinville	138	122	109	121	89	95	877	730	872
Curitibanos	27.568	34.152	29.767	31.904	50.327	45.168	1.157	1.474	1.517
Campos de Lages	26.200	27.320	23.166	21.144	26.475	22.376	807	969	966
Rio do Sul	4.455	6.050	3.690	3.743	4.758	3.849	840	786	1.043
Blumenau	516	523	482	435	425	406	843	813	842
Itajaí	476	490	534	383	403	592	805	822	1.109
Ituporanga	2.580	4.630	3.000	2.163	3.426	3.195	838	740	1.065
Tijucas	1.785	2.060	1.800	1.526	1.907	1.702	855	926	946
Florianópolis	626	628	652	635	641	660	1.014	1.021	1.012
Tabuleiro	1.432	2.270	1.635	1.254	2.111	1.389	876	930	850
Tubarão	6.505	7.760	6.955	5.280	6.704	6.318	812	864	908
Criciúma	9.310	11.555	9.635	10.289	10.393	9.655	1.105	899	1.002
Araranguá	4.575	4.375	2.373	4.433	1.943	2.338	969	444	985
SANTA CATARINA	241.992	265.920	215.071	158.284	210.958	228.341	654	793	1.062

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 3/I - FEIJÃO 1ª SAFRA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	10.774	8.615	9.980	3.926	4.272	7.259	364	496	727
Chapecó	51.300	44.490	40.600	15.810	26.029	27.054	308	585	666
Xanxerê	10.116	8.670	9.090	6.250	9.071	10.316	618	1.046	1.135
Joaçaba	12.010	11.345	11.970	10.853	12.704	15.954	904	1.120	1.333
Concórdia	8.200	7.330	6.520	4.025	3.776	8.068	491	515	1.237
Canoinhas	13.250	16.100	17.650	15.330	21.857	28.930	1.157	1.358	1.639
São Bento do Sul	550	690	690	418	708	1.006	760	1.026	1.458
Joinville	63	63	56	54	50	49	857	794	875
Curitibanos	27.001	34.085	29.630	31.395	50.268	45.004	1.163	1.475	1.519
Campos de Lages	25.894	27.014	22.860	20.915	26.259	22.160	808	972	969
Rio do Sul	2.005	2.185	2.145	1.964	1.693	2.514	980	775	1.172
Blumenau	308	295	260	283	258	240	919	875	923
Itajaí	154	208	244	133	152	261	864	731	1.070
Ituporanga	980	2.010	1.700	882	1.756	1.998	900	874	1.175
Tijucas	655	900	900	652	948	874	995	1.053	971
Florianópolis	361	361	381	388	380	402	1.075	1.053	1.055
Tabuleiro	860	1.360	1.150	912	1.517	995	1.060	1.115	865
Tubarão	2.175	2.105	1.745	1.198	1.936	1.720	551	920	986
Criciúma	1.780	1.915	1.700	968	2.266	1.894	544	1.183	1.114
Araranguá	745	660	350	362	601	255	486	911	729
SANTA CATARINA	169.181	170.401	159.621	116.718	166.501	176.953	690	977	1.109

FONTE: IBGE (16).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I - FEIJÃO 2ª SAFRA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	5.288	7.815	3.695	1.463	3.101	3.149	277	397	852
Chapecó	34.875	43.200	22.460	9.853	14.640	18.867	283	339	840
Xanxerê	3.468	6.688	4.613	3.159	2.634	6.728	911	394	1.458
Joaçaba	565	922	855	435	459	836	770	498	978
Concórdia	2.680	3.160	2.410	669	419	1.693	250	133	702
Canoinhas	2.730	4.920	740	2.768	1.671	738	1.014	340	997
São Bento do Sul	20	40		15	15		750	375	...
Joinville	75	59	53	67	39	46	893	661	868
Curitibanos	567	67	137	509	59	164	898	881	1.197
Campos de Lages	306	306	306	229	216	216	748	706	706
Rio do Sul	2.450	3.865	1.545	1.779	3.065	1.335	726	793	864
Blumenau	208	228	222	152	167	166	731	732	748
Itajaí	322	282	290	250	251	331	776	890	1.141
Ituporanga	1.600	2.620	1.300	1.281	1.670	1.197	801	637	921
Tijucas	1.130	1.160	900	874	959	828	773	827	920
Florianópolis	265	267	271	247	261	258	932	978	952
Tabuleiro	572	910	485	342	594	394	598	653	812
Tubarão	4.330	5.655	5.210	4.082	4.768	4.598	943	843	883
Criciúma	7.530	9.640	7.935	9.321	8.127	7.761	1.238	843	978
Araranguá	3.830	3.715	2.023	4.071	1.342	2.083	1.063	361	1.030
Santa Catarina	72.811	95.519	55.450	41.566	44.457	51.388	571	465	927

FONTE: IBGE (16).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Francisco A. de Brito

- FUMO

O plantio da safra 99/00 do Sul do País, que representa cerca de 90% da produção nacional, foi realizado com a expectativa de sensível redução na área e na produção. Ao final do ano passado, segundo a Afubra, as estimativas indicavam decréscimo de 9% na área e 14% na produção.

Para Santa Catarina, os percentuais eram ainda mais significativos: 16% na área e 20% na produção.

O desempenho da safra, entretanto, surpreendeu. Em várias regiões, as estimativas de área plantada foram revistas para cima e os níveis de produtividade foram superiores aos da safra 98/99, os quais já tinham sido bastante satisfatórios. Com isto, a Afubra passou a estimar uma safra muito parecida com a 98/99 (Tabela 1).

TABELA 1/I - FUMO - COMPARATIVO DAS SAFRAS DO SUL DO PAÍS - SAFRAS - 96/97-99/00

ESTADO	ÁREA (ha)				PRODUÇÃO (t)				PRODUTIVIDADE MÉDIA (kg/ha)			
	96/97	97/98	98/99	99/00 ⁽¹⁾	96/97	97/98	98/99	99/00 ⁽¹⁾	96/97	97/98	98/99	99/00 ⁽¹⁾
Rio Grande do Sul	118.010	120.370	123.710	127.740	250.130	193.840	273.110	283.720	2.120	1.610	2.208	2.221
Santa Catarina	107.460	111.150	105.530	95.810	209.080	162.470	204.680	186.790	1.946	1.462	1.940	1.950
Paraná	37.820	32.220	36.770	34.830	73.000	44.030	68.310	67.710	1.930	1.367	1.858	1.944
TOTAL	263.290	263.740	266.010	258.380	532.210	400.340	546.100	538.220	2.021	1.518	2.053	2.083

FONTE: Afubra

⁽¹⁾ Estimativa.

Comportamento parecido verificou-se para Santa Catarina: com o transcorrer da safra, a estimativa de decréscimo de área foi revista para 9,2% e a da produção, para 8,7%.

Nos últimos anos, as negociações de preços entre indústrias e produtores do Sul do País têm sido marcadas por muitas dificuldades. Na safra 99/00, a situação não foi diferente.

As indústrias normalmente tomam como parâmetro apenas o custo de produção; os produtores, além do custo, procuram utilizar outros parâmetros, como: correção cambial, inflação, preços dos cigarros, comportamento das exportações e incentivos fiscais, entre outros.

O protocolo de negociação só foi assinado após alguns encontros relativamente difíceis. Nesse protocolo, entre outros aspectos, estava prevista uma correção de 7% sobre a tabela de preços que vigorou na safra 98/99.

Apesar das dificuldades da negociação, a comercialização da safra 99/00 do Sul do País começou praticamente normal. As reclamações dos produtores em relação ao rigor das indústrias com a classificação foram bem menores que as verificadas na safra 98/99.

Ainda que isto fosse atribuído a uma melhor qualidade do fumo, pesava também a expectativa de redução na produção dos três estados do Sul. Contudo, como se destacou anteriormente, a redução de produção passou a não ser aquela inicialmente esperada (cerca de 14%).

Isto, aliado a dúvidas em relação ao comportamento das exportações brasileiras, complicou um bom período da comercialização. Algumas indústrias aumentaram o rigor na classificação do produto e muitos produtores passaram a receber preços bem aquém dos esperados.

Como as vendas externas passaram a apresentar um comportamento favorável, as indústrias se interessaram mais pela produção (inclusive daquela acima do volume contratado e de produtores de fora do sistema de integração). Nos últimos meses de comercialização, os produtores passaram a receber preços bem mais satisfatórios.

Segundo a Afubra, o preço médio recebido pelos produtores dos três estados do Sul deverá ficar próximo de R\$ 2,00/kg. Ainda que esse valor seja bem inferior à expectativa inicial, pela qual o preço médio poderia atingir R\$ 2,21/kg, ele é superior ao da safra 98/99 (Tabela 2).

TABELA 2/1 - FUMO - PREÇO MÉDIO RECEBIDO PELOS PRODUTORES DO SUL DO PAÍS - SAFRAS - 94/95-99/00

FUMO	(R\$/kg)					
	94/95	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00 ⁽¹⁾
Virgínia	1,58	2,07	1,94	1,94	1,85	2,03
Burley	1,48	1,86	1,80	1,83	1,82	1,90
Comum	1,03	1,29	1,14	1,20	1,24	1,32
Média	1,56	2,01	1,9	1,91	1,84	2,00

FONTE: Afubra.

⁽¹⁾ Estimativa.

O problema é que o preço da safra 98/99 foi considerado bastante insatisfatório por muitos produtores, e a expectativa era de que a safra 99/00 permitiria uma rentabilidade bem maior.

De qualquer maneira, por essa melhora nos preços recebidos pelos produtores no período final da comercialização e, principalmentê, pelas dificuldades de os produtores acharem alternativas economicamente à altura da produção de fumo, é provável que a área a ser plantada na próxima safra (00/01) dos três estados do Sul, que se esperava pudesse ser reduzida, seja muito parecida com a desta safra 99/00.

Esta situação de comercialização, relativamente problemática, da safra 99/00, é uma repetição do que se verificou em safras recentes e, de certa forma, já era esperada pelas entidades representativas dos produtores desde a negociação com as indústrias ao final do ano passado.

Embora esta situação conjuntural seja ruim, a maior preocupação do setor fumageiro é de que o cenário não é nada favorável também para o médio prazo. As pressões contra o consumo do fumo são cada vez maiores.

Internacionalmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem promovendo uma forte ação. Pretende, entre outras coisas, que nos próximos anos haja uma proibição mundial de publicidade e promoção do fumo, elevação de impostos, reforço de medidas contra o contrabando e programas educativos voltados principalmente aos jovens.

No Brasil, a situação não é diferente. O governo federal, através do Ministério da Saúde, iniciou, neste ano de 2000, uma pesada campanha de combate ao fumo. Os dois objetivos da campanha são: sensibilizar a população para os males do fumo e criar condições para propor a proibição da propaganda de cigarros no País.

Embora, tanto em âmbito nacional quanto internacional, haja uma forte reação de entidades representativas dos produtores e das indústrias (procurando mostrar a importância da produção e comercialização de fumo para milhões de pessoas) e ainda não estejam inteiramente definidos os encaminhamentos destas iniciativas contra o fumo, é certo que essas campanhas devem repercutir em redução de consumo.

No caso de Santa Catarina, onde a fumicultura representa uma importante atividade, isto, somado a mudanças tecnológicas nos sistemas de produção de

fumo, aumenta a responsabilidade e a urgência de buscar novas alternativas de renda para boa parte dos cerca de 47 mil produtores que se dedicam à atividade.

Esta é uma tarefa de elevado nível de complexidade, mas é indispensável que se aja, caso contrário o quadro de exclusão de produtores do estado só tende a se agravar.

TABELA 3/I - FUMO - PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO, CONSUMO E ESTOQUE FINAL, MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1995-1999

DISCRIMINAÇÃO	1995	1996	1997	1998	1999 ⁽¹⁾
(mil t de peso seco)					
Produção					
Mundial	5.542,0	6.564,7	7.721,4	5.925,6	6.049,0
China	2.082,6	2.910,6	3.613,4	2.010,3	2.108,0
Índia	528,4	506,5	561,3	572,2	587,6
Estados Unidos	513,2	619,4	729,1	626,5	571,5
Brasil	323,5	365,9	485,1	373,2	498,4
Turquia	170,1	190,4	250,8	217,6	215,6
Indonésia	145,7	150,5	148,8	175,8	185,0
Exportação					
Mundial	1.759,1	1.982,1	2.005,1	1.918,9	1.998,8
Brasil	256,3	282,5	319,0	300,5	318,0
Zimbábue	174,3	196,0	159,9	168,8	205,5
Estados Unidos	209,5	222,3	221,5	211,9	189,4
Turquia	136,4	170,1	160,4	128,8	125,5
Índia	77,7	117,5	117,9	81,8	119,6
China	68,4	60,2	77,8	92,2	108,0
Importação					
Mundial	1.776,2	1.948,9	1.992,7	1.905,9	1.949,4
Rússia	148,1	148,0	184,9	200,9	264,7
Estados Unidos	199,1	326,5	306,8	246,8	241,1
Alemanha	209,8	235,9	222,1	230,0	217,5
Reino Unido	141,5	166,0	157,7	149,8	137,2
Japão	115,1	85,6	90,5	91,5	93,0
Países Baixos	89,1	97,4	105,4	84,8	84,8
Consumo					
Mundial	6.329,4	6.478,9	6.502,9	6.458,7	6.592,2
China	2.208,6	2.313,7	2.289,8	2.342,3	2.518,5
Estados Unidos	724,2	731,9	765,8	723,3	691,8
Índia	463,9	471,8	476,9	483,4	478,4
Rússia	142,3	150,1	175,1	180,5	265,7
Indonésia	183,1	196,7	195,7	187,1	180,5
Japão	196,9	197,3	184,1	177,5	179,8
Estoque final					
Mundial	5.623,5	5.676,1	6.882,1	6.325,3	5.734,7
China	1.390,9	1.941,3	3.201,9	2.787,4	2.281,9
Estados Unidos	1.279,0	1.270,7	1.319,3	1.257,4	1.188,8
Turquia	321,6	269,2	293,9	310,0	334,2
Brasil	276,9	210,7	231,5	163,0	234,0
Japão	370,3	318,0	280,2	252,7	221,7
Itália	192,7	140,6	141,9	140,9	152,8

FONTE: Usda (maio/00) - (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

Síntese Anual da Agricultura Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 4/I - FUMO - PREÇO MÉDIO RECEBIDO PELOS PRODUTORES - SAFRAS - 96/97-99/00

ESTADO	(R\$/kg)				(US\$/kg) ⁽¹⁾			
	96/97	97/98	98/99	99/00 ⁽²⁾	96/97	97/98	98/99	99/00
Rio Grande do Sul	1,91	1,90	1,82	2,01	1,80	1,67	1,05	1,13
Santa Catarina	1,94	1,96	1,88	2,01	1,83	1,72	1,09	1,13
Paraná	1,76	1,72	1,8	1,93	1,66	1,51	1,04	1,08
Região Sul	1,90	1,91	1,84	2,00	1,79	1,68	1,07	1,12

FONTE: Afubra.

⁽¹⁾ Conversão em dólar realizada pelo Instituto Cepa/SC.

⁽²⁾ Estimativa.

TABELA 5/I - FUMO - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1992-1999

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$ 1000)	(US\$/KG)
1992	276.337	981.604	3,55
1993	279.321	900.782	3,22
1994	335.567	1.030.708	3,07
1995	321.298	1.174.961	3,66
1996	365.254	1.515.392	4,15
1997	409.919	1.664.806	4,06
1998	392.875	1.558.990	3,97
1999	358.746	961.237	2,68

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

TABELA 6/I - FUMO - EXPORTAÇÕES CATARINENSES - 1992-1999

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$ 1000)	(US\$/KG)
1992	24.641	96.075	3,90
1993	27.763	83.110	2,99
1994	33.173	84.677	2,55
1995	38.070	116.055	3,05
1996	39.452	140.674	3,57
1997	34.909	122.125	3,50
1998	38.735	127.255	3,29
1999	31.449	84.388	2,68

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

TABELA 7/I - FUMO - VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1995-1999

ANO	US\$ 1000	R\$ 1000 ⁽¹⁾
1995	1.174.961	1.078.082
1996	1.515.392	1.522.325
1997	1.664.806	1.795.849
1998	1.558.990	1.809.181
1999	961.237	1.736.711

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

⁽¹⁾ Valor obtido com base na média anual da taxa de câmbio.

TABELA 8/I - FUMO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Ceará	147	130	125	119	105	102	810	808	816
Paraíba	33	480	572	14	437	459	424	910	802
Alagoas	27.824	28.573	28.680	31.270	32.148	32.371	1.124	1.125	1.129
Sergipe	3.400	3.941	3.667	5.024	6.418	5.446	1.478	1.629	1.485
Bahia	13.597	12.295	12.021	10.508	9.486	9.548	773	772	794
Minas Gerais	1.542	1.933	1.987	1.243	1.402	2.010	806	725	1.012
São Paulo	210	132	132	85	65	65	405	492	492
Paraná	41.300	36.700	35.000	61.500	65.000	65.500	1.489	1.771	1.871
Santa Catarina	116.761	105.523	109.785	163.768	204.675	204.980	1.403	1.940	1.867
Rio Grande do Sul	155.571	151.765	145.777	236.005	306.387	287.108	1.517	2.019	1.970
BRASIL	360.385	341.472	337.746	509.536	626.123	607.589	1.414	1.834	1.799

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 9/I - FUMO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEÓGRAFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	12.434	10.351	11.668	13.819	18.356	19.206	1.111	1.773	1.646
Chapecó	10.348	10.562	10.439	12.778	18.493	18.373	1.235	1.751	1.760
Xanxerê	946	1.029	996	1.460	1.861	1.731	1.543	1.809	1.738
Joaçaba	2.326	835	2.237	3.601	1.482	3.919	1.548	1.775	1.752
Concórdia	1.077	706	897	1.594	1.293	1.441	1.480	1.831	1.606
Canoinhas	18.507	17.268	19.231	22.332	33.926	37.376	1.207	1.965	1.944
São Bento do Sul	677	460	677	818	942	1.221	1.208	2.048	1.804
Joinville	219	102	106	343	209	211	1.566	2.049	1.991
Curitibanos	823	601	859	1.260	1.080	1.494	1.531	1.797	1.739
Campos de Lages	1.520	1.029	1.520	2.532	2.033	2.545	1.666	1.976	1.674
Rio do Sul	20.185	16.801	18.666	29.489	33.005	36.314	1.461	1.964	1.945
Blumenau	1.994	1.117	1.434	3.676	2.289	2.662	1.844	2.049	1.856
Itajaí	79	22	55	140	45	109	1.772	2.045	1.982
Ituporanga	6.880	8.288	6.720	11.061	16.720	14.033	1.608	2.017	2.088
Tijucas	3.608	3.087	3.393	6.717	6.192	6.726	1.862	2.006	1.982
Florianópolis	55	17	58	108	32	114	1.964	1.882	1.966
Tabuleiro	760	592	740	1.264	1.192	1.480	1.663	2.014	2.000
Tubarão	10.996	9.975	10.246	16.533	19.924	19.479	1.504	1.997	1.901
Criciúma	9.035	8.185	7.930	13.266	16.611	14.563	1.468	2.029	1.836
Araranguá	14.292	14.496	11.913	20.977	28.990	21.983	1.468	2.000	1.845
SANTA CATARINA	116.761	105.523	109.785	163.768	204.675	204.980	1.403	1.940	1.867

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

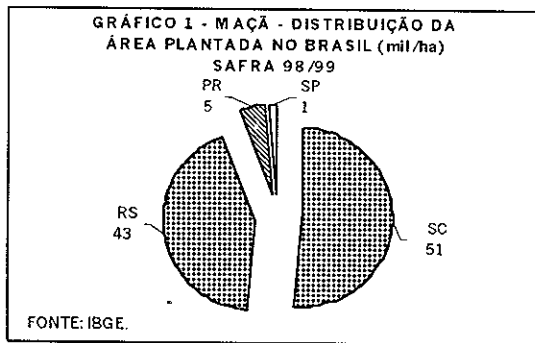
Tabajara Marcondes

- MAÇÃ

Apesar de também se ressentirem dos problemas causados pela recessão da economia brasileira, que nos últimos anos determinou redução de consumo e achatamento dos preços nos diversos níveis, os produtores brasileiros continuaram investindo fortemente na atividade, seja na implantação de novos pomares, seja na melhoria da tecnologia produtiva e de comercialização ou na infra-estrutura de armazenamento.

Com efeito, o total da área plantada com macieiras no Brasil já ultrapassa 30,5 mil hectares e a disponibilidade de armazéns frigoríficos, a despeito da carências de recursos, das altas taxas internas dos juros do crédito agrícola (inviabilizando a

tomada de empréstimos pelos pequenos produtores) e da inexistência de linhas de crédito específicas para o setor, já supera 500,0 mil toneladas.

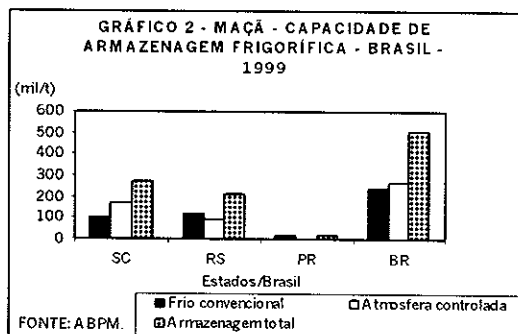


A área cultivada no País e sua distribuição, por estado produtor, é mostrada no gráfico 1.

Do total em questão, estima-se que aproximadamente 28,8 mil hectares sejam constituídos de pomares já em idade produtiva.

De acordo com a Associação Brasileira dos Produtores de Maçã, ao final do ano agrícola 98/99, os pomares brasileiros apresentavam a seguinte distribuição varietal: 46,0% de pomares da cultivar Gala; 45,0% de pomares da cultivar Fuji; 6,0% de pomares da cultivar Golden e o restante, formado por outras cultivares polinizadoras ou de menor valor comercial.

De acordo com a Associação Brasileira dos Produtores de Maçã, ao final do ano agrícola 98/99, os pomares brasileiros apresentavam a seguinte distribuição varietal: 46,0% de pomares da cultivar Gala; 45,0% de pomares da cultivar Fuji; 6,0% de pomares da cultivar Golden e o restante, formado por outras cultivares polinizadoras ou de menor valor comercial.



A capacidade de estocagem frigorífica, específica para a fruta, soma, segundo a mesma fonte, 504,2 mil toneladas, das quais 53,0% de estocagem com atmosfera controlada e 47,0% de estocagem em frio convencional, assim distribuídas nos diversos estados produtores (Gráfico 2).

Do total de disponibilidade de estocagem, o estado de Santa Catarina concentra aproximadamente 55,0%, o estado do Rio Grande do Sul, 42,0% e o estado do Paraná, 3,0%. A capacidade frigorífica

nacional com atmosfera controlada é de 265,6 mil toneladas. O estado de Santa Catarina detém 64,2% deste volume.

Como consequência da atenção dispensada pelos produtores e dos pesados investimentos privados direcionados ao setor, a atividade continua apresentando resultados altamente positivos (quer em termos quantitativos de colheita, quer em crescimento dos volumes exportados anualmente), registrando, por anos consecutivos, recordes de oferta interna do fruto e consolidando-se como mais uma importante atividade agrícola para o País, especialmente para os estados da Região Sul.

Na safra 98/99, esse comportamento não fugiu à regra. De acordo com avaliações do IBGE e da Associação Gaúcha dos Produtores de Maçã, a produção brasileira dessa safra totalizou aproximadamente 707,6 mil toneladas, ou seja, representou um crescimento de 7,8% comparativamente ao total colhido no ano passado.

O desempenho da cultura nessa safra e a participação percentual dos principais estados produtores no total da área cultivada e na produção colhida no Brasil são mostrados na tabela 1.

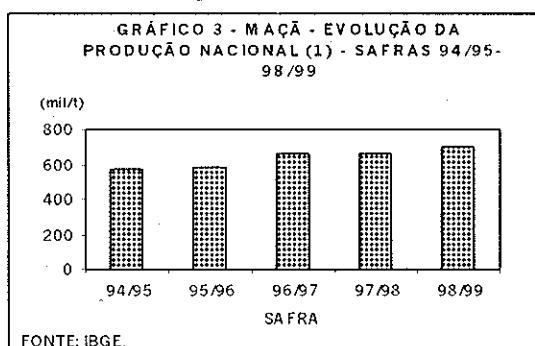
TABELA 1/I - MAÇÃ - DESEMPENHO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA - SAFRA - 98/99

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)	PARTICIPAÇÃO (%)	PRODUÇÃO COLHIDA ⁽¹⁾ (t)	PARTICIPAÇÃO (%)
Santa Catarina	15.750	51,5	371.678	52,5
Rio G. do Sul	13.032	42,6	304.545	43,1
Paraná	1.400	4,6	25.667	3,6
São Paulo	414	1,3	5.718	0,8
TOTAL	30.596	100,0	707.608	100,0

FONTE: IBGE (16) e Agaporni.

⁽¹⁾ Produção colhida - convertida da fonte original (IBGE), de mil frutos para tonelada pelo multiplicador de seis frutos por quilo.

O volume da produção colhida nessa última safra no País representou, mais uma vez, um novo marco na oferta interna do fruto.



FONTE: IBGE.

⁽¹⁾ Produção da fonte original (IBGE), de mil frutos para tonelada pelo multiplicador de seis frutos por quilo.

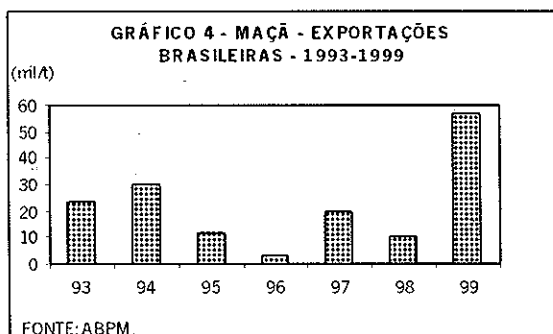
A freqüente quebra de recordes de colheita do fruto tem sido prática comum nos últimos anos no Brasil (apesar dos escassos investimentos oficiais direcionados ao setor e de se tratar de atividade que exige pesados recursos iniciais e de retorno somente a médio e longo prazo), conforme demonstrado no gráfico 3.

O crescente aumento da produção interna verificado nos últimos anos, além de reduzir a dependência da aquisição da maçã importada para o normal atendimento da demanda, tem

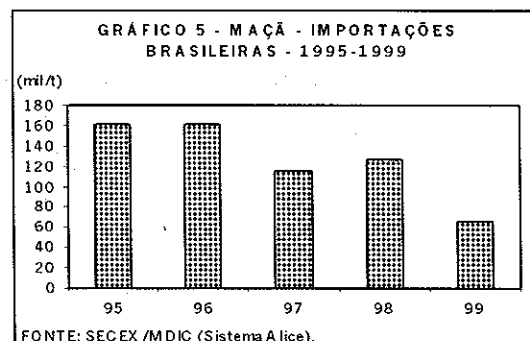
possibilitado ao País aumentar sua inserção entre os países exportadores.

Em 99, o total das exportações brasileiras somou 57,4 mil toneladas. Representou aproximadamente 10,0% do volume destinado ao consumo in natura e movimentou recursos da ordem de US\$ 30,2 milhões.

O comportamento das exportações e das importações brasileiras da fruta, nos últimos anos, é visualizado nos gráficos 4 e 5.



FONTE: ABPM.



FONTE: SECEX /MDIC (Sistema A lice).

Conforme já observado anteriormente, os dados oficiais acerca da produção catarinense da safra 98/99 revelaram, mais uma vez, a supremacia de Santa Catarina na oferta nacional do fruto.

De acordo com o IBGE, a colheita estadual totalizou 371,7 mil toneladas, o correspondente a 52,5% do total da produção nacional.

Os destaques catarinenses na atividade continuam sendo os municípios de Fraiburgo, São Joaquim, Monte Carlo e Lebon Régis, os quais, juntos, ofertaram aproximadamente 80,0% da colheita interna.

O total da área implantada em Santa Catarina até a última safra somava 15.750 hectares. A área de pomares em idade produtiva era de 13.941 hectares.

O desempenho da atividade nessa última safra em Santa Catarina, por microrregião produtora, é mostrado na tabela a seguir.

TABELA 2/I - MAÇÃ - ÁREA PLANTADA E COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRA - 98/99 ⁽¹⁾

MICRORREGIÃO	ÁREA PLANTADA (ha)	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Joaçaba	7.971	7.786	210.788	27.073
Campos de Lages	6.295	4.853	126.581	26.083
Curitibanos	1.328	1.146	32.031	27.950
Xanxerê	156	156	2.278	14.602
SANTA CATARINA	15.750	13.941	371.678	26.660

FONTE: IBGE (16).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Para a safra 99/00, os levantamentos oficiais indicam para Santa Catarina uma expectativa de colheita bruta de 500,0 mil toneladas, com crescimento de 34,5% frente ao volume colhido na última safra.

Além de um pequeno aumento no número de hectares da frutífera em idade produtiva, que passa a ser estimado em 14.075 hectares, o prolongado e rigoroso inverno verificado em 99 foi extremamente benéfico para os pomares e determinante para o alcance da colheita prevista.

Para o Brasil, as informações disponíveis permitem projetar um volume de colheita bruta entre 940,0 mil e 960,0 mil toneladas.

TABELA 3/I - MAÇÃ - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽²⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽²⁾	2000 ⁽²⁾
São Paulo	366	414	414	7.533	5.718	5.718	20.583	13.812	13.812
Paraná	1.402	1.400	1.500	26.333	25.667	35.000	18.782	18.333	23.333
Santa Catarina	15.572	15.750	16.783	360.656	371.678	500.223	23.161	23.599	29.805
Rio Grande do Sul	10.560	13.032	13.585	261.657	384.281	427.036	24.778	29.487	31.434
BRASIL	27.900	30.596	32.282	56.179	787.344	967.977	23.519	25.734	29.925

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/II - MAÇÃ - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97-98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Xanxerê	168	156	156	2.363	2.278	2.205	14.065	14.603	14.135
Joaçaba	7.978	7.971	8.141	05.950	10.788	303.796	25.815	26.444	37.317
Curitibanos	1.235	1.328	1.528	33.210	32.031	47.206	26.891	24.120	30.894
Campos de Lages	6.191	6.295	6.958	119.133	126.581	147.016	19.243	20.108	21.129
SANTA CATARINA	15.572	15.750	16.783	360.656	371.678	500.223	23.161	23.599	29.805

FONTES: IBGE (16).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Guido Boeing

- MANDIOCA

A cultura da mandioca possui relevante importância econômica e social na maioria dos países do planeta, exercendo um papel fundamental principalmente na alimentação humana e animal. Seu uso também se estende à indústria alimentícia, farmacêutica, química, petrolífera, dentre outras, através de seus produtos e subprodutos. É explorada em praticamente todos os continentes, normalmente em pequenas áreas, por pequenos e médios produtores, com predomínio de mão-de-obra familiar.

No Brasil, há aproximadamente 1,2 milhão de famílias que se dedicam à exploração dessa cultura. Depois do milho e do feijão, é o produto que mais absorve mão-de-obra no campo.

Na safra 98/99, a produção mundial de raiz atingiu cerca de 165,5 milhões de toneladas para uma área colhida de 16,6 milhões de hectares. Os maiores países produtores foram: Nigéria, Brasil, República Democrática do Congo, Tailândia e Indonésia, com uma participação de aproximadamente 62% da produção total.

A produção brasileira foi de 20,9 milhões de toneladas, colhidas em 1,6 milhão de hectares. Esses valores permitem uma contribuição de 12% na produção mundial, mantendo-se na segunda posição no ranking total, atrás da Nigéria, cuja participação é de 19%.

Muito embora tenha havido uma diminuição de 0,90% na área plantada, pela falta de chuva em alguns estados brasileiros no período de preparo do solo e plantio da lavoura, observou-se um aumento de 6,3% na quantidade produzida. Este acréscimo foi provocado pela melhoria da produtividade das lavouras, que tiveram bom desempenho nos estados do Pará, Paraná e Bahia, responsáveis por mais de 51% da

produção total, e veio a contribuir para diminuir o impacto do baixo desempenho da lavoura em alguns estados das Regiões Nordeste e Sudeste do País.

Em Santa Catarina havia uma área cultivada de 47.103 hectares; destes, foram colhidos 35.211 hectares, resultando numa produção de 632.547 toneladas. Cresce o número de propriedades rurais que vêm aderindo a algum tipo de tecnologia, obtendo melhores ganhos de produtividade e, conseqüentemente, aumento de renda.

A região do Alto Vale do Itajaí possui a maior área plantada do estado, com 14.985 hectares, entre os quais foram colhidos 8.621 hectares (mandioca de dois ciclos), atingindo 167.342 toneladas.

A região Litoral Sul Catarinense, embora ocupe a segunda posição, com 13.295 hectares plantados, colheu 11.420 hectares, atingindo 198.240 toneladas, em cultivo de um ciclo.

Em 1999, o mercado nacional de raiz de mandioca e derivados apresentou-se bastante favorável, mantendo os preços médios mensais em patamares superiores aos de 1998.

A falta de uma política oficial mais agressiva dificultou a formação de estoques reguladores de farinha em 1999. Por outro lado, a constante diminuição da produção nordestina, como conseqüência da falta de chuvas, favoreceu sensivelmente o produtor catarinense, o qual teve o volume de negócios aumentado nos centros consumidores do País e, em especial, no Nordeste.

Na safra nacional 99/00, as estimativas de intenção de plantio, segundo o IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de abril), sinalizavam uma área plantada de 1,7 milhão de hectares e produção de 22,2 milhões de toneladas, caracterizando uma expansão na área de 6,4% e de 6,5% no volume produzido, quando se comparam esses números com os da safra anterior.

As condições climáticas favoráveis na maioria dos estados produtores, bem como o comportamento de preços bastante estimulantes em 1999 - acima da média histórica -, foram os principais responsáveis pela expansão da lavoura na maioria dos estados brasileiros.

O Nordeste brasileiro, após um longo período de frustração da safra, em função da escassez de chuva, voltou gradativamente à sua normalidade, demonstrando um sensível aumento de área plantada de 8,4%, podendo atingir um aumento de produção de 13,4%, havendo possibilidade de incremento da produtividade nos principais estados produtores.

Nas demais regiões (Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), as estatísticas sinalizam, também, aumento de área e melhoria de rendimento, influenciando positivamente a quantidade produzida.

Em Santa Catarina, no mês de maio, o IBGE/GCEA-SC apontava para uma área de colheita de aproximadamente 40 mil hectares e rendimento médio de 18 mil kg/ha, podendo ser colhidas 720 mil toneladas. As regiões do Alto Vale do Itajaí e Litoral Sul Catarinense, detentoras de mais de 62% da área total, são responsáveis por aproximadamente 60% da produção estadual.

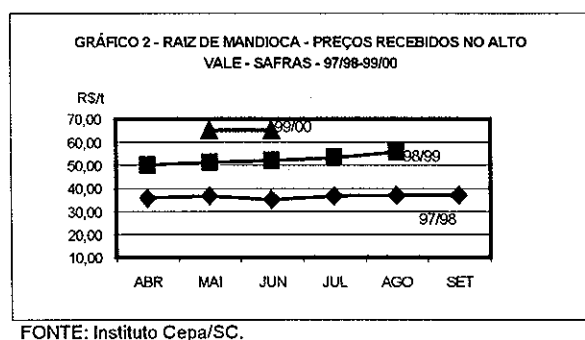
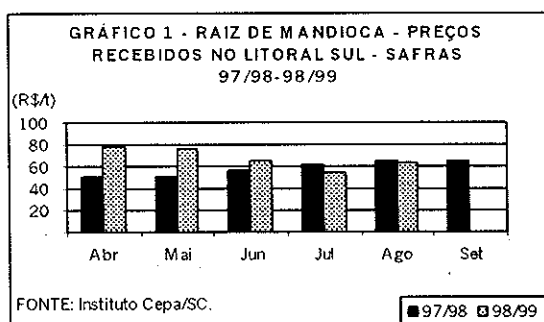
Nestas regiões encontram-se instaladas as mais expressivas indústrias de farinha, de fécula e de polvilho azedo, transformando-as nas principais consumidoras de matéria-prima com vistas à transformação industrial.

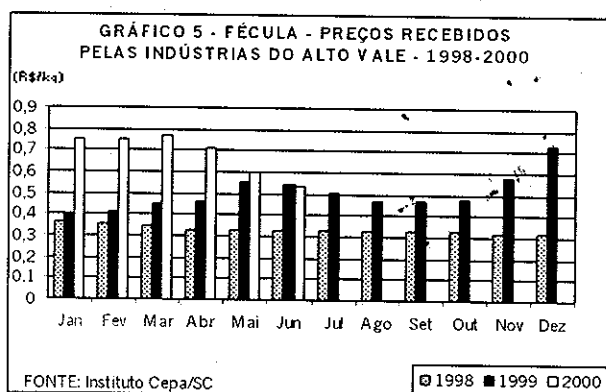
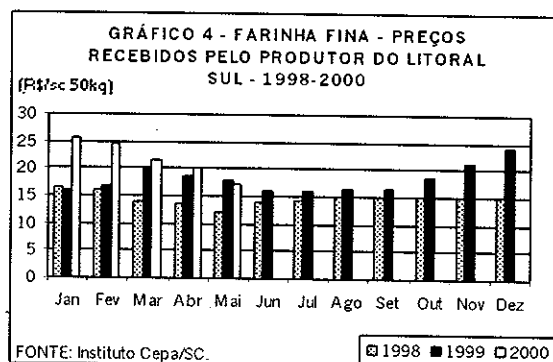
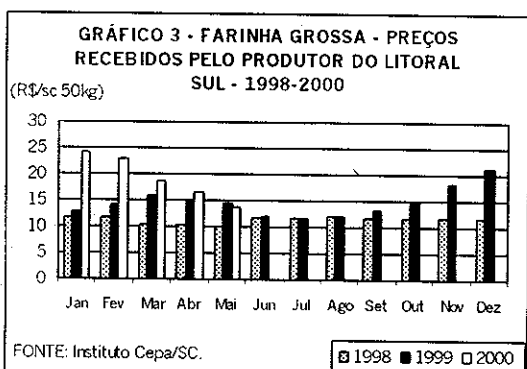
Quanto ao mercado nacional da farinha de mandioca, os preços, neste ano, deverão ter comportamento bastante semelhante ao observado em 1999. A recuperação gradativa da área plantada na maioria dos estados nordestinos (principais consumidores) possivelmente terá reflexos mais acentuados na produção de farinha somente no próximo ano; o produto, portanto, deverá continuar sendo adquirido principalmente dos estados do Centro-Sul brasileiro.

O segmento de fécula no mercado catarinense continua uma incógnita. Os preços de referência se baseiam no comportamento do produto no mercado nacional, principalmente o paranaense, maior produtor brasileiro.

No Alto Vale do Itajaí, é bastante provável que no auge da safra (junho/agosto) as cotações da raiz baixem para algo em torno de R\$ 60,00 a tonelada, reagindo, em seguida, para valores um pouco mais altos.

Salienta-se que na região, embora os preços da raiz indiquem ganhos de receita quando comparados com os custos de produção, a renda total do produto é insuficiente para manter o produtor na atividade. A razão disso é o predomínio da exploração da lavoura em pequenas áreas, com rendimento médio bastante baixo na maioria dos casos, aliado ao pouco uso de tecnologias adequadas para o cultivo. Este fato obriga o produtor a buscar alternativas em outras atividades.





O comportamento dos preços da raiz e derivados em Santa Catarina é mostrado nas tabelas a seguir.

TABELA 1/I - RAIZ DE MANDIOCA - PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTOR NAS REGIÕES DO LITORAL SUL CATARINENSE E ALTO VALE DO ITAJAÍ - SAFRAS - 97/98-99/00

MÊS	LITORAL SUL CATARINENSE			ALTO VALE DO ITAJAÍ		
	97/98	98/99	99/00	97/98	98/99	99/00
Março	-	75,59	100,00	-	-	-
Abril	50,72	77,50	100,00	35,80	50,00	-
Mai	50,00	75,60	79,09	36,75	51,05	65,11
Junho	56,25	64,84	65,00	35,00	52,00	65,00
Julho	62,61	55,00	...	36,65	53,18	...
Agosto	65,55	63,81	...	37,00	55,71	...
Setembro	65,00	-	...	37,00	-	...

Fonte: Instituto Cepa/SC.

TABELA 2/I - FARINHA - PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTOR NA REGIÃO DO LITORAL SUL CATARINENSE - 1998-2000

MÊS	FARINHA GROSSA			FARINHA FINA		
	1998	1999	2000	1998	1999	2000
Janeiro	11,70	12,74	24,00	16,40	15,93	25,57
Fevereiro	11,62	14,37	22,94	16,00	16,84	24,53
Março	10,57	16,00	18,90	13,90	20,00	21,6
Abril	10,25	15,11	16,72	13,50	18,68	20,06
Mai	10,08	14,57	13,95	12,00	18,00	17,36
Junho	11,70	12,00	-	14,00	16,20	-
Julho	11,50	11,83	-	14,39	16,00	-
Agosto	12,00	12,14	-	15,00	16,29	-
Setembro	11,81	13,32	-	15,00	16,63	-
Outubro	11,50	15,00	-	15,00	18,64	-
Novembro	11,50	18,42	-	15,00	21,37	-
Dezembro	11,50	21,35	-	15,00	24,06	-

Fonte: Instituto Cepa/SC.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 3/I - FÉCULA - PREÇOS RECEBIDOS PELA INDÚSTRIA, NA REGIÃO DO ALTO VALE DO ITAJAÍ - 1998-2000

MÊS	(R\$/kg)		
	1998	1999	2000
Janeiro	0,37	0,40	0,75
Fevereiro	0,36	0,41	0,75
Março	0,35	0,45	0,77
Abril	0,33	0,46	0,71
Mai	0,33	0,55	0,60
Junho	0,33	0,54	0,53
Julho	0,33	0,51	-
Agosto	0,33	0,47	-
Setembro	0,33	0,47	-
Outubro	0,33	0,48	-
Novembro	0,32	0,58	-
Dezembro	0,32	0,73	-

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I - MANDIOCA - ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA COLHIDA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Rondônia	13.354	15.441	15.768	199.233	241.260	245.517	14.919	15.625	15.571
Acre	17.838	19.148	18.797	232.979	320.791	303.401	13.061	16.753	16.141
Amazonas	91.353	98.398	98.398	845.124	998.954	998.954	9.251	10.152	10.152
Roraima	4.000	4.500	4.500	12.000	58.500	58.500	3.000	13.000	13.000
Pará	262.480	283.728	292.122	3.530.725	4.070.923	4.196.070	13.451	14.348	14.364
Amapá	3.550	4.525	4.500	35.500	43.962	42.750	10.000	9.715	9.500
Tocantins	11.276	12.147	12.023	198.500	179.599	178.482	17.604	14.785	14.845
Maranhão	139.292	124.405	134.688	833.408	827.741	937.693	5.983	6.654	6.962
Piauí	39.383	31.352	35.335	276.651	262.318	423.590	7.025	8.367	11.988
Ceará	79.452	69.561	84.214	479.832	517.706	716.588	6.039	7.442	8.509
Rio Grande do Norte	48.492	35.534	45.042	406.399	276.466	355.706	8.381	7.780	7.897
Paraíba	22.680	24.159	32.743	134.624	202.657	269.629	5.936	8.388	8.235
Pernambuco	52.266	46.123	46.123	408.643	373.076	373.076	7.819	8.089	8.089
Alagoas	30.414	27.216	25.151	389.146	340.317	311.516	12.795	12.504	12.386
Sergipe	36.303	30.003	30.393	536.481	420.337	447.104	14.778	14.010	14.711
Bahia	249.018	256.358	281.437	2.884.443	3.152.555	3.453.520	11.583	12.297	12.271
Minas Gerais	72.668	71.272	69.652	860.697	866.252	887.426	11.844	12.154	12.741
Espírito Santo	17.528	15.028	15.890	235.234	228.089	248.344	13.420	15.178	15.629
Rio de Janeiro	13.291	12.708	12.927	213.644	200.777	195.811	16.074	15.799	15.147
São Paulo	27.330	32.165	32.165	585.000	701.300	701.197	21.405	21.803	21.800
Paraná	156.000	171.000	192.000	3.350.000	3.500.000	3.840.000	21.474	20.468	20.000
Santa Catarina	36.563	35.211	40.000	592.788	632.547	720.000	16.213	17.964	18.000
Rio Grande do Sul	93.612	90.103	91.648	1.307.011	1.306.418	1.319.829	13.962	14.499	14.401
Mato Grosso do Sul	27.658	33.082	33.396	540.641	622.973	597.080	19.547	18.831	17.879
Mato Grosso	23.977	21.518	26.946	304.119	282.072	355.979	12.684	13.109	13.211
Goiás	17.571	17.268	18.000	262.040	255.639	270.000	14.913	14.804	15.000
Distrito Federal	446	542	542	6.629	8.302	8.302	14.863	15.317	15.317
BRASIL	1.587.795	1.582.495	1.694.400	19.661.491	20.891.531	22.456.064	12.383	13.202	13.253

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 5/I - MANDIOCA - ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA COLHIDA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Sao Miguel do Oeste	2.565	2.580	2.752	57.435	57.725	54.391	22.392	22.374	19.763
Chapecó	4.773	4.663	5.208	68.724	72.692	77.725	14.398	15.589	14.924
Xanxerê	402	433	442	4.649	5.727	5.360	11.565	13.226	12.136
Joaçaba	310	335	338	4.895	5.344	7.087	15.790	15.952	20.956
Concórdia	1.034	1.706	1.294	18.242	30.294	21.607	17.642	17.757	16.698
Canoinhas	1.149	737	744	17.705	11.605	8.621	15.409	15.746	11.595
São Bento do Sul	57	90	53	880	1.395	1.072	15.439	15.500	20.107
Joinville	1.403	1.406	1.529	24.448	25.185	18.590	17.426	17.913	12.161
Curitibanos	54	56	60	731	753	1.027	13.537	13.446	17.188
Campos de Lages	70	92	98	701	970	512	10.014	10.543	5.217
Rio do Sul	4.570	4.175	4.710	95.800	85.715	101.654	20.963	20.531	21.584
Blumenau	2.670	2.289	2.744	53.572	42.652	40.879	20.064	18.633	14.899
Itajaí	499	457	522	7.036	6.825	8.916	14.100	14.934	17.092
Ituporanga	1.400	1.700	1.093	26.000	32.150	21.546	18.571	18.912	19.705
Tijucas	980	1.055	1.141	17.590	19.350	26.805	17.949	18.341	23.483
Florianópolis	1.447	1.447	1.544	21.275	21.275	33.571	14.703	14.703	21.749
Tabuleiro	570	570	853	14.650	14.650	28.991	25.702	25.702	33.971
Tubarão	7.460	7.565	9.355	97.135	139.210	153.928	13.021	18.402	16.411
Criciúma	1.275	1.010	1.291	18.950	17.020	26.915	14.863	16.851	20.852
Araranguá	3.875	2.845	4.230	42.370	42.010	81.203	10.934	14.766	19.198
SANTA CATARINA	36.563	35.211	40.000	592.788	632.547	720.000	16.213	17.964	18.000

FONTE: IBGE (16, 19).

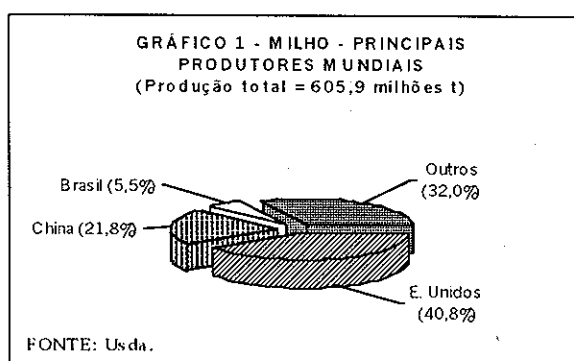
⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Luiz Marcelino Vieira

- MILHO

Panorama Internacional



A produção mundial da safra 98/99 situou-se em 605,9 milhões de toneladas (5,3% a mais que na anterior) e deverá manter-se próximo de 604 milhões na safra 99/00. A melhora da produção se deveu ao bom desempenho dos dois principais países produtores (Estados Unidos e da China). A participação percentual dos três principais produtores mundiais pode ser vista no gráfico 1.

O bom desempenho da produção mundial e o comportamento relativamente modesto da demanda (devido à crise asiática) refletiram-se em crescimento dos estoques mundiais, que evoluíram de 86,5 milhões de toneladas em 97/98 para 101,5 milhões em 98/99 e tendem a aumentar para algo próximo a 112 milhões ao final da temporada comercial 99/00 (Tabela 1).

TABELA 1/I - MILHO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - SAFRAS - 97/98-99/00

DISCRIMINAÇÃO	(milhões de t)		
	97/98	98/99	99/00
Estoque inicial	92,87	88,62	111,06
Produção	575,35	605,94	604,41
Cons. doméstico	581,32	583,51	603,15
Exportação	71,48	75,49	80,49
Estoque final	86,91	111,06	112,31

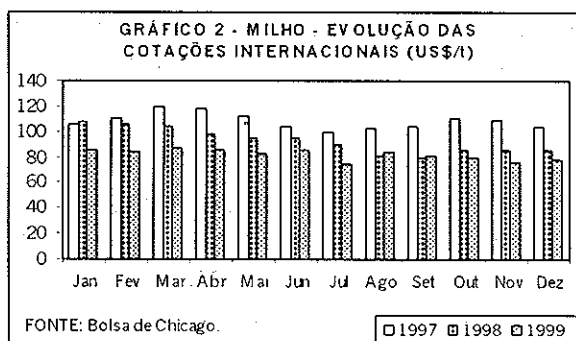
FONTE: Usda (jun/00) - (21).

TABELA 2/I - MILHO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ESTADOS UNIDOS - SAFRAS - 97/98-99/00

DISCRIMINAÇÃO	97/98	98/99	99/00
Estoque inicial	22,43	33,22	45,39
Produção	233,86	247,88	239,72
Cons. doméstico	185,09	185,88	193,18
Exportação	38,21	50,31	47,63
Estoque final	33,22	45,39	44,69

FONTE: Usda (jun/00) - (21).

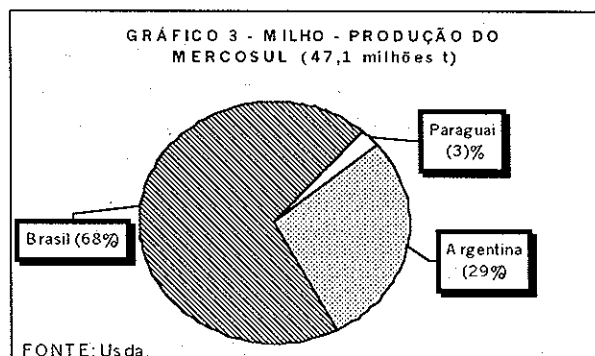
O quadro de oferta/demanda dos Estados Unidos também apresentou uma melhora significativa. Os estoques norte-americanos, que já haviam crescido para 33,2 milhões de toneladas, aumentaram para 45,4 milhões em 98/99 e deverão praticamente se estabilizar na temporada 99/00 (Tabela 2).



A folga de suprimento repercutiu negativamente sobre o mercado. As cotações internacionais, que já haviam apresentado um comportamento modesto em 98, enfraqueceram-se ainda mais em 99. Em Chicago, os contratos da primeira posição, que iniciaram o ano negociados a US\$ 85,00/t, situaram-se, em dezembro, na faixa dos US\$ 77,00/t (Gráfico 2).

Panorama do Mercosul

A produção de milho do Mercosul (safra 98/99) totalizou 47,1 milhões de toneladas, contra 50,6 milhões na safra anterior. A diminuição decorreu principalmente da queda da produção argentina (de 19,4 milhões para somente 13,5 milhões de toneladas), a qual, por sua vez, resultou da forte diminuição da área (de 3,18 milhões para apenas 2,61 milhões de hectares).



Para a safra 99/00, as previsões são de que a produção regional deva voltar para a faixa dos 50,0 milhões de toneladas, graças às melhores perspectivas para a safra do Brasil (33,0 milhões) e da Argentina (16,0 milhões de toneladas). (Gráfico 3.)

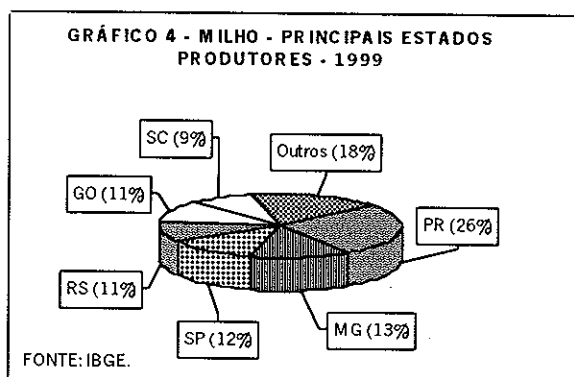
TABELA 3/I - MILHO - EVOLUÇÃO DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARGENTINA - SAFRAS - 97/98-99/00

DISCRIMINAÇÃO	97/98	98/99	99/00
Est. inicial	0,75	1,54	0,71
Produção	19,36	13,50	16,00
Uso total	6,35	6,45	6,80
Exportação	12,22	7,88	9,00
Est. final	1,54	0,71	0,91

FONTE: Usda (jun/00) - (21).

No que se refere à Argentina, o segundo país maior exportador do cereal, a diminuição da produção refletiu-se em queda acentuada dos excedentes exportáveis. As disponibilidades para vendas ao exterior caíram de 12,2 milhões de toneladas para somente 7,8 milhões em 99. Para a temporada 99/00, a perspectiva é de que apresente um leve crescimento e se situe na casa de 9,0 milhões de toneladas (Tabela 3).

Panorama Brasileiro



A produção brasileira apresentou um desempenho modesto em 99. As estiagens de novembro de 98 e março 99, provocando perdas na safra gaúcha e catarinense, reduziram o potencial da produção de 34 milhões para somente 32,4 milhões de toneladas. O Paraná permaneceu como o principal produtor nacional, seguido, em importância, por Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiás e Santa Catarina (Gráfico 4).

TABELA 4/I - MILHO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - BRASIL - SAFRAS - 96/97-99/00

DISCRIMINAÇÃO	(mil t)			
	96/97	97/98	98/99	99/00
Est. inicial	5.961	6.169	3.122	1.639
Produção	35.703	30.188	32.417	33.000
Importação	500	1.765	1.100	2.300
Consumo doméstico	35.912	35.000	35.000	35.700
Exportações	82	0,0	0,0	0,0
Est. final	6.169	3.122	1.639	1.239

Fonte: Conab (14).

O volume da produção brasileira ficou muito aquém do potencial de consumo, estimado em 35 milhões de toneladas. Como consequência disso, apesar de algumas importações, os estoques que já haviam caído de 6,2 milhões na temporada 96/97 para 3,1 milhões na temporada 97/98, finalizaram a temporada 98/99 em apenas 1,6 milhão de toneladas (Tabela 4).

Panorama Catarinense

TABELA 5/I - MILHO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

DISCRIMINAÇÃO	(mil t)		
	1998	1999	2000
I - CONSUMO	3.945,2	4.056,8	4.200,3
1 - Humano	85,0	85,0	85,0
2 - Animal	3.806,2	3.917,8	4.061,3
Suínos	1.946,2	1.928,6	2.015,6
Aves	1.748,0	1.869,2	1.925,7
Outros	112,0	120,0	120,0
3 - Indústrias/outros	54,0	54,0	54,0
II - PERDAS	129,0	135,0	162,0
III - NECESSIDADE TOTAL	4.074,2	4.191,8	4.362,3
IV - PRODUÇÃO ⁽¹⁾	2.700,0	2.770,0	3.300,0
V - DÉFICIT	1.374,2	1.421,8	1.062,3

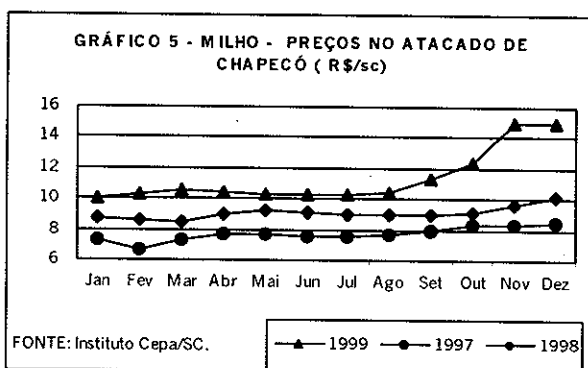
Fonte: Instituto Cepa/SC (mai/00).

⁽¹⁾ Produção de milho, mais outros produtos.

A safra catarinense também foi muito pequena. Problemas de estiagem em novembro de 98 e março de 99 reduziram o potencial da produção de 2,92 milhões para apenas 2,69 milhões de toneladas. Em razão disso e do crescimento da demanda, o déficit estadual, que em 98 já se havia situado em 1,37 milhão, alargou-se para 1,42 milhão de toneladas.

O quadro de aperto do suprimento nacional, que já havia sustentado os preços internos em 98, proporcionou, juntamente com o encarecimento das importações (devido à mudança cambial), expressiva firmeza aos preços em 99. Esta deficiência foi bastante

sentida em Santa Catarina, cujo mercado, que operava firme desde o início do ano, apresentou forte crescimento nos últimos meses.



No atacado de Chapecó, onde vinham oscilando na faixa dos R\$ 10,30/sc até fins de agosto (contra R\$ 8,50/9,30/sc no mesmo período de 98), os preços começaram, a partir de então, a ganhar um ritmo galopante, chegando a R\$ 15,00/sc em novembro, valor 55% maior que no mesmo período de 98 (Gráfico 5).

A nova safra brasileira deverá apresentar um desempenho inferior ao esperado. As

primeiras avaliações, que apontavam para um bom incremento da área a ser semeada, não estão se confirmando, anuladas, inicialmente, pela melhora dos preços internacionais da soja (em setembro/outubro) e, posteriormente, pelas estiagens. Estas, por atrasarem o plantio, provocaram transferência de áreas do cereal para a oleaginosa.

Além disso, a falta de chuvas também provocou perdas de produtividade em alguns estados, fatos que levaram a Conab a reavaliar a produção da primeira safra, de 27,9 milhões para 27,1 milhões de toneladas.

Com isso, mesmo com uma safrinha excelente, a produção nacional tende a situar-se próximo de 33,0 milhões de toneladas, patamar que ficaria bem aquém do potencial do consumo nacional, estimado em 35,7 milhões de toneladas.

A perspectiva, portanto, é de o suprimento nacional mostrar-se mais apertado que em 99. Este fato, juntamente com o alto patamar dos custos de importação, sinaliza que em 2000 a comercialização do milho deverá ser ainda mais favorável que em 99.

A safra catarinense, não obstante alguns prejuízos provocados pelas estiagens de novembro, deverá apresentar um desempenho bem melhor que o esperado. A regularização das chuvas a partir de janeiro permitiu que as lavouras semeadas no tarde (a grande maioria) apresentassem um excelente desenvolvimento, fato que deverá compensar com folga as perdas provocadas por aquele fenômeno.

A última estimativa do IBGE/GCEA/SC situou a produção catarinense em 3,24 milhões de toneladas, volume 6,2% maior que os 3,05 milhões projetados inicialmente e 20% superior aos 2,69 milhões colhidos em 99.

O aumento da produção, embora ainda insuficiente para atender plenamente às necessidades do estado, deverá provocar uma redução do déficit estadual, de 1,4 milhão para pouco mais de 1,0 milhão de toneladas.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 6/I - MILHO - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MUNDIAL E DO MERCOSUL - SAFRAS 97/98-99/00

NÍVEL GEOGRÁFICO	ÁREA COLHIDA (milhões de ha)			PRODUÇÃO (milhões de t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	97/98	98/99	99/00	97/98	98/99	99/00	97/98	98/99	99/00
MUNDO	139,06	140,01	140,94	605,94	604,41	614,73	4.360	4.320	4.360
E. Unidos	29,38	28,55	28,77	247,88	239,72	247,41	8.440	8.400	8.600
China	25,24	25,80	25,00	132,95	128,00	125,00	5.270	4.960	5.000
Brasil	12,25	12,50	12,70	32,35	33,00	33,50	2.640	2.640	2.640
Argentina	2,61	3,10	3,20	13,50	16,00	16,50	5.180	5.160	5.160
México	7,90	7,70	7,80	17,79	19,00	19,00	2.250	2.470	2.440
França	1,80	1,76	1,78	15,20	15,63	16,00	8.450	8.870	9.010
Índia	5,98	6,30	6,40	10,68	10,50	11,00	1.790	1.670	1.720
Itália	0,97	1,03	1,10	8,60	10,00	10,80	8.880	9.700	9.820
África do Sul	3,49	3,90	3,90	7,70	9,70	9,50	2.210	2.490	2.440
Canadá	1,12	1,15	1,30	8,95	9,10	10,20	8.010	7.910	7.850
Outros	48,32	48,22	48,99	110,34	113,76	115,82	2.284	2.359	2.364
MERCOSUL	15,28	16,07	-	46,92	50,14	3,120	3.070	3.120	-
Brasil	12,25	12,50	12,70	32,35	33,00	33,50	2.640	2.640	2.640
Argentina	2,61	3,10	3,20	13,50	16,00	16,50	5.180	5.160	5.160
Paraguai ⁽¹⁾	0,36	0,41	n/d	0,87	0,98	n/d	2.458	2.400	n/d
Uruguai ⁽¹⁾	0,06	0,06	n/d	0,20	0,16	-	3.371	2.623	n/d

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

⁽¹⁾ Dados da FAO (11).

TABELA 7/I - MILHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (1000 ha)			PRODUÇÃO (1000 t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Rondônia	133,7	137,3	128,2	200,5	218,1	224,4	1.500,0	1.588,3	1.750,4
Acre	25,5	28,6	34,9	34,8	42,1	52,4	1.366,6	1.471,0	1.501,4
Amazonas	10,2	11,8	11,8	13,3	17,2	17,3	1.310,0	1.455,1	1.466,1
Roraima	13,8	15,0	15,0	13,0	19,5	19,5	945,0	1.300,0	1.300,0
Pará	358,9	418,6	422,1	498,2	589,2	661,9	1.388,1	1.407,6	1.568,1
Amapá	0,8	1,2	1,2	0,6	0,8	1,0	700,0	707,7	833,3
Tocantins	58,3	60,1	58,0	102,8	101,6	113,1	1.763,5	1.690,4	1.950,0
Maranhão	305,1	297,7	319,5	136,7	241,0	316,3	448,2	809,6	990,0
Piauí	257,6	276,5	283,3	56,0	234,2	311,6	217,3	847,0	1.099,9
Ceará	488,9	593,1	689,4	93,0	443,4	648,0	190,3	747,7	939,9
Rio Grande do Norte	67,5	81,3	96,5	6,9	10,2	59,8	101,7	125,9	619,7
Paraíba	110,6	130,9	139,2	3,2	14,8	101,6	29,0	112,9	729,9
Pernambuco	83,9	86,4	296,8	11,4	34,8	146,9	135,9	402,9	494,9
Alagoas	82,6	66,6	70,8	21,8	20,9	82,6	263,4	313,9	1.166,7
Sergipe	75,7	87,0	87,0	73,9	118,6	117,5	975,9	1.363,4	1.350,6
Bahia	522,8	667,0	646,0	633,3	895,2	1.281,6	1.211,5	1.342,2	1.983,9
Minas Gerais	1.262,9	1.284,9	1.272,4	3.708,7	3.911,8	4.189,1	2.936,8	3.044,3	3.292,3
Espírito Santo	56,3	52,6	46,4	128,0	125,6	126,7	2.273,6	2.386,5	2.730,6
Rio de Janeiro	17,9	17,4	15,5	35,3	33,7	30,2	1.965,3	1.936,0	1.948,4
São Paulo	1.100,1	1.215,8	1.159,3	3.656,3	3.811,0	3.139,1	3.323,5	3.134,6	2.707,8
Paraná	2.227,0	2.538,0	2.663,3	7.733,0	8.650,0	8.378,3	3.472,4	3.408,2	3.145,8
Santa Catarina	767,2	781,4	806,9	2.580,8	2.690,3	3.066,2	3.363,9	3.442,7	3.800,0
Rio Grande do Sul	1.514,3	1.490,1	1.537,3	4.450,9	3.211,3	3.612,7	2.939,2	2.155,1	2.350,0
Mato Grosso do Sul	489,8	536,7	506,8	1.694,8	1.924,2	1.373,0	3.460,3	3.585,1	2.709,2
Mato Grosso	479,7	525,7	557,5	948,7	1.130,9	1.495,9	1.977,7	2.151,2	2.683,2
Goiás	668,2	845,2	871,8	2.546,3	3.414,6	3.391,7	3.810,7	4.039,9	3.890,5
Distrito Federal	23,8	28,4	32,5	111,7	132,5	150,4	4.697,7	4.661,4	4.627,7
BRASIL	11.203,0	12.275,4	12.769,4	29.493,9	32.037,6	33.108,8	2.632,7	2.609,9	2.592,8

FONTE: IBGE (15) e Conab.

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa Conab.

TABELA 8/I - MILHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	117.000	122.900	119.100	356.406	332.106	417.678	3.046	2.702	3.507
Chapecó	169.011	175.873	193.690	540.831	580.284	777.401	3.200	3.299	4.014
Xanxerê	70.075	71.345	82.850	260.688	296.144	404.549	3.720	4.151	4.883
Joaçaba	80.865	81.040	82.430	309.548	303.908	353.905	3.828	3.750	4.293
Concórdia	78.708	79.318	79.060	244.035	243.018	286.460	3.101	3.064	3.623
Canoinhas	64.800	64.100	70.700	229.404	289.230	385.140	3.540	4.512	5.448
São Bento do Sul	7.000	7.300	7.800	24.810	31.050	36.420	3.544	4.253	4.669
Joinville	1.591	1.643	1.638	5.562	5.600	6.279	3.496	3.408	3.833
Curitibanos	39.531	41.590	49.170	176.873	183.705	235.461	4.474	4.417	4.789
Campos de Lages	42.490	44.640	44.440	115.305	118.749	128.774	2.714	2.660	2.898
Rio do Sul	28.678	27.615	29.105	96.945	92.779	108.960	3.380	3.360	3.744
Blumenau	5.597	6.942	6.707	14.564	19.498	19.273	2.602	2.809	2.874
Itajaí	433	512	470	1.092	1.397	1.247	2.522	2.729	2.653
Ituporanga	19.150	17.550	17.450	69.450	63.630	81.300	3.627	3.626	4.659
Tijucas	4.545	4.345	4.520	15.620	15.623	17.535	3.437	3.596	3.879
Florianópolis	1.323	1.345	1.385	4.358	4.520	4.644	3.294	3.361	3.353
Tabuleiro	6.550	5.550	5.600	22.360	17.260	18.880	3.414	3.110	3.371
Tubarão	11.075	11.065	11.595	32.662	39.326	42.541	2.949	3.554	3.669
Criciúma	8.450	7.980	8.300	29.925	31.190	32.934	3.541	3.909	3.968
Araranguá	10.340	8.790	9.700	30.408	21.295	28.712	2.941	2.423	2.960
SANTA CATARINA	767.212	781.443	825.710	2.580.846	2.690.312	3.388.093	3.364	3.443	4.103

FONTE: IBGE (16, 19).

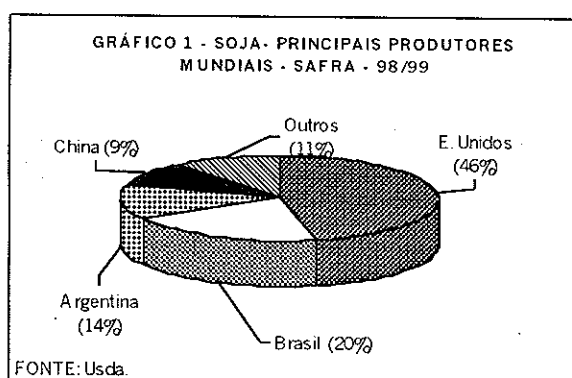
⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa IBGE/Instituto Cepa/SC (jun/00).

Simão Brugnago Neto

- SOJA

Panorama Mundial



A produção mundial de soja da safra 98/99 situou-se em 159,3 milhões de toneladas, patamar levemente superior ao da anterior (158,0 milhões). O bom desempenho da safra nos Estados Unidos, na China e na Argentina (respectivamente de 74,6 milhões, 15,2 milhões e 19,9 milhões de toneladas) compensou com relativa folga o decréscimo da produção do Brasil. A participação dos principais países produtores na produção mundial pode ser vista no gráfico 1.

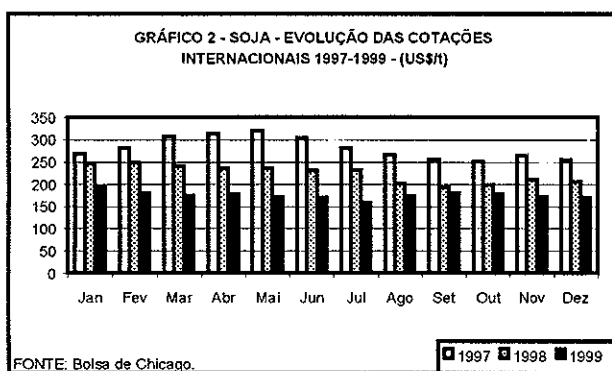
Como decorrência do leve crescimento da produção mundial e da fraca evolução da demanda, os estoques globais continuaram crescentes, evoluindo de 21,6 milhões para 24,0 milhões de toneladas. O quadro da oferta/demanda dos Estados Unidos apresentou modificações ainda mais significativas, com o "carry-over" evoluindo de 5,4 milhões para 9,5 milhões de toneladas (Tabela 1).

TABELA 1/I - SOJA-GRÃO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL E NORTE-AMERICANO - SAFRAS 97/98-99/00

DISCRIMINAÇÃO	MUNDIAL			NORTE-AMERICANA		
	97/98	98/99	99/00	97/98	98/99	99/00
Estoque inicial	13,46	21,64	24,43	3,59	5,44	9,48
Produção	158,02	159,35	155,20	73,18	74,60	71,93
Importação	39,36	40,04	44,59	0,14	0,02	0,04
Moagem	126,25	134,48	136,40	43,46	40,26	42,73
Exportação	40,51	38,48	44,65	23,76	21,81	25,99
Uso total	148,63	158,12	159,58	71,47	70,58	73,28
Estoque final	21,64	24,43	19,99	5,44	9,48	8,17

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

Como conseqüência da recuperação dos estoques, tanto nos Estados Unidos quanto em nível mundial, o mercado internacional, que já vinha em queda no transcorrer de 98, enfraqueceu-se ainda mais em 99.

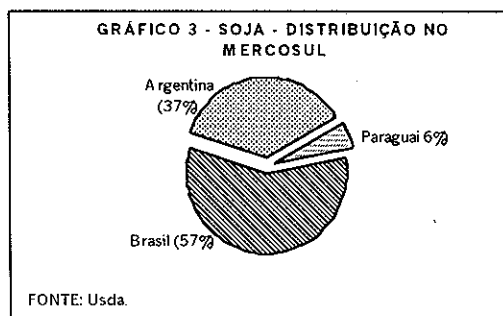


FONTE: Bolsa de Chicago.

Em Chicágo, os contratos da primeira posição, que já haviam caído para US\$ 205,00/t, ao final de 98, declinaram gradativamente, chegando a US\$ 158,30/t em julho, o menor patamar dos últimos 27 anos. Embora com uma certa recuperação até setembro, quando alcançaram US\$ 180,00/t, as cotações voltaram a declinar nos meses subsequentes, fechando o mês de dezembro na faixa dos US\$ 170,00/t (Gráfico 2).

Para 2000, mesmo com as projeções indicando uma produção menor (155 milhões de toneladas) e um certo declínio dos estoques, o cenário que se descortina é de um suprimento mundial ainda folgado. Por isso, embora com possibilidades de alguma recuperação, as cotações não deverão sofrer grandes alterações.

Panorama do Mercosul



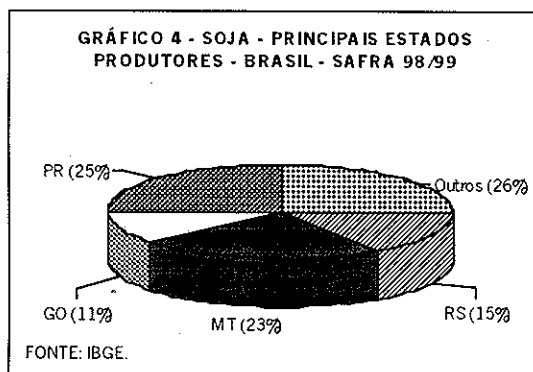
FONTE: Usda.

A produção do Mercosul, devido à diminuição da safra brasileira, caiu de quase 55,0 milhões em 98 para 54,2 milhões de toneladas em 99. A queda só não foi maior porque a safra da Argentina apresentou bom desempenho, passando de 19,5 milhões para 19,9 milhões de toneladas. A do Paraguai manteve-se praticamente inalterada em 3,0 milhões. A participação percentual de cada país no global da produção regional pode ser visualizado no gráfico 3.

Panorama Brasileiro

A safra brasileira 98/99 situou-se em 30,8 milhões de toneladas, apresentando um desempenho inferior ao do ano anterior, quando foram colhidos 31,4 milhões. O recuo

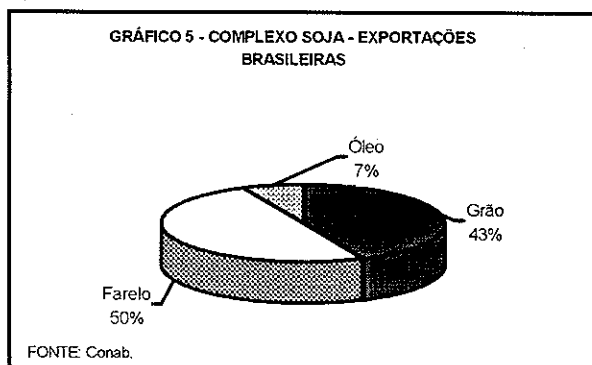
decorreu não só de um leve declínio na área semeada (menos 1,3%), como também, e principalmente, das fortes perdas provocadas pelas estiagens no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.



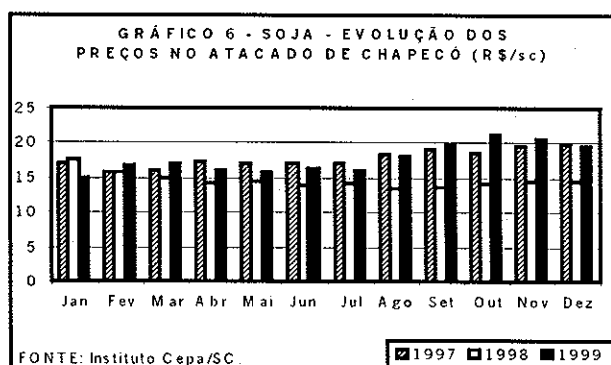
A participação dos principais estados produtores na produção nacional pode ser vista no gráfico 4.

A comercialização interna, a despeito do enfraquecimento do mercado internacional, foi bastante positiva. A mudança cambial proporcionou fôlego aos preços internos, que operaram sempre acima dos registrados em 98.

As vendas para o exterior, no entanto, apresentaram um resultado bastante modesto. O enfraquecimento das cotações externas e um pequeno declínio no volume exportado (devido à menor produção nacional) resultaram numa receita cambial de 3,72 bilhões de dólares, contra 4,75 bilhões em 98 (em 97 foi de 5,73 bilhões).



O volume das exportações brasileiras do complexo soja caiu de 21 milhões em 88 para 20,5 milhões em 99. As vendas de soja-grão caíram de 9,3 milhões para 8,9 milhões e as de farelo mantiveram-se praticamente estáveis em 10,4 milhões de toneladas. A participação percentual de cada componente do complexo pode ser vista no gráfico 5.



O baixo resultado da safra foi compensado pelos preços que, alavancados pela desvalorização cambial, cresceram substancialmente. Os produtores de Chapecó, por exemplo, em 99 receberam preços que, em termos de média anual, foram 32% maiores que os de 98 (Gráfico 6).

Desempenho da Safra 99/00

No que tange à nova safra brasileira, as estimativas estão apontando para um incremento de 2,5% na área de plantio, que passou de 13 milhões para 13,3 milhões de hectares. Estes números indicam que houve uma sensível mudança na tendência

que se esboçava em meados de 99, quando algumas fontes chegaram a apontar a probabilidade de um declínio de até 5%.

A reversão foi creditada não só à relativa melhora das cotações internacionais a partir de julho, como, e especialmente, ao fato de as estiagens terem atrasado demasiadamente a semeadura do milho, fazendo com que ocorresse migração de áreas do cereal para a oleaginosa. Já a produção, apesar de a falta de chuvas ter acarretado prejuízos em alguns estados, especialmente no Rio Grande do Sul, está sendo estimada em 31,6 milhões, contra 30,9 milhões em 99, segundo o IBGE.

Em Santa Catarina, ao contrário do Brasil, a área semeada apresentou um decréscimo de 4%. A produção, no entanto, deverá apresentar um bom incremento. As últimas estimativas a situaram em 525 mil toneladas, o que representa um crescimento de quase 12% em relação aos 471,6 milhões colhidos na safra 98/99.

As expectativas para a comercialização também se apresentam favoráveis, uma vez que os preços, em razão da perspectiva de um mercado internacional um pouco mais firme, tendem a ser maiores que os registrados em 99.

TABELA 2/I - SOJA - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MUNDIAL E DO MERCOSUL - SAFRAS 97/98 - 99/00

NÍVEL GEOGRÁFICO	ÁREA COLHIDA (milhões de ha)			PRODUÇÃO (milhões de t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	97/98	98/99	99/00	97/98	98/99	99/00	97/98	98/99	99/00
MUNDO	68,86	71,45	71,61	158,02	159,35	155,20	2.290	2.230	2.170
Estados Unidos	27,97	28,51	29,33	73,18	74,60	71,93	2.620	2.620	2.450
Brasil	13,00	12,90	13,30	32,50	31,30	31,00	2.500	2.430	2.500
Argentina	6,95	8,17	8,39	19,50	19,90	21,00	2.800	2.440	2.500
China	8,35	8,50	8,18	14,73	15,15	14,29	1.760	1.780	1.750
Índia	5,60	6,35	5,65	5,35	6,00	5,20	960	940	920
Paraguai	1,20	1,20	1,10	2,99	3,00	2,50	2.490	2.500	2.270
Canadá	1,06	0,98	1,00	2,74	2,74	2,77	2.580	2.790	2.770
União Européia	0,46	0,52	0,37	1,57	1,54	1,14	3.440	2.960	3.130
Outros	4,73	4,32	4,29	5,46	5,12	5,37	1.154	1.185	1.252
MERCOSUL	21,15	22,27	22,79	54,99	54,20	54,50	2.600	2.433	2.391
Brasil	13,00	12,90	13,30	32,50	31,30	31,00	2.500	2.430	2.500
Argentina	6,95	8,17	8,39	19,50	19,90	21,00	2.800	2.440	2.500
Paraguai	1,20	1,20	1,10	2,99	3,00	2,50	2.490	2.500	2.270

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

TABELA 3/I - SOJA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Rondônia	-	-	11,8	-	-	35,4	-	-	3.000
Pará	-	-	2,3	-	-	4,9	-	-	2.130
Tocantins	41,3	40,3	44,5	92,9	98,8	105,9	2.250	2.454	2.380
Maranhão	147,4	166,9	175,7	291,3	409,0	439,3	1.976	2.450	2.500
Piauí	27,2	32,2	34,4	49,9	82,7	86,0	1.836	2.568	2.500
Bahia	553,7	580,0	635,3	1.188,0	1.150,0	1.524,7	2.146	1.983	2.400
Minas Gerais	563,3	575,3	594,4	1.278,0	1.339,2	1.396,8	2.269	2.328	2.350
São Paulo	527,2	520,5	558,5	1.027,8	1.421,0	1.117,0	1.950	2.730	2.000
Paraná	2.848,0	2.760,0	2.824,6	7.286,0	7.730,0	7.109,5	2.558	2.801	2.517
Santa Catarina	217,4	220,6	212,4	511,7	471,6	524,7	2.354	2.138	2.470
Rio Grande do Sul	3.169,0	3.049,6	3.009,1	6.605,7	4.444,0	4.965,0	2.085	1.457	1.650
Mato Grosso do Sul	1.117,6	1.074,0	1.106,6	2.319,2	2.799,1	2.268,5	2.075	2.606	2.050
Mato Grosso	2.643,4	2.633,0	2.637,2	7.228,1	7.469,4	7.911,6	2.734	2.837	3.000
Goiás	1.382,9	1.334,7	1.454,5	3.409,2	3.420,7	4.072,6	2.465	2.563	2.800
Distrito Federal	35,6	28,4	33,6	86,4	65,6	92,9	2.424	2.312	2.765
BRASIL	13.274,0	13.015,4	13.334,9	31.374,1	30.901,1	31.654,8	2.364	2.374	2.374

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I - SOJA - ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999	2000	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	11.894	12.675	12.425	25.483	26.541	28.123	2.143	2.094	2.263
Chapecó	35.075	34.950	35.470	72.356	66.928	77.102	2.063	1.915	2.174
Xanxerê	84.390	86.123	77.323	201.694	184.327	191.204	2.390	2.140	2.473
Joaçaba	3.724	4.297	4.175	9.187	7.239	9.780	2.467	1.685	2.343
Concórdia	2.415	1.701	1.879	2.824	2.805	3.753	1.169	1.649	1.997
Canoinhas	48.380	47.200	48.400	124.242	121.780	138.720	2.568	2.580	2.866
São Bento do Sul	300	800	800	720	1.950	1.950	2.400	2.438	2.438
Curitibanos	29.223	30.260	29.340	71.079	54.537	67.929	2.432	1.802	2.315
Campos de Lages	1.918	2.567	2.600	3.909	5.512	6.127	2.038	2.147	2.357
Ituporanga	78	-	-	197	-	-	2.526	-	-
SANTA CATARINA	217.397	220.573	212.412	511.691	471.619	524.688	2.354	2.138	2.470

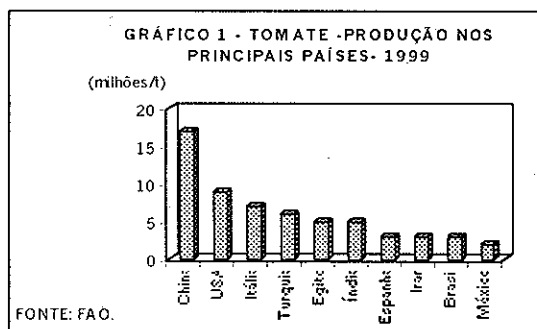
FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC (Jun/00).

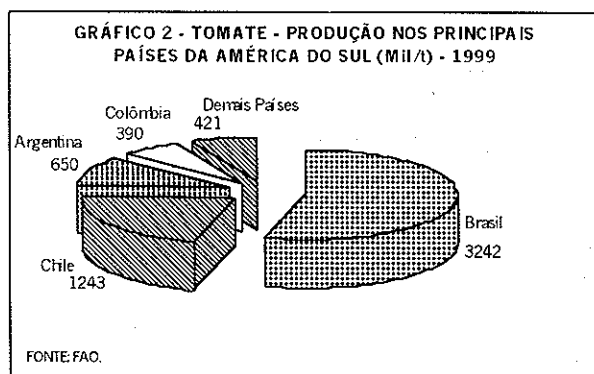
Simão Brugnago Neto

- TOMATE



A produção mundial de tomates em 1999 foi de 88,5 milhões de toneladas.

Conforme relatório da FAO, o continente asiático foi o que mais produziu. Foram 41,2 milhões de toneladas na temporada, com destaque individual para a China, com 43,4% desta produção. No continente americano, a maior produção foi dos EUA, com 51,2% dos 19,4 milhões de toneladas. Na Europa, a Itália liderou, com 32,3% dos 16,6 milhões de toneladas produzidas. O continente africano contribuiu com 10,8 milhões de toneladas, dos quais 54,6% originários do Egito. A Oceania foi o continente que apresentou a menor produção, com cerca de 413,7 mil toneladas, 91,8% dos quais produzidas na Austrália. Individualmente, os dez países mais importantes na produção, e que representam 73,32 % do que é produzido no mundo, estão representados no gráfico 1.



Na América do Sul, o Brasil foi o que teve a maior participação, tanto na produção quanto na área plantada, seguido pelo Chile, com um terço da produção brasileira; e a Argentina, com um quinto da produção do Brasil, conforme demonstra o gráfico 2.

O potencial do Brasil para o abastecimento do fruto "in natura" no âmbito do Mercosul é muito grande, mesmo que tenha como concorrente direto o Chile, cuja

participação no mercado internacional é bastante forte, em razão da excelente qualidade de sua produção. Ressalte-se que o Chile tem hoje a maior produtividade do mundo. Sua média é de 63 mil quilos por hectare.

Nos últimos anos, as exportações brasileiras, principalmente para a Argentina, têm apresentado crescimento bem significativo, com muitos comerciantes dedicando-se exclusivamente a este mercado.

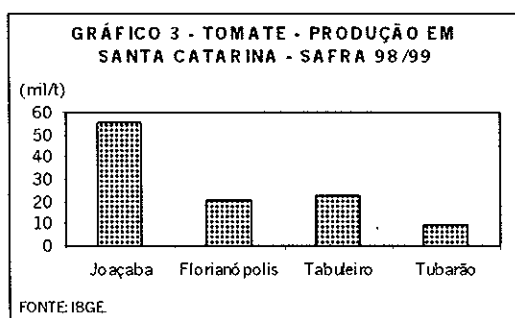
Na safra 99/00, a produção nacional não deverá alcançar 3,2 milhões de toneladas registrados em 1999.

Desestimulados por problemas de comercialização na última safra, os produtores, em todos os estados da Federação, com exceção de Goiás, resolveram diminuir 23% da área plantada. Serão plantados 53 mil hectares, contra 64,9 mil da safra 98/99, estimando-se a produção em 2,9 milhões de toneladas, com produtividade média de 54 mil quilos por hectare.

Em Santa Catarina, na safra 98/99, foram colhidas 135 mil toneladas nos 2.905 hectares cultivados. O gráfico 3 mostra a participação das principais microrregiões; juntas, foram responsáveis por 86,1% da produção estadual. As previsões para a safra 99/00 são de que a área irá recuar para 2.420 hectares, onde deverão ser obtidas 125,8 mil toneladas, apesar do notável desenvolvimento da tomaticultura catarinense nos últimos anos.

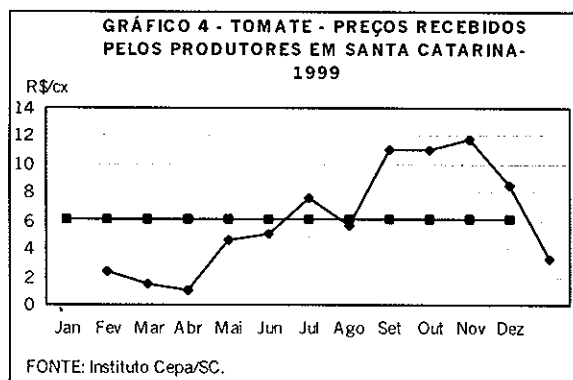
Desde os anos 80, a produção estadual cresceu 195% e o estado já se destaca entre os seis primeiros do País em produção e produtividade, participando com 4% a 5% da oferta nacional.

Tem contribuído significativamente para o sucesso da atividade no estado o fato de percentual expressivo da oferta catarinense se dar num período de escassez nacional, o que significa dizer que a atividade, no geral, tem sido bem remunerada, estimulando, sem dúvida, o investimento no setor.



O grande impulso na tomaticultura estadual se deu na década de 90, na microrregião de Joaçaba e, em particular, no município de Caçador. Lá, com as condições edafoclimáticas extremamente favoráveis e os produtores aderindo às modernas técnicas de produção, não foi difícil a cultura expandir-se rapidamente, tornando o município responsável por mais de 25% da oferta catarinense do fruto.

Outro destaque estadual é a microrregião do Tabuleiro, responsável por 30% do abastecimento no estado. Nela, os maiores produtores são os municípios de Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, Rancho Queimado, Águas Mornas e Anitápolis. A cultura do tomateiro em Santa Catarina se destaca como a terceira ocupação



hortícola; é atividade de pequenos e médios produtores rurais e envolve, segundo o Censo Agropecuário de 1995, da Fundação IBGE, cerca de 10.700 agricultores.

Os preços, na última safra, foram muito instáveis, desfavorecendo, portanto, o incremento da área para a próxima temporada. Na média, os produtores catarinenses receberam R\$6,11/cx, com um mínimo de R\$1,11 e o máximo de R\$11,70, conforme se pode observar no gráfico 4.

TABELA 1/I - TOMATE - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Amazonas	762	768	768	3.826	3.255	3.255	5.021	4.238	4.238
Roraima	80	100	100	560	800	800	7.000	8.000	8.000
Maranhão	667	588	307	13.187	11.059	5.615	19.771	18.808	18.290
Ceará	2.065	2.080	2.183	69.265	73.777	87.163	33.542	35.470	39.928
Rio Grande do Norte	126	217	222	1.923	4.673	6.375	15.262	21.535	28.716
Paraíba	392	459	544	9.105	15.658	20.194	23.227	34.113	37.121
Pernambuco	3.876	2.431	2.431	135.354	73.368	73.368	34.921	30.180	30.180
Sergipe	352	283	289	5.906	4.905	5.103	16.778	17.332	17.657
Bahia	9.147	8.045	4.473	271.402	237.622	129.281	29.671	29.537	28.903
Minas Gerais	11.659	12.174	9.117	543.928	655.026	471.309	46.653	53.805	51.696
Espírito Santo	1.659	1.619	1.521	97.588	104.776	97.896	58.823	64.716	64.363
Rio de Janeiro	3.611	3.252	3.333	205.324	180.470	192.788	56.861	55.495	57.842
São Paulo	14.340	13.040	13.040	711.500	748.600	748.600	49.616	57.408	57.408
Paraná	2.320	2.640	1.800	103.493	113.150	84.600	44.609	42.860	47.000
Santa Catarina	2.860	2.905	2.419	136.656	134.812	125.802	47.782	46.407	52.006
Rio Grande do Sul	2.623	2.934	2.832	86.463	100.793	102.938	32.963	34.353	36.348
Mato Grosso do Sul	206	209	200	7.686	7.690	7.084	37.311	36.794	35.420
Mato Grosso	155	142	150	3.245	2.998	3.303	20.935	21.113	22.020
Goiás	5.568	10.677	11.000	331.813	759.009	781.000	59.593	71.088	71.000
Distrito Federal	258	297	296	16.446	18.605	18.748	63.744	62.643	63.338
BRASIL	62.726	64.860	57.025	2.754.670	3.251.046	2.965.222	43.916	50.124	51.998

Fonte: IBGE - (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativas.

TABELA 2/I - TOMATE - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999	2000	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Chapecó	10	35	34	491	1.931	1.915	49.100	55.171	56.324
Xanxerê	5	5	1	350	229	64	70.000	45.800	64.000
Joaçaba	959	927	624	51.640	54.922	37.515	53.848	59.247	60.120
Concórdia	16	12	13	330	580	571	20.625	48.333	43.923
Canoinhas	49	53	55	2.440	3.175	3.995	49.796	59.906	72.636
São Bento do Sul	10	15	17	400	600	680	40.000	40.000	40.000
Joinville	64	63	54	2.298	2.398	1.718	35.906	38.063	31.815
Curitibanos	62	62	50	2.540	2.540	1.850	40.968	40.968	37.000
Campos de Lages	180	182	152	3.300	3.783	6.848	18.333	20.786	45.053
Rio do Sul	39	40	40	1.300	1.378	1.860	33.333	34.450	46.500
Blumenau	85	87	85	3.000	2.330	2.745	35.294	26.782	32.294
Itajaí	15	15	18	310	430	670	20.667	28.667	37.222
Ituporanga	36	73	68	1.650	2.935	3.649	45.833	40.205	53.662
Tijucas	73	73	93	3.210	2.860	3.660	43.973	39.178	39.355
Florianópolis	512	487	435	25.265	21.015	22.445	49.346	43.152	51.598
Tabuleiro	550	590	510	27.250	22.450	24.500	49.545	38.051	48.039
Tubarão	148	147	135	9.140	9.781	9.612	61.757	66.537	71.200
Criciúma	47	39	35	1.742	1.475	1.505	37.064	37.821	43.000
SANTA CATARINA	2.860	2.905	2.419	136.656	134.812	125.802	47.782	46.407	52.006

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

Admir Tadeo de Souza

- TRIGO

O balanço de oferta e demanda mundial do período 99/00 foi mais apertado que os dos períodos 97/98 e 98/99, mas bem mais confortável que o inicialmente esperado. Em relação ao período 98/99, a produção e o estoque final mundiais sofreram reduções de 0,43% e 7,8 %, respectivamente (Tabela 1).

TABELA 1/I - TRIGO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - SAFRAS - 97/98- 00/01

DISCRIMINAÇÃO	(milhões de t)			
	97/98	98/99	99/00	00/01
Estoque inicial	113,49	138,37	136,59	125,88
Produção	609,36	589,19	586,66	575,81
Consumo	584,56	590,97	597,37	595,44
Exportação	125,05	120,77	126,78	126,93
Estoque final	138,29	136,59	125,88	106,25

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

No Brasil, segundo a Conab, houve em 99, em relação a 98, uma redução de 9% na área de plantio e um crescimento de 10% na produção (Tabela 2). O crescimento na produção, apesar da redução na área de plantio, deveu-se ao clima mais favorável. Em 1998, as lavouras de várias regiões do País sofreram com o excesso de chuvas, sobretudo no período da colheita.

TABELA 2/I - TRIGO - COMPARATIVO DAS SAFRAS BRASILEIRAS - 97/98-98/99

ESTADOS	ÁREA (mil ha)			PRODUÇÃO (mil t)		
	1998	1999	Var.(%)	1998	1999	Var.(%)
Paraná	900,0	765	-15	1.494,0	1.522,4	2
Rio Grande do Sul	392,4	386,5	-2	555,2	695,7	25
Mato Grosso do Sul	29,3	41,9	43	48,1	71,2	48
Santa Catarina	29,6	25,5	-14	42,0	40,8	-3
São Paulo	9,9	17,6	78	17,2	38,7	125
Minas Gerais	3,3	4,0	21	15,9	16,4	3
Goiás	8,0	10,4	30	12,4	13,5	9
Distrito Federal	0,7	0,9	29	2,9	4,1	41
BRASIL	1.373,2	1.251,8	-9	2.187,7	2.402,8	10

FONTE: Conab.

Em Santa Catarina, segundo o IBGE/GCEA/SC, em 99 houve, em relação a 98, um decréscimo de 13,6% na área de plantio e um crescimento de 7,1% na produção. O rendimento médio obtido (1.828 kg/ha) é o melhor da história da triticultura catarinense, superando em 24% o alcançado em 98, que já era uma boa média (Tabela 3). O problema é que essa média estadual está fortemente influenciada pelos excelentes resultados de alguns poucos municípios, nos quais a produtividade média de muitos produtores superou os 3.000 kg/ha.

TABELA 3/I - TRIGO - COMPARATIVO DAS SAFRAS - SANTA CATARINA - 84/85-99/00

ANO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1985	40.000	51.620	1.291
1990	108.143	108.288	1.001
1995	36.825	53.875	1.463
1996	72.062	105.056	1.458
1997	36.635	34.227	934
1998	28.785	42.411	1.473
1999	24.861	45.440	1.828
2000 ⁽¹⁾	32.500	59.800	1.840

FONTE: IBGE

⁽¹⁾ Estimativa

A comercialização de 1999 foi melhor que a de 1998 para os produtores brasileiros de trigo. A expressiva desvalorização do real, a estimativa inicial de um balanço de oferta e demanda mundial de trigo mais apertado que em anos anteriores, a melhor inserção da Argentina no mercado internacional, a pequena produção e o elevado consumo internos e o mercado do milho bastante firme pelo suprimento nacional apertado determinaram um interesse bem maior pelo trigo nacional.

A maior parte da produção nacional foi comercializada num quadro de preços favorável e permitiu que muitos produtores, também pela maior produtividade alcançada nesta safra em relação às últimas, tivessem um balanço positivo com o trigo.

Em anos anteriores, mesmo com uma oferta interna bem aquém do consumo, a sobrevalorização do real estimulava as importações e pressionava para baixo os preços internos, tornando indispensável a participação do governo para garantir pelo menos o preço mínimo aos produtores.

A situação só não foi melhor porque o mercado internacional continua com sérias distorções de preços e isto contribui para que a Argentina, embora tenha diversificado os seus compradores, continue direcionando a maior parte dos seus excedentes para

o mercado brasileiro. Assim, ao final de 1999, com o crescimento da oferta de produto argentino, a comercialização passou a ser um pouco mais truncada com reflexos negativos sobre os preços aos produtores.

Para o período 00/01, os números iniciais indicam um balanço de oferta e demanda mundial bem apertado. Segundo estes números, o estoque final mundial está atingindo, em relação ao consumo, o menor patamar da história.

Para a safra brasileira de 2000, as estimativas indicam crescimentos na área e na produção. No Paraná, onde se chegou a projetar redução, houve incremento de 5,5% na área de plantio. No Rio Grande do Sul, o avanço na área foi bem maior, atingindo 30% (Tabela 4).

TABELA 4/I - TRIGO - COMPARATIVO DA SAFRA BRASILEIRA - 99/00

ESTADOS	ÁREA (mil ha)			PRODUÇÃO (mil t)		
	1999	2000 ⁽¹⁾	Var.(%)	1999	2000 ⁽¹⁾	Var.(%)
Paraná	765	807,1	5,5	1.522,4	1.452,8	-4,6
Rio Grande do Sul	386,5	502,5	30,0	695,7	929,6	33,6
Mato Grosso do Sul	41,9	67,0	60,0	71,2	113,9	60,0
Santa Catarina	25,5	35,7	40,0	40,8	67,8	66,2
São Paulo	17,6	18,7	6,0	38,7	29,0	-25,1
Minas Gerais	4,0	5,5	37,0	16,4	22,6	37,8
Goiás	10,4	6,8	-35,0	13,5	8,5	-37,0
Distrito Federal	0,9	0,5	-44,0	4,1	2,3	-43,9
BRASIL	1251,8	1.443,8	15,3	2.402,8	2.626,5	9,3

FONTE: Conab (Jul/00).

⁽¹⁾ Estimativa.

Embora os números estejam longe de refletir o potencial de produção do País e de repetir os patamares alcançados em safras relativamente recentes, não deixam de constituir algum avanço em relação às expectativas iniciais.

Em Santa Catarina, a situação não é diferente da do Rio Grande do Sul. Inicialmente, esperava-se estabilidade na área plantada, mas em vários municípios ocorreram sensíveis incrementos. O contraste de resultados alcançados no estado em 99 determinou tendências de plantio diferenciadas entre os municípios e regiões para a safra 2000.

Na estimativa do IBGE/GCEA/SC, a indicação, em relação à safra de 99, é de incremento de 31% na área de plantio e de 32% na produção do estado.

Um aspecto que dificultou uma maior ampliação da área plantada de trigo no estado foi a preferência que produtores de algumas regiões deram para o plantio do triticale, cuja perspectiva de comercialização e preços, em função dos elevados preços do milho, é favorável.

O que determinou os aumentos de área de plantio, tanto em nível nacional quanto estadual, foram a correção que o governo fez no preço mínimo de garantia (Tabela 5), o bom resultado alcançado por muitos produtores na safra passada e também o cenário mais otimista para a próxima comercialização.

TABELA 5/I - TRIGO - PREÇOS MÍNIMOS - 2000 E 1999

CLASSIFICAÇÃO/ ANO	(R\$/t)					
	Tipo 1(Ph 78)		Tipo 2(Ph 75)		Tipo 3(Ph 70)	
	2000	1999	2000	1999	2000	1999
Pão/Melhorador	205,00	185,00	194,47	175,00	178,4	161,00
Brando	178,40	161,00	169,54	153,00	151,81	137,00
Outros usos	125,22	113,00	116,35	105,00	107,49	97,00

FONTE: Conab.

O cenário da comercialização é mais satisfatório para os produtores que colhem até outubro, que não é o caso dos catarinenses. De qualquer maneira, por vários fatores, como preço mínimo superior ao da safra passada, problemas de qualidade e pouca quantidade restante da safra argentina de 99, procura antecipada da produção da safra nacional em andamento, oferta muito inferior ao consumo nacional (Tabela 6), dificuldade dos compradores brasileiros em buscar trigo de outras procedências com preços satisfatórios, firmeza nos preços internos do milho, balanço de oferta e demanda mundial apertado para o período 2000/2001, é possível que toda a comercialização da safra de 2000 transcorra sem problemas e com preços favoráveis.

TABELA 6/I - TRIGO - OFERTA E DEMANDA BRASILEIRAS - SAFRAS - 96/97 - 00/01

DISCRIMINAÇÃO	(1000 t)				
	96/97	97/98	98/99	99/00	00/01
Estoque inicial	578	821	768	845	975
Produção	3.197	2.402	2.188	2.403	2.547
Importação	5.542	6.190	7.071	7.227	7.227
Consumo	8.496	8.645	9.182	9.500	10.000
Estoque final	821	768	845	975	749

FONTE: Conab (14).

A expectativa ao final de 1999 e início de 2000 era de que o governo deveria participar ativamente da comercialização para evitar que o preço aos produtores caísse abaixo do mínimo de garantia.

A confirmação deste cenário favorável é fundamental para que a triticultura nacional recupere pelo menos parte do espaço perdido nos últimos anos e reduza um pouco a excessiva dependência externa do produto.

TABELA 7/I - TRIGO - PRODUÇÃO MUNDIAL - SAFRAS - 97/98-00/01

DISCRIMINAÇÃO	(milhões de t)			
	97/98	98/99	99/00	00/01
Estados Unidos	67,53	69,33	62,66	60,20
Argentina	14,80	12,20	15,00	15,00
Austrália	19,42	22,11	24,10	23,00
Canadá	24,28	24,08	26,85	24,50
União Européia	94,18	103,09	96,79	105,95
China	123,39	109,73	115,00	104,00
Índia	69,35	66,35	70,78	71,00
Rússia	44,20	27,00	31,00	33,00
Outros	152,21	155,30	144,48	139,16
MUNDIAL	609,36	589,19	586,66	575,81

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 8/I - TRIGO- ESTIMATIVA DE EXPORTAÇÃO, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES E MUNDIAL - SAFRAS - 98/99-00/01

PAÍSES	98/99	99/00	00/01
União Européia	35,93	36,53	38,05
Estados Unidos	28,36	29,67	30,62
Austrália	16,00	18,00	18,00
Canadá	14,71	18,50	18,00
Argentina	8,20	10,50	10,50
MUNDIAL	120,77	126,78	126,93

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

TABELA 9/I - TRIGO- ESTIMATIVA DE IMPORTAÇÃO, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES E MUNDIAL- SAFRAS 98/99 -00/01

PAÍSES	98/99	99/00	00/01
Brasil	7,12	7,00	7,20
China	0,82	1,00	3,50
Leste Europeu	2,17	2,23	2,88
Norte da África ⁽¹⁾	16,93	15,20	17,50
Paquistão	3,10	2,50	0,50
MUNDIAL	120,20	124,12	127,11

FONTE: Usda (Jun/00) - (21).

⁽¹⁾ Argélia, Egito, Líbia, Marrocos e Tunísia.

TABELA 10/I - TRIGO - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE TRIGO EM GRÃO - 1995-1999

PAÍS DE ORIGEM	1995		1996		1997		1998		1999	
	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)
Argentina	3.741.308	577.218	3.763.582	842.648	3.699.698	702.719	5.842.984	738.376	6.569.326	790.666
Canadá	759.882	134.997	977.402	222.123	817.309	135.945	370.275	54.769	191.613	25.820
EUA	278.607	56.721	941.466	185.414	-	-	-	-	95.078	11.208
Uruguai	559.296	93.548	137.996	32.031	86.809	14.166	24.526	3.361	34.234	4.332
Paraguai	30.797	7.620	55.700	7.170	246.174	29.321	131.222	14.545	865	87
França	-	-	-	-	-	-	26.163	2.826	-	-
Outros	244.725	44.664	7.366	1.614	10	5	14	5	19	6
TOTAL	5.614.615	914.768	5.883.512	1.291.000	4.850.000	882.155	6.395.184	813.881	6.891.135	832.119

FONTE: Conab (14).

TABELA 11/I - TRIGO - VALOR FOB MÉDIO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE TRIGO EM GRÃO - 1995-1999

PAÍS DE ORIGEM	1995	1996	1997	1998	1999
Argentina	154	224	190	125	120
Canadá	178	227	166	146	135
EUA	204	197	-	-	118
Uruguai	167	232	163	137	127
Paraguai	247	129	119	111	101
França	-	-	-	108	-
Outros	183	219	450	329	316
TOTAL	163	219	182	126	121

FONTE: Conab (14).

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 12/I - TRIGO - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FARINHA - 1996-1999

PAÍS DE ORIGEM	1996		1997		1998		1999	
	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1000)
Argentina	150.311	49.591	365.959	88.441	274.194	58.537	177.758	34.848
Paraguai	128	36	10.229	2.503	7.503	1.574	25	7
Uruguai	17.692	6.352	19.395	4.946	34.322	8.036	13.256	2.993
Venezuela	2.663	1.115	16	4	117	49	20	7
Outros	84	35	2.020	644	2.241	613	311	75
TOTAL	170.878	57.129	397.619	96.538	318.377	68.809	191.370	37.930

FONTE: Conab (14).

TABELA 13/I - TRIGO - VALOR FOB MÉDIO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FARINHA - 1996-1999

PAÍS DE ORIGEM	(US\$/t)			
	1996	1997	1998	1999
Argentina	330	242	213	196
Paraguai	281	245	210	280
Uruguai	359	255	234	226
Venezuela	419	250	419	350
Outros	417	319	274	241
TOTAL	334	243	216	198

FONTE: Conab (14).

TABELA 14/I - TRIGO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 98/99-00/01

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
São Miguel do Oeste	2.260	2.035	2.570	2.248	2736	3.248	995	1.344	1.264
Chapecó	7.140	6.060	7.225	8.309	7399	10.187	1.164	1.221	1.410
Xanxerê	7.782	5.910	6.195	10.717	8909	10.898	1.377	1.507	1.759
Joaçaba	1.895	2.095	2.090	2.969	4331	4.085	1.567	2.067	1.955
Concórdia	1.218	1.036	1.278	1.057	1325	1.661	868	1.279	1.300
Canoinhas	2.520	770	500	3.360	1456	940	1.333	1.891	1.880
Curitibanos	5.594	6.554	9.520	13.035	18423	22.660	2.330	2.811	2.380
Campos de Lages	339	431	438	679	1201	1.212	2.003	2.787	2.767
Rio do Sul	37	37	15	37	37	15	1.000	1.000	1.000
SANTA CATARINA	28.785	24.928	29.831	42.411	45.817	54.906	1.473	1.838	1.841

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Estimativa

Tabajara Marcondes

- UVA

Embora seja uma espécie cultivada em todo o estado, a maior concentração de produtores de uva está localizada na região do Rio do Peixe. Nesta região, merece destaque a importância da atividade vitivinícola desenvolvida nos municípios de Videira, Pinheiro Preto, Tangará e Iomerê, comunidades em que desempenha um papel relevante do ponto de vista econômico, social e cultural; a Carbonífera, situada no sul do estado, é outra região em que a atividade tem relevância, tendo como principal pólo de produção de uva e vinho o município de Urussanga e arredores.

No estado, de acordo com a Fundação IBGE, na safra 99/00, para uma área em produção de 3.120 hectares, estima-se que tenha ocorrido uma produção de 40.568 toneladas. No âmbito estadual, avalia-se que existam 43 cantinas em funcionamento e 3.614 agricultores envolvidos com a atividade. Percebe-se uma tendência de absorção de cantinas e concentração da produção de vinho num número menor de indústrias. De outra parte, as pequenas indústrias que produzem vinho artesanal/colonial buscam um espaço no mercado regional.

A produção é basicamente de uvas híbridas e do tipo comum. As cultivares que ocupam maior área cultivada são a Isabel e a Niágara. As variedades cultivadas na região são próprias para a vinificação, o consumo in natura e o suco. Isto permite ao produtor escolher o destino da produção, que pode ser tanto a industrialização quanto o consumo, dependendo dos preços do mercado.

Observando-se o quadro nacional, Santa Catarina aparece com 5,5% da área cultivada. Já o estado do Rio Grande do Sul é responsável por 58,1% da área ocupada com parreirais no País, de acordo com dados da Fundação IBGE referente à safra 98/99. Observe-se, no entanto, o incremento que a cultura vem tendo na região do Vale do Rio São Francisco nos últimos anos. Santa Catarina e o Rio Grande do Sul mantêm um estreito relacionamento no setor vitivinícola. Os produtores dos dois estados, por exemplo, desenvolvem negociações conjuntas com o governo e com as indústrias para a definição do preço mínimo da uva. Vem crescendo nos últimos anos a compra de uva do Rio Grande do Sul para suprir a demanda da indústria catarinense. Dependendo do mercado, também ocorre a compra de vinho a granel entre os dois estados com vistas à manutenção de estoques. Na região da Grande Florianópolis, no município de Nova Trento, as poucas cantinas existentes fabricam vinho especialmente com uvas oriundas do Rio Grande do Sul, uma vez que a produção local se destina à comercialização in natura no litoral catarinense. As cantinas da região sul do estado também utilizam uva oriunda da serra gaúcha.

De uma maneira geral, as condições climáticas favoreceram uma produção normal. Os preços foram considerados razoáveis pelos produtores, tendo em vista que a produção local é insuficiente para atender à demanda das indústrias.

Em realidade, nos últimos anos vem crescendo, especialmente na região do Vale do Rio do Peixe, a integração entre o setor público, produtores e suas representações e as cantinas, representadas pelo seu sindicato. O funcionamento da Câmara Setorial

da Uva e do Vinho transformou-se no fórum adequado para tratar da política do setor e para estabelecer as parcerias necessárias. O trabalho desenvolvido pela estação experimental da Epagri junto às cantinas, envolvendo os enologistas, está contribuindo para melhorar a qualidade do vinho. A discussão sobre a implantação do selo de qualidade do vinho na região, o apoio das prefeituras no fornecimento de mudas, uma maior integração entre produtores e cantinas, o questionamento a respeito da fiscalização do processo de fabrico do vinho, a modernização das indústrias e a implementação de financiamentos para o setor são fatores que contribuem para a melhoria da qualidade do produto e vêm resultando na recomposição e na implantação de novos parreirais. O setor carece de um amplo diagnóstico, que inclua um cadastro geral da atividade e que possa servir de base para a atuação do setor público e privado. É importante, porém, que se afirme que ele está em andamento.

TABELA 1/I - UVA - ÁREA DESTINADA A COLHEITA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 97/98-99/00

ESTADOS	ÁREA DESTINADA A COLHEITA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
Pernambuco	2.610	2.920	2.920	52.234	85.162	85.162	20.013	29.165	29.165
Bahia	2.414	1.581	1.546	70.031	46.767	46.694	29.010	29.581	30.203
Minas Gerais	717	733	799	10.585	10.750	12.459	14.763	14.666	15.593
São Paulo	11.310	10.639	11.553	180.740	176.190	201.630	15.981	16.561	17.453
Paraná	4.150	5.200	4.300	53.010	70.000	49.450	12.773	13.462	11.500
Santa Catarina	3.044	2.860	3.120	35.419	30.610	40.568	11.636	10.703	13.003
Rio Grande do Sul	33.684	33.050	34.078	334.451	475.486	514.526	9.929	14.387	15.098
BRASIL	57.929	56.983	58.316	736.470	894.965	950.489	12.713	15.706	16.299

FONTE: IBGE (15).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC.

TABELA 2/I - UVA - ÁREA DESTINADA A COLHEITA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 97/98-99/00

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA DESTINADA A COLHEITA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
São Miguel do Oeste	3	3	37	36	24	332	12.000	8.000	8.973
Chapecó	177	189	343	2.329	1.706	2.920	13.158	9.026	8.513
Xanxerê	119	127	144	820	823	1.005	6.891	6.480	6.979
Joaçaba	2.140	1.918	1.931	26.153	21.718	28.561	12.221	11.323	14.791
Concórdia	125	134	158	1.113	1.151	1.399	8.904	8.590	8.854
Curitibanos	11	13	13	125	125	133	11.364	9.615	10.231
Campos de Lages	14	10	12	105	98	98	7.500	9.800	8.167
Rio do Sul	97	97	97	889	902	932	9.165	9.299	9.608
Blumenau	29	36	46	460	536	621	15.862	14.889	13.500
Itajaí	1	3	3	10	30	30	10.000	10.000	10.000
Tijucas	85	95	93	955	933	1.155	11.235	9.821	12.419
Florianópolis	2	8	8	40	130	130	20.000	16.250	16.250
Tabuleiro	14	14	16	220	220	232	15.714	15.714	14.500
Tubarão	76	112	117	951	1.521	1.881	12.513	13.580	16.077
Criciúma	151	101	102	1.213	693	1.139	8.033	6.861	11.167
SANTA CATARINA	3.044	2.860	3.120	35.419	30.610	40.568	11.636	10.703	13.003

FONTE: IBGE (16, 19).

⁽¹⁾ Dados preliminares.



⁽²⁾ Estimativa do IBGE/Instituto Cepa/SC (Jun/00).

José Carlos Madruga da Silva

QUADRO 1/I - CALENDÁRIO AGRÍCOLA - PLANTIO, COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - 1999

PRODUTO	FASE	MESES											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
ALHO	Plantio			////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Colheita							////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
ARROZ	Plantio	////							////	////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
BANANA	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
BATATA	Plantio	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
CEBOLA	Plantio						////	////	////	////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
FEIJÃO 1ª SAFRA	Plantio									////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
FEIJÃO 2ª SAFRA	Plantio												
	Colheita				////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.				////	////	////	////	////	////	////	////	////
FUMO	Plantio							////	////	////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
MANDIOCA	Plantio										////	////	////
	Colheita			////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.			////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
MILHO	Plantio	////							////	////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
SOJA	Plantio								////	////	////	////	////
	Colheita			////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.			////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
TRIGO	Plantio					////	////	////	////	////	////	////	////
	Colheita									////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
TOMATE	Plantio	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Colheita	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////
MAÇÃ	Colheita												
	Comerc.	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////	////

FONTE: Instituto Cepa/SC.

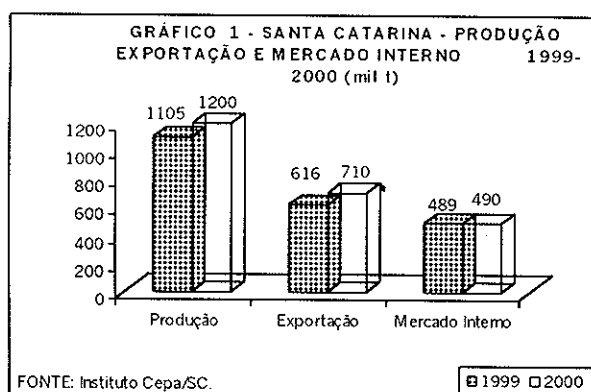
 maior concentração.
 menor concentração.

1.3. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL

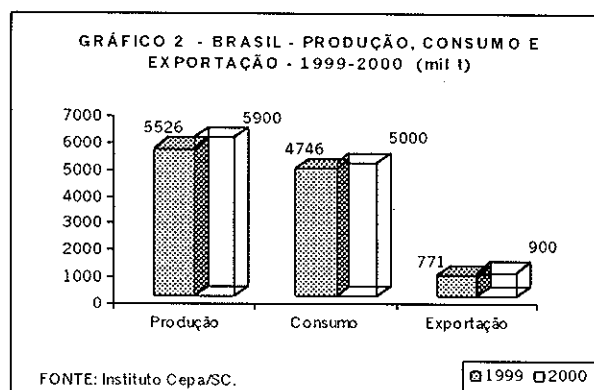
- AVES

A avicultura brasileira está concentrada no Sul e no Sudeste, onde também se encontra o complexo agroindustrial de abate e processamento. Em 1999, o País produziu 6,98 bilhões de pintos de corte, que se transformaram em uma produção de 5,52 milhões de toneladas em equivalente carcaça. Este crescimento foi estimulado pelas exportações, pelo aproveitamento da capacidade ociosa, pelos investimentos anunciados pelas empresas que lideram o setor, pelo aumento da produtividade e pelo aumento do peso médio de abate. O consumo e as exportações foram as duas principais variáveis que explicam os bons resultados da atividade, sobretudo no segundo semestre. Para o ano 2000, a expectativa é de que a produção nacional se situe próximo a 5,9 milhões de toneladas.

O Brasil é o quarto produtor mundial e o segundo maior exportador de frangos do mundo. Em 1999, as exportações de frango chegaram a 771 mil toneladas em equivalente carcaça, volume 25,8% maior que o de 1998. Para 2000, espera-se que cresçam entre 15% e 17%, podendo atingir 900 mil toneladas.



O estado de Santa Catarina, com aproximadamente 20% da produção nacional (1,105 milhão de toneladas em 1999), é o maior produtor do País. A avicultura local produz 2% da produção mundial e detém 10,4% dos negócios mundiais de frangos (616 mil toneladas em 1999), sendo marca reconhecida na Europa, no Oriente Médio e no Japão. Para 2000, a produção local deve atingir entre 1,2 milhão e 1,25 milhão de toneladas.



As tecnologias de produção, gerenciamento e mercadologia que a indústria catarinense emprega são competitivas internacionalmente, conferindo-lhe uma qualidade igual ou superior à de muitos países de avicultura adiantada. O sistema de produção predominante é o integrado. Este modelo de parceria entre avicultor e indústria foi implantado a partir dos anos 70, sendo responsável por quase 90% da produção estadual. Neste sistema estão envolvidos mais de 9,2 mil avicultores. Com

uma produção planejada, as empresas com matriz em Santa Catarina atendem a 60% do mercado interno e participam com 70% das exportações brasileiras.

A avicultura em Santa Catarina, em 25 anos, passou de atividade marginal para a mais importante atividade agropecuária. Na formação do valor bruto da produção agrícola estadual é a principal atividade, participando com 23% do total (R\$ 859,2 milhões). A cadeia toda movimentada anualmente ao redor de R\$ 2,8 bilhões na economia estadual, empregando diretamente em torno de 32 mil pessoas e, indiretamente, mais de 65 mil.

TABELA 1/I - CARNE DE AVES - BALANÇO BRASILEIRO DE OFERTA E DEMANDA - 1996-2000

SITUAÇÃO	(mil t)				
	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estoque inicial	10	4	5	10	10
Produção	4.051	4.461	4.854	5.526	5.900
Suprimento interno	4.058	4.468	4.861	5.536	5.910
Exportação	569	649	613	771	900
Cons. nacional	3.481	3.809	4.218	4.746	5.000
Kg/per capita	22,5	23,6	25,4	28,0	29,2
Estoque final	4	5	10	10	5

FONTE - Apinco, Abef, Instituto Cepa/SC e IBGE.

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 2/I - CARNE DE AVES - BALANÇO CATARINENSE DE OFERTA E DEMANDA - 1996-2000

SITUAÇÃO	(mil t)				
	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estoque inicial	6	3	3	5	5
Produção	762	900	927	1.105	1.200
Suprimento interno	768	903	930	1.110	1.205
Exportação	398	501	500	616	710
Cons. nacional	213	231	245	309	310
Cons. regional	154	168	180	180	180
Kg/per capita	32	34	36	36	35
Estoque final	3	3	5	5	5

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 3/I - CARNE DE FRANGOS - PRODUÇÃO BRASILEIRA - 1996-1999

MÊS	(mil t)					VARIACÃO 2000/1999 (%)
	1996	1997	1998	1999 (a)	2000 ⁽¹⁾ (b)	
Janeiro	338,6	343,4	410,7	446,4	479,6	7,4
Fevereiro	336,4	355,3	392,8	448,5	492,4	9,8
Março	322,0	346,9	371,6	426,7	481,2	12,8
Abril	320,7	344,6	371,1	436,3	476,5	9,2
Maio	326,0	367,0	390,2	457,2	-	-
Junho	335,0	367,5	400,2	464,3	-	-
Julho	335,5	371,2	405,1	476,9	-	-
Agosto	335,1	376,3	413,2	473,2	-	-
Setembro	351,0	391,3	415,3	484,0	-	-
Outubro	348,3	395,9	423,5	475,0	-	-
Novembro	352,1	408,1	427,6	468,4	-	-
Dezembro	350,9	393,5	432,3	468,6	-	-
SUBTOTAL⁽²⁾	1.317,7	1.390,2	1.546,2	1.757,9	1.929,7	13,7
TOTAL	4.051,6	4.460,9	4.853,6	5.525,4	5.900	

FONTE: Apinco.

⁽¹⁾ Estimativas.

⁽²⁾ 1º quadrimestre.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 4/I - FRANGOS - EXPORTAÇÃO BRASILEIRA - 1996-2000

ANO						(mil t)
	1996	1997	1998	1999	2000	VARIAÇÃO 2000/1999 (%)
Janeiro	34.274	59.713	41.306	41.580	71.808	72,70
Fevereiro	29.418	47.966	56.004	53.145	61.354	15,45
Março	51.731	48.597	46.877	60.046	67.178	11,88
Abril	49.999	62.498	53.428	62.786	75.057	19,54
Maio	49.273	48.578	44.838	67.138	-	-
Junho	43.811	57.726	47.191	65.460	-	-
Julho	44.449	55.447	51.122	51.130	-	-
Agosto	54.642	59.846	39.417	76.316	-	-
Setembro	50.083	47.915	66.923	78.768	-	-
Outubro	57.326	57.969	52.247	66.922	-	-
Novembro	53.333	52.569	65.050	61.042	-	-
Dezembro	50.455	50.809	48.075	86.218	-	-
SUBTOTAL ⁽¹⁾	1.65422	218.774	197.615	217.557	275.397	26,59
TOTAL	568.794	649.633	612.478	770.551	275.397	25,81

FONTE: Abef.

⁽¹⁾ 1º quadrimestre.

TABELA 5/I - FRANGOS - ABATE TOTAL - SANTA CATARINA (SIF, NÃO-SIF E AUTOCONSUMO) - 1995-2000

MÊS							(milhões de Cab.)
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	VARIAÇÃO 2000/1999 (%)
Janeiro	38,1	38,1	44,5	45,3	40,3	52,1	29,2
Fevereiro	33,2	36,4	39,9	41,1	43,4	51,5	18,7
Março	40,0	36,2	40,2	46,0	49,5	55,1	11,2
Abril	31,2	38,0	42,9	40,4	44,8	49,1	9,5
Maio	38,4	41,6	40,1	41,0	46,2	54,0	16,8
Junho	36,9	36,3	44,6	41,2	47,3	53,8	13,8
Julho	37,6	37,4	48,3	45,8	49,7	-	-
Agosto	40,7	42,4	45,1	43,7	53,5	-	-
Setembro	40,5	38,6	45,0	44,2	48,4	-	-
Outubro	38,3	43,3	48,8	47,1	49,9	-	-
Novembro	36,7	42,5	43,5	43,0	50,6	-	-
Dezembro	36,7	35,1	45,4	42,3	50,6	-	-
SUBTOTAL ⁽¹⁾	217,80	226,59	252,27	255,08	271,53	315,53	16,2
TOTAL	448,22	465,97	528,28	521,13	574,33		10,21

FONTE: Aincadesc e Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ 1º quadrimestre.

TABELA 6/I - CARNE DE AVES - PRODUÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

PRODUÇÃO						(mil t)
	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	
Estados Unidos	14.522	14.952	15.128	15.981	16.717	
China (PRC)	9.630	10.400	10.700	10.900	11.120	
União Européia	7.088	7.236	7.389	7.356	7.432	
Brasil	4.144	4.562	4.600	5.105	5.367	
México	1.600	1.615	1.710	1.809	1.863	
Japão	1.249	1.234	1.218	1.195	1.190	
Canadá	893	916	962	1.004	1.040	
Argentina	680	780	875	895	860	
Indonésia	947	900	450	570	740	
Índia	665	630	665	680	715	
Federação Russa	705	630	640	640	600	
Outros Países	8.306	8.853	9.131	9.430	9.732	
TOTAL	50.429	52.708	53.468	55.565	57.376	

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 7/I - CARNE DE AVES - IMPORTAÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

IMPORTAÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Hong Kong	799	871	915	1.150	1.260
China (PRC)	650	780	804	850	870
Federação Russa	1.116	1.283	820	600	600
Japão	559	508	509	543	545
Arábia Saudita	288	294	279	265	260
União Européia	281	256	270	267	258
México	189	210	231	238	242
Canadá	115	128	136	130	131
Emirados Árabes	105	112	119	102	110
África do Sul	96	110	87	82	80
Estados Unidos	2	3	3	2	2
Outros Países	394	422	457	468	484
TOTAL	4.594	4.977	4.630	4.697	4.842

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 8/I - CARNE DE AVES - EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

EXPORTAÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	2.324	2.565*	2.515	2.444	2.486
Hong Kong	568	583	609	823	926
Brasil	582	665	631	724	840
União Européia	762	782	852	828	779
China	371	367	355	400	410
Tailândia	169	199	285	285	290
Hungria	109	109	125	130	130
Canadá	75	94	115	89	85
Outros Países	191	209	243	212	216
TOTAL	5.151	5.573	5.730	5.935	6.162

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 9/I - CARNE DE AVES - CONSUMO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

CONSUMO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	12.139	12.365	12.619	13.502	14.192
China (PRC)	9.909	10.813	11.149	11.350	11.580
União Européia	6.569	6.571	6.749	6.752	6.840
Brasil	3.562	3.897	3.969	4.286	4.567
México	1.789	1.825	1.941	2.047	2.105
Japão	1.801	1.761	1.737	1.735	1.743
Federação Russa	1.803	1.898	1.454	1.234	1.196
Canadá	921	952	983	1.037	1.093
Indonésia	958	901	448	570	750
Tailândia	706	748	697	705	745
Índia	665	630	665	680	715
Polônia	430	490	540	540	560
República da Coreia	492	494	441	487	509
Hong Kong	321	344	396	408	414
Outros Países	7.599	8.256	8.589	8.811	8.991
TOTAL	49.664	51.945	52.377	54.144	56.000

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

Jurandi Soares Machado

- BOVINOS

A produção nacional de carne bovina apresentou um moderado crescimento em 99, em grande parte devido a ganhos de produtividade e ao aumento do volume abatido de animais. A produção brasileira situou-se em 6,2 milhões de toneladas. A produção da entressafra situou-se próximo à de 98 (4,3 milhões de bois confinados e/ou em pastagens cultivadas). A atividade teve um melhor desempenho. O crescimento das exportações e as dificuldades de importação sustentaram os preços do boi, já que o consumo interno apresentou uma queda estimada em 2,36%. Os consumidores se deslocaram para o frango, por ter apresentado preços mais competitivos no varejo. Enquanto as importações atingiram no máximo 75 mil toneladas, as exportações superaram a marca das 500 mil toneladas. Do total de produção mais importação (suprimento interno), 89,8% destina-se ao consumo interno e 10,2% ao mercado internacional.

TABELA 1/I - CARNE BOVINA - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA NACIONAL - 1998- 2000

SITUAÇÃO	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	(mil t)
				VARIAÇÃO 2000/1999 (%)
Estoque inicial	30	20	25	25,0
Produção	6.160	6.210	6.320	1,8
Importação	120	75	75	0,0
Suprimento interno	6.310	6.305	6.420	1,8
Exportação	360	500	650	30,0
Consumo interno	5.930	5.780	5.750	-0,5
Kg/per capita	33,0	32,0	32,0	0,0

FONTE : IBGE/Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Estimativa.

As estimativas para 2000 são de que a produção se situe entre 6,3 milhões a 6,4 milhões de toneladas em equivalente carcaça. Reforçam esta expectativa as projeções para a próxima entressafra. Entre confinamentos, semiconfinamentos e pastagens cultivadas de inverno, a oferta deverá situar-se entre 4,9 milhões e 5,1 milhões de cabeças, contra 4,3 milhões em 99, consubstanciando um crescimento entre 14% e 18%. Este aumento tem como pano de fundo as expectativas de expansão das exportações, que devem superar as 650 mil toneladas, com uma receita que se aproximará do US\$ 1,0 bilhão.

O crescimento da produção catarinense de carne bovina foi moderado em 99, com a produção situando-se em 118 mil toneladas em equivalente carcaça. A pecuária estadual vem perdendo espaço gradativo para a agricultura, embora seja visível o crescimento da participação de plantéis mais produtivos, cujo efeito tem sido um moderado crescimento na oferta estadual. A produção local não é suficiente para atender às necessidades de demanda regional (consumo direto e industrial), importando, principalmente do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul, entre 25,0% e 30,0% das necessidades anuais (45 mil toneladas em 99). Para 2000, a produção está sendo projetada em 120 mil toneladas, praticamente a mesma de anos anteriores, pois o rebanho se apresenta estável há vários anos, entre 2,7 milhões e 3,1 milhões de cabeças, coincidindo o estoque máximo com os piques de

engorda no inverno. A sua produtividade é baixa (desfrute de 12,0% no rebanho geral e 18% a 20% no efetivo especializado), mas existem plantéis mais competitivos.

TABELA 2/I - CARNE BOVINA - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SANTA CATARINA - 1998-2000

SITUAÇÃO	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	(mil t)
				VARIAÇÃO 2000/1999 (%)
Estoque inicial	4	3	3	-
Produção	116	118	120	1,7
Importação	43	45	45	0,0
Suprimento interno	163	166	168	1,2
Consumo interno	160	163	165	1,2
Kg/per cabeça	32,0	32,0	31,8	-0,6

FONTE: IBGE/Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Estimativa.

O parque industrial é formado por seis empresas com inspeção federal e 12 com inspeção estadual, havendo mais dez plantas em vias de operar com Inspeção Sanitária Estadual. O conjunto destas empresas perfaz uma capacidade instalada de abate ao redor de 2,3 mil bois por dia. A indústria com inspeção estadual está mais estruturada para atender ao mercado estadual, embora existam investimentos visando tornar algumas plantas capazes de fornecer ao mercado nacional e internacional.

Com o rápido crescimento da avicultura e da suinocultura, a participação da bovinocultura de corte no valor bruto da produção agropecuária tem decrescido, sendo atualmente estimada em 4,43% (R\$ 166,0 milhões), de um total estadual de R\$ 3,7 bilhões.

TABELA 3/I - BOVINOS DE CORTE - ABATES TOTAIS MENSAIS DE BOVINOS - SANTA CATARINA - 1996-2000

MÊS	(mil cab)					
	1996	1997	1998	1999 (a)	2000 (b)	VAR % (b/a)
Janeiro	41,7	41,5	41,8	40,7	42,4	4,18
Fevereiro	36,3	36,5	37,8	36,8	39,6	7,61
Março	45,6	45,0	46,6	48,7	49,5	1,61
Abril	46,6	46,3	45,7	45,9	48,0	4,58
Mai	45,3	45,6	45,4	46,2	46,6	0,87
Junho	44,6	44,2	44,7	45,7	46,9	2,63
Julho	40,6	41,2	42,8	43,8	-	-
Agosto	39,9	40,4	40,7	41,7	-	-
Setembro	42,8	42,1	42,2	42,6	-	-
Outubro	44,6	43,9	44,6	44,5	-	-
Novembro	45,2	44,2	44,9	45,3	-	-
Dezembro	46,3	44,2	45,9	46,2	-	-
SUBTOTAL ⁽¹⁾	260,1	259,1	262,0	264,0	273,0	3,41
TOTAL	519,3	515,2	523,0	527,9	-	-

FONTE: Sindicar, Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ 1º semestre.

TABELA 4/I - CARNE BOVINA - PRODUÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

PRODUÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	11.749	11.714	11.804	12.050	11.432
Canadá	998	1.075	1.199	1.210	1.178
México	1.800	1.795	1.800	1.765	1.790
Argentina	2.580	2.975	2.600	2.800	2.760
Brasil	6.150	6.050	6.140	6.324	6.535
Colômbia	650	680	671	667	662
União Européia	7.722	7.696	7.439	7.388	7.414
Polônia	396	404	424	380	370
Federação Russa	2.570	2.326	2.090	1.910	1.800
África do Sul	525	591	539	550	560
Índia	925	1.430	1.593	1.660	1.700
China	3.557	4.150	4.288	4.360	4.560
Japão	555	530	530	525	515
Austrália	1.736	1.942	1.987	1.880	1.860
Nova Zelândia	631	664	620	558	580
Outros países	4.613	4.581	4.421	4.252	4.132
TOTAL	47.157	48.603	48.145	48.279	47.848

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 5/I - CARNE BOVINA - IMPORTAÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

IMPORTAÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	940	1.063	1.198	1.272	1.368
Canadá	237	252	240	250	275
México	82	148	202	228	237
Brasil	144	113	80	40	30
União Européia	364	382	311	306	270
Polônia	23	7	1	1	2
Federação Russa	600	620	485	500	500
Egito	110	140	99	80	75
África do Sul	60	60	36	50	45
Taiwan	59	75	82	88	88
Hong Kong	57	50	61	52	53
Japão	899	924	951	972	985
Coréia	191	199	107	180	240
Outros países	174	197	191	215	200
TOTAL	3.940	4.230	4.044	4.234	4.368

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 6/I - CARNE BOVINA - EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

EXPORTAÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	851	969	985	1.071	1.027
Canadá	286	360	416	465	480
Argentina	470	437	291	340	350
Brasil	274	290	375	485	525
Uruguai	210	268	257	220	250
União Européia	911	900	679	664	771
Índia	150	158	183	220	250
China	79	36	66	40	45
Austrália	1.016	1.147	1.262	1.220	1.235
Nova Zelândia	515	531	519	420	450
Outros países	377	349	255	257	204
TOTAL	5.139	5.445	5.288	5.402	5.587

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 7/II - CARNE BOVINA - CONSUMO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1996-2000

CONSUMO	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	11.903	11.767	12.051	12.261	11.775
Canadá	951	967	1.021	995	980
México	1.880	1.939	1.998	1.988	2.022
Argentina	2.120	2.555	2.320	2.470	2.425
Brasil	6.060	5.883	5.850	5.879	6.010
Colômbia	649	678	672	668	671
União Européia	6.656	6.809	6.978	7.063	7.050
Polónia	395	361	325	341	352
Federação Russa	3.188	3.046	2.645	2.455	2.320
Egito	536	566	544	533	533
África do Sul	583	648	568	590	595
Índia	775	1.272	1.410	1.440	1.450
China	3.481	4.117	4.228	4.326	4.521
Japão	1.438	1.467	1.487	1.490	1.500
Austrália	715	789	710	660	640
Outros países	4.653	4.558	4.550	4.496	4.506
TOTAL	45.983	47.422	47.357	47.655	47.350

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

Jurandi Soares Machado

- LEITE

O leite é produzido em praticamente todas as regiões do mundo. Apesar disso, a produção mundial é, quantitativamente, bastante concentrada na União Européia e na América do Norte, que respondem por cerca de 45% do total.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) está projetando para este ano, em relação a 1999, um crescimento de 0,6% na produção leiteira dos principais países produtores mundiais (Tabela 1).

TABELA 1/II - PRODUÇÃO DE LEITE DE VACA DE PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

PAÍS/REGIÃO	1995	1996	1997	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
União Européia	121.740	121.569	120.685	119.887	119.715	119.088
Estados Unidos	70.440	69.857	70.802	71.415	73.550	74.550
Índia	32.500	33.500	34.500	35.500	36.000	36.500
Rússia	39.300	35.800	34.100	33.000	31.500	30.700
Ucrânia	17.181	16.000	13.650	13.800	12.500	11.600
Polónia	11.420	11.690	11.980	12.500	11.880	12.500
Nova Zelândia	9.684	10.405	11.500	11.640	11.070	12.020
Austrália	8.433	8.957	9.274	9.722	10.483	10.797
Argentina	8.500	8.900	9.060	9.450	10.200	10.200
Japão	8.382	8.657	8.642	8.566	8.440	8.350
Canadá	7.920	7.890	8.100	8.200	8.340	8.350
China	5.764	6.296	6.674	6.620	6.900	7.150
Roménia	5.885	5.488	5.390	5.160	5.145	5.135
Outros países selecionados	33.580	34.834	36.429	38.225	39.212	40.300
TOTAL	380.729	379.843	380.786	383.685	384.935	387.240

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Projeção.

Neste avanço, tem especial relevância o comportamento verificado na produção dos Estados Unidos e da Nova Zelândia, que, juntos, respondem por 85% do incremento. Cresce também, mas de forma mais discreta, a produção no Canadá e na Austrália. A previsão indica produção estável na Argentina. No caso da União Européia, a exemplo do que ocorreu nos últimos anos, verifica-se nova redução.

O crescimento registrado na produção mundial decorre principalmente, da evolução da produtividade média do rebanho mundial, que, de 1995 para a previsão de 2000, avançou 8% (Tabela 2).

TABELA 2/1 - LEITE - PRODUTIVIDADE DE PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

PAÍS/REGIÃO	(kg/vaca/ano)					
	1995	1996	1997	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
União Européia	5.427	5.541	5.574	5.660	5.721	5.765
Estados Unidos	7.441	7.454	7.653	7.798	8.032	8.162
Índia	985	1.000	1.000	1.014	1.014	1.020
Rússia	2.136	2.052	2.145	2.276	2.333	2.456
Ucrânia	2.198	2.222	2.179	2.203	2.132	2.035
Polônia	3.074	3.396	3.375	3.576	3.423	3.676
Nova Zelândia	3.234	3.300	3.528	3.560	3.370	3.648
Austrália	4.722	4.916	4.691	4.719	4.942	5.017
Argentina	3.617	3.870	3.775	3.780	4.080	4.130
Japão	8.106	8.364	8.374	8.382	8.373	8.350
Canadá	6.367	6.378	6.464	6.602	6.726	6.723
China	2.560	3.040	3.148	3.051	3.108	3.136
Romênia	3.310	3.090	3.098	3.053	3.063	3.066
Outros países selecionados	1.257	1.331	1.390	1.449	1.500	1.539
TOTAL	2.821	2.867	2.904	2.953	2.993	3.037

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Projeção.

Para os interesses dos produtores brasileiros, esse crescimento na produção mundial, embora não constitua problema relevante para este ano, sempre preocupa, pois significa a permanência de distorções importantes no mercado internacional de lácteos, o que acaba repercutindo nos preços internos. Neste momento, essa preocupação é menos relevante pelo fato de o mercado interno estar absorvendo, sem grandes dificuldades, a produção nacional.

Desta forma, para o setor leiteiro nacional é relevante que autoridades do governo brasileiro continuem reafirmando e levem adiante a idéia de disciplinar as importações provenientes de países que adotam práticas desleais de comércio. Isto continua sendo importante para um crescimento mais consistente e expressivo da produção nacional.

O Brasil também é um grande produtor mundial; mas, devido à sua grande população e às grandes distorções de preço no mercado internacional de lácteos, constitui-se atualmente num dos grandes importadores mundiais.

A produção brasileira se distribui por todos os estados; todavia, a exemplo do que acontece mundialmente, poucos estados são responsáveis pela maior parte da produção nacional (Tabela 3).

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 3/I - LEITE - PRODUÇÃO BRASILEIRA TOTAL - 1985 e 1995-1996

ESTADOS/ REGIÕES	INFORMANTES		VACAS ORD.(cab.)		PRODUÇÃO (mil litros)		REND.(l/vaca/ano)	
	1985	1995-1996 ⁽¹⁾	1985	1995-1996 ⁽¹⁾	1985	1995-1996 ⁽¹⁾	1985	1995-1996 ⁽¹⁾
Rondônia	-	36.656	63.362	340.023	47.279	343.069	746	1.009
Acre	-	8.760	24.071	52.455	18.146	32.538	754	620
Amazônas	-	4.468	33.391	52.603	19.325	27.005	579	513
Roraima	-	2.145	17.245	19.509	7.426	9.534	431	489
Pará	-	39.140	207.283	348.494	122.660	287.217	592	824
Amapá	-	296	2.121	3.579	1.089	2.049	513	573
Tocantins	-	26.653	223.394	262.190	88.501	144.921	396	553
NORTE	-	118.118	570.867	1.078.853	304.426	846.333	533	784
Maranhão	-	43.916	235.924	293.361	97.559	139.451	414	475
Piauí	-	42.674	167.251	178.407	62.336	73.459	373	412
Ceará	-	96.675	490.409	466.423	354.021	384.836	722	825
Rio G. do Norte	-	29.109	174.218	166.974	140.735	158.815	808	951
Paraíba	-	53.773	251.814	237.648	172.938	154.923	687	652
Pernambuco	-	72.903	347.526	345.822	308.419	406.606	887	1.176
Alagoas	-	22.480	100.863	133.424	110.022	188.172	1.091	1.410
Sergipe	-	23.967	116.298	140.518	92.933	134.392	799	956
Bahia	-	155.240	1.052.424	921.908	648.995	633.339	617	687
NORDESTE	-	540.737	2.936.727	2.884.485	1.987.958	2.273.993	677	788
Minas Gerais	-	264.823	3.457.259	3.426.615	3.772.411	6.499.862	1.091	1.605
Espírito Santo	-	24.274	279.002	254.516	281.412	308.002	1.009	1.210
Rio de Janeiro	-	20.292	325.319	304.117	424.191	434.719	1.304	1.429
São Paulo	-	87.526	1.396.199	1.111.246	1.810.408	1.847.069	1.297	1.662
SUDESTE	-	396.915	5.457.779	5.096.494	6.288.422	8.089.652	1.152	1.587
Paraná	-	174.950	833.695	880.071	919.892	1.355.487	1.103	1.540
Santa Catarina	-	145.668	465.631	503.916	603.704	869.419	1.297	1.725
Rio G do Sul	-	285.061	982.790	996.703	1.280.804	1.885.640	1.303	1.892
SUL	-	605.679	2.282.116	2.380.690	2.804.400	4.110.546	1.229	1.727
Mato G. do Sul	-	29.579	365.682	371.911	268.014	385.526	733	1.037
Mato Grosso	-	38.484	180.748	353.301	122.917	375.426	680	1.063
Goiás	-	79.522	1.577.605	1.545.311	1.055.295	1.830.057	669	1.184
Distrito Federal	-	1.007	13.400	11.568	14.986	19.716	1.118	1.704
C. OESTE	-	148.592	2.137.435	2.282.091	1.461.212	2.610.725	684	1.144
BRASIL	1.867.736	1.810.041	13.384.924	13.722.613	12.846.418	17.931.249	960	1.307

FONTE: IBGE (7).

⁽¹⁾ Período de 1/8/95 a 31/7/96.

O crescimento da produção leiteira no Brasil vinha sendo sensível nos últimos anos. As taxas de crescimento variam bastante entre as regiões e está havendo uma clara expansão em novas fronteiras agrícolas. Destaca-se, em especial, o estado de Goiás, que já deve ser o segundo produtor nacional, superado apenas por Minas Gerais.

Não existem dados recentes acerca da produção nacional e as projeções perderam consistência. Os problemas de preços aos produtores (em 97 e 98) e a estiagem em várias regiões do País (em 1999 e 2000) comprometeram as expectativas de produção em vários estados. Assim, é difícil saber em quanto foram comprometidas as projeções que indicavam a produção brasileira em cerca de 21 bilhões de litros/ano para este ano.

Em Santa Catarina, a produção de leite ganha, a cada vez, maior importância. O estado é o sexto produtor nacional, respondendo por cerca de 5% da produção brasileira.

No estado, a produção também tem crescido sistematicamente. A redução de alternativas de renda a que muitos produtores vêm sendo submetidos fez com que passassem a dar maior importância à atividade leiteira. Assim, além de melhorarem seus rebanhos, estão adotando sistemas de produção cada vez mais eficientes.

Embora este processo esteja ocorrendo em várias regiões, continua tendo especial relevância no oeste do estado, onde a produção leiteira ganha cada vez mais importância econômica e social. Atualmente, aquela região é a principal produtora e amplia constantemente sua participação na quantidade de leite recebida pelas indústrias do estado (Mapa 1).

A tendência é de a produção e a quantidade comercializada de leite no estado continuarem crescendo sensivelmente. O crescimento na quantidade comercializada para as indústrias sob inspeção (Tabela 4) deve continuar superior ao verificado na produção total do estado.

TABELA 4/I - LEITE - QUANTIDADE RECEBIDA PELAS INDÚSTRIAS INSPECIONADAS - SANTA CATARINA - 1989-1999

MÊS/ANO	(mil litros)										
	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997 ⁽¹⁾	1998 ⁽¹⁾	1999 ⁽¹⁾
Janeiro	19.963	21.989	20.341	25.606	24.707	25.667	30.045	34.478	36.772	40.450	37.109
Fevereiro	17.741	19.388	18.640	22.996	21.959	22.419	26.514	31.493	32.833	36.116	34.005
Março	18.386	19.717	18.755	23.039	22.101	23.461	26.853	31.072	33.285	36.613	35.092
Abril	16.040	17.180	17.997	20.468	20.269	20.141	23.670	27.671	29.691	32.660	31.872
Mai	14.900	17.844	17.355	20.334	20.273	20.546	26.044	27.681	29.686	32.655	32.878
Junho	16.067	16.054	17.336	20.176	19.633	22.040	26.093	27.138	29.753	32.728	33.379
Julho	16.868	17.896	19.690	21.971	21.820	24.161	29.286	31.088	32.966	36.263	41.677
Agosto	18.380	19.616	20.616	22.755	23.636	27.441	32.723	34.331	35.896	39.485	44.926
Setembro	19.740	20.444	22.506	24.175	23.965	26.944	32.414	33.112	36.819	40.501	46.153
Outubro	21.788	22.563	22.985	25.843	25.121	27.885	32.164	32.988	38.493	42.343	44.233
Novembro	21.744	22.497	23.491	24.052	25.647	27.932	31.802	32.763	38.262	42.088	43.709
Dezembro	22.256	23.233	25.060	24.226	27.167	31.304	32.659	32.887	39.916	43.908	45.456
TOTAL	223.873	238.421	244.772	275.641	276.298	299.941	349.267	376.702	414.372	455.809	470.489

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal de Leite.

⁽¹⁾ Estimativa do Instituto Cepa/SC.

Um dado que reflete claramente isso é a quantidade de leite recebido pelas indústrias sob inspeção estadual, as quais normalmente são de menor porte e, pela legislação, estão autorizadas a comercializar seus produtos apenas dentro do próprio estado. De 95 para 99, o recebimento dessas indústrias saltou de 4 milhões para 36 milhões de litros, um crescimento de 800%.

TABELA 5/I - LEITE E DERIVADOS - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1992-1999

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)	VALOR MÉDIO (US\$/t)
1992	42.513	72.064	1.695
1993	87.718	149.155	1.700
1994	152.083	258.234	1.698
1995	355.619	610.406	1.716
1996	357.743 ⁽¹⁾	512.847	1.434
1997	318.747	454.656	1.426
1998	384.123	508.818	1.325
1999	383.674	439.951	1.147

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

⁽¹⁾ Número corrigido pelo Instituto Cepa/SC.

Quanto às importações brasileiras de lácteos, apesar de toda desvalorização cambial de 1999, continuaram bastante elevadas (Tabela 5).

Isso estimulou o governo brasileiro, através da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, a abrir uma investigação para averiguar a existência de "dumping" (venda de produtos a preços inferiores aos dos custos) para vários produtos lácteos originários da Argentina, da Austrália, da Nova Zelândia, da União Européia e do Uruguai, responsáveis pela quase totalidade das importações brasileiras.

Os cálculos das margens de "dumping", de acordo com a origem das importações, indicaram percentuais bastante diferentes, atingindo o máximo de 190,6% na União Européia, e o mínimo de 2,1% no Uruguai.

Apesar desse comportamento relativamente estável das importações brasileiras, quem não pára de ganhar mercado interno são os parceiros do Mercosul. Em 1999, as importações originárias deste bloco apresentaram, em relação às de 1998, um crescimento de 19,5% na quantidade e de 6,7% no valor. Com isso, o bloco representou 87% da quantidade e 85% do valor das importações brasileiras de leite e derivados (Tabelas 6 e 7).

TABELA 6/I - LEITE E DERIVADOS - QUANTIDADE DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR BLOCO - 1992-1999

ANO	MERCOSUL	UNIÃO EUROPEIA	OCEANIA	NAFTA	OUTROS	TOTAL
1992	7.957	17.483	5.247	3.270	8.556	42.513
1993	29.403	23.407	10.017	4.047	23.844	87.718
1994	77.731	31.761	12.927	4.567	25.097	152.083
1995	158.465	134.334	18.778	21.195	22.845	355.619
1996 ⁽¹⁾	196.126	51.070	76.043	19.391	15.113	357.743
1997	228.063	36.694	40.915	6.392	6.682	318.747
1998	278.062	44.631	40.770	13.138	7.523	384.123
1999	332.399	23.733	11.431	13.848	2.262	383.674

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

⁽¹⁾ Número corrigido pelo Instituto Cepa/SC.

TABELA 7/II - LEITE E DERIVADOS - VALOR DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR BLOCO - 1992-1999

ANO	MERCOSUL	UNIÃO EUROPEIA	OCEANIA	NAFTA	OUTROS	TOTAL
1992	12.219	32.773	8.863	5.638	12.570	72.064
1993	61.466	31.371	17.220	2.350	36.749	149.155
1994	146.169	54.878	17.983	5.680	33.523	258.234
1995	270.187	239.392	32.000	31.242	37.585	610.406
1996	314.109	78.676	75.685	21.117	23.260	512.847
1997	298.953	62.096	69.996	10.725	12.886	454.656
1998	352.532	68.161	60.931	14.777	12.417	508.818
1999	376.092	33.047	18.697	9.243	2.872	439.951

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

Embora não tenha havido redução expressiva nas importações, os preços dos lácteos no varejo e o recebido pelos produtores não apresentaram, em 99 e no primeiro semestre de 2000, o mesmo comportamento de anos anteriores, quando, no período de safra, decrescem de forma sensível pelo aumento da oferta.

A sensível redução da produção nacional foi o que justificou tal comportamento dos preços. O desestímulo à produção em algumas regiões, pelas dificuldades de preços de anos recentes, e a falta de chuvas em níveis adequados em vários estados fizeram com que a oferta interna fosse bem menor que o esperado.

Os produtores catarinenses acabaram sendo beneficiados com isso. No estado, as repercussões da estiagem na produção leiteira foram menores que as verificadas em outros estados e houve um interesse bem maior que o esperado pela matéria-prima

estadual. Isto refletiu-se positivamente nos preços recebidos pelos produtores do estado (Tabela 8).

O desenvolvimento satisfatório do setor leiteiro verificado em 99 e no primeiro semestre deste ano, é fundamental para Santa Catarina. Na produção agropecuária estadual, a atividade leiteira tem sido responsável pela manutenção da renda e, conseqüentemente, pela permanência de um contingente significativo de produtores no meio rural.

TABELA 8/I - LEITE - PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES - SANTA CATARINA - 1990-2000

MÊS	(moeda nacional/litro na plataforma das indústrias)										
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Janeiro	3,85	36,69	199,32	2.205,65	77,50	0,22	0,21	0,21	0,21	0,23	0,26
Fevereiro	7,15	48,01	234,07	2.925,00	111,95	0,22	0,20	0,21	0,21	0,22	0,27
Março	13,35	48,34	345,52	4.410,00	159,94	0,22	0,20	0,21	0,21	0,23	0,27
Abril	14,75	48,34	439,50	6.076,00	233,22	0,23	0,21	0,21	0,22	0,23	0,27
Mai	14,75	51,67	563,52	8.325,00	342,02	0,23	0,22	0,21	0,23	0,23	0,29
Junho	14,75	60,74	689,33	10.800,00	0,18	0,23	0,22	0,23	0,23	0,23	0,30
Julho	14,99	67,50	784,84	13.950,00	0,20	0,23	0,22	0,24	0,24	0,26	-
Agosto	17,56	76,52	918,39	18,00	0,20	0,23	0,22	0,23	0,24	0,25	-
Setembro	19,66	86,58	1.092,00	24,30	0,22	0,22	0,21	0,22	0,24	0,25	-
Outubro	22,09	101,57	1.242,90	32,79	0,22	0,22	0,21	0,22	0,23	0,23	-
Novembro	25,28	139,83	1.450,00	42,90	0,22	0,22	0,21	0,21	0,23	0,24	-
Dezembro	30,42	173,84	1.778,06	56,13	0,22	0,22	0,21	0,21	0,22	0,25	-
MÉDIA	16,55	78,30	811,45	4.072,15	77,17	0,22	0,21	0,22	0,23	0,24	0,28

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 9/I - VACAS ORDENHADAS EM PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

PAÍS/REGIÃO	(1000 cab)					
	1995	1996	1997	1998	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽²⁾
União Européia	22.434	21.938	21.651	21.180	20.927	20.657
Estados Unidos	9.466	9.372	9.252	9.158	9.157	9.134
Índia	33.000	33.500	34.500	35.000	35.500	35.800
Rússia	18.400	17.450	15.900	14.500	13.500	12.500
Ucrânia	7.818	7.200	6.265	6.265	5.864	5.700
Polónia	3.715	3.442	3.550	3.496	3.471	3.400
Nova Zelândia	2.994	3.153	3.260	3.270	3.285	3.295
Austrália	1.786	1.822	1.977	2.060	2.121	2.152
Argentina	2.350	2.300	2.400	2.500	2.500	2.470
Japão	1.034	1.035	1.032	1.022	1.008	1.000
Canadá	1.244	1.237	1.253	1.242	1.240	1.242
China	2.252	2.071	2.120	2.170	2.220	2.280
Romênia	1.778	1.776	1.740	1.690	1.680	1.675
Outros países selecionados	26.709	26.173	26.209	26.387	26.133	26.187
TOTAL	134.980	132.469	131.109	129.940	128.606	127.492

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Projeção.

TABELA 10// - LEITE E DERIVADOS - VALOR MÉDIO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR BLOCO - 1992-1999

ANO	(US\$/t)					
	MERCOSUL	UNIÃO EUROPEIA	OCEANIA	NAFTA	OUTROS	TOTAL
1992	1.536	1.875	1.689	1.724	1.469	1.695
1993	2.090	1.340	1.719	2.245	1.541	1.700
1994	1.880	1.728	1.391	1.244	1.336	1.698
1995	1.705	1.782	1.704	1.474	1.645	1.716
1996	1.602	1.541	995	1.089	1.539	1.434
1997	1.311	1.692	1.711	1.678	1.929	1.426
1998	1.268	1.527	1.494	1.125	1.651	1.325
1999	1.131	1.392	1.636	667	1.270	1.147

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

TABELA 11// - LEITE E DERIVADOS - IMPORTAÇÕES CATARINENSES - 1992 -1999

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)	VALOR MÉDIO (US\$/t)
1992	228	389	1.706
1993	580	1.428	2.462
1994	3.403	7.606	2.235
1995	9.275	18.344	1.978
1996	17.833	21.859	1.226
1997	27.862	21.383	767
1998	27.009	17.533	649
1999	8.161	4.584	562

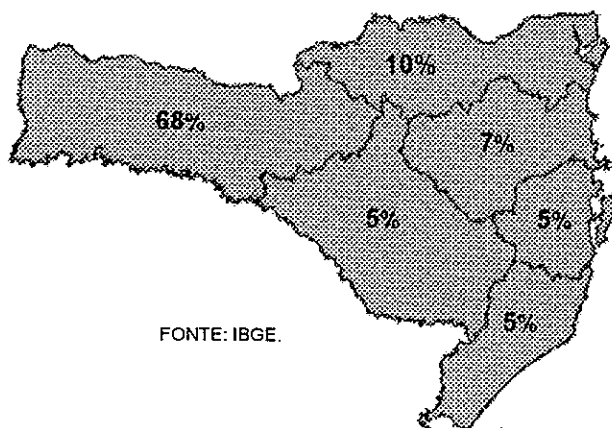
FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

TABELA 12// - LEITE - PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES - SANTA CATARINA - 1990-2000

MÊS	(US\$/litro na plataforma das indústrias)										
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Janeiro	0,27	0,19	0,17	0,16	0,20	0,26	0,22	0,20	0,19	0,16	0,14
Fevereiro	0,30	0,22	0,16	0,16	0,20	0,26	0,20	0,20	0,19	0,11	0,15
Março	0,35	0,21	0,19	0,20	0,21	0,25	0,20	0,20	0,19	0,12	0,15
Abril	0,31	0,19	0,20	0,21	0,21	0,25	0,21	0,20	0,19	0,14	0,15
Maio	0,28	0,19	0,21	0,22	0,22	0,26	0,22	0,20	0,20	0,14	0,16
Junho	0,26	0,20	0,22	0,22	0,00	0,25	0,22	0,21	0,20	0,13	0,17
Julho	0,23	0,21	0,20	0,22	0,21	0,25	0,22	0,22	0,21	0,14	...
Agosto	0,24	0,21	0,20	0,22	0,22	0,24	0,22	0,21	0,20	0,13	...
Setembro	0,26	0,20	0,19	0,22	0,25	0,23	0,21	0,20	0,20	0,13	...
Outubro	0,23	0,17	0,17	0,22	0,26	0,23	0,20	0,20	0,19	0,12	...
Novembro	0,21	0,19	0,16	0,21	0,26	0,23	0,20	0,19	0,19	0,12	...
Dezembro	0,20	0,18	0,16	0,20	0,26	0,23	0,20	0,19	0,18	0,14	...
MÉDIA	0,26	0,20	0,19	0,21	0,21	0,24	0,21	0,20	0,19	0,13	0,15

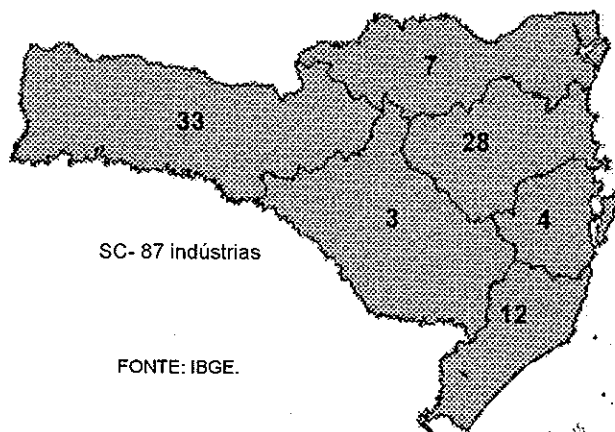
FONTE: Instituto Cepa/SC.

MAPA 1// - LEITE - PARTICIPAÇÃO DAS MESORREGIÕES NA QUANTIDADE RECEBIDA PELAS INDÚSTRIAS INSPECIONADAS - 1999



FONTE: IBGE.

MAPA 2/I - LEITE - NÚMERO DE INDÚSTRIAS
INSPECIONADAS, SEGUNDO AS MESORREGIÕES - 1999



Tabajara Marcondes

- MEL

A apicultura catarinense destaca-se por ser de grande importância social, econômica e ecológica. Por suas peculiaridades, pode ser praticada nas pequenas propriedades de agricultura familiar, principalmente em áreas inadequadas para a agricultura intensiva e em áreas de preservação permanente, maximizando a capacidade de aproveitamento econômico da propriedade.

Santa Catarina possui uma rica cobertura vegetal em praticamente todo o seu território, com grande variedade de espécies melíferas, que propiciam ao setor apícola alternativas de fonte de renda e de produção de alimento.

Estima-se que 10% dos apicultores catarinenses tenham nesta atividade sua principal fonte de renda. No entanto, o estado, por sua topografia acidentada e por se caracterizar por um modelo fundiário baseado em pequenas propriedades rurais de agricultura familiar - atualmente mais de 90% dos apicultores pertencem a essa categoria -, tem na apicultura um grande potencial para aumento direto da renda e da melhoria da qualidade de vida da família rural. Além disso, esta atividade tem impacto positivo sobre o meio ambiente, promovendo um desenvolvimento rural sustentável.

Inicialmente, com a introdução das abelhas européias - dóceis e de fácil manejo -, a atividade difundiu-se em praticamente todo o estado. Posteriormente, com a chegada das abelhas africanas, ocorreu um retrocesso, uma vez que a maioria dos apicultores não estava preparada para enfrentar a nova raça de abelhas - consideradas bastante agressivas. A consequência foi o abandono da atividade, com a eliminação das

colônias de abelhas. No entanto, alguns poucos apicultores persistiram e, com o apoio do governo do estado, através do estudo de novas técnicas de manejo e do uso de equipamentos de proteção mais seguros, a apicultura voltou a crescer em Santa Catarina.

Atualmente, a apicultura é difundida por todo o estado, sendo mais intensa e produtiva nas regiões do Planalto Serrano, do Planalto Norte e no Sul Catarinense.

Segundo o Censo Agropecuário 1995-1996, Santa Catarina produz anualmente cerca de 3.800 toneladas de mel, representando 21% do total nacional. No entanto, os dados da Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina (Faasc), indicam uma produção de mel bastante superior, devendo atingir cerca de 8.000 toneladas anuais. O número de apicultores que se dedicam à atividade deve alcançar aproximadamente 30 mil, possuindo um total de 400 mil colméias instaladas.

Além do mel, outros produtos são gerados, como cera, geléia real, pólen, própolis e apitoxina. Além desses, uma gama de subprodutos das abelhas (tais como pomada, bala, chiclete, pastilhas com diversos sabores, sabonete, creme para pele, dentre outros) tem um mercado nacional e internacional em franca expansão. Salienta-se também que, através da polinização feita pelas abelhas, garante-se ainda maior produção de sementes e frutos, tanto cultivados como silvestres.

QUADRO 1/I - MEL DE ABELHA - PERÍODO DE SAFRAS POR REGIÃO PRODUTORA - SANTA CATARINA	
REGIÃO	PERÍODO DA SAFRA
Oeste Catarinense	agosto a novembro
Planalto Norte Catarinense	setembro a novembro
Planalto Serrano Catarinense	setembro a dezembro
Grande Florianópolis	setembro a novembro
Sul Catarinense	março a maio
Vale do Itajaí	agosto a dezembro
FONTE: Faasc/Cepea.	

QUADRO 2/I - MEL DE ABELHA - ESTRUTURA DE COMERCIALIZAÇÃO DO SETOR APÍCOLA - SANTA CATARINA	
DISCRIMINAÇÃO	NÚMERO
Entrepasto de mel (SIF/SIE)	18
Casa do mel (SIF/SIE)	13
Associações de apicultores	64
FONTE: Faasc/Cepea.	

Luiz Marcelino Vieira

- SUÍNOS

A produção nacional de carne suína, nos anos recentes, vem crescendo moderadamente. O aumento do consumo interno, a ampliação das exportações e a rápida mudança do perfil tecnológico explicam o crescimento. A produção situou-se próximo a 2,1 milhões de toneladas em 1999. Para 2000, a produção deve manter-se estável ao redor de 2,1 milhões de toneladas. O baixo consumo, a queda nos preços ao produtor e a pressão sobre os custos são as causas da estabilidade da produção.

Do total produzido em 1999, 96,1% destinou-se ao consumo interno e apenas 3,9% ao mercado externo. Os cenários alternativos indicam crescimento do mercado interno, sobretudo para cortes in natura. No entanto, a abertura comercial brasileira expôs a atividade à competitividade internacional, o que pode ser identificado pelo aumento das importações. Mesmo assim, crescem as possibilidades de aumento das exportações, devendo atingir no curto prazo um volume superior a 150 mil toneladas anuais.

TABELA 1/I - CARNE SUÍNA - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - BRASIL - 1998-2000

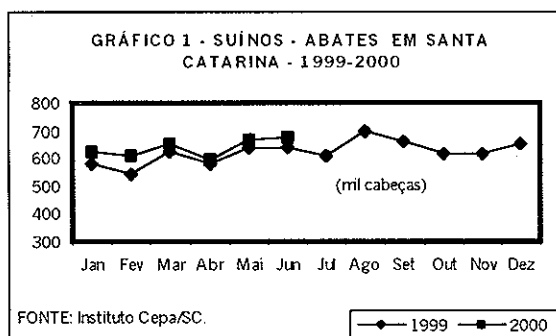
SITUAÇÃO	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	(mil t)
				VARIAÇÃO 2000/1999 (%)
Estoque	8	25	40	60,0
Produção	2.016	2.084	2.081	-0,1
Importação	11	15	15	-
Suprimento interno	2.035	2.124	2.136	0,6
Exportação	83	81	90	11,1
Consumo interno	1.927	2.003	2.016	0,6
Kg/per capita	11,98	12,30	12,24	-0,5

FONTE: IBGE/Instituto Cepa/SC.

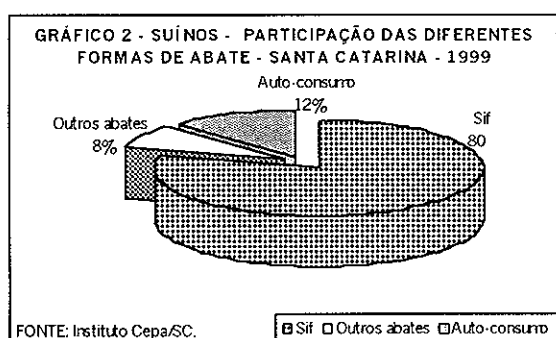
⁽¹⁾ Estimativa.

A suinocultura catarinense é internacionalmente competitiva. Tanto no campo como na indústria, possui os melhores índices de produtividade do País. Seus coeficientes técnicos são semelhantes e até superiores aos europeus e americanos. Com um desfrute de aproximadamente 170%, produz ao redor de 600 mil toneladas anualmente, 28% a 30% da produção nacional e 0,7% da produção mundial. Apesar disso, devido às barreiras de ordem sanitária e aos subsídios nos países concorrentes, tem uma inexpressiva participação nos negócios internacionais.

Com pouco mais de 16% do rebanho nacional (4,5 milhões de cabeças), produz mais de um terço dos abates totais (7,5 milhões de cabeças em 1999). Com apenas 19% do rebanho industrial (3,4 milhões de cabeças), detém o controle de quase 40% dos abates industriais do País (6,6 milhões de cabeças). Dos abates totais, 82% originam-se nos Sistemas Integrados. Dos abates inspecionados, 90% dos suínos têm origem nos sistemas integrados. A região Oeste do estado concentra 70% do rebanho e 90% da produção.



Do total abatido em 1999, 80% foi com inspeção federal e 8% sob inspeção estadual ou sem controle de qualidade; desse total, 12% foi abatido nas propriedades, com o objetivo de abastecer e suprir o comércio comunitário. A expansão de pequenos negócios artesanais tem-se desenvolvido nos anos recentes como forma de agregar valor à produção familiar. A criação de legislação própria e de serviços públicos estaduais e municipais de fiscalização tem facilitado a organização destes pequenos empreendimentos...



A produção catarinense de suínos atingiu 586 mil toneladas em equivalente carcaça em 1999 e deve superar as 620 mil toneladas em 2000. Do total da produção estadual em equivalente carcaça, 16,4% destina-se ao consumo local, 70,8% ao mercado nacional e 12,8% às exportações. A tendência deste mercado é de se manter crescendo a taxas históricas, seja pelo aumento das exportações, seja pelo aumento do consumo interno, estimulado por campanha promovida pelas associações de criadores.

TABELA 2/I - CARNE SUÍNA - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SANTA CATARINA - 1998-2000

SITUAÇÃO	1998	1999	2000 ⁽¹⁾	VARIÇÃO
				2000/1999 %
Estoque	5	5	8	60,0
Produção	562	586	621	6,0
Suprimento interno	575	591	629	6,3
Exportação	68	75	80	6,7
Venda nacional	407	412	446	8,1
Consumo estadual	95	96	98	2,1
Kg/per capita	19	21	21	3,4

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ Estimativa.

Nos últimos dez anos foram incorporadas ao processo produtivo novas tecnologias em instalações, equipamentos e manejo, com especial destaque para a sanidade animal, a melhoria genética dos plantéis e a qualidade da carne. A produção na indústria sofre um processo intenso de diversificação em produtos e mercados, o que garante a continuidade de sua liderança. O mercado de suínos está concentrado em cinco grandes empresas, todas com matriz em Santa Catarina. Essas empresas detêm mais de 60% dos abates e de 70% dos negócios suínícolas do País.

A suinocultura é a segunda atividade econômica mais importante do estado, seja por sua participação na agricultura, seja pela geração de empregos. Na formação do valor bruto da produção agrícola estadual, participa com 19,3% do total (R\$ 723,5 milhões). Movimenta, anualmente, ao redor de R\$ 2,6 bilhões na economia estadual, empregando diretamente em torno de 55 mil pessoas e, indiretamente, mais de 120 mil.

TABELA 3/I - SUÍNOS - ABATES TOTAIS - SANTA CATARINA - 1997-2000

MÊS	1997	1998	1999 (a)	2000 (b)	(mil cab.)
					VAR % b/a
Janeiro	568,5	582,8	582,1	624,3	7,24
Fevereiro	487,2	555,4	543,2	612,4	12,75
Março	472,4	603,5	625,1	654,7	4,74
Abril	509,1	547,5	582,2	592,1	1,71
Mai	511,6	584,1	637,2	669,8	5,12
Junho	556,1	586,1	641,0	672,0	4,84
Julho	567,3	631,8	607,9	-	-
Agosto	533,5	598,6	695,7	-	-
Setembro	563,9	603,0	663,0	-	-
Outubro	582,0	613,8	618,5	-	-
Novembro	532,1	612,2	616,0	-	-
Dezembro	527,6	547,4	654,4	-	-
SUBTOTAL ⁽¹⁾	3104,86	3459,39	3610,74	3825,36	5,94
TOTAL	6411,3	7066,2	7466,2	-	-

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ 1º semestre.

TABELA 4/I - CARNE SUÍNA - PRODUÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

PRODUÇÃO	1995	1996	1997	1998	1999	(mil t)
						2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	8.096	7.764	7.835	8.623	8.716	8.463
Canadá	1.276	1.228	1.257	1.330	1.525	1.620
México	954	895	940	950	950	945
Brasil	1.450	1.600	1.540	1.663	1.742	1.836
União Européia	15.701	15.977	15.906	17.162	17.409	17.279
Hungria	400	490	485	408	490	485
Polónia	1.580	1.684	1.540	1.700	1.700	1.580
Federação Russa	1.865	1.700	1.570	1.510	1.485	1.400
China	36.484	31.580	34.643	36.180	36.788	37.890
Taiwan	1.233	1.269	1.030	892	870	890
Japão	1.322	1.266	1.283	1.285	1.283	1.280
Outros países	4.319	4.498	4.377	4.456	4.467	4.469
TOTAL	74.680	69.951	72.406	76.159	77.425	78.137

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ - Estimativa.

TABELA 5/I - CARNE SUÍNA - IMPORTAÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

IMPORTAÇÃO	1995	1996	1997	1998	1999	(mil t)
						2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	301	280	287	319	375	363
Canadá	27	39	59	63	45	40
México	30	32	62	97	110	120
Brasil	10	1	6	1	1	1
União Européia	32	47	61	52	49	43
Polónia	47	39	36	59	40	50
Romênia	2	0	0	29	20	15
Federação Russa	454	450	500	375	350	350
Hong Kong	160	145	188	252	221	235
Japão	829	933	731	721	814	814
Coreia	45	49	77	66	124	130
Singapura	25	24	26	12	18	23
Outros países	59	73	71	126	168	181
TOTAL	2.021	2.112	2.104	2.172	2.335	2.365

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 6/I - CARNE SUÍNA - EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

EXPORTAÇÃO	1995	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	357	440	474	557	572	544
Canadá	357	372	416	432	550	610
Brasil	29	56	64	74	77	80
União Européia	708	699	972	1.093	1.144	1.118
Hungria	54	103	48	25	30	25
Polónia	81	160	284	222	120	150
Romênia	37	35	65	6	5	3
China	230	192	162	164	100	100
Taiwan	381	-388	70	3	5	5
Outros países	87	99	153	225	240	258
TOTAL	2.321	2.544	2.708	2.801	2.843	2.893

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 7/I - CARNE SUÍNA - CONSUMO MUNDIAL DE PAÍSES SELECIONADOS - 1995-2000

CONSUMO	1995	1996	1997	1998	1999	2000 ⁽¹⁾
Estados Unidos	8.059	7.618	7.629	8.304	8.536	8.304
Canadá	946	897	893	956	1.010	1.052
México	980	914	980	1.026	1.035	1.035
Brasil	1.417	1.554	1.487	1.585	1.658	1.763
União Européia	14.825	15.036	14.782	15.538	16.013	16.064
Hungria	404	395	415	374	429	427
Polónia	1.490	1.592	1.329	1.487	1.550	1.540
Romênia	396	395	295	341	335	302
Federação Russa	2.570	2.149	2.069	1.884	1.834	1.749
China	36.257	31.390	34.506	36.057	36.736	37.840
Taiwan	857	897	860	971	965	950
Japão	2.093	2.119	2.079	2.090	2.095	2.095
Coréia	830	871	867	940	977	988
Filipinas	760	866	905	940	990	1.040
Outros países	2.536	2.398	2.448	2.450	2.372	2.364
TOTAL	74.420	69.091	71.544	74.943	76.535	77.513

FONTE: Usda (21).

⁽¹⁾ Estimativa.

Jurandi Soares Machado

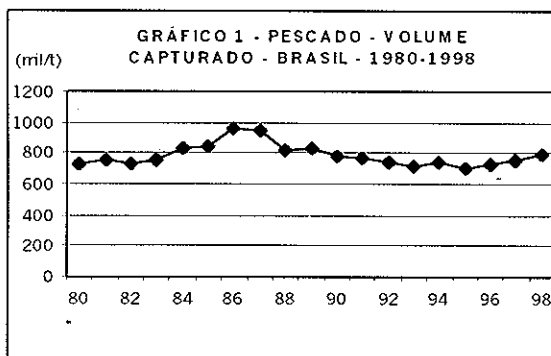
1.4. DESEMPENHO DA PESCA E AQUICULTURA

- PESCA

O volume das capturas mundiais de pescado no período 1987-1997 tem apresentado pequenos aumentos em relação ao da década anterior; nota-se, ainda, uma tendência à estabilização destes volumes.

Os cinco principais países em volume de pescado capturado no mundo são, atualmente, em primeiro, a China; em seguida o Peru, o Japão, o Chile e os EUA (Tabela 1, ao final do texto).

O Japão, que até 1991 estava à frente como maior produtor mundial de pescado, com o último dado (FAO, 1997) fica em terceiro lugar, atrás da China e do Peru.



O Brasil ocupa o 26º no contexto mundial, apresentando um volume de captura em processo de estabilização. O volume anual médio de pescado capturado nas costas brasileiras, dos anos 80 até o último dado de 1997, situa-se em torno de 785 mil toneladas (Gráfico 1).

Comparativamente aos outros países da América do Sul, o Brasil, com seus 8,5 mil quilômetros de costa litorânea, poderia ter um volume de pescado capturado bem maior que o Chile e o Peru, cujas costas são menores e cujo somatório não chega ao tamanho do litoral do Brasil. No entanto, o volume da pesca é superior ao brasileiro, em parte, devido às características oceanográficas das costas destes países e, em parte, ao nível tecnológico empregado na pesca, que reduz o caráter aleatório da captura das espécies marinhas. Além disso, a frota de barcos pesqueiros do Brasil há mais de vinte anos não recebe investimentos para renovação ou inovações tecnológicas.

Comparativamente aos outros países da América do Sul, o Brasil, com seus

TABELA 2 - PESCADO - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1995-1999

ANO	TOTAL PESCADOS		
	US\$ FOB	QUILOGRAMA	PREÇO-MÉDIO US\$/t
1995	146.811.643	23.121.020	6.349,70
1996	122.968.944	21.377.143	5.752,36
1997	110.317.449	24.145.775	4.568,81
1998	104.584.619	24.188.896	4.323,66
1999	125.578.446	32.028.821	3.920,80

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

As exportações brasileiras nos últimos cinco anos têm permanecido estáveis, com uma média para este período de 24,9 mil toneladas, movimentando recursos da ordem de 122 milhões de dólares (Tabela 2).

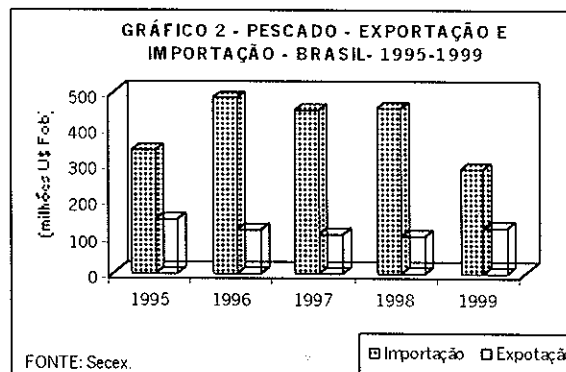
Já as importações de pescado têm sido mais altas, ocasionando um déficit na balança comercial do setor (Tabela 3). Os números negativos dos últimos anos chegaram a 348,8 milhões de dólares em 1998 e só se amenizaram em 1999, passando para 162,5 milhões de dólares (Gráfico 2).

Já as importações de pescado têm sido

TABELA 3 - PESCADO - IMPORTAÇÃO BRASILEIRA - 1995-1999

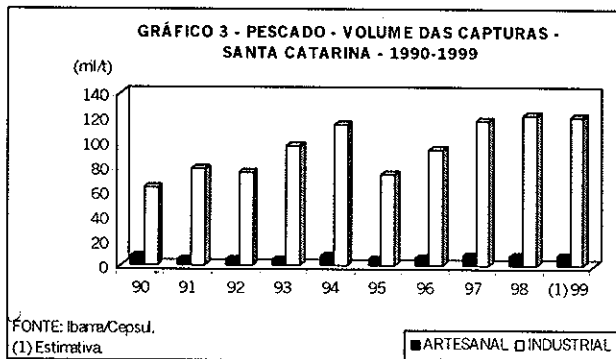
ANO	US\$ FOB	QUILOGRAMA	PREÇO-MÉDIO US\$/t
1995	341.015.065
1996	482.827.856	280.217.715	1.723,05
1997	450.053.791	210.983.858	2.133,12
1998	453.422.527	195.700.910	2.316,92
1999	288.036.591	169.134.733	1.703,00

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).



FONTE: Secex.

No tocante à participação das regiões brasileiras, o estado catarinense ocupa um dos primeiros lugares no panorama nacional, em que a maioria dos recursos pesqueiros, por se destinarem à pesca de espécies migratórias, é compartilhada pelos estados das Regiões Sul e Sudeste.



Representado por dois níveis distintos de exploração, o industrial e o artesanal, o setor pesqueiro catarinense tem sua produção estabilizada nos últimos anos, com um volume total de captura em torno de 130 mil toneladas/ano (Gráfico 3).

Na pesca artesanal, o controle de desembarque a partir da década de 70 vem apresentando um acentuado decréscimo da produção (em 70,

representava 40% do total; atualmente, representa algo em torno de 7%), sobretudo pela redução do quadro de pessoal responsável pela coleta de dados e pela ineficácia da metodologia adotada. Este espaço foi tomado pela pesca industrial, a qual, depois de um período de expressivo crescimento, estabilizou-se na produção atual.

Em 1998 (último dado oficial disponível), chegou a 133 mil toneladas; 7% desse volume resultou da pesca artesanal; os outros 93%, da industrial (Tabela 4).

Como as estatísticas pesqueiras de Santa Catarina realizadas pelo Ibama/Cepsul para o ano de 1999 ainda não estão concluídas, a produção foi estimada em torno de 130 mil toneladas. Acredita-se, dentro dos moldes atuais, que a pesca em Santa Catarina tenha alcançado o limite máximo sustentável de captura.

Ao longo dos 561,4 quilômetros da costa catarinense, o setor pesqueiro contava, em 1999, com algo em torno de 40 mil profissionais, que têm na pesca sua principal atividade. Destes, 35 mil estão associados a 32 colônias de pescadores; o restante é representado por uma parcela de não associados.

Não se contabilizam nestes números os empregados nas indústrias, no comércio e no transporte ligados à pesca, como, por exemplo, as indústrias de beneficiamento de pescado, a construção naval e as fábricas de insumos para a atividade.

Dentre as espécies mais capturadas em Santa Catarina, destacam-se a sardinha-verdadeira (com maior volume capturado), o bonito-listrado, a corvina e a mistura. Estes quatro grupos representaram, em 1998, 66,3% do total capturado (Tabela 5).

O município catarinense que se destaca dos demais é Itajaí, com aproximadamente 90% do total das capturas de pescado no estado, tendo em vista o maior desembarque da produção pesqueira em seu porto (Tabela 6).

TABELA 4/I - PESCADO - TOTAL CAPTURADO, POR TIPO DE PESCA - SANTA CATARINA - 1975-1999

ANO	INDUSTRIAL	PARTICIPAÇÃO (%)	ARTESANAL	PARTICIPAÇÃO (%)	TOTAL
1975	50.056	58,17	35.997	41,83	86.053
1976	28.973	50,03	28.933	49,97	57.906
1977	54.801	64,86	29.689	35,14	84.490
1978	62.392	64,19	34.812	35,81	97.204
1979	71.133	77,74	20.372	22,26	91.505
1980	93.828	79,44	24.278	20,56	118.106
1981	50.218	71,44	20.079	28,56	70.297
1982	60.095	73,00	22.230	27,00	82.325
1983	56.897	71,02	23.217	28,98	80.114
1984	69.400	71,47	27.710	28,53	97.111
1985	101.830	84,20	19.108	15,80	120.938
1986	97.481	89,88	10.975	10,12	108.456
1987	58.722	86,49	9.174	13,51	67.896
1988	64.182	85,28	11.078	14,72	75.260
1989	71.750	86,50	11.197	13,50	82.947
1990	64.633	87,67	9.087	12,33	73.720
1991	79.567	93,16	5.839	6,84	85.406
1992	76.072	92,27	6.369	7,73	82.441
1993	97.694	94,30	5.907	5,70	103.601
1994	115.314	93,29	8.298	6,71	123.612
1995	75.182	92,55	6.049	7,45	81.231
1996	95.590	92,31	7.959	7,69	103.549
1997	118.288	92,90	9.045	7,10	127.333
1998	123.675	92,90	9.445	7,10	133.120
1999 ⁽¹⁾	121.000	93,08	9.000	6,92	130.000

FONTES: Sudepe/Coreg-SC - 1975 - 1987 - e Ibama/Cepsul - 1988-1999.

⁽¹⁾ Estimativa.

TABELA 5/II - PESCADO - PRINCIPAIS ESPÉCIES CAPTURADAS - SANTA CATARINA - 1992-1998

ESPÉCIES	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Sardinha-verdadeira	36.706	36.008	61.505	23.162	43.875	67.149	57.156
Bonito-lustrado	12.018	12.224	13.891	9.787	15.568	16.194	14.480
Corvina	3.764	5.915	6.636	5.664	6.318	6.987	10.410
Mistura	5.302	9.569	6.820	3.813	5.153	5.975	6.209
Sardinha-lage	2.003	2.543	2.115	5.529	2.786	691	5.952
Palombeta	551	3.099	1.732	1.564	499	707	3.021
Camarão-sete-barbas	1.054	1.428	1.859	2.072	2.863	2.043	3.008
Cavalinha	691	212	1.821	5.508	3.184	2.437	2.880
Goete	480	499	1.251	883	576	691	2.305
Cações	1.019	1.227	1.496	982	1.056	1.961	2.210
Pescadinha-real	1.105	2.823	1.662	965	2.634	1.995	2.209
Pescada-olhuda	989	2.929	2.401	2.054	1.825	851	1.780
Siri	2	32	59	35	316	862	1.606
Resíduo	590	750	1.394	993	1.480	1.067	1.602
Abrótea	483	1.113	2.008	1.522	1.346	1.495	1.599
Tainha	1.396	1.536	900	2.223	2.182	2.232	1.392
Camarão-barba-ruça	105	198	158	407	661	1.549	1.325
Camarão-rosa	266	474	590	325	648	1.124	1.135
Enchova	430	471	1.141	1.236	1.348	869	892
Cação-anjo	490	1.318	1.199	371	464	289	862
Papa-terra	932	697	625	698	-	767	818
Linguado	371	486	560	390	285	457	690
Outros	11.694	18.049	11.787	11.047	8.480	8.941	9.578
TOTAL	82.441	103.601	123.612	81.231	103.549	127.333	133.120

FONTE: Ibama/Cepsul.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 6/i - CAPTURA DE PESCADO, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS - SANTA CATARINA - 1993-1998

NÍVEL GEOGRÁFICO	(t)					
	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Itajaí	95.070	111.609	70.544	92.601	113.554	117.579
Tubarão	861	2.713	805	3.043	6.828	1.885
Florianópolis	3.028	4.465	6.838	5.009	2.983	4.149
Araranguá	1.348	3.201	1.144	1.713	2.237	2.032
Joinville	3.208	1.550	1.797	1.112	1.610	7.308
Criciúma	12	64	105
Tijucas	87	74	103	58	58	63
TOTAL	103.602	123.612	81.231	103.548	127.334	133.120

FONTE: Ibama/Cepsul.

No tocante ao escoamento desta produção, em 1999 o estado exportou 6.900 toneladas, representando US\$ 7.975.488,00. Este volume teve como destino principal países como Argentina, Estados Unidos e Espanha (Tabela 7).

TABELA 7/i - TOTAL DAS EXPORTAÇÕES DE PESCADO (PEIXES, CRUSTÁCEOS, MOLUSCOS E OUTROS), POR PAÍS DE DESTINO - SANTA CATARINA - 1992-1999

PAÍS DESTINO	(US\$ FOB)							
	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Argentina	3.558.934	2.733.942	3.184.348	1.402.850	1.679.702	2.135.081	2.511.653	1.758.608
Estados Unidos	4.797.659	2.967.971	3.194.470	982.306	829.875	1.290.369	1.087.256	1.795.607
Espanha	1.120.471	1.414.286	690.033	318.773	1.704.078	2.595.815	3.008.895	2.302.641
Taiwan (Formosa)	-	1.517.424	-	-	2.975.663	1.025.709	284.600	-
Portugal	1.343.963	1.212.622	154.505	-	165.490	1.948.835	630.333	81.337
Itália	1.793.415	893.362	212.325	446.382	543.793	96.860	-	383.266
Hong Kong	189.100	-	814.000	1.498.332	241.470	167.797	138.608	193.913
Porto Rico	38.160	699.700	0	-	119.952	1.135.934	-	-
França	571.917	518.649	46.308	-	16.593	18.190	254.948	67.656
China	426.655	-	-	-	-	912.716	-	151.611
Japão	408.179	250	-	529.633	-	74.295	14.439	20.173
OUTROS	643.311	575.897	349.891	134.722	145.710	716.717	233.986	1.220.676
TOTAL	14.889.764	12.534.103	8.645.880	5.312.998	8.422.326	12.118.318	8.164.718	7.975.488

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

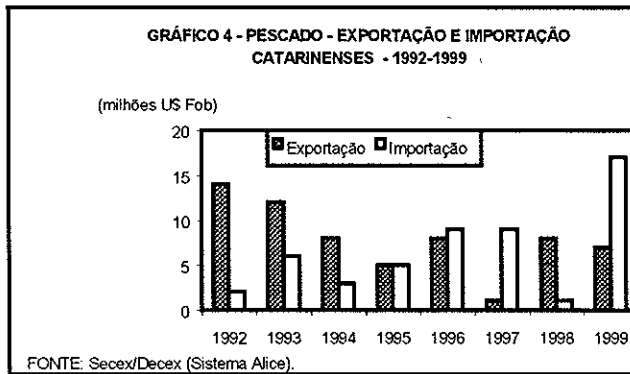
Os produtos mais exportados em 1999 foram as conservas de sardinha-inteira, de atuns e de bonitos-listrados.

Já as importações catarinenses de pescado, em 1999, foram de 29.332 toneladas, num total de US\$ 17.178.367,00. Figuram como maiores fornecedores a Maurítânia e a Venezuela, suplantando a Argentina e o Uruguai, que até 1998 foram os principais fornecedores de pescado para o Brasil (Tabela 8).

TABELA 8/i - TOTAL DAS IMPORTAÇÕES CATARINENSES DE PESCADO (PEIXES, CRUSTACEOS, MOLUSCOS E OUTROS), POR PAÍS DE ORIGEM - 1992-1999

PAÍS ORIGEM	(US\$ FOB)							
	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Argentina	1.096.323	2.821.061	2.123.150	3.856.818	3.727.510	5.118.438	4.944.600	2.249.573
Uruguai	259.125	148.287	545.849	647.030	4.518.635	4.015.931	4.760.106	2.091.364
Maurítânia	-	704.543	-	4.556	-	-	720.516	3.563.534
Venezuela	-	-	58.800	274.328	187.448	693	562.424	3.430.477
Equador	-	-	-	-	20.940	2.500	1.364.169	2.107.802
Chile	3.000	1.000	284.613	225.393	189.566	580.249	1.468.517	241.489
Tailândia	-	-	-	-	-	-	1.220.380	1.472.572
Rússia Fed.	-	910.882	32.000	27.618	102.259	-	148.499	1.150.732
URSS	541.336	333.491	-	-	-	-	-	-
Estados Unidos	-	-	-	35.324	71.207	15.009	121.672	430.194
Noruega	-	-	-	171.683	281.320	93.820	630	-
OUTROS	339.996	1.405.767	8.031	194.851	85.740	-	56.517	440.630
TOTAL	2.239.780	6.325.031	3.052.443	5.437.601	9.184.625	9.826.640	15.368.030	17.178.367

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).



Analisando as exportações e as importações de Santa Catarina de 1992 a 1999, observa-se que a balança comercial do pescado foi superavitária apenas nos anos de 1992 a 1994 e em 1997; nos demais, foi deficitária, chegando, em 1999, a um déficit em torno de US\$ 9.202.879,00 (Gráfico 4).

O produto da pesca catarinense, além ser exportado para outros países, abastece o próprio mercado interno e o de outros estados da Federação. Do total da pesca industrial catarinense, estima-se que apenas 10% se destine ao mercado interno.

No entreposto de pescado da Ceagesp, por exemplo, o produto catarinense é responsável por algo em torno de 40% do total da movimentação anual. As espécies de pescado catarinense com maior comercialização nesse entreposto são a sardinha, a pescada e a corvina, chegando as três espécies a um somatório em torno de 13 mil toneladas comercializadas ao ano.

Já a produção da pesca artesanal é integralmente destinada ao mercado estadual. Um dos grandes problemas neste setor é o da comercialização. O pescador, por não possuir uma adequada estrutura de comercialização, é obrigado a entregar o pescado por um preço bem inferior ao preço de revenda no mercado consumidor, onde o produto chega após haver passado por muitos intermediários. Uma das alternativas para estes profissionais seria uma estruturação do segmento com as associações e colônias, objetivando agregar valor ao produto, utilizar políticas de marketing e infraestrutura e diminuir os níveis de intermediação da comercialização.

A conclusão que se pode tirar é que, nos próximos anos, diante do cenário exposto (balança comercial deficitária, crescimento da demanda e, em função do comprometimento dos estoques, estagnação da pesca extrativa), a melhor alternativa para o estado catarinense, para se manter entre os primeiros produtores de pescado do País, é investir na aquicultura.

TABELA 1/1 - CAPTURAS NOMINAIS POR PRINCIPAIS PRODUTORES DE PEIXES, CRUSTÁCEOS, MOLUSCOS, E OUTROS - 1987-1997

PAÍS OU ÁREA	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Argentina	559.777	493.164	486.332	555.272	640.145	703.425	931.051	948.757	1.147.368	1.248.718	1.351.066
África do Sul	1.427.422	1.301.175	876.444	534.316	496.124	692.145	561.255	520.336	574.358	436.279	509.390
Alemanha	399.288	321.542	345.842	326.698	232.430	216.890	253.010	230.161	239.851	236.411	259.352
Austrália	204.794
Bangladesh	817.003	654.668	656.439	653.552	689.727	709.332	764.824	770.790	792.389	814.787	829.992
Brasil	947.992	814.563	831.860	781.150	766.260	741.320	717.090	740.100	706.708	732.450	750.000
Canadá	1.567.932	1.657.916	1.606.716	1.637.730	1.458.230	1.291.999	1.131.484	1.022.515	868.037	901.157	944.562
Chile	4.814.360	5.200.604	6.438.800	5.162.747	5.958.878	6.432.321	5.949.565	7.720.578	7.433.902	6.690.993	5.811.567
China
China (continental)	9.346.222	5.749.150	6.164.910	6.654.440	7.372.199	8.322.552	9.351.437	10.866.836	12.562.706	14.222.306	15.722.344
Coreia do Norte	1.712.952	1.652.200	1.671.100	1.300.000	1.050.000	900.000	870.000	371.961	327.083	253.125	236.462
Coreia do Sul	2.876.703	2.275.308	2.435.889	2.466.593	2.171.858	2.321.079	2.257.193	2.357.891	2.319.915	2.413.756	2.204.047
Cuba
Dinamarca	1.707.824	1.945.765	1.896.246	1.475.711	1.751.154	1.953.834	1.614.289	1.873.335	1.999.033	1.681.517	1.826.852
Egito	231.030	232.047	233.104	251.034	238.298	256.700	272.700	283.900	311.040	320.100	345.240
Equador	680.131	800.393	611.582	288.913	330.525	226.817	286.633	255.031	505.395	684.806	553.000
Escócia
Espanha	1.523.747	1.322.130	1.299.746	1.096.639	1.047.029	1.084.041	1.094.879	1.158.518	1.167.177	1.100.587	1.102.075
Federação Russa
Filipinas	1.988.718	8.191.327	8.211.516	7.553.508	6.895.231	5.509.994	4.370.015	3.705.081	4.311.809	4.676.666	4.661.853
França	850.550	1.667.304	1.738.163	1.828.883	1.903.179	1.885.041	1.834.323	1.845.331	1.860.491	1.783.593	1.805.806
Gana	382.195	667.645	633.784	619.052	579.619	585.631	618.298	615.773	610.282	561.565	542.367
Holanda	511.773	362.043	361.751	395.961	362.700	423.591	372.733	335.871	353.322	476.609	446.483
Hong Kong	228.094	397.246	421.351	406.242	407.166	432.970	461.756	420.053	438.092	410.798	451.799
Ilhas Faroe	391.022	354.641	300.471	273.020	228.316	248.430	246.403	237.713	288.857	306.860	329.736
Índia	2.921.885	2.232.632	2.636.189	2.782.586	2.824.733	2.844.102	3.118.815	3.209.969	3.219.583	3.474.064	3.601.554
Indonésia	2.583.874	2.380.611	2.500.509	2.544.365	2.834.961	2.889.046	3.085.035	3.315.629	3.503.769	3.557.623	3.649.200
Inglaterra	945.948	900.707	856.439	790.118	790.551	813.083	860.200	877.943	909.902	865.107	887.444
Irã	...	208.605	234.187	242.559	255.503	312.438	296.188	406.574	339.800	351.723	349.921
Irã IR	210.955
Irlanda	250.955	242.185	187.309	215.717	233.272	249.186	278.574	293.920	385.431	333.030	292.872
Islândia	1.632.707	1.756.467	1.500.717	1.505.312	1.047.395	1.574.682	1.715.581	1.556.962	1.612.548	2.060.168	2.205.944
Itália	564.998	448.631	418.173	381.688	405.894	396.103	395.309	396.267	394.020	362.544	349.677
Japão	11.857.651	11.159.369	10.388.912	9.549.979	8.497.748	7.683.898	7.247.828	6.617.308	5.967.290	5.936.130	5.882.299
Malásia	905.951	826.627	883.571	952.581	913.391	1.025.289	1.049.321	1.067.650	1.112.375	1.130.689	1.172.922
México	1.418.903	1.347.934	1.446.889	1.361.134	1.373.170	1.157.573	1.102.932	1.191.875	1.329.469	1.484.084	1.489.020

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

(conclusão)		1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
PAIS OU ÁREA												
Mianmar		685.864	698.874	726.816	736.731	743.203	748.124	771.799	750.820	758.214	804.830	830.346
Morrocos		494.157	551.704	520.344	565.497	592.777	621.795	621.795	750.659	844.291	637.793	783.615
Namíbia		32.437	33.395	21.225	262.432	206.181	294.577	300.879	300.879	292.171	266.982	291.119
Nigéria		260.808	268.883	273.993	308.981	251.851	301.316	238.409	267.059	349.482	337.990	365.735
Noruega		1.949.458	1.749.906	1.795.098	1.602.954	2.012.110	2.430.823	2.415.131	2.351.763	2.525.078	2.638.564	2.856.689
Nova Zelândia		247.252	264.115	306.664	343.851	368.515	451.998	418.782	441.369	544.242	421.104	596.017
Paquistão		4.587.586	6.636.886	6.849.068	6.868.905	6.898.106	7.502.192	9.004.777	11.999.217	8.937.342	9.515.048	7.869.871
Polónia		670.906	628.939	538.858	446.611	427.889	475.697	404.422	435.729	426.235	341.299	361.906
Portugal		391.361	337.875	324.613	318.173	319.636	293.169	287.786	263.187	260.584	260.422	221.923
Senegal		256.067	260.726	287.096	314.513	324.378	370.242	383.212	350.421	358.617	436.259	506.966
Sri Lanka		186.243	192.536	200.286	160.897	194.063	202.668	217.900	221.500	229.500	226.000	240.000
Suécia		214.513	242.676	249.782	250.982	237.016	307.545	341.897	386.814	404.572	370.881	357.406
Taiilândia		2.783.644	2.430.850	2.443.885	2.498.234	2.618.746	2.875.456	2.927.689	3.012.256	3.012.256	2.963.399	2.912.203
Taiwan		1.229.782	1.059.175	1.126.293	1.110.939	1.023.959	1.063.947	1.133.676	967.209	1.010.021	967.483	1.038.048
Tanzânia		342.338	392.921	376.722	413.665	328.353	331.235	331.267	286.399	359.800	356.617	356.960
Turquia		627.907	670.107	451.587	379.167	356.893	445.360	546.829	587.335	630.586	523.843	454.810
Ucrânia		...	1.048.157	1.039.144	966.721	810.579	488.939	305.334	267.180	378.495	417.119	373.005
Uganda		200.000	214.291	212.205	245.223	214.570	264.900	219.814	213.129	208.789	195.088	218.026
USA		5.988.926	5.599.098	5.408.681	5.555.475	5.126.791	5.190.717	5.523.216	5.535.349	5.224.566	5.001.483	5.010.054
Venezuela		297.878	285.475	328.683	338.750	343.328	331.490	394.423	437.141	498.809	484.529	494.163
Vietnã		871.404	758.400	757.832	752.465	800.403	878.147	960.498	960.498	999.860	1.028.500	1.066.000
Soma países ou áreas		79.209.600	82.328.200	82.952.100	79.467.700	78.455.800	80.101.100	81.413.000	86.440.100	86.374.400	88.220.900	88.344.800
Outros países ou áreas		15.550.100	6.545.100	6.510.600	6.225.500	5.186.800	5.414.800	5.329.100	5.132.000	5.324.800	5.146.600	4.984.400
TOTAL MUNDIAL		94.759.700	88.873.300	89.462.700	85.693.200	83.642.600	85.515.900	86.642.100	91.572.100	91.699.200	93.367.500	93.329.200

FONTE: FAO.

- AQUICULTURA

A pesca e a aquicultura são atividades estratégicas para garantir o fornecimento de proteínas necessárias à alimentação humana, além de gerar emprego e renda. A aquicultura no mundo tem apresentado, nos últimos anos, taxas de crescimento bem superiores às da pesca, mas também encontrou problemas no caminho do seu desenvolvimento devido a conflitos de interesses na utilização das zonas costeiras e às cobranças de órgãos ambientalistas para que o modelo aquícola ande sempre lado a lado com as questões ambientais, levando em consideração a relação com o uso dos recursos naturais existentes, chamada aquicultura sustentável.

Graças, entre outras razões, aos seus 561,4 quilômetros de costa, ao seu potencial hídrico de águas interiores, à sua estrutura fundiária e à utilização de tecnologias apropriadas (resultado do trabalho de órgãos públicos como a Epagri e as universidades), Santa Catarina vem se destacando na aquicultura dentro do cenário brasileiro, que atualmente confere ao estado uma posição de referência nacional em cultivo de moluscos bivalves.

Da história da aquicultura em Santa Catarina, podemos referenciar algumas áreas onde o cultivo na água tem destaque.

O cultivo de mexilhões (carro-chefe da maricultura) teve seu início em 1988, com a instalação pela Epagri, em parceria com a Ufsc, de experimentos na região litorânea compreendida entre o município de Garopaba e o de Itapoá.

A ostreicultura, que se concentrava em Florianópolis, a partir de 1995, com a instalação pela Epagri de unidades demonstrativas de cultivo, se difunde para outros municípios litorâneos.

O cultivo de vieiras (*Nodipecten nodosus*) teve seu início em 1998, com a instalação pela Epagri de experimentos com sementes adquiridas em Angra dos Reis/RJ, nos municípios de Palhoça, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Bombinhas, Porto Belo e Penha, onde os resultados indicaram a viabilidade desse cultivo.

A piscicultura marinha foi iniciada em 1999 pela Ufsc e a Epagri, que montaram três unidades experimentais de cultivo de robalos em tanques-redes nos municípios de Porto Belo, Bombinhas e Governador Celso Ramos.

A ranicultura catarinense teve início na década de 80. O estado, com boas perspectivas de mercado, chegou a ter instalados cerca de 2.000 ranários. Por vários motivos, porém, esta atividade entrou em declínio, chegando quase a desaparecer. Hoje, embora ainda sobreviva, é pouco significativa.

A carcinicultura (cultivo de crustáceos) de água doce, introduzida em Santa Catarina por volta dos anos 80 com o cultivo do camarão (gigante-da-malásia), não teve continuidade pelo fato de as experiências terem sido prejudicadas por problemas de mercado e adaptação da espécie.

Da aqüicultura, em particular, ressaltamos a piscicultura de águas mornas e frias (no interior do estado) e a maricultura (que começou a ser explorada no estado como alternativa para os pescadores artesanais).

Assim, a aqüicultura, além de se tornar uma importante atividade econômica para muitos municípios, geradora de alimentos e renda nas pequenas comunidades agrícolas e pesqueiras, é talvez a mais importante saída para o aumento da produção de pescado em Santa Catarina.

- PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE

A piscicultura em Santa Catarina começou na década de 70, com o serviço de extensão pesqueira e a instalação de experimentos de piscicultura em vários municípios. Em 1991 foi criado pela Epagri o programa de profissionalização de piscicultores, que proporcionou a capacitação de técnicos e o treinamento de produtores em todo o estado.

Esta atividade teve como primeiro objetivo criar uma alternativa de renda para o pequeno produtor rural do interior catarinense; no entanto, no decorrer destes mais de 25 anos, mostrou ser um segmento de muita importância, haja vista suas potencialidades e as significativas razões para sua adoção na propriedade, como o aproveitamento de áreas improdutivas e de resíduos orgânicos (dejetos), a utilização de mão-de-obra familiar e um bom retorno financeiro por capital investido.

Além de incrementar a renda do homem do campo, fazendo com que ele permaneça no meio rural numa atividade produtiva, ainda alavanca o desenvolvimento de outras atividades, auxiliando, assim, o crescimento econômico do estado.

Santa Catarina ocupa hoje lugar de destaque no cenário nacional com a produção de peixes de água doce (em 1999, em torno de 16 mil toneladas). Como atividade em franco crescimento (em torno de 10% ao ano), a piscicultura favorece ainda o surgimento e crescimento de outras atividades, como é o caso das indústrias de rações, equipamentos (aeradores e alimentadores) e outros insumos, além de indústrias de processamento de pescado e transporte de peixes vivos (vendidos para pesque-pague em São Paulo e no Paraná).

Os piscicultores de Santa Catarina, atualmente (em 1999), estão organizados em 51 associações municipais, 2 associações regionais e 1 associação estadual. A maioria delas é constituída de pequenos produtores rurais que se utilizam da piscicultura como atividade complementar; além delas, há pequenos empresários que se dedicam à produção de peixes de água doce (Tabela 1).

TABELA 1/I - PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE (ÁGUA MORNA) - PISCICULTORES ASSISTIDOS, NÚMERO DE VIVEIROS E ÁREA ALAGADA COM VIVEIROS - SANTA CATARINA - 1983-1999

ANO	PISCICULTORES . ASSISTIDOS	NÚMERO DE VIVEIROS	ÁREA ALAGADA (ha)
1983	4.768	3.259	624
1984	4.241	4.413	835
1985	6.317	7.696	1.561
1986	6.948	8.595	1.595
1987	7.062	9.482	1.748
1988	5.980	7.200	1.540
1989	6.295	7.600	1.610
1990	6.431	8.100	1.630
1991	6.700	8.300	1.670
1992	4.111	6.595	1.270
1993	4.918	7.937	2.563
1994	7.725	11.685	3.883
1995	16.054	26.062	6.494
1996	17.032	28.964	7.554
1997	20.764	33.787	8.978
1998	22.338	37.679	10.764
1999	23.840	40.284	10.918

FONTE: Epagri/Ufsc/Prefeituras Municipais/Associações de Piscicultores.

Estas associações auxiliam no trato com órgãos ambientais, na busca da legalização ambiental da atividade, que é prioridade da Secretaria do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (através da Fatma) e da Secretaria do Desenvolvimento Rural e da Agricultura (através da Epagri). Este órgão, pela extensão rural, procura conscientizar o produtor quanto à correta utilização do solo e da água, orientando sobre a localização adequada para a instalação de viveiros, além de manejos e práticas adequados ao cultivo.

Existem hoje no estado diversos modelos de cultivo de peixes: a piscicultura de águas frias, com o cultivo de trutas (truticultura), nas partes altas e frias (planalto serrano) (Tabelas 2 e 3), e a piscicultura de águas mornas, que no início cultivava carpa comum e tilápia e atualmente conta com outras espécies, como carpas-chinesas, bagre-americano e africano.

TABELA 2/I - PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE - (ÁGUAS FRIAS) - TRUTICULTURA - PRODUÇÃO POR ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DA EPAGRI - SANTA CATARINA - 1996 - 1999

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL	PRODUÇÃO (kg)			
	1996	1997	1998	1999
Caçador	834	3.000	10.000	12.000
Campos Novos	1.600	1.600	1.000	...
Canoinhas	1.500	...
Florianópolis	9.500	1.200	1.300	3.500
Itajaí	22.530	25.500	35.750	39.200
Joinville	260.000	263.000	143.000	90.000
Lages	207.500	170.100	197.000	167.000
Rio do Sul	7.000	12.000	7.000	15.500
TOTAL	508.964	476.400	396.550	327.200

FONTE: Epagri/Ufsc/Prefeituras Municipais/Associações de Piscicultores.

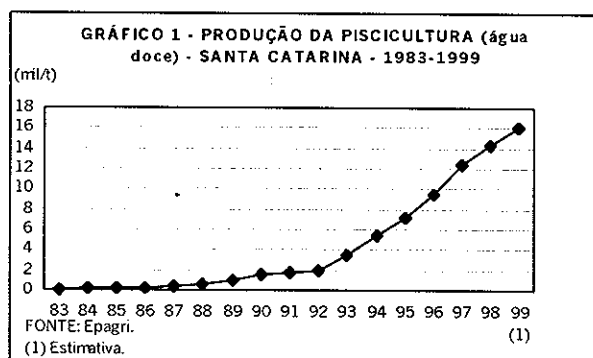
TABELA 3/I - PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE - (ÁGUAS FRIAS) - TRUTICULTURA - PRODUÇÃO - SANTA CATARINA - 1993-1999

ANO	PRODUÇÃO (kg)
1993	218.000
1994	441.900
1995	476.250
1996	508.964
1997	476.400
1998	396.550
1999	327.200

FONTE: Epagri/Ufsc/Prefeituras Municipais/Associações de Piscicultores.

O principal sistema de produção é o policultivo, com a utilização de adubo orgânico (peixe consorciado com frango ou suíno), estimulando o aparecimento de microorganismos que fazem parte da cadeia alimentar do peixe. Os dejetos de

suínos e frangos são usados pelos produtores em função da disponibilidade, do baixo custo e dos resultados de produção. Outra forma utilizada é a rizipiscicultura, praticada nos arrozais. Uma de suas utilidades é o combate dos peixes às pragas daninhas à cultura, o que permite diminuir a utilização de agrotóxicos e, conseqüentemente, os custos de produção da lavoura, além de contribuir para a preservação ambiental.



A produção de peixes em águas doces no estado tem crescido bastante nos últimos anos. Registrou-se um crescimento de 31% em 1997 (em relação ao ano anterior); 17% em 1998 e 11% em 1999. Acredita-se que nos próximos anos este crescimento deverá permanecer no patamar dos 10% a 20% ao ano (Gráfico 1).

As espécies mais produzidas são a carpa comum, em primeiro lugar, seguida da tilápia. Estas duas espécies, juntas, somam mais da metade do total de peixes produzidos no estado (Tabela 4).

TABELA 4/I - PISCICULTURA - PRODUÇÃO (ÁGUA DOCE) POR ESPÉCIE CULTIVADA - SANTA CATARINA - 1996-1999

ESPÉCIE	QUANTIDADE (kg)			
	1996	1997	1998	1999
Bagre-africano	427.948	1.299.999	558.460	418.024
Bagre-americano	133.989	537.710	611.620	735.166
Carpa-capim	1.099.417	1.325.553	1.806.800	1.752.128
Carpa-cabeça-grande	855.358	912.436	1.198.377	1.214.655
Carpa-comum	3.478.680	3.538.857	4.975.400	5.133.830
Carpa-prateada	625.310	782.479	809.445	753.958
Cascudo	99.309	130.166	126.210	99.990
Curimatã	54.779	46.740	54.840	40.240
Lambari	23.025	18.810	26.920	18.700
Pacu	81.613	232.335	240.880	277.251
Tambacu	7.559
Tambaqui	15.815	21.992	48.900	22.475
Tilápia	1.857.922	2.767.451	3.318.327	4.767.391
Traíra	105.741	140.015	141.065	106.593
Truta	508.964	476.400	396.550	327.200
Outras espécies	79.859	137.990	96.605	310.245
TOTAL	9.455.288	12.368.933	14.410.399	15.977.846

FONTE: Epagri/Ufsc/Prefeituras Municipais/Associações de Piscicultores.

A piscicultura de águas frias, com a produção de trutas, concentra-se na região dos Campos de Lages.

Já a piscicultura de águas mornas tem maior expressão nas regiões do Vale do Itajaí, Litoral Norte e Oeste Catarinense. Estas regiões concentram cerca de 65% da produção do estado (Tabela 5).

O produtor catarinense comercializa sua produção em feiras ou na propriedade. Quase não há intermediários nesse processo, ao contrário da pesca extrativa do litoral.

TABELA 5/I - PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE (ÁGUA MORNA) - PRODUÇÃO POR ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DA EPAGRI - SANTA CATARINA - 1996 - 1999

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL	PRODUÇÃO (kg)			
	1996	1997	1998	1999
Caçador	415.966	523.000	623.500	596.300
Campos Novos	413.740	534.150	704.600	785.150
Canoinhas	350.248	788.120	484.620	517.550
Chapecó	889.435	967.050	1.185.570	1.443.600
Concórdia	587.178	851.450	1.059.635	1.049.053
Florianópolis	519.538	423.400	675.894	785.831
Itajaí	1.539.575	1.812.097	2.017.630	2.633.855
Joinville	915.523	1.667.900	1.778.015	2.009.255
Lages	455.300	547.080	592.700	649.400
Rio do Sul	1.003.000	1.608.000	1.893.000	2.056.500
São Miguel do Oeste	719.150	802.440	886.515	961.110
Tubarão	444.330	692.680	820.680	1.256.377
Urussanga	380.470	260.316	722.740	516.215
Videira	312.870	414.850	568.750	390.450
TOTAL	8.946.323	11.892.533	14.013.849	15.650.646

FONTE: Epagri/Ufsc/Prefeituras Municipais/Associações de Piscicultores.

A comercialização sem a presença de intermediários favorece ao produtor a obtenção de preços justos pelo produto, que ora se destina a pesque-pague (peixe comercializado vivo) e ora se destina à indústria, como no caso da tilápia, espécie que deve aumentar nos próximos anos sua participação no volume de pescado produzido por se tratar de uma espécie muito procurada pela indústria.

Existem regiões no estado em que a produção está associada a empreendimentos turísticos, como os pesque-pague, que oferecem uma estrutura de lazer aliada a uma eficiente forma de comercialização da produção, situação que permite ao produtor agregar valor ao seu produto e obter maior lucratividade.

Os preços médios de venda dos peixes cultivados em 13 regiões do estado ficaram, no primeiro trimestre de 2000, quando vendidos para a indústria, em torno de R\$ 0,82 para a tilápia, o bagre-africano e a carpa; R\$ 0,95 para o bagre-americano e R\$ 4,25 para a truta.

TABELA 6/I - PISCICULTURA - PREÇO DE PEIXES DESTINADOS À INDÚSTRIA E AO PESQUE-PAGUE - MÉDIA DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2000 EM 13 REGIÕES - SANTA CATARINA

ESPÉCIE	(R\$/kg)	
	INDÚSTRIA	VIVO
Bagre-africano	0,82	2,03
Bagre-americano	0,95	2,53
Carpa-chinesa	0,83	1,50
Carpa-comum	0,82	1,55
Tilápia	0,82	1,66
Truta	4,25	5,06

FONTE: Instituto Cepa/SC.

No caso de venda do peixe vivo para os pesque-pague, com clientes em São Paulo e no Paraná, os valores por quilo vão de R\$ 1,50 a R\$ 2,00 para a tilápia, o bagre-africano e a carpa; a R\$ 2,50 para o bagre-americano e a R\$ 5,00 para a truta (Tabela 6).

As rações utilizadas para a piscicultura, no primeiro trimestre de 2000, foram comercializadas no estado, em média (saco de 25 quilos), a R\$ 13,68 a ração para engorda de tilápias e carpas (com 20% a 28% de proteína), a R\$ 14,26 para engorda de bagres e peixes redondos (com 28% a 40% de proteína).

TABELA 7/I - PISCICULTURA - PREÇO DA RAÇÃO UTILIZADA - MÉDIA DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2000 EM 13 REGIÕES - SANTA CATARINA

APLICAÇÃO	(R\$/sc 25 kg)	
	PREÇOS	
Engorda de tilápia e carpa	13,68	
Engorda de bagre e peixe-redondo	14,26	
Engorda de trutas	18,49	
Recria	16,35	

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 8/I - PISCICULTURA - PREÇO DE ALEVINOS - MÉDIA DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2000 EM 13 REGIÕES - SANTA CATARINA

ESPÉCIE	(R\$/milheiro)	
	ALEVINOS I	ALEVINOS II
Bagre-africano	61,24	116,99
Bagre-americano	77,28	133,06
Carpa-chinesa	52,32	106,96
Carpa-comum	52,24	119,00
Tilápia	45,72	90,81

FONTE: Instituto Cepa/SC.

A ração utilizada para recria ou alimentação de alevinos na sua primeira fase (com 30% a 36% de proteína) teve um preço de R\$ 16,35; para a engorda de trutas, a ração (com mais de 40% de proteína) foi comercializada a R\$ 18,49/sc de 25 quilos (Tabela 7).

Os alevinos são comercializados de acordo com a idade e são classificados em alevino I e alevino II. O alevino II atinge aproximadamente o dobro do preço do alevino I. Os preços do alevino II de carpas e de bagre-americano ficaram (média de 13 regiões do estado no primeiro trimestre de 2000) entre R\$ 106,00 e R\$ 119,00 o milheiro. O alevino II de tilápia teve um preço mais baixo, tendo sido vendido a R\$ 90,00 o milheiro. O alevino mais caro é o do bagre-americano, que chega a R\$ 133,06 o milheiro (Tabela 8).

A lucratividade da piscicultura pode ser observada com o trabalho de monitoramento de propriedades no Alto Vale do Itajaí. Nessa região, com um modelo intermediário de policultivo de peixes, num sistema orgânico que utiliza aeração mecânica e ração artificial, o custo de produção foi de R\$ 0,54/kg. Com base neste custo, num preço de venda médio em torno de R\$ 0,90, com uma produtividade de 7.248 kg/ha e um ciclo produtivo de 240 dias, pode-se concluir que esta atividade é mais lucrativa que outras, como as do arroz e da cebola, culturas de grande importância econômica para a região do Alto Vale.

- CAMARÃO MARINHO

A criação de camarão em cativeiros é uma atividade que nos últimos anos, para atender ao aumento da demanda, tem apresentado grande expansão mundial, tornando-se uma cultura de grande importância socioeconômica para diversos países.

Atualmente praticada em mais de 50 países, a carcinicultura tem como maiores produtores a Tailândia, seguida pelo Equador, a Indonésia, a China e a Índia, responsáveis por 74,3%. Bangladesh, Vietnã, Filipinas, Honduras e outros são responsáveis pelo restante da produção mundial.

O Brasil, com 8.500 quilômetros de costa e muitas áreas litorâneas aptas à exploração, tem um grande potencial para exploração dessa cultura. Em cerca de 7 mil hectares de tanques para produção de camarões, a produção anual do País é 10 mil toneladas.

Pela estagnação da pesca e a crescente demanda pelo camarão, ainda que seus estoques pesqueiros estejam no limite da exploração, a carcinicultura vem constituindo uma grande alternativa para suprimento da demanda interna e externa.

Com os crescentes investimentos feitos nessa área, o Brasil poderá, em três anos, acreditar os técnicos do Ministério da Agricultura, chegar a uma produção anual de 70 mil toneladas em 30 mil hectares de área. Assim, o Brasil poderá conquistar espaços do Equador, que atualmente é o maior produtor latino-americano de camarões.

TABELA 1/I - CAMARÃO CONGELADO - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1995-1999

ANO	CAMARÃO CONGELADO		PREÇO-MÉDIO US\$/kg
	US\$ FOB	Quilograma	
1995	42.131.220	4.107.762	10,26
1996	33.826.528	3.040.567	11,13
1997	24.778.021	2.277.152	10,88
1998	26.673.342	2.623.194	10,17
1999	40.277.311	4.813.110	8,37

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

Em 1999 (ano em que o Brasil exportou 4.813 toneladas), o preço do camarão congelado ficou em US\$ 8,37/kg; já o preço do camarão-cultivado ficou entre US\$ 7,00 e US\$ 8,00/kg, o que significa que a meta é exportar anualmente, a partir de 2003, quase US\$ 560 milhões, se este preço se mantiver no mercado internacional (Tabela 1).

O estado catarinense tem características que favorecem o desenvolvimento da carcinicultura. Estimativas dos técnicos da Epagri indicam que no estado existam 10 mil hectares de áreas propícias para a criação, destacando-se as regiões do entorno do Complexo Lagunar Sul (Laguna, Jaguaruna, Imbituba e Imaruí), a Grande Florianópolis (Paulo Lopes, Biguaçu, Tijucas) e a Baía da Babitonga (São Francisco do Sul, Araquari e Barra do Sul). As áreas potenciais são desprovidas de vegetação e predominantemente arenosas, impróprias para agricultura e não-competitivas para pecuária.

Dos estados produtores de camarão cultivado, Santa Catarina foi o primeiro no Brasil a investir na atividade já na década de 70, seguido por outros do Nordeste, que implantaram fazendas para esse cultivo.

TABELA 2/I - PRODUÇÃO COM O CULTIVO DE CAMARÃO-NATIVO - SANTA CATARINA - 1992-1996

ANO	PRODUÇÃO (kg)
1992	40.000
1993	29.000
1994	23.800
1995	54.000
1996	23.000

FONTE: Epagri.

Em 1984, a Universidade Federal de Santa Catarina iniciou a pesquisa de reprodução e cultivo do camarão-rosa (espécie nativa). Os resultados obtidos não foram satisfatórios e os empreendimentos foram enfraquecendo, com a produção caindo, até que deixaram de existir (Tabela 2).

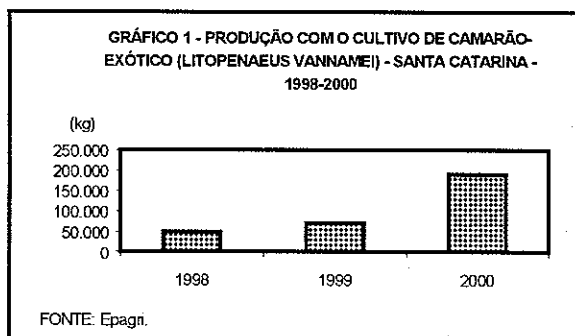
Somente a partir de 1990, com o cultivo nos estados do Nordeste da espécie exótica *Litopenaeus vannamei* (camarão-branco-do-pacífico), foi que os resultados da carcinicultura começaram a atender às expectativas de técnicos e produtores. Em 1998, a Universidade Federal de Santa Catarina - Ufsc - e a Epagri trouxeram para o estado a espécie *vannamei*, que é caracterizada pela rusticidade, alta taxa de sobrevivência, boa conversão alimentar e rápido crescimento. Este conjunto de características foi preponderante na viabilização das instalações de empreendimentos no município de Laguna.

Os bons resultados da atividade motivaram o governo do estado a lançar em 1999 o "Programa Estadual de Cultivo de Camarões-Marinhos", que objetiva, em quatro anos, a implantação de 2.500 hectares de cultivo, geração de 3.000 empregos e recursos da ordem de R\$ 50 milhões ao ano. Este programa beneficiará preferencialmente as famílias de pescadores artesanais, além de pequenos e médios produtores.

Outro marco para a história da carcinicultura em Santa Catarina é, sem dúvida, a doação, pela empresa Yakult S/A, de uma fazenda, no município de Araquari, com 20 viveiros, num total de 23 hectares de lâmina de água, o que proporcionará o desenvolvimento de experimentos e o treinamento de técnicos e produtores, alavancando ainda mais a atividade.

O laboratório de camarões-marinhos da Ufsc é responsável pela produção e obtenção das pós-larvas, que são repassadas aos produtores a um custo de R\$ 10,00 o milheiro. A Epagri é responsável pela elaboração dos projetos de implantação e assistência técnica através do serviço de extensão rural.

A produção do camarão cultivado em Santa Catarina tem aumentado muito a partir da introdução da espécie exótica (*Litopenaeus vannamei*) a partir de 1998. O cultivo do camarão é realizado em dois ciclos: a primeira despesca ocorre no mês de janeiro e a segunda, por volta do final do mês de abril e início de maio. No ano de 1999, no primeiro ciclo de cultivo, a produção foi de 23.802 quilos e no segundo ciclo, de 45.969 quilos. Em 2000, no mês de janeiro, foram despescados 78.693 quilos e no segundo ciclo a produção chegou a 112 toneladas. Observa-se um crescimento da produção, neste último ano, de 173% em relação ao ano anterior.



Em três anos, a produção catarinense alcançou quase quatro vezes a produção inicial (Gráfico 1).

A área alagada utilizada para o cultivo de camarões em Santa Catarina era, em 1998, de 35 hectares em três fazendas no município de Laguna; em 1999, com a introdução de novas fazendas, a área passou para 80 hectares; em 2000, a área alagada já é de 197 hectares.

TABELA 3// - CAMARÃO - PREÇO DAS ESPÉCIES CAPTURADAS EM SANTA CATARINA E COMERCIALIZADAS NA CEAGESP - 1999

ESPÉCIES	PREÇO (R\$/kg)
Camarão-sete-barbas primeira	2,90
Camarão-sete-barbas segunda	2,03
Camarão-médio primeira	9,14
Camarão-médio segunda	7,39
Camarão-médio terceira	5,69
Camarão-rosa grande	27,36
Camarão-rosa médio	16,00

FONTE: Ceagesp.

Em comparação com as espécies de camarão pescadas no litoral catarinense, o camarão cultivado apresenta um preço parecido com o do camarão médio, vendido por portos catarinenses ao entreposto de pescado da Ceagesp. O preço do camarão cultivado só fica abaixo do preço do camarão-rosa, sendo superior aos de outras espécies (Tabela 3).

TABELA 4/I - CAMARÃO - QUANTIDADE DE ESPÉCIES CAPTURADAS EM SANTA CATARINA COMERCIALIZADAS NA CEAGESP - 1998-1999

ESPÉCIES	QUANTIDADE (kg)	
	1998	1999
Camarão-sete-barbas	S/INF	6.425
Camarão médio	18.929	96.470
Camarão-rosa	5.326	4.400
TOTAL	24.255	107.295

FONTE: Ceagesp.

Somente na Ceagesp, Santa Catarina comercializa quantidades de alguma expressão de camarão, um dos mais importantes produtos da pesca em nosso litoral (em 1999 foram comercializadas 107 toneladas), o que é mais um indicativo da capacidade do mercado em absorver a produção do camarão cultivado para suprir a demanda nacional (Tabela 4).

Os preços que o pescador artesanal recebe por seu produto são bem inferiores aos recebidos pelo produtor de camarão cultivado, pois o pescador artesanal vende seu produto a intermediários (pombeiros) que, por sua vez, revendem a outros estabelecimentos comerciais ou aos consumidores finais, enquanto o produtor do camarão cultivado vende diretamente seu produto a grandes frigoríficos, sem intermediários, conseguindo um melhor preço, que, em média, é de R\$ 7,00 a R\$ 9,00/kg, chegando, em alguns casos, a R\$ 10,00/kg. Estudos feitos pela Epagri demonstram que o custo de produção do camarão cultivado fica em torno de R\$ 3,00/kg.

A atividade é lucrativa, o que se comprova quando o produtor consegue uma produtividade de 1.260 kg/ha (com um povoamento de 15 camarões por m² e sobrevivência de 70%) e comercializa sua produção a um preço de R\$ 8,50/kg. A receita líquida de cada hectare de viveiro é de R\$ 6.930,00, que dificilmente será alcançada por qualquer outra atividade do meio agrícola.

- MARISCO E OSTRA

O cultivo de moluscos é uma atividade de muita importância socioeconômica para vários países do mundo.

Sabe-se que o hábito alimentar de consumir moluscos vem desde a pré-história; prova disso é a existência de sambaquis espalhados pelo planeta.

Das espécies mais produzidas pela aquicultura mundial (FAO, 1998), a maior quantidade produzida é de algas; em segundo lugar, vem a produção de ostra-do-pacífico ou japonesa, quando o total produzido foi de 3.438.824 toneladas, 15,6% superior ao do ano anterior, de 2.974.460 toneladas. A produção deste ano representa um total de 3,23 bilhões de dólares.

No Brasil, a maior parte da produção de moluscos provém do extrativismo. O cultivo ainda é pouco representativo. Teve início na década de 70 em vários estados, inclusive em Santa Catarina, onde se destacam basicamente três espécies cultivadas: a ostra-do-mangue (*Crassostrea rhizophorae*), a ostra-japonesa (*Crassostrea gigas*) e o mexilhão ou marisco (*Perna perna*).

O estado de Santa Catarina tem um grande potencial para o desenvolvimento do cultivo de moluscos, pelas baías e enseadas apropriadas, com águas de boa qualidade, e pelas comunidades alocadas no litoral que têm na pesca artesanal sua atividade principal, contando com o incentivo e apoio de órgãos governamentais. Tais comunidades têm certa facilidade em aceitar a introdução desta nova atividade.

A Universidade Federal de Santa Catarina e a Epagri foram as responsáveis pela introdução, junto às comunidades pesqueiras artesanais do litoral catarinense, do cultivo de mexilhões em 1988, logo seguido pelo de ostras em 1989, como atividade comercial e com o objetivo inicial de complementar a renda do pescador, até como alternativa para a situação de estagnação dos estoques pesqueiros, fato este que muitas vezes leva alguns de seus membros a abandonarem a comunidade de origem.

Objetivando o sucesso do empreendimento, com um desenvolvimento ambientalmente apropriado da maricultura e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico do estado, a Epagri e a Ufsc estão presentes durante todo o processo de produção, responsabilizando-se pelo projeto de instalação, assistência técnica, monitoramento da qualidade da água, técnicas de manejo, beneficiamento e comercialização, além do apoio à organização dos produtores.

O laboratório de cultivo de moluscos marinhos da Ufsc é responsável pelos estudos dos moluscos bivalves marinhos, em especial do mexilhão e da ostra-do-pacífico, além da produção das sementes de ostra. As sementes de marisco são nativas, colhidas nos costões ou no próprio local do cultivo.

Santa Catarina destaca-se nacionalmente com a produção da ostra-japonesa ou ostra-do-pacífico (*Crassostrea gigas*) e o mexilhão ou marisco (*Perna perna*). O cultivo da ostra-do-mangue ou nativa (*Crassostrea rhizophorae*) está em fase experimental.

A produção de ostras e mariscos em Santa Catarina tem aumentado muito nos últimos anos e atualmente é o maior produtor nacional (Gráficos 1 e 2).

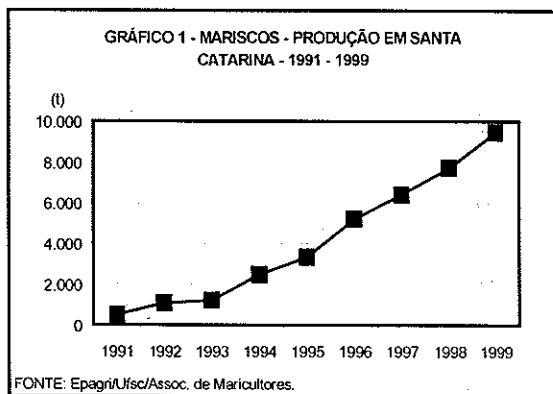


TABELA 1/I - OSTREICULTURA - PRODUÇÃO NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS - SANTA CATARINA - 1996-1999

MUNICÍPIO	(kg)			
	1996	1997	1998	1999
Balneário Camboriú	6.000	3.750
Bombinhas	550	5.560	15.000	29.202
Florianópolis	46.660	85.000	140.197	758.605
Governador Celso Ramos	6.700	6.670	9.000	7.500
Palhoça	24.660	3.550	99.000	75.000
São Francisco do Sul	345
Penha	800	30.000	450	29.186
Porto Belo	2.200	3.300	44.370	5.250
TOTAL	81.570	134.080	314.017	908.838

FONTE: Epagri/Ufsc/Associações de Maricultores.

Desde a implantação dos cultivos, há cerca de 13 anos, a produção de ostras se expandiu por vários municípios do litoral. Atualmente, a maior produção se encontra no município de Florianópolis, com um total de 758.605 quilos, o que representa 83,3% da produção total em 1999 (Tabela 1).

Neste ano, a produção de ostras no estado atingiu um total de 908.838 quilos, o que representa um incremento de 189,4% em relação ao ano anterior.

Nesta atividade, um dos fatores que limitam sua maior expansão é a produção de semente, feita em laboratório (LCMM da Ufsc). Por ser uma espécie exótica, a ostra-do-pacífico não tem uma reprodução natural em quantidade suficiente.

TABELA 2/I - OSTREICULTURA - PREÇO MÉDIO DE OSTRAS GIGAS CULTIVADAS - PRIMEIRO SEMESTRE DE 2000 - SANTA CATARINA

MÊS	R\$/dúzia			
	OSTRA MÉDIA		OSTRA GRANDE	
	Sem SIF	Com SIF	Sem SIF	Com SIF
Jan/00	2,80	3,50	3,60	4,00
Fev/00	2,60	3,50	3,40	4,00
Mar/00	2,55	3,50	3,43	4,00
Abr/00	3,00	3,50	3,67	4,00
Mai/00	2,8	3,50	3,6	4,00
Jun/00	2,80	3,50	3,68	4,00
MÉDIA	2,76	3,50	3,56	4,00

FONTE: Instituto Cepa/SC.

Os preços recebidos pelos produtores da ostra no primeiro semestre de 2000 mantiveram-se estáveis. A dúzia da ostra com SIF, tamanho grande, tem ficado, em média, em R\$ 4,00; a de tamanho médio, em R\$ 3,50. A dúzia da ostra sem SIF, tamanho grande, em R\$ 3,56, e a média, em R\$ 2,76 (Tabela 2).

O cultivo de mexilhões (mitilicultura) no estado também cresceu bastante nos últimos anos, chegando em 1999 a uma produção total de 9.460 toneladas, 22,5% superior à do ano anterior.

Os principais municípios produtores de mariscos são, atualmente, Palhoça, Governador Celso Ramos, Penha e Bombinhas. Juntos, são responsáveis por 91,6% da produção estadual (Tabela 3).

TABELA 3/I - MITILICULTURA - PRODUÇÃO ANUAL NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS - SANTA CATARINA - 1990-1999

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO (kg)									
	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Balneário Camboriú	8.000	8.000	9.500	8.500	100.000	79.200	82.000
Barra do Sul	4.000	10.000	5.000
Barra Velha	2.910	21.000	...	2.000	5.000	3.000	13.000	2.000
Bombinhas	281.500	302.800	591.300	750.000	840.000	1.254.000	1.350.000
Florianópolis	58.000	60.000	77.000	80.000	150.000	150.500	223.500
Gov. Celso Ramos	...	34.290	121.383	471.000	700.000	1.000.000	1.600.000	2.200.000	2.300.000	2.420.000
Itapema	...	2.520	8.742	5.500	7.500	6.380	8.500	15.000	15.000	22.500
Palhoça	...	380.000	708.000	353.900	1.395.000	1.500.000	2.213.000	1.890.000	2.500.000	2.700.000
Penha	150.000	400.000	900.000	1.000.000	2.200.000
Porto Belo	...	82.940	242.765	25.000	6.000	4.500	91.500	249.750	304.700	325.000
São Francisco do Sul	200	...	1.200	35.500	44.400	104.000	135.000
TOTAL	190.000	499.750	1.083.800	1.224.100	2.479.300	3.345.880	5.202.000	6.397.150	7.720.400	9.460.000

FONTE: Epagri/Ufsc/Associações de Maricultores.

TABELA 4/I - MARISCO CULTIVADO - PREÇO MÉDIO - PRIMEIRO SEMESTRE DE 2000 - SANTA CATARINA

MES	MARISCO COM CASCA		MARISCO SEM CASCA	
	Sem SIF	Com SIF	Sem SIF	Com SIF
Jan/00	0,83	2,35	3,85	...
Fev/00	0,75	2,35	3,75	...
Mar/00	0,63	2,5	3,53	...
Abr/00	0,87	2,35	4,00	...
Mai/00	0,68	2,35	3,85	...
Jun/00	0,71	2,35	3,90	...
MÉDIA	0,75	2,38	3,81	...

FONTE: Instituto Cepa/SC.

Os produtores da Grande Florianópolis, no primeiro semestre de 2000, receberam pelo quilo do marisco com casca R\$ 0,75 em média e, sem casca, R\$ 3,81; quando o marisco com casca possui o SIF, o preço chega a R\$ 2,38 (tabela 4).

Em 1999, Santa Catarina colocou no entreposto de pescado de São Paulo (Ceagesp) mais de 25 toneladas de marisco e ostras; nesse mercado paulista, o marisco (mexilhão) sem casca foi vendido a R\$ 6,29 o quilo e, com casca, a R\$ 2,55. (Tabela 5).

TABELA 5/I - MOLUSCOS CATARINENSES E QUANTIDADES COMERCIALIZADAS NA CEAGESP, POR REGIÃO DE PROCEDÊNCIA - 1998-1999

ESPÉCIE	QUANTIDADE (kg)					
	1998			1999		
	Fpolis	Laguna	Itajaí	Fpolis	Laguna	Itajaí
Mexilhão Limpo	-	2.891	-	-	5.864	818
Mexilhão	1.970	18.186	903	206	13.107	-
Ostra	-	1.070	-	44	5.394	-

FONTE: Ceagesp.

Para melhorar o escoamento da produção de moluscos de Santa Catarina, há necessidade de industrializar o produto, o que a família do produtor, por não contar com infra-estrutura adequada, na maioria das vezes faz de forma artesanal.

No estado, até meados deste ano, somente duas empresas privadas contavam com o serviço de inspeção federal – SIF – para comercializar mexilhões e ostras, uma no município de Imaruí e outra, em Palhoça, daí comercializando a ostra *in natura* para São Paulo.

Recursos do Banco Mundial e do governo do estado foram investidos na construção de unidades de beneficiamento de moluscos nos municípios de Bombinhas, Palhoça, Penha e Governador Celso Ramos. Atualmente, apenas as unidades de Bombinhas e Palhoça estão em funcionamento.

Estas unidades proporcionam um aumento do faturamento com a agregação de valor ao produto quando este conta com o SIF e pode ser vendido em todo o mercado nacional e também ser exportado.

José Souza Filho

1.5. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO FLORESTAL

Durante a década de 90, a produção mundial de madeira em toras para todos os fins manteve-se em cerca de 3,3 bilhões de m³ por ano. Os EUA responderam por 15% deste montante, seguidos pela China e a Índia, com cerca de 9% cada uma, e pelo Brasil, a Indonésia e o Canadá, com representatividade individual ao redor de

6% da produção mundial (Tabela 1). Estes seis países produzem mais da metade de toda a madeira roliça bruta produzida no mundo.

A produção mundial de madeira roliça, destinada à transformação industrial (papel e celulose e/ou processamento mecânico), gira em torno de 1,5 bilhão de m³ por ano. Ao longo da última década, a produção mundial de madeira para fins energéticos (lenha e carvão vegetal) vem-se mantendo estável e ligeiramente superior à produção para fins industriais (53% contra 47%, respectivamente).

A produção de madeira destinada à indústria é bastante concentrada em alguns países. Os países de destaque são os EUA e o Canadá, com 28% e 12% da produção mundial, respectivamente, seguidos pela China (com 7%), o Brasil (com 6%) e a Rússia (com 5% do total produzido no mundo) (Tabela 2). Estes cinco principais produtores responderam, em 1998, por 57% do total de madeira destinada à transformação industrial. O Brasil elevou em um ponto percentual sua participação na produção mundial durante a década de 90.

TABELA 1/I - MADEIRA EM TORA⁽¹⁾ - PRODUÇÃO MUNDIAL, SEGUNDO OS CONTINENTES E PRINCIPAIS PAÍSES - 1996-1998

CONTINENTE E PAÍS	(mil metros cúbicos - m ³)		
	1996	1997	1998
MUNDO	3.218.706	3.297.403	3.268.754
ÁFRICA	511.302	522.768	533.991
- Etiópia	47.818	49.004	50.148
- Nigéria	93.392	96.072	98.514
- Demais países	370.092	377.692	385.329
AMÉRICA DO NORTE E A. CENTRAL	746.878	745.923	752.025
- Canadá	189.778	191.178	191.178
- Estados Unidos da América	490.571	485.880	490.618
- Demais países	66.529	68.865	70.229
AMÉRICA DO SUL	294.129	297.081	299.061
- Brasil	198.653	198.736	197.816
- Demais países	95.476	98.345	101.245
EUROPA	466.184	522.151	507.705
- Rússia	96.814	134.664	115.600
- Finlândia	46.597	51.329	53.670
- Suécia	56.300	60.200	58.100
- Demais países	266.473	275.958	280.335
ÁSIA	1.151.329	1.159.094	1.127.267
- China	312.717	312.717	291.865
- Índia	290.304	294.921	299.490
- Indonésia	199.757	202.060	193.218
- Demais países	348.551	349.396	342.694
OCEANIA	48.884	50.386	48.706

FONTE: FAO (Maio/00) - (11).

⁽¹⁾ Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para serraria, celulose e papel, para produção de carvão vegetal, lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

TABELA 2/I - MADEIRA EM TORA⁽¹⁾ - PRODUÇÃO MUNDIAL PARA FINS INDUSTRIAIS, SEGUNDO OS CONTINENTES E PRINCIPAIS PAÍSES - 1996-1998

CONTINENTE E PAÍS	(mil metros cúbicos - m ³)		
	1996	1997	1998
MUNDO	1.503.779	1.546.882	1.515.688
ÁFRICA	66.479	68.531	70.142
AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL	801.912	614.002	618.989
- Canadá	184.459	185.859	185.859
- Estados Unidos da América	406.595	416.092	420.458
- Demais países	10.858	12.051	12.672
AMÉRICA DO SUL	128.927	129.717	130.576
- Brasil	84.601	84.684	83.764
- Demais países	44.326	45.033	46.812
EUROPA	387.521	418.988	411.733
- Alemanha	34.538	35.488	36.441
- Rússia	73.005	88.374	75.690
- Finlândia	42.503	47.288	49.638
- França	30.643	31.316	32.970
- Polónia	18.823	20.193	21.824
- Suécia	52.500	56.400	54.300
- Demais países	135.509	139.929	140.870
ÁSIA	278.609	273.761	244.044
- China	108.718	108.718	100.918
- Índia	24.971	25.064	25.156
- Indonésia	47.242	47.288	36.195
- Japão	22.469	21.545	19.316
- Malásia	35.770	31.507	21.735
- Demais países	39.440	39.639	40.725
OCEANIA	40.332	41.884	40.204
- Austrália	19.340	19.908	20.235
- Demais países	20.992	21.976	19.969

FONTE: FAO (maio/00) - (11).

⁽¹⁾ Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural destinada à serraria ou à fabricação de celulose e papel.

Nas últimas décadas, o Brasil vem substituindo gradativamente as matas nativas pela silvicultura no suprimento de seus produtos florestais. As últimas informações disponíveis de âmbito nacional referem-se a 1996 e mostram que a totalidade da produção de madeira para fabricação de papel, quase toda a produção de palmito, 62% da produção de madeira para processamento mecânico e 60% da produção de carvão vegetal provêm de florestas cultivadas. A extração vegetal (retirada de produtos de florestas nativas) suplantou a silvicultura em 1996 apenas no fornecimento de lenha e erva-mate, com 63% e 57%, respectivamente, da produção total obtida (Tabelas 3 e 4).

O processo de substituição da extração vegetal pela silvicultura no fornecimento de matérias-primas florestais vem sendo acelerado nos últimos anos, impulsionado por pressões ambientalistas e pela escassez de material nativo. Atualmente, estima-se que os recursos florestais cultivados suplantem os nativos em todos os produtos de origem florestal.

Em quase todos os produtos florestais, tanto extrativos quanto cultivados, um pequeno número de estados brasileiros é responsável por grande parte da produção nacional. Na extração vegetal, Minas Gerais, Bahia e Pará respondem por 69% da produção brasileira de carvão vegetal; Pará, Mato Grosso e Paraná respondem por 62% da produção nacional de madeira nativa para serraria; Paraná e Santa Catarina são responsáveis por 90% da produção nacional de erva-mate nativa (Tabela 3).

TABELA 3/I - PRODUÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTOS DA EXTRAÇÃO VEGETAL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E PRINCIPAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1995-1996

REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CARVÃO-VEGETAL (t)	ERVA-MATE (t)	LENHA (mil m ³)	MADEIRA EM TORAS (mil m ³)
TOTAL BRASIL	123.1931	206.594	42.560	11.926
NORTE	67.015	11	8.195	6.571
- Amazonas	6.017	5	1.720	617
- Pará	54.066	6	4.346	5.375
- Demais estados	6.932	0	2.128	579
NORDESTE	357.777	1	17.902	1.581
- Maranhão	139.831	-	2.965	489
- Piauí	21.318	-	1.915	117
- Pernambuco	16.502	-	1.317	15
- Bahia	157.268	1	5.170	740
- Demais estados	22.858	-	6.534	219
SUDESTE	621.185	0	5.108	308
- Minas Gerais	547.186	0	4.662	160
- Espírito Santo	72.339	-	156	3
- Demais estados	1.659	-	289	146
SUL	54.315	204.996	9.463	1.349
- Paraná	37.607	115.069	3.286	823
- Santa Catarina	14.799	69.236	2.771	413
- Rio Grande do Sul	1.909	20.692	3.405	112
CENTRO-OESTE	131.639	1.586	1.893	2.118
- Mato Grosso do Sul	63.637	1.586	579	35
- Mato Grosso	3.119	-	407	2.027
- Goiás	64.868	-	906	56
- Distrito Federal	14	-	0	-

FONTE: IBGE (7).

Na produção silvícola, 76% do carvão é produzido por Minas Gerais e 74% da lenha é gerada além de Minas Gerais, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Quase toda a produção de erva-mate cultivada é obtida nos três estados do Sul. A produção brasileira de madeira de florestas cultivadas para processamento mecânico se concentra nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, com 76% do total nacional. Estes três estados, juntamente com Espírito Santo, respondem também por cerca de 76% da oferta nacional de madeira cultivada para produção de celulose e papel (Tabela 4).

TABELA 4/I - PRODUÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTOS DA SILVICULTURA, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E PRINCIPAIS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1995-1996

REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CARVÃO-VEGETAL (t)	LENHA (mil m ³)	MADEIRA EM TORAS (mil m ³)	MADEIRA P/PAPEL (mil m ³)	ERVA-MATE (t)	PALMITO (t)
TOTAL BRASIL	1.807.791	25.453	19.856	27.581	154.340	3.461
NORTE	6.714	44	55	3.009	8	902
- Pará	6.713	33	50	1.600	8	688
- Amapá	-	10	-	1.408	-	-
- Demais estados	1	2	5	-	-	214
NORDESTE	93.130	258	104	1.311	10	81
- Maranhão	4.547	1	4	43	-	-
- Ceará	2.443	62	2	-	-	-
- Bahia	85.511	141	88	1.265	10	65
- Demais estados	628	54	9	3	-	16
SUDESTE	1.411.554	13.211	6.474	13.986	41	759
- Minas Gerais	1.377.594	9.568	1.807	1.193	1	262
- Espírito Santo	3.002	174	179	4.393	-	280
- Rio de Janeiro	1.056	306	139	4	-	12
- São Paulo	29.901	3.163	4.349	8.397	40	204
SUL	48.209	10.040	13.109	9.274	153.044	219
- Paraná	3.485	2.103	5.719	4.242	37.070	8
- Santa Catarina	2.944	1.833	4.978	4.040	35.064	163
- Rio Grande do Sul	41.781	6.103	2.411	992	80.910	49
CENTRO-OESTE	248.184	1.899	114	1	1.239	1.501
- Mato Grosso do Sul	85.959	1.038	29	-	1.239	14
- Goiás	162.226	538	8	-	-	1410
- Demais estados	-	324	77	1	-	76

FONTE: IBGE (7).

Santa Catarina, como mostra a tabela 4, é um dos estados brasileiros mais importantes no que diz respeito à produção silvícola. Neste, como nos demais estados, nas últimas décadas vem ocorrendo um processo de substituição das matas nativas por florestas cultivadas no fornecimento de matéria-prima florestal. Até meados dos anos 80, as áreas reflorestadas destinavam-se preponderantemente à produção de madeira para fabricação de celulose e papel. Em 1998, a produção silvícola respondeu pela maior parte da produção florestal catarinense (exceto a de carvão) Para essa produção, as matas nativas contribuíram com mais de 2/3 do total (Tabela 5).

TABELA 5/I - PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS - SANTA CATARINA - 1996-1998

PRODUTO	UNIDADE MÉDIDA	1996	1997 ⁽¹⁾	1998 ⁽¹⁾
EXTRAÇÃO VEGETAL				
Carvão	t	13.893	11.300	9.908
Erva-mate	t	53.468	53.525	51.403
Lenha	mil m ³	2.985	2.651	2.418
Madeira em tora	mil m ³	427	195	141
SILVICULTURA				
Carvão	t	4.384	4.385	3.855
Erva-mate	t	51.615	46.017	53.932
Lenha	mil m ³	2.105	2.448	3.181
Madeira p/ papel e celulose	mil m ³	5.526	4.895	4.327
Madeira p/ outros fins	mil m ³	5.089	5.367	5.492

FONTE: IBGE (20).

⁽¹⁾ Dados preliminares.

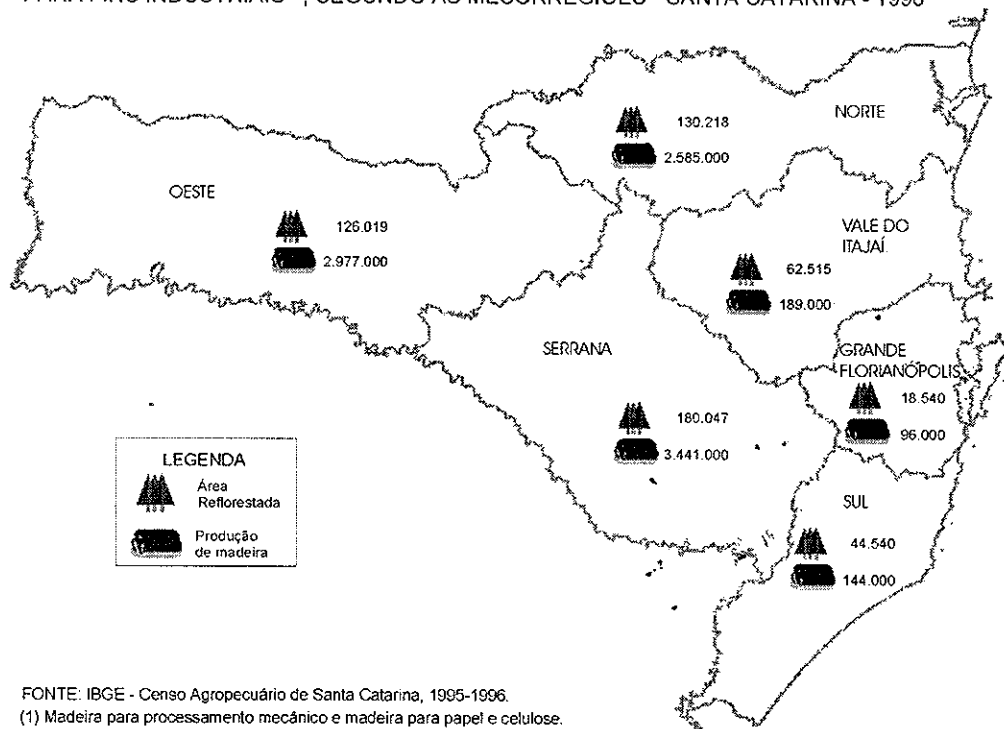
Na produção de madeira para fins industriais, as florestas cultivadas são atualmente responsáveis por quase toda a oferta estadual. Para os próximos anos a extração vegetal tende a continuar perdendo importância no fornecimento de todas as matérias-primas florestais do estado.

Os reflorestamentos, e principalmente a produção catarinense de madeira para uso industrial, se concentram nas regiões Serrana, Norte e Oeste (preponderantemente no Alto Vale do Rio do Peixe) (Figura 1). Caçador, Lages, Canoinhas e São Bento do Sul constituem os principais pólos da indústria florestal catarinense.

A produção estadual de carvão vegetal vem declinando ao longo do tempo; a de lenha, nas últimas duas décadas, tem-se mantido na faixa de 5 a 6 milhões de metros cúbicos por ano. A tendência é de redução do consumo destes produtos em Santa Catarina pela substituição desta fonte de energia térmica na indústria cerâmica, metalúrgica, têxtil e florestal pelo gás natural ou por resíduos da indústria florestal, cuja produção é crescente.

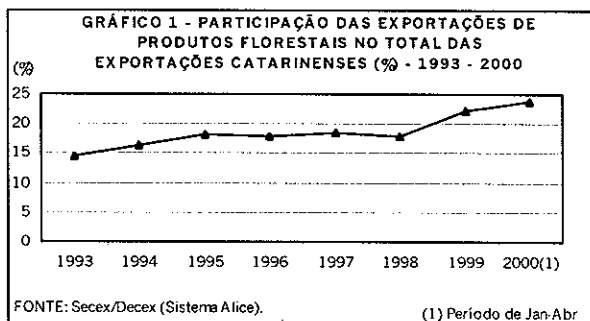
A indústria catarinense de processamento mecânico de madeira tem apresentado crescimento sistemático na última década. A desvalorização cambial no início de 1999 e a retomada do crescimento econômico brasileiro no segundo semestre daquele ano impulsionaram a demanda de produtos deste segmento industrial. Estima-se que a produção catarinense de madeira em toras para processamento mecânico tenha crescido entre 10% e 15% em 1999 em relação a 1998. As expectativas para este ano são de um crescimento da ordem de 10% em relação ao ano anterior.

MAPA 1 - ÁREA REFLORESTADA (ha) E PRODUÇÃO DE MADEIRA EM TORAS (m³) PARA FINS INDUSTRIAIS⁽¹⁾, SEGUNDO AS MESORREGIÕES - SANTA CATARINA - 1996



A produção de madeira para fabricação de papel e celulose, que apresentou um decréscimo no período 1996-1998, sofreu novo impulso a partir de 1999, ocasionado pelo aumento da demanda por embalagens de papelão no mercado interno e pela recuperação dos preços do papel e celulose no mercado internacional, que, juntamente com a desvalorização cambial de 1999, favoreceu as exportações catarinenses de papel do tipo *Kraftliner*.

O fim da sobrevalorização cambial brasileira, pela liberalização do câmbio em janeiro de 1999, provocou um impacto bastante positivo no desempenho das exportações catarinenses de produtos florestais. O valor exportado por Santa Catarina cresceu 24% em 1999 em relação a 1998 e, no período janeiro a abril de 2000, cresceu 20% comparado com igual período do ano anterior, enquanto o total das exportações catarinenses, nos respectivos períodos, foi de menos 1,3% e mais 12% (Tabela 6).



Com isso, o setor florestal confirma a tendência de aumento de sua importância na pauta das exportações catarinenses observada ao longo da década de 90 (Gráfico 1). No primeiro quadrimestre deste ano, o setor florestal respondeu por quase um quarto das exportações catarinenses.

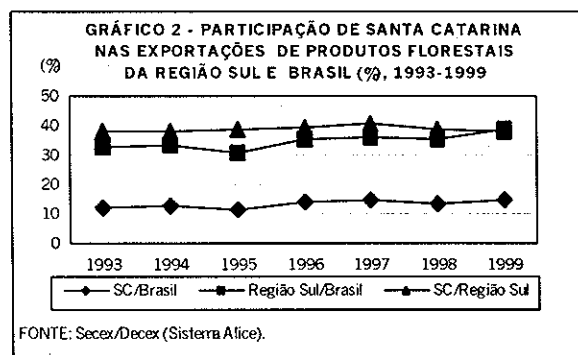
TABELA 6/I - EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS - SANTA CATARINA - 1993-1998

ITEM	(US\$ 1.000,00 - FOB)						
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
ERVA-MATE E DERIVADOS	7.582	5.365	4231	4.401	3.479	3.180	2.559
MADEIRA E OBRAS DE MADEIRA	132.622	177.323	202.150	207.251	240.219	223.979	293.333
Madeira bruta	1.097	2.000	3.130	2.425	0	0	0
Madeira serrada	15.147	25.934	34.529	43.175	64.163	65.329	90.799
Madeira laminada	3.588	4.155	3.904	4.030	5.490	2.293	2.314
Madeira perfilada	13.031	20.446	29.281	22.212	28.533	26.241	35.841
Painéis de mad. reconstituída (MDF e aglomerado)	1.052	5.828	14.110	17.199	17.834	8.658	2.903
Painéis de madeira compensada	34.161	39.467	40.273	39.860	40.883	32.795	51.566
Molduras de madeira	227	546	885	505	214	1.614	4.199
Caixas, engradados e paletes de madeira	12.771	6.716	7.118	8.110	3.925	3.523	3.516
Ferramentas, armações e cabos de madeira	6.207	11.157	12.875	9.653	11.078	12.522	12.878
Portas, janelas, assoalhos e outras							
Obras de marcenaria e carpintaria	43.306	58.147	54.483	58.809	64.980	67.681	86.190
Outras madeiras e obras de madeira	2.035	2.927	1.562	1.273	3.119	3.323	3.775
PAPEL E CELULOSE	66.626	93.756	126.395	102.966	95.504	84.288	93.935
Pasta de celulose e papel sanitário	2.131	3.237	4.015	20.560	18.250	11.541	8.700
Embalagens e pasta "quate"	379	1.454	5.818	5.342	5.275	4.086	2.713
Papel e cartão kraft, kraftliner	56.213	69.513	91.969	69.743	65.874	63.736	78.785
Livros, jornais e produtos gráficos	8	18	10	100	557	1.864	1.144
Outros papéis	7.895	19.534	24.583	7.221	5.548	3.061	2.593
MÓVEIS DE MADEIRA	113.048	117.494	152.757	158.392	178.517	151.419	184.238
Móveis de madeira p/ escritório	3.545	2.446	2.755	4.689	4.031	2.542	2.609
Móveis de madeira p/ cozinha	16.425	16.971	22.874	19.054	13.141	10.220	6.176
Móveis de madeira p/ quartos	48.603	52.831	71.913	72.314	72.560	55.779	72.240
Outros móveis de madeira	44.475	45.246	55.215	62.335	85.350	78.200	91.609
Componentes p/ móveis de madeira	-	-	-	0	3.435	4.678	11.604
TOTAL PRODUTOS FLORESTAIS	319.878	393.938	485.533	473.010	517.719	462.866	574.065
TOTAL EXPORTAÇÕES - SANTA CATARINA	2.198.136	2.404.689	2.652.025	2.637.308	2.805.718	2.601.728	2.567.364

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

O maior crescimento do valor exportado em 1999, comparado com o de 1998, ocorreu com a indústria da madeira (+31%), especialmente molduras (+160%), painéis compensados (+56%), madeira serrada (+39%) e madeira perfilada (+36%).

No período de janeiro a abril de 2000, o maior crescimento das exportações foi observado no setor moveleiro, com incremento de 38% no valor exportado em relação ao mesmo período do ano anterior. Este crescimento conferiu aos móveis a posição de segundo produto mais importante da pauta de exportação catarinense no primeiro quadrimestre de 2000, tendo suplantado o item frango em pedaços.



O significativo crescimento das exportações catarinenses de produtos florestais durante a década de 90 (10,2% aa) permitiu ao estado ampliar sua participação nas exportações brasileiras de produtos florestais, de 12,3% em 1993 para 14,7% em 1999 (Tabela 7 e Gráfico 2). Devido a um comportamento semelhante apresentado pelo estado do Paraná, a Região Sul também ampliou sua participação no período, atingindo em 1999 38,8% do total nacional exportado pelo setor.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1999-2000

TABELA 7/I - EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS - BRASIL E ESTADOS DA REGIÃO SUL - 1993-1998

ITEM	(US\$ 1.000,00 - FOB)						
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
ERVA-MATE							
Santa Catarina	7.582	5.365	4231	4.401	3.479	3.180	2.559
Paraná	14.911	12.432	14.509	13.638	16.730	7.131	6.002
Rio Grande do Sul	12.690	16.213	20.731	21.707	14.377	23.755	21.592
Região Sul	35.183	34.010	39.471	39.746	34.586	34.066	30.153
Brasil	35.234	34.079	39.520	39.773	34.608	34.077	30.174
MADEIRA E OBRAS DE MADEIRA							
Santa Catarina	132.622	177.323	202.150	207.251	240.219	223.979	293.333
Paraná	187.088	246.317	248.411	254.509	310.178	310.591	462.108
Rio Grande do Sul	27.510	32.564	38.463	59.798	58.057	68.570	68.468
Região Sul	347.220	456.204	489.024	521.558	608.454	603.140	823.909
Brasil	832.329	1.056.777	1.135.178	1.109.687	1.217.872	1.126.875	1.391.063
PAPEL E CELULOSE							
- Pastas de madeira e outras matérias fibrosas, etc.							
Santa Catarina	264	411	559	1.542	913	174	76
Paraná	436	494	848	563	223	20	18
Rio Grande do Sul	76.273	72.766	133.314	87.190	88.238	76.976	105.267
Região Sul	76.973	73.671	134.721	89.295	89.374	77.170	105.361
Brasil	718.439	851.333	1.475.408	999.464	1.024.207	1.049.436	1.243.628
- Papel, cartão kraft e suas obras							
Santa Catarina	66.355	93.327	125.826	101.324	94.034	82.250	92.715
Paraná	128.954	172.950	212.050	179.569	148.882	137.157	140.806
Rio Grande do Sul	13.143	12.188	12.973	14.539	13.828	16.432	18.199
Região Sul	208.452	278.465	350.849	295.432	256.744	235.839	251.720
Brasil	792.391	937.256	1.229.394	935.046	966.304	929.883	900.758
- Livros, jornais e produtos gráficos							
Santa Catarina	8	18	10	100	557	1.864	1.144
Paraná	221	257	60	82	82	341	318
Rio Grande do Sul	325	210	219	330	756	806	526
Região Sul	554	485	289	512	1.395	3.011	1.988
Brasil	43.611	31.571	26.497	22.509	30.355	33.533	31.566
MÓVEIS DE MADEIRA E SUAS PARTES⁽¹⁾							
Santa Catarina	113.048	117.494	152.757	158.392	178.517	151.419	184.238
Paraná	13.555	17.579	24.169	24.532	24.434	17.934	26.035
Rio Grande do Sul	51.871	58.180	72.701	70.334	79.581	83.421	97.437
Região Sul	178.474	193.253	249.627	253.258	282.532	252.774	307.710
Brasil	186.042	203.785	258.757	267.923	288.961	259.792	318.987
TOTAL PRODUTOS FLORESTAIS							
- Santa Catarina	319.879	393.938	485.533	473.010	517.719	462.866	574.065
- Paraná	345.165	450.029	500.047	472.893	500.529	473.174	635.287
- Rio Grande do Sul	181.812	192.121	278.401	253.898	254.837	269.960	311.489
- Região Sul	846.856	1.036.088	1.263.981	1.199.801	1.273.085	1.206.000	1.520.841
- Brasil	2.608.046	3.114.801	4.164.754	3.374.402	3.562.307	3.433.596	3.916.176

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

(1) Exceto móveis, com predomínio de outros materiais.

O bom desempenho exportador do setor florestal catarinense tem sido alcançado pelo aumento do volume exportado. Excetuado o setor de papel e celulose, que vem experimentando uma recuperação gradativa de preços no mercado internacional desde o último trimestre de 1998, os preços médios das exportações do segmento madeireiro e moveleiro mostraram-se em queda entre 1999 e 2000 (Tabela 8).

A desvalorização cambial de 1999 viabilizou a conquista de novos espaços da indústria florestal catarinense no mercado internacional, através do fechamento de contratos de exportação com menores preços. Este avanço mercadológico é circunstancial e sua sustentação ou ampliação só será possível se forem continuamente melhorados os padrões de qualidade e produtividade da indústria ou se a produção for mais focada em produtos de maior valor agregado.

TABELA 8/1 - QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS FLORESTAIS - SANTA CATARINA - Período Jan-Abr - 1999-2000

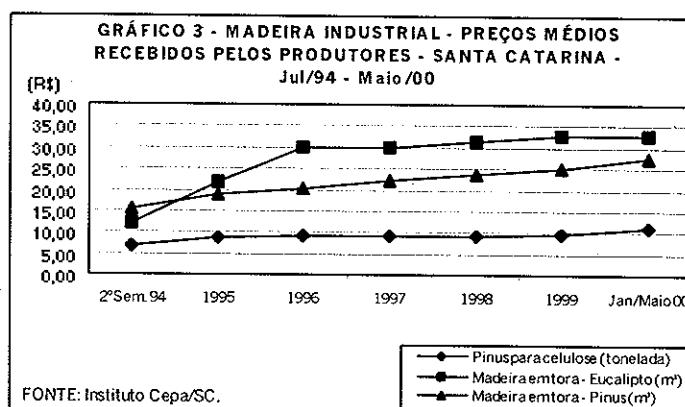
ITEM	JAN-ABR/99			JAN-ABR/00		
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor Médio (US\$/t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor Médio (US\$/t)
Erva-mate e derivados	738	672	1098	820	927	885
Madeira e obras de madeira	84.567	128.099	660	97.445	158.451	615
Papel e celulose	28.335	74.330	381	34.265	72.209	475
Móveis de madeira	51.277	27.019	1897	66.145	37.328	1.772
TOTAL PRODUTOS FLORESTAIS	164.917	230.120	716	198.675	268.915	739
TOTAL EXPORTAÇÕES	747.509	-	-	838.537	-	-

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

Os preços em reais e em dólares das principais matérias-primas da indústria florestal catarinense, em nível de produtor após o plano real, podem ser vistos nos gráficos 3 e 4. Em valores nominais na moeda brasileira, ao longo dos seis anos de vigência do Plano Real, os preços das toras mostraram-se ascendentes, especialmente os das destinadas ao processamento mecânico. Estes mesmos valores, convertidos em dólares, revelam uma significativa valorização dos produtos entre 1994 e 1996 e uma expressiva desvalorização a partir de 1999. Este comportamento reflete somente a sobrevalorização cambial no primeiro caso e o realinhamento do câmbio, no segundo.

Tomando como referência o período imediatamente anterior ao Plano Real, verifica-se que os preços atuais em dólares do pinus de celulose assemelham-se aos daquela época, ou seja, mantêm-se em seus níveis históricos. Já os preços das toras, tanto de eucalipto quanto de pinus para serraria, apresentam-se hoje significativamente superiores aos daquele período, mostrando uma valorização da matéria-prima, reflexo do aumento de sua demanda após a grande desvalorização cambial do real.

Nos últimos quatro anos, além da madeira em toras para fins industriais, a lenha também experimentou preços nominais crescentes (Tabela 9). Já a erva-mate, a lenha e as escoras de madeira para construção civil apresentaram variações pouco significativas dos preços recebidos pelos produtores neste mesmo período.



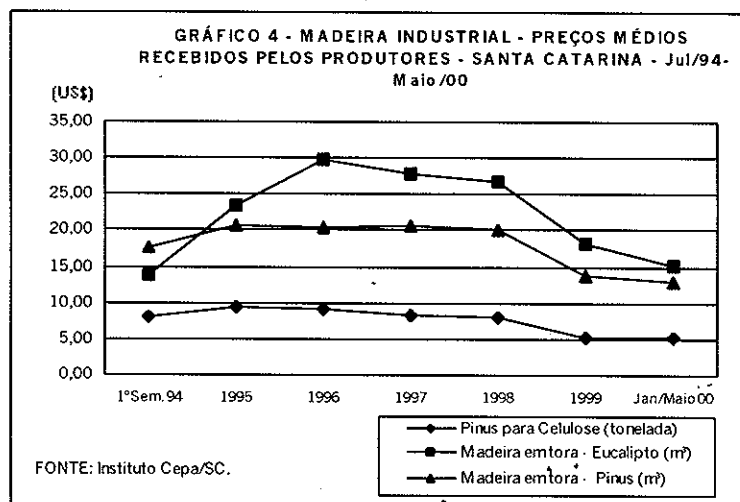


TABELA 9/1 - PRODUTOS FLORESTAIS - PREÇO MÉDIO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS - SANTA CATARINA - 1996-1998

PRODUTO	UNIDADE MEDIDA	1996	1997	1998	1999	2000 JAN/MAI
Carvão vegetal (R\$)	m ³	19,00	17,63	18,60	19,26	20,12
Carvão vegetal (US\$)	m ³	18,92	16,36	16,03	10,66	11,29
Erva-mate (R\$)	aroba	2,37	2,19	2,11	2,08	2,32
Erva-mate (US\$)	aroba	2,36	2,04	1,82	1,15	1,30
Lenha de eucalipto (R\$)	m ³	7,21	7,75	9,02	9,02	9,22
Lenha de eucalipto (US\$)	m ³	7,16	7,19	7,77	4,99	5,18
Lenha de mata nativa R(\$)	m ³	5,90	5,99	6,13	6,50	6,68
Lenha de mata nativa (US\$)	m ³	5,87	5,56	5,28	3,60	3,75
Pinus para celulose (R\$)	t	9,03	9,00	9,26	9,46	10,93
Pinus para celulose (US\$)	t	8,98	8,35	7,98	5,23	6,13
Escora de madeira (R\$)	unid.	3,04	2,76	2,92	2,86	2,88
Escora de madeira (US\$)	unid.	3,03	2,56	2,52	1,58	1,62
Madeira em toras de eucalipto (R\$)	m ³	29,89	30,05	31,09	32,59	32,55
Madeira em toras de eucalipto (US\$)	m ³	29,74	27,89	26,80	18,06	18,27
Madeira em toras de pinus (R\$)	m ³	20,46	22,29	23,39	24,93	27,47
Madeira em toras de pinus (US\$)	m ³	20,36	20,67	20,18	13,77	15,42

Fonte: Instituto Cepa/SC.

No desempenho do setor florestal catarinense dos últimos anos, merecem destaque os esforços empreendidos pelo governo do estado com o objetivo de ampliar a base florestal. Entre 1995 e 1999, foi aplicado R\$ 1,9 milhão em subsídios e subvenções públicas no reflorestamento de 13.760 hectares em pequenas propriedades agrícolas, beneficiando 8.927 agricultores.

Paralelamente, as grandes empresas catarinenses consumidoras de produtos florestais (em especial, fabricantes de papel e celulose) vêm desenvolvendo há vários anos programas de fomento florestal junto aos agricultores e pecuaristas de sua área de influência, através da doação de mudas de pinus e/ou eucalipto. Através destes programas de fomento, cerca de 2.000 hectares de novas florestas cultivadas são implantados anualmente, envolvendo, todos os anos, ao redor de 500 produtores rurais.

O programa florestal catarinense, implantado no atual governo, busca introduzir a atividade florestal em um grande número de pequenas e médias propriedades rurais de Santa Catarina, com o objetivo de aumentar a oferta de matéria-prima florestal no estado e gerar novas oportunidades de trabalho e renda nas atividades agropecuárias.

O programa é composto por três projetos de fomento florestal. O projeto florestal de geração de trabalho e renda, voltado aos pequenos agricultores com renda familiar mensal inferior a um salário mínimo, concede benefício financeiro de meio salário mínimo por mês, durante quatro anos, em troca do plantio e condução de meio hectare de floresta por ano. O agricultor ressarcе os valores recebidos em equivalente produto florestal por ocasião da colheita. Este projeto tem como meta global atender a 40.000 agricultores e viabilizar o plantio de 80.000 hectares de floresta. Em 1999, foram beneficiados 1.442 pequenos agricultores, que plantaram 721 hectares em diversos municípios catarinenses (Tabela 10).

TABELA 10/1 - REALIZAÇÕES DO PROGRAMA FLORESTAL CATARINENSE - Período 1999-2000

PROJETO/ITEM	1999	2000 ⁽¹⁾
PROJETO FLORESTAL DE GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA		
Nº agricultores beneficiados	1.442	8.000
Área Plantada (hectare)	721	4.000
Nº de árvores plantadas (mil)	1.154	6.400
Valor aplicado (R\$ 1.000,00)	94	3.642
PROJETO CATARINENSE DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL		
Nº agricultores beneficiados	1.238	2.000
Área Plantada (hectare)	2.410	6.000
Nº de árvores plantadas (mil)	3.132	7.800
Valor aplicado (R\$ 1.000,00)	586	600
PROJETO FLORESTAL DE INTEGRAÇÃO PRODUTOR RURAL E INDÚSTRIA		
Nº empresas envolvidas	3	6
Nº agricultores beneficiados	581	436
Área plantada (hectare)	2.272	1.745
Nº de árvores plantadas (mil)	2.950	2.140
Valor aplicado (R\$ 1.000,00)	-	-
TOTAL AGRICULTORES BENEFICIADOS	3.261	10.436
- ÁREA PLANTADA TOTAL (HECTARE)	5.402	11.745
- TOTAL DE ÁRVORES PLANTADAS (MIL)	7.236	16.340
- VALOR TOTAL APLICADO (R\$ 1.000,00)	680	4.242

FONTE: SDA/Gedef.

⁽¹⁾ Previsão.

O Projeto Catarinense de Desenvolvimento Florestal dá continuidade ao incentivo financeiro implantado pelo governo estadual no programa florestal de 1995. O projeto concede subsídios de até R\$ 300,00 por hectare (no máximo cinco hectares por produtor) aos pequenos e médios agricultores, a título de cobertura dos investimentos efetuados na implantação da floresta. Sua meta global é envolver 15.000 famílias, plantar 40.000 hectares e investir R\$ 12 milhões em recursos públicos.

O Projeto Florestal de Integração Produtor Rural e Indústria busca fortalecer os programas de fomento das empresas de base florestal e consiste na atuação em

parceria do governo do estado com empresas interessadas no incentivo à implantação de florestas cultivadas em propriedades de agricultores e pecuaristas situadas no raio de ação da empresa. Às empresas cabe doar aos silvicultores mudas de boa qualidade, e ao governo estadual, conceder subsídio de R\$ 200,00 por hectare plantado (no máximo cinco hectares por produtor), prestar assistência técnica e coordenar o processo de distribuição das mudas junto aos interessados, com apoio das prefeituras municipais. Suas metas para o período 1999-2002 são de atingir 6.500 produtores rurais, com plantio de 23.000 hectares de floresta, e investimentos de R\$ 4,6 milhões.

No conjunto, estes três projetos de desenvolvimento florestal, em implementação pelo governo de Santa Catarina com a participação do setor produtivo florestal, pretende investir no período 1999-2002 mais de R\$ 140 milhões de recursos públicos, agregar mais 140 mil hectares de área reflorestada à base florestal catarinense e incorporar a atividade silvícola em dezenas de milhares de pequenas e médias unidades agropecuárias do estado.

Se estas metas forem alcançadas, o estado terá dado, por um lado, um importante passo na redução da perspectiva de escassez de matéria-prima florestal no médio prazo, e, por outro, na criação de melhores expectativas futuras a muitas famílias de agricultores catarinenses.

Luiz Toresan



PARTE II

2.1. DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS

TABELA 1/III - ÁREA TERRITORIAL, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS - SANTA CATARINA - 1997

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km ²)	MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km ²)
Abdon Batista	198,0	Campo Belo do Sul	1.023,4
Abelardo Luz	1.037,7	Campo Erê	458,4
Agrolândia	192,3	Campos Novos	1.634,7
Agronômica	116,7	Canelinha	151,4
Água Doce	1.321,2	Canoinhas	1.143,6
Águas de Chapecó	139,1	Capão Alto	1.350,7
Águas Frias	76,9	Capinzal	224,8
Águas Mornas	327,9	Capivari de Baixo	47,0
Alfredo Wagner	733,4	Catanduvás	196,8
Alto Bela Vista	104,2	Caxambu do Sul	143,5
Anchieta	229,9	Celso Ramos	189,9
Angelina	524,5	Cerro Negro	418,1
Anita Garibaldi	606,1	Chapadão do Lageado	113,9
Anitápolis	576,4	Chapecó	625,4
Antônio Carlos	242,8	Cocal do Sul	78,5
Apiúna	489,1	Concórdia	807,7
Arabutã	131,1	Cordilheira Alta	84,7
Araquari	402,6	Coronel Freitas	234,8
Araranguá	298,4	Coronel Martins	99,9
Armazém	138,6	Correia Pinto	623,7
Arroio Trinta	112,3	Corupá	407,9
Arvoredo	91,3	Criciúma	210,0
Ascurra	119,1	Cunha Porã	217,8
Atalanta	98,1	Cunhataí	55,3
Aurora	226,4	Curitibanos	953,6
Balneário Arroio do Silva	93,7	Descanso	286,0
Balneário Barra do Sul	110,6	Dionísio Cerqueira	377,1
Balneário Camboriú	46,4	Dona Emma	146,6
Balneário Gaivota	151,0	Doutor Pedrinho	375,0
Bandeirante	147,3	Entre Rios	105,4
Barra Bonita	62,4	Ermo	64,9
Barra Velha	142,4	Erval Velho	231,7
Bela Vista do Toldo	527,8	Faxinal dos Guedes	280,3
Belmonte	93,0	Flor do Sertão	65,2
Benedito Novo	386,1	Florianópolis	436,5
Biguaçu	302,9	Formosa do Sul	95,5
Blumenau	510,3	Forquilha	184,0
Bocaina do Sul	496,4	Fraiburgo	435,5
Bom Jardim da Serra	935,3	Frei Rogério	157,2
Bom Jesus	68,6	Galvão	131,2
Bom Jesus do Oeste	67,2	Garopaba	108,3
Bom Retiro	1.065,6	Garuva	499,7
Bombinhas	36,6	Gaspar	369,8
Botuverá	317,8	Governador Celso Ramos	105,0
Braço do Norte	194,2	Grão Pará	329,0
Braço do Trombudo	90,0	Gravatal	194,3
Brunópolis	336,6	Guabiruba	173,2
Brusque	280,6	Guaraciaba	348,6
Caçador	1.000,4	Guaramirim	243,2
Caibi	178,2	Guarujá do Sul	99,5
Calmon	634,9	Guatambu	206,3
Camboriú	211,9	Herval do Oeste	213,0
Campo Alegre	502,0	Ibiam	147,2

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(continuação)

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km ²)	MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km ²)
Ibicaré	166,4	Monte Castelo	566,2
Ibirama	268,5	Morro da Fumaça	82,8
Içara	315,6	Morro Grande	251,2
Ilhota	245,2	Navegantes	119,3
Imarui	541,6	Nova Erechim	63,0
Imbituba	185,7	Nova Itaberaba	135,7
Imbuia	124,1	Nova Trento	398,9
Indaial	429,9	Nova Veneza	290,6
Iomerê	111,8	Novo Horizonte	151,4
Ipira	150,3	Orleans	600,6
Iporã do Oeste	184,3	Otacílio Costa	924,2
Ipuaçu	259,1	Ouro	209,5
Ipumirim	239,9	Ouro Verde	201,5
Iraceminha	158,9	Paial	85,0
Irani	318,9	Painel	764,9
Irati	79,0	Palhoça	322,7
Irineópolis	581,2	Palma Sola	314,4
Itá	166,1	Palmeira	292,2
Itaiópolis	1242,6	Palmitos	347,8
Itajaí	303,6	Papanduva	777,3
Itapema	58,7	Paraíso	183,0
Itapiranga	286,1	Passo de Torres	90,5
Itapoá	256,1	Passos Maia	589,7
Ituporanga	335,7	Paulo Lopes	447,8
Jaborá	188,0	Pedras Grandes	153,0
Jacinto Machado	417,2	Penha	60,4
Jaguaruna	328,0	Peritiba	96,8
Jaraguá do Sul	540,0	Petrolândia	251,6
Jardinópolis	67,2	Piçarras	85,7
Joaçaba	240,6	Pinhalzinho	134,4
Joinville	1081,7	Pinheiro Preto	66,7
José Boiteux	358,6	Piratuba	149,0
Jupiaí	91,5	Planalto Alegre	61,1
Lacerdópolis	69,1	Pomerode	217,8
Lages	2651,4	Ponte Alta	558,7
Laguna	445,2	Ponte Alta do Norte	384,1
Lajeado Grande	66,9	Ponte Serrada	569,8
Laurentino	67,9	Porto Belo	93,8
Lauro Muller	267,0	Porto União	925,6
Lebon Régis	990,7	Pouso Redondo	363,9
Leoberto Leal	298,3	Praia Grande	286,1
Lindóia do Sul	190,3	Presidente Castelo Branco	70,2
Lontras	197,5	Presidente Getúlio	322,4
Luiz Alves	260,8	Presidente Nereu	224,9
Luzerna	116,7	Princesa	88,6
Macieira	235,8	Quilombo	283,7
Mafra	1.788,1	Rancho Queimado	270,2
Major Gercino	278,5	Rio das Antas	343,3
Major Vieira	544,5	Rio do Campo	496,9
Maracajá	70,6	Rio do Oeste	244,7
Maravilha	169,0	Rio do Sul	261,2
Marema	99,7	Rio dos Cedros	556,0
Massaranduba	394,5	Rio Fortuna	286,3
Matos Costa	371,8	Rio Negrinho	589,2
Meleiro	185,9	Rio Rufino	333,6
Mirim Doce	333,9	Riqueza	191,6
Modelo	95,7	Rodeio	134,0
Mondai	215,5	Romelândia	237,7
Monte Carlo	166,7	Salete	167,4

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

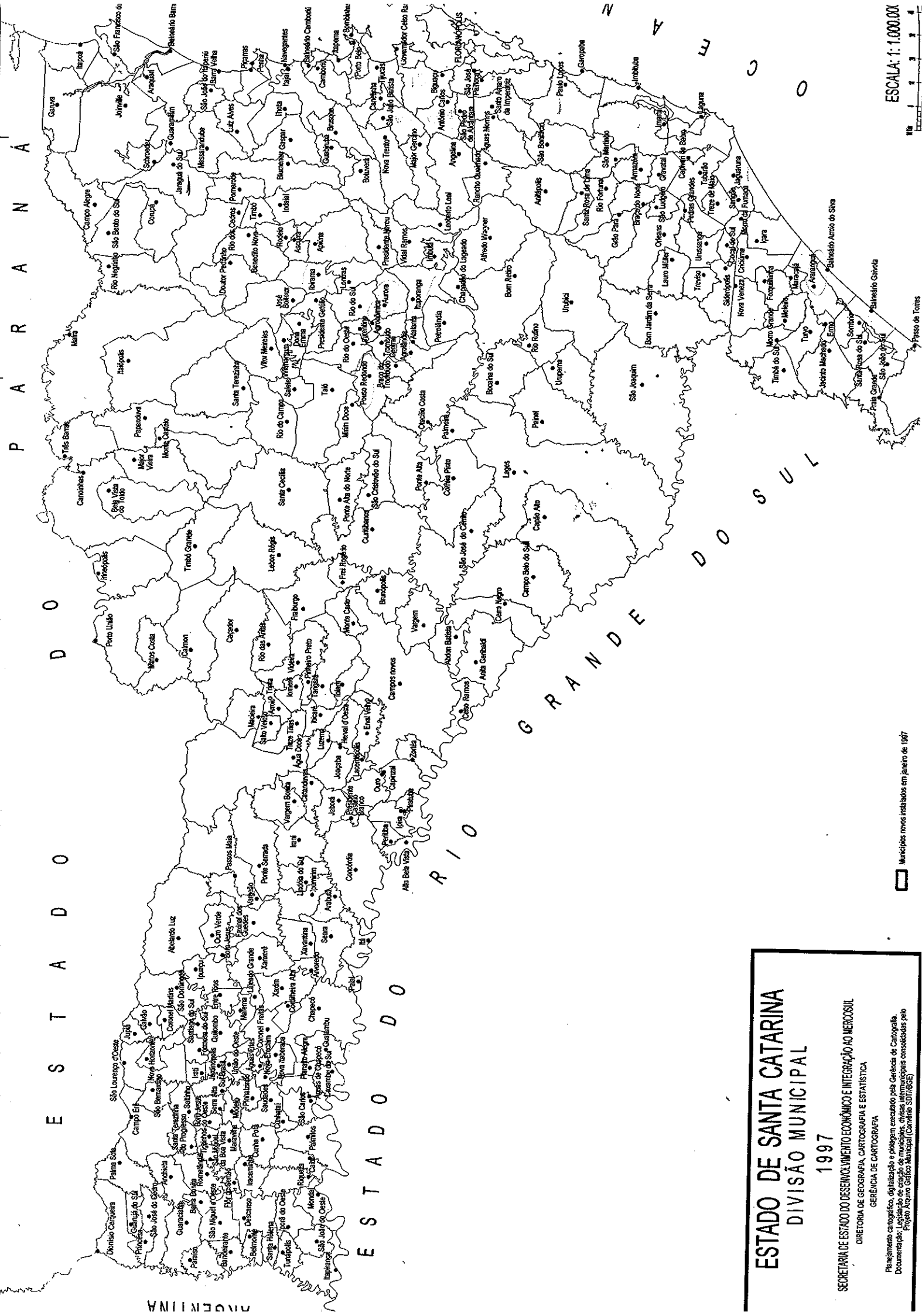
(conclusão)

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km ²)	MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km ²)
Saltinho	153,6	Serra Alta	91,2
Salto Veloso	102,0	Siderópolis	262,9
Sangão	83,2	Sombrio	151,3
Santa Cecília	1.175,8	Sul Brasil	113,3
Santa Helena	80,7	Taió	715,2
Santa Rosa de Lima	184,6	Tangará	459,8
Santa Rosa do Sul	164,4	Tigrinhos	58,1
Santa Terezinha	722,2	Tijucas	278,9
Santa Terezinha do Progresso	113,2	Timbé do Sul	334,3
Santiago do Sul	74,2	Timbó	130,0
Santo Amaro da Imperatriz	353,0	Timbó Grande	549,8
São Bento do Sul	487,7	Três Barras	419,1
São Bernardino	210,4	Treviso	156,6
São Bonifácio	452,4	Treze de Maio	180,0
São Carlos	158,2	Treze Tilias	177,8
São Cristóvão do Sul	350,8	Trombudo Central	101,6
São Domingos	384,9	Tubarão	284,0
São Francisco do Sul	541,8	Tunápolis	133,8
São João Batista	219,9	Turvo	244,3
São João do Itaperiú	151,4	União do Oeste	88,4
São João do Oeste	161,6	Urubici	1.019,1
São João do Sul	175,3	Urupema	278,7
São Joaquim	1.888,1	Urussanga	237,4
São José	114,9	Vargeão	151,4
São José do Cedro	261,2	Vargem	396,8
São José do Cerrito	968,7	Vargem Bonita	307,5
São Lourenço do Oeste	361,3	Vidal Ramos	343,8
São Ludgero	120,2	Videira	378,4
São Martinho	236,1	Vitor Meireles	423,8
São Miguel da Boa Vista	71,9	Witmarsum	129,9
São Miguel do Oeste	236,2	Xanxerê	381,4
São Pedro de Alcântara	141,0	Xavantina	212,0
Saudades	200,2	Xaxim	294,0
Schroeder	149,4	Zortéa	297,8
Seara	316,3		
		SANTA CATARINA	95.442,9

FONTE: IBGE (13).

MAPA I/II
DIVISÃO MUNICIPAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA





ESTADO DE SANTA CATARINA
DIVISÃO MUNICIPAL
 1997

SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INTEGRAÇÃO AO MERCOSUL
 DIRETORIA DE GEOGRAFIA, CARTOGRAFIA E ESTATÍSTICA
 GERÊNCIA DE CARTOGRAFIA

Planejamento cartográfico, digitalização e edição em arquivo pela Cartoteca de Cartografia.
 Documentação: Legislação de criação de municípios, feições administrativas consolidadas pelo
 Projeto Arquivo Gráfico Municipal (CONVÊNIO SODTIB/CE)

□ Municípios novos criados em janeiro de 1997

ESCALA: 1:1.000.000

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 2/II - MÉDIA DAS TEMPERATURAS MÍNIMAS MENS AIS, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA - 1999

LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO	(°C)												Média	
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
Araranguá	20.90	20.50	20.30	15.60	
Caçador	16.20	16.50	16.30	12.00	6.70	7.10	8.00	5.90	9.20	11.10	10.80	16.90	11,40	
Campos Novos	16.40	16.40	16.50	13.00	8.60	7.80	8.30	7.90	10.50		
Chapecó	18.20	18.80	19.00	14.80	10.40	9.70	9.90	11.00	13.20	13.60		
Curitibanos	16.90	16.80	16.80	12.50	8.10	7.50	8.30	7.60	10.50		
Florianópolis	21.60	21.80	22.00	17.50	14.40	13.20	12.90	12.50	14.70	16.10	16.70	20.00	17,00	
Itajaí	21.00	21.50	21.40	17.40	13.70	12.50	13.30	12.10	14.30	16.00	16.50	20.90	16,70	
Ituporanga	18.60	18.40	18.80	14.20	10.10	9.30	10.10	8.70	11.00	12.90	13.60	18.10	13,70	
Lages	16.40	16.70	17.20	12.60	8.20	7.10	7.90	6.90	9.20	10.90		
Major Vieira	17.50	17.30	16.80	11.90	6.40	6.00	6.80	5.10	8.80	10.60	10.70	...		
Rio Negrinho	17.30	17.50	17.10	12.90	8.90	8.30	8.80	6.80	10.20		
Ponte Serrada	...	16.80	16.50	13.10	...	8.50		
São Joaquim	13.50	13.90	13.90	10.20	6.60	5.80	6.00	6.80	7.30	8.70	9.90	13.50	9,70	
São Miguel do Oeste	18.30	18.60	18.90	14.90	11.00	9.80	9.30	11.50	13.30	13.30	14.30	19.50	14,40	
Urussanga	19.80	19.70	19.90	15.40	10.90	9.90	9.80	9.00	12.50	15.80	17.10	19.60	15,00	
Videira	17.20	17.40	16.80	13.30	7.60	7.90	8.20	6.20	9.90	14.10	14.60	18.20	12,60	

FONTE: Epagri/Climerh.

TABELA 3/II - MÉDIA DAS TEMPERATURAS MÁXIMAS MENS AIS, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA - 1999

LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO	(°C)												Média	
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
Araranguá	24.00	
Caçador	26.80	26.70	26.60	22.20	18.70	16.80	17.40	21.90	22.40	20.90	24.20	
Campos Novos	26.70	26.90	26.90	21.80	17.90	16.40	16.80	21.20	22.10	
Chapecó	29.70	29.00	29.90	24.50	20.80	18.50	19.30	23.50	25.00	23.40	
Curitibanos	26.60	26.00	25.80	21.00	17.60	15.70	16.40	20.30	20.80	
Florianópolis	29.20	29.30	29.80	25.00	23.50	20.70	20.00	22.00	23.00	22.60	24.80	27.20	24,80	
Itajaí	29.60	29.50	29.80	25.70	24.00	20.70	20.30	22.20	24.10	22.90	25.30	29.20	25,30	
Ituporanga	29.60	29.20	29.30	24.00	21.10	18.40	24.50	27.80	29.70	22.00	25.10	27.90	25,70	
Lages	26.50	26.40	26.20	21.00	17.20	16.00	16.00	19.60	20.70	19.10		
Major Vieira	27.40	27.30	27.00	23.00	19.50	16.60	17.70	21.70	22.70	20.50	24.00	...		
Rio Negrinho	26.10	26.90	25.70	22.00	19.10	16.80	18.20	...	22.00		
Ponte Serrada	...	26.30	26.90	22.50	...	16.00		
São Joaquim	22.80	22.20	22.40	17.50	14.00	13.80	13.70	17.10	17.80	14.90	16.90	20.00	17,80	
São Miguel do Oeste	28.90	28.40	29.00	24.00	20.50	17.90	18.20	23.20	24.50	23.40	25.70	27.40	24,30	
Urussanga	29.60	28.80	29.70	24.60	22.70	20.70	20.10	24.20	24.30	23.20	26.20	28.90	25,30	
Videira	29.70	28.90	29.50	23.90	20.60	18.10	18.90	24.00	24.70	20.70	23.30	25.90	24,00	

FONTE: Epagri/Climerh.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 4/II - UMIDADE RELATIVA MÉDIA MENSAL, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA - 1999

LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO	(%)												
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
Araranguá	73.80	76.50	74.80	69.80	62.60	73.20	74.50	68.20	68.30	71,30
Caçador	77.70	80.70	78.10	81.90	80.40	83.80	82.30	71.00	68.90	74.50	62.20	62.60	75,30
Campos Novos	76.50	79.30	76.00	81.30	80.60	84.10	84.70	68.70	66.30	73.50	62.80	64.00	74,80
Chapecó	72.40	77.90	71.00	78.60	76.10	80.40	80.60	85.80	60.50	70.00	59.10	64.30	73,00
Curitibanos	73.20	77.70	79.80	78.60	80.30	83.90	83.50	67.50	68.00	...	74.30	...	76,70
Florianópolis	81.00	81.00	81.00	83.00	79.00	84.00	85.00	81.00	81.00	78.00	79.00	78.00	80,90
Itá	81.00	84.00	80.40	86.50	83,00
Itajai	83.20	84.00	83.00	83.00	81.60	87.60	88.90	83.40	82.30	78.50	79.40	76.30	82,60
Ituporanga	81.60	81.90	80.50	83.30	82.90	86.10	88.10	83.10	79.50	81.60	75.40	75.50	81,60
Lages	77.90	81.60	79.00	83.30	82.40	85.30	87.20	76.70	75.30	80.50	71.40	71.10	79,30
Major Vieira	85.40	86.00	84.60	85.90	81.80	88.10	86.30	78.60	78.70	85.80	77.10	80.00	83,20
Rio Negrinho	85.30	86.60	86.50	85.80	83.10	87.60	85.60	77.30	79.00	80.90	75.40	78.00	82,60
Ponte Serrada	86.90	84.20	79.10	83.00	81.90	85.40	81.80	62.20	63.80	74.20	78,30
São Joaquim	87.40	88.80	86.80	88.70	87.20	87.20	91.40	81.40	84.70	87.60	78.50	77.40	85,60
São Miguel do Oeste	71.30	79.70	74.90	79.10	75.40	86.10	82.30	60.00	62.60	70.10	74,20
Urussanga	81.60	86.10	83.50	85.90	84.70	86.00	88.00	78.60	79.00	73.30	65.90	77.10	80,80
Videira	75.10	77.60	75.40	82.00	79.40	82.40	82.10	69.40	67.80	69.50	61.00	61.40	73,60

FONTE: Epagri/Climerh.

TABELA 5/II - PRECIPITAÇÃO MÉDIA MENSAL, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA - 1999

LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO	(mm)												TOTAL
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
Araranguá	85.5	147.0	119.0	197.3	71.4	43.1	191.7	58.3	87.5	134.7	113.8	258.4	1507,7
Caçador	190.0	82.9	59.4	127.2	65.5	138.9	175.0	14.9	114.8	233.9	56.5	116.5	1375,5
Campos Novos	241.1	164.2	32.7	222.5	119.3	99.4	288.9	30.9	113.2	185.4	69.8	187.8	1755,2
Chapecó	247.2	201.5	78.5	209.2	89.4	138.1	243.0	34.6	102.5	102.5	43.1	178.7	1668,4
Curitibanos	171.0	249.1	91.7	223.0	67.7	91.6	239.3	32.2	101.6	159.9	90.3	127.3	1644,7
Florianópolis	260.9	218.3	76.2	93.8	51.0	116.5	161.5	27.7	89.4	236.7	231.3	121.8	1685,2
Itá	214.1	102.0	34.0	224.6	84.2	117.4	240.4	21.8	97.6	222.8	26.2	146.6	1531,7
Itajai	500.5	222.4	172.7	113.5	50.9	74.2	195.6	11.6	118.6	217.4	188.3	67.3	1933,0
Ituporanga	92.2	154.5	82.5	71.0	77.1	61.0	213.6	58.3	81.3	178.7	125.3	95.1	1290,6
Lages	137.2	126.2	66.1	181.4	115.4	75.0	228.2	40.3	83.2	194.1	104.7	93.7	1445,5
Major Vieira	173.7	171.6	91.4	120.6	88.2	133.8	186.6	6.4	152.6	226.0	97.7	98.6	1547,2
Rio Negrinho	237.0	143.4	116.1	133.7	100.0	124.4	227.0	14.2	125.1	268.8	90.3	204.0	1784,0
Ponte Serrada	285.8	217.8	102.8	255.0	103.8	122.8	254.6	29.6	135.4	325.2	80.4	121.9	2035,1
São Joaquim	156.5	147.6	72.7	100.9	121.3	68.2	171.1	37.3	95.3	128.6	139.2	122.9	1361,6
São Miguel do Oeste	149.1	165.6	144.2	162.0	66.8	149.2	166.2	29.1	92.7	234.8	60.8	131.9	1552,4
Urussanga	57.1	218.2	179.6	116.6	44.6	60.4	141.1	38.0	48.9	122.8	105.1	82.7	1215,1
Videira	217.5	201.3	29.3	135.4	69.4	99.1	228.4	18.4	112.1	198.8	49.2	137.2	1496,2

FONTE: Epagri/Climerh.

2.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

TABELA 6/II - POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO A SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO - BRASIL E SANTA CATARINA - 1991/2000

DISCRIMINAÇÃO	(mil hab.)					
	1991	1996	1997 ⁽¹⁾	1998 ⁽¹⁾	1999 ⁽¹⁾	2000 ⁽¹⁾
BRASIL	146.825	157.070	159.774	162.452	165.102	167.724
Rural	35.834	33.993	33.944	33.895	33.846	33.797
Urbana	110.991	123.077	125.830	128.557	131.256	133.927
SANTA CATARINA	4.542	4.875	5.032	5.110	5.188	5.266
Rural	1.333	1.310	1.2678	1.265	1.251	1.238
Urbana	3.208	3.565	3.753	3.845	3.937	4.028

FONTE: IBGE (8, 9, 12).

⁽¹⁾ Estimativa do Instituto Cepa/SC.

TABELA 7/III - POPULAÇÃO RESIDENTE (TOTAL, RURAL E URBANA) - 1996 - ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE - 1997-1999, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS - SANTA CATARINA

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 (hab)
	Total	Rural	Urbana			
Abdon Batista	3.106	2.491	615	3.032	2.970	2.908
Abelardo Luz	13.593	7.266	6.327	13.740	13.864	13.988
Agrolândia	7.608	3.282	4.326	7.715	7.806	7.896
Agronômica	3.914	3.219	695	3.957	3.994	4.031
Água Doce	6.808	3.725	3.083	6.350	6.238	6.127
Águas de Chapecó	6.410	4.024	2.386	6.371	6.338	6.304
Águas Frias	2.938	2.455	483	2.868	2.810	2.751
Águas Mornas	4.840	3.208	1.632	4.908	4.966	5.023
Alfredo Wagner	9.187	7.002	2.185	8.966	8.779	8.592
Alto Bela Vista ⁽¹⁾	2.356	1.650	706	2.364	2.354	2.345
Anchieta	8.060	5.659	2.401	7.576	7.418	7.260
Angelina	6.051	5.280	771	6.014	5.983	5.951
Anita Garibaldi	9.994	6.068	3.926	9.753	9.550	9.347
Anitápolis	3.345	2.308	1.037	3.266	3.199	3.132
Antônio Carlos	6.007	4.797	1.210	6.092	6.163	6.235
Apiúna	8.425	5.126	3.299	8.736	8.998	9.260
Arabutã	3.848	3.212	636	3.891	4.217	4.252
Araquari	17.573	4.983	12.590	18.241	18.804	19.367
Araranguá ⁽¹⁾	50.695	8.207	42.488	52.594	54.216	55.842
Armazém	6.461	4.025	2.436	6.552	6.629	6.706
Arroio Trinta	3.520	1.637	1.883	3.559	3.592	3.625
Arvoredo	2.451	2.061	390	2.393	2.344	2.295
Ascurra	6.836	1.615	5.221	7.125	7.368	7.612
Atalanta	3.658	2.431	1.227	3.637	3.619	3.601
Aurora	5.956	5.224	732	5.920	5.889	5.858
Balneário Arroio do Silva ⁽¹⁾	4.754	940	3.814	4.963	5.116	5.269

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(continuação)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)-	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 hab)
	Total	Rural	Urbana			
Balneário Barra do Sul	3.892	28	3.864	4.051	4.186	4.320
Balneário Camboriú	58.188	1.100	57.088	60.400	62.263	64.129
Balneário Gaivotas ⁽¹⁾	4.344	1.920	2.424	4.524	4.663	4.803
Bandeirante ⁽¹⁾	3.707	2.990	717	3.707	3.710	3.714
Barra Bonita ⁽¹⁾	2.221	2.017	204	2.213	2.203	2.194
Barra Velha	13.204	1.046	12.158	13.691	14.101	14.512
Bela Vista do Toldo ⁽¹⁾	5.672	5.258	414	5.655	5.632	5.609
Belmonte	3.003	2.245	758	2.783	2.726	2.669
Benedito Novo	8.677	4.470	4.207	8.774	8.850	8.929
Biguaçu	40.047	4.937	35.110	41.569	42.852	44.136
Blumenau	231.401	32.539	198.862	236.232	240.302	244.379
Bocaina do Sul ⁽¹⁾	2.919	2.697	222	2.905	2.896	2.888
Bom Jardim da Serra	4.215	1.978	2.237	4.226	4.235	4.244
Bom Jesus ⁽¹⁾	2.132	1.613	519	2.188	2.238	2.286
Bom Jesus do Oeste ⁽¹⁾	2.170	1.864	306	2.165	2.153	2.141
Bom Retiro	7.580	2.662	4.918	8.081	8.324	8.567
Bombinhas	5.877	-	5.877	6.125	6.335	6.544
Botuverá	4.032	3.416	616	3.722	3.647	3.570
Braço do Norte	20.262	5.759	14.503	21.032	21.681	22.331
Braço do Trombudo	3.002	1.921	1.081	3.125	3.228	3.332
Brunópolis ⁽¹⁾	3.486	2.726	760	3.488	3.494	3.500
Brusque	66.558	5.855	60.703	69.302	71.428	73.559
Caçador	58.620	10.597	48.023	60.848	62.725	64.605
Caibé	7.045	3.983	3.062	6.902	6.781	6.661
Calmon	2.322	1.453	869	2.267	2.220	2.174
Camboriú	34.054	1.654	32.400	35.348	36.439	37.531
Campo Alegre	10.549	4.237	6.312	10.663	10.759	10.855
Campo Belo do Sul	8.194	4.097	4.097	8.283	8.357	8.432
Campo Erê ⁽¹⁾	10.569	6.145	4.424	10.772	10.472	10.172
Campos Novos ⁽¹⁾	28.118	8.310	19.808	28.181	28.492	28.542
Canelinha	8.209	4.206	4.003	8.232	8.252	8.271
Canoinhas ⁽¹⁾	49.292	13.528	35.764	49.048	48.851	48.653
Capão Alto ⁽¹⁾	2.807	2.331	476	2.793	2.784	2.776
Capinzal	15.569	5.157	10.412	16.161	16.659	17.159
Capivari de Baixo	17.263	877	16.386	17.919	18.472	19.026
Catanduvas	6.863	2.240	4.623	6.960	7.041	7.123
Caxambu do Sul	5.771	3.593	2.178	5.736	5.706	5.676
Celso Ramos	3.011	2.144	867	2.940	2.879	2.819
Cerro Negro	4.371	3.770	601	4.282	4.207	4.132
Chapadão do Lageado ⁽¹⁾	2.423	2.222	201	2.570	2.565	2.559
Chapecó	131.014	17.026	113.988	135.907	140.029	144.158
Cocal do Sul	12.486	2.670	9.816	12.621	12.735	12.849
Concórdia	56.146	20.128	36.018	55.860	55.346	55.121
Cordilheira Alta	2.872	2.399	473	2.855	2.842	2.828
Coronel Freitas	10.333	6.156	4.177	10.287	10.247	10.208

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(continuação)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 (hab)
	Total	Rural	Urbana			
Coronel Martins	2979	2.413	566	2.722	2.666	2.610
Correa Pinto	13.541	2.994	10.547	13.215	12.940	12.664
Corupá	11.073	3.016	8.057	11.193	11.294	11.395
Criciúma	159.101	15.872	143.229	162.288	164.973	167.661
Cunha Porã ⁽¹⁾	10.592	5.563	5.029	10.544	10.504	10.464
Cunhatarí ⁽¹⁾	1.936	1.704	232	1.931	1.923	1.916
Curitibanos ⁽¹⁾	34.421	3.154	31.267	34.819	35.153	35.488
Descanso	10.123	6.510	3.613	9.872	9.666	9.461
Dionísio Cerqueira	13.853	7.400	6.453	13.881	13.905	13.929
Dona Emma	3.455	2.285	1.170	3.373	3.304	3.235
Doutor Pedrinho	2.981	1.536	1.445	2.964	2.949	2.935
Entre Rios ⁽¹⁾	2.703	2.130	573	2.691	2.644	2.597
Ermo	2.103	1.703	400	2.128	2.147	2.166
Erval Velho	4.340	2.400	1.940	4.237	4.150	4.063
Faxinal dos Guedes	10.196	3.995	6.201	10.572	10.889	11.206
Flor do Sertão ⁽¹⁾	1.660	1.526	134	1.686	1.702	1.719
Florianópolis	271.281	20.624	250.657	275.239	278.576	281.928
Formosa do Sul	2.752	2.147	605	2.687	2.632	2.577
Forquilha	16.106	10.685	5.421	16.718	17.234	17.751
Fraiburgo	30.265	5.763	24.502	31.415	32.385	33.355
Frei Rogério ⁽¹⁾	2.662	2.427	235	2.692	2.718	2.743
Galvão ⁽¹⁾	4.328	1.945	2.383	4.239	4.165	4.091
Garopaba	11.718	6.068	5.650	12.150	12.514	12.879
Garuva	10.285	3.160	7.125	10.664	10.984	11.304
Gaspar	40.584	14.527	26.057	42.127	43.426	44.728
Governador Celso Ramos	10.864	2.995	7.869	11.265	11.602	11.940
Grão Pará	5.830	3.426	2.404	5.912	5.981	6.051
Gravatal	8.851	6.040	2.811	8.947	9.027	9.108
Guabiruba	11.539	4.803	6.736	11.965	12.323	12.682
Guaraciaba	11.632	7.870	3.762	11.225	10.991	10.757
Guaramirim	20.830	3.860	16.970	21.622	22.289	22.957
Guarujá do Sul	4.950	2.723	2.227	5.020	5.079	5.138
Guatambu	4.435	4.108	327	4.345	4.269	4.193
Herval do Oeste	19.042	3.024	16.018	19.262	19.446	19.632
Ibiam ⁽¹⁾	1.917	1.586	331	1.869	1.830	1.791
Ibicaré	3.782	2.536	1.246	3.760	3.742	3.724
Ibirama	13.394	3.801	9.593	13.334	13.283	13.232
Içara	42.096	11.527	30.569	43.696	45.044	46.394
Ilhota	10.023	4.184	5.839	10.131	10.223	10.314
Imaruí	13.825	9.902	3.923	13.383	13.010	12.637
Imbituba	32.876	5.535	27.341	33.255	33.574	33.894
Imbuia	5.398	3.723	1.675	5.412	5.423	5.434
Indaial	35.340	2.057	33.283	36.683	37.815	38.948
Iomerê ⁽¹⁾	2.567	1.867	700	2.665	2.747	2.829
Ipirá	4.565	3.276	1.289	4.472	4.394	4.316

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(continuação)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 (hab)
	Total	Rural	Urbana			
Iporã do Oeste	7.914	5.072	2.842	8.532	8.608	8.685
Ipuaçú	5.702	4.987	715	5.652	5.623	5.593
Ipumirim	6.869	4.978	1.891	6.729	6.612	6.494
Iraceminha	5.168	3.964	1.204	5.063	4.975	4.886
Irani	7.943	4.085	3.858	8.029	8.101	8.174
Irati	2.577	2.109	468	2.562	2.550	2.537
Irineópolis	9.694	6.855	2.839	9.650	9.614	9.577
Itá ⁽¹⁾	6.351	4.399	1.952	6.752	6.768	6.784
Itaiópolis	18.568	10.195	8.373	18.782	18.962	19.143
Itajaí	134.942	5.701	129.241	138.760	141.976	145.197
Itapema	18.222	1.003	17.219	18.915	19.498	20.083
Itapiranga	14.996	9.492	5.504	14.925	14.865	14.804
Itapoá	5.830	593	5.237	6.076	6.284	6.492
Ituporanga ⁽¹⁾	18.876	8.685	10.191	18.420	18.345	18.271
Jaborá	4.233	2.943	1.290	4.209	4.188	4.168
Jacinto Machado	11.039	7.082	3.957	10.773	10.549	10.324
Jaguaruna	13.416	4.426	8.990	13.561	13.683	13.806
Jaraguá do Sul	93.076	20.972	72.104	96.614	99.594	102.580
Jardinópolis	2.067	1.340	727	2.018	1.977	1.935
Joaçaba ⁽¹⁾	22.961	2.437	20.524	23.029	23.069	23.108
Joinville	397.951	25.260	372.691	409.142	418.569	428.011
José Boiteux	4.375	3.289	1.086	4.348	4.326	4.303
Jupiá ⁽¹⁾	2.201	1.681	520	2.157	2.120	2.082
Lacerdópolis	2.136	1.159	977	2.160	2.180	2.200
Lages ⁽¹⁾	140.867	3.518	137.349	140.434	140.004	139.570
Laguna	43.870	9.524	34.346	43.661	43.486	43.310
Lajeado Grande	1.543	1.260	283	1.560	1.575	1.589
Laurentino	4.532	2.003	2.529	4.596	4.650	4.704
Lauro Muller	13.355	3.769	9.586	13.033	12.762	12.490
Lebon Régis	11.368	7.090	4.278	11.491	11.595	11.698
Leoberto Leal	4.120	3.629	491	4.096	4.076	4.056
Lindóia do Sul	4.930	3.637	1.293	4.830	4.745	4.661
Lontras	7.936	3.069	4.867	8.022	8.094	8.167
Luiz Alves	7.203	5.217	1.986	7.507	7.764	8.021
Luzerna ⁽¹⁾	5.385	1.618	3.767	5.375	5.384	5.394
Macieira	1.802	1.445	357	2.079	2.038	1.996
Mafra	49.479	14.242	35.237	50.049	50.530	51.011
Major Gercino	3.534	2.514	1.020	3.450	3.380	3.309
Major Vieira	7.022	4.999	2.023	6.879	6.759	6.639
Maracajá	5.352	2.327	3.025	5.578	5.769	5.959
Maravilha ⁽¹⁾	18.933	4.941	13.992	18.840	19.021	19.201
Marema ⁽¹⁾	2.866	1.998	868	2.765	2.717	2.668
Massaranduba	11.788	7.756	4.032	11.915	12.023	12.130
Matos Costa	2.996	1.877	1.119	3.119	3.222	3.325
Meleiro	7.009	4.302	2.707	6.867	6.747	6.626

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(continuação)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 (hab)
	Total	Rural	Urbana			
Mirim Doce	2.823	1.686	1.137	2.859	2.845	2.831
Modelo ⁽¹⁾	3.592	1.688	1.904	4.078	4.057	4.035
Mondai	10.048	5.931	4.117	9.625	9.712	9.799
Monte Carlo	7.500	1.179	6.321	7.817	8.084	8.351
Monte Castelo	8.135	4.017	4.118	7.939	7.774	7.608
Morro da Fumaça	13.389	4.310	9.079	13.534	13.656	13.778
Morro Grande	2.597	1.951	646	2.660	2.608	2.555
Navegantes	32.363	4.033	28.330	33.593	34.630	35.667
Nova Erechim	3.411	1.846	1.565	3.551	3.668	3.786
Nova Itaberaba	4.559	4.100	459	4.752	4.914	5.076
Nova Trento	9.369	3.549	5.820	9.470	9.556	9.641
Nova Veneza	9.968	4.858	5.110	9.996	10.020	10.044
Novo Horizonte	3.436	3.085	351	3.354	3.286	3.217
Orleans	21.296	11.313	9.983	21.542	21.748	21.955
Otacílio Costa ⁽¹⁾	13.199	2.367	10.832	13.352	13.480	13.608
Ouro	6.509	3.230	3.279	6.377	6.265	6.154
Ouro Verde	3.209	2.587	622	2.688	2.674	2.661
Paial ⁽¹⁾	2.197	1.937	260	2.207	2.216	2.224
Painei ⁽¹⁾	2.267	1.645	622	2.187	2.180	2.174
Palhoça	81.176	2.566	78.610	84.262	86.861	89.465
Palma Sola	8.535	5.342	3.193	8.497	8.464	8.432
Palmeira ⁽¹⁾	1.959	1.559	400	1.981	2.000	2.019
Palmitos	17.274	9.762	7.512	17.192	17.123	17.053
Papanduva	16.184	8.902	7.282	16.107	16.042	15.977
Paraíso	5.164	4.015	1.149	5.059	4.971	4.882
Passos de Torres	3.667	834	2.833	3.817	3.944	4.070
Passos Maia	4.203	3.590	613	4.375	4.520	4.665
Paulo Lopes	5.589	2.413	3.176	5.603	5.615	5.627
Pedras Grandes	5.059	4.266	793	5.028	5.002	4.976
Penha	15.473	2.513	12.960	16.061	16.557	17.053
Peritiba	3.178	2.047	1.131	3.160	3.144	3.129
Petrolândia	6.619	5.234	1.385	6.485	6.371	6.258
Piçarras	9.484	2.358	7.126	9.834	10.129	10.424
Pinhalzinho	11.172	3.472	7.700	11.293	11.395	11.497
Pinheiro Preto	2.680	1.854	826	2.790	2.882	2.975
Piratuba	4.342	2.970	1.372	4.239	4.152	4.065
Planalto Alegre	2.572	2.017	555	2.579	2.584	2.590
Pomerode	21.189	5.228	15.961	21.994	22.673	23.353
Ponte Alta	4.973	1.410	3.563	5.043	5.102	5.161
Ponte Alta do Norte	2.743	456	2.287	2.773	2.799	2.825
Ponte Serrada	10.408	4.755	5.653	10.792	11.115	11.439
Porto Belo	7.606	666	6.940	7.927	8.198	8.469
Porto União	30.676	6.575	24.101	31.030	31.328	31.626
Pouso Redondo	11.778	6.697	5.081	11.853	11.961	12.068
Praia Grande	7.492	3.798	3.694	7.446	7.407	7.369

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(continuação)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 (hab)
	Total	Rural	Urbana			
Presidente Castelo Branco	1.856	1.337	519	1.877	1.894	1.911
Presidente Getúlio	11.523	4.404	7.119	11.556	11.583	11.611
Presidente Nereu	2.455	1.675	780	2.397	2.348	2.299
Princesa ⁽¹⁾	2.685	2.235	450	2.600	2.528	2.455
Quilombo ⁽¹⁾	10.722	7.021	3.701	10.455	10.238	10.021
Rancho Queimado	2.443	1.375	1.068	2.470	2.493	2.516
Rio das Antas	5.814	3.803	2.011	5.829	5.841	5.853
Rio do Campo	6.578	4.581	1.997	6.444	6.332	6.219
Rio do Oeste	6.734	4.542	2.192	6.693	6.658	6.623
Rio do Sul	47.822	3.218	44.604	48.373	48.838	49.303
Rio dos Cedros	8.812	5.197	3.615	8.907	8.988	9.068
Rio Fortuna	4.220	3.096	1.124	4.231	4.240	4.250
Rio Negrinho	31.611	2.912	28.699	32.813	33.825	34.839
Rio Rufino	2.321	1.894	427	2.416	2.496	2.576
Riqueza	5.621	4.514	1.107	5.507	5.411	5.314
Rodeio	9.623	2.435	7.188	9.727	9.815	9.903
Romelândia	7.597	5.973	1.624	7.216	7.090	6.963
Salete	6.885	3.732	3.153	6.843	6.889	6.854
Saltinho ⁽¹⁾	4.803	4.178	625	4.661	4.531	4.401
Salto Veloso	3.790	1.228	2.562	3.832	3.868	3.903
Sangão	6.789	3.830	2.959	7.076	7.318	7.560
Santa Cecília	12.818	3.641	9.177	12.957	13.073	13.190
Santa Helena	2.772	2.232	540	2.706	2.651	2.595
Santa Rosa de Lima	1.873	1.481	392	1.862	1.853	1.844
Santa Rosa do Sul	7.742	5.825	1.917	7.826	7.896	7.967
Santa Terezinha ⁽¹⁾	8.439	7.801	638	8.401	8.369	8.337
Sta. Terezinha do Progresso ⁽¹⁾	3.474	3.144	330	3.364	3.270	3.176
Santiago do Sul ⁽¹⁾	1.749	1.324	425	1.715	1.679	1.643
Santo Amaro da Imperatriz	14.569	5.790	8.779	15.123	15.589	16.057
São Bento do Sul	57.098	7.526	49.572	59.268	61.097	62.928
São Bernardino ⁽¹⁾	3.534	3.072	462	3.455	3.390	3.324
São Bonifácio	3.109	2.478	631	3.035	2.973	2.911
São Carlos ⁽¹⁾	10.053	4.613	5.440	10.039	10.001	9.962
São Cristóvão do Sul	3.819	1.243	2.576	3.861	3.897	3.933
São Domingos	9.585	4.441	5.144	9.540	9.342	9.143
São Francisco do Sul	27.787	3.019	24.768	28.843	29.733	30.624
São João Batista	13.637	4.700	8.937	13.784	13.909	14.033
São João do Itaperiú	3.092	2.449	643	3.219	3.325	3.432
São João do Oeste	6.561	5.200	1.361	6.521	6.487	6.453
São João do Sul	6.790	5.871	919	6.886	6.966	7.047
São Joaquim	22.010	6.456	15.554	21.905	21.817	21.729
São José ⁽¹⁾	147.558	10.299	137.259	150.368	152.734	155.105
São José do Cedro ⁽¹⁾	13.733	8.113	5.620	13.293	12.922	12.552
São José do Cerrito	10.276	8.325	1.951	10.028	9.820	9.611
São Lourenço do Oeste	19.920	7.886	12.034	19.328	19.513	19.699

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(conclusão)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 1996 (hab)			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1997 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1998 (hab)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE 1999 (hab)
	Total	Rural	Urbana			
São Ludgero	7.501	3.420	4.081	7.818	8.085	8.352
São Martinho	3.331	2.550	781	3.312	3.296	3.280
São Miguel da Boa Vista	2.175	1.911	264	2.123	2.080	2.036
São Miguel do Oeste ⁽¹⁾	30.409	4.574	25.835	31.292	31.345	31.398
São Pedro de Alcântara ⁽¹⁾	3.466	1.600	1.866	3.531	3.587	3.642
Saudades	8.481	5.934	2.547	8.242	8.070	7.898
Schroeder	9.294	4.566	4.728	9.637	9.926	10.215
Seara	16.270	6.826	9.444	16.071	16.225	16.379
Serra Alta	3.437	2.634	803	3.355	3.287	3.218
Siderópolis ⁽¹⁾	10.900	2.601	8.299	10.923	10.949	10.975
Sombrio ⁽¹⁾	21.188	6.697	14.491	21.979	22.657	23.336
Sul Brasil	3.552	2.799	753	3.468	3.397	3.326
Taió	15.997	9.066	6.931	15.921	15.857	15.793
Tangará ⁽¹⁾	9.052	5.149	3.903	8.836	8.652	8.468
Tigrinhos ⁽¹⁾	1.858	1.678	180	1.902	1.920	1.938
Tijucas	20.160	4.618	15.542	20.392	20.588	20.784
Timbé do Sul	5.580	4.018	1.562	5.421	5.392	5.364
Timbó	26.497	5.255	21.242	27.504	28.353	29.202
Timbó Grande	7.144	6.194	950	7.446	7.700	7.955
Três Barras	16.774	3.355	13.419	16.967	17.130	17.293
Treviso ⁽¹⁾	2.690	1.640	1.050	2.706	2.712	2.718
Treze de Maio	6.281	4.978	1.303	6.297	6.310	6.323
Treze Tilias	4.530	2.072	2.458	4.721	4.883	5.044
Trombudo Central	5.895	2.856	3.039	5.910	5.922	5.935
Tubarão	83.728	11.737	71.991	84.693	85.506	86.321
Tunápolis	5.235	3.950	1.285	5.129	5.039	4.949
Turvo ⁽¹⁾	10.675	6.027	4.648	10.788	10.886	10.983
União do Oeste	3.710	2.939	771	3.751	3.786	3.821
Urubici	10.259	4.627	5.632	10.370	10.463	10.557
Urupema	2.397	1.249	1.148	2.383	2.372	2.360
Urussanga	18.104	7.715	10.389	18.141	18.172	18.204
Vargeão	3.519	2.159	1.360	3.436	3.365	3.295
Vargem	3.482	2.899	583	3.521	3.553	3.586
Vargem Bonita	5.537	3.912	1.625	5.425	5.330	5.235
Vidal Ramos	6.416	4.982	1.434	6.286	6.176	6.066
Videira ⁽¹⁾	36.772	7.109	29.663	38.169	39.347	40.527
Vítor Meirelles	5.679	5.007	672	5.644	5.615	5.586
Witmarsum	3.526	3.031	495	3.506	3.407	3.390
Xanxerê ⁽¹⁾	35.260	4.759	30.501	37.143	38.289	39.437
Xavantina	4.770	3.740	1.030	4.741	4.716	4.691
Xaxim	22.677	10.277	12.400	23.539	24.265	24.992
Zortea ⁽¹⁾	2.597	1.012	1.585	2.602	2.344	2.348
SANTA CATARINA	4.875.244	1.308.533	3.566.711	4.958.339	5.028.339	5.098.448

FONTE: IBGE (12).

⁽¹⁾ Considerando que o IBGE não determinou as populações rurais e urbanas dos municípios instalados em 1997, as estimativas destas populações foram efetuadas pelo Instituto Cepa/SC.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 8/II - PESSOAS OCUPADAS, POR SEXO, SEGUNDO O SETOR ECONÔMICO - SANTA CATARINA - 1998-1999

SETOR ECONÔMICO	(nº)			
	1998		1999	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Primário	400.387	299.581	412.375	324.553
Secundário	500.640	169.951	536.857	296.622
Terciário	558.240	576.121	594.992	443.201
TOTAL	1.459.267	1.045.653	1.544.229	1.064.376

FONTE: IBGE (17, 18).

TABELA 9/II - PESSOAS OCUPADAS, POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE - SANTA CATARINA - 1998-1999

GRUPOS DE IDADE (anos)	(nº)					
	TOTAL		RURAL		URBANA	
	1998	1999	1998	1999	1998	1999
10 14	101.396	84.915	72.013	61.646	29.383	23.269
15 24	552.487	592.103	161.309	171.005	391.178	421.098
25 39	999.548	1.012.614	251.179	269.309	748.369	743.305
40 49	487.390	500.202	145.758	143.661	341.632	356.541
50 59	222.951	264.053	77.773	96.553	145.178	167.500
60 e mais	141.148	154.713	70.859	68.050	70.289	86.663

FONTE: IBGE (17-18).

TABELA 10/II - DOMICÍLIOS PARTICULARES E INDICADORES DE BEM-ESTAR, SEGUNDO A SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO - SANTA CATARINA - 1998-1999

DISCRIMINAÇÃO	(nº)			
	RURAL		URBANA	
	1998	1999	1998	1999
Domicílio particular	344.504	347.255	1.036.986	1.077.170
Rede de água	61.644	68.058	939.627	981.790
Lixo coletado diretamente	78.349	88.415	964.400	1.007.386
Luz elétrica	323.764	333.295	1.032.954	1.074.263
Geladeira	290.356	297.814	1.006.454	1.042.853
Rádio	333.558	329.804	987.445	1.021.338
Televisão	278.259	285.602	986.292	1.027.143

FONTE: IBGE (17-18).

2.3. ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

TABELA 11/II - CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM⁽¹⁾ EM MEIO AMBIENTE NÃO CONTROLADO, POR TIPO, DOS ARMAZÉNS CADASTRADOS NA CONAB, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS - SANTA CATARINA - 2000

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	TIPO DE ARMAZÉM		
	Total	Convencional	Graneleiro
Araranguá	105.857	104.604	1.253
Blumenau	29.726	26.326	3.400
Campos de Lages	16.406	16.406	0
Canoinhas	139.250	64.115	75.135
Chapecó	228.795	108.747	120.048
Concórdia	16.659	16.659	0
Criciúma	32.914	32.914	0
Curitibanos	109.060	63.560	45.500
Florianópolis	20.140	20.140	0
Itajaí	55.087	48.550	6.537
Ituporanga	10.020	10.020	0
Joaçaba	91.080	60.235	30.845
Joinville	285.794	27.950	257.844
Rio do Sul	51.765	51.765	0
São Bento do Sul	0	0	0
São Miguel do Oeste	120.521	22.483	98.038
Tabuleiro	400	400	0
Tijucas	32.500	32.500	0
Tubarão	76.412	69.270	7.142
Xanxerê	197.856	115.956	81.900
TOTAL	1.620.242	892.600	727.642

FONTE: Conab (10).

⁽¹⁾ Situação em 10.04.2000.

TABELA 12/II - COOPERATIVAS, SEGUNDO O TIPO DE ATIVIDADE - SANTA CATARINA - 1995-1999

SEGMENTO	1995	1996	1997	1998	1999
Agropecuário	48	49	49	50	46
Consumo	14	15	18	20	20
Crédito	32	39	47	54	57
Educacional	16	18	16	16	15
Especial	-	-	-	1	2
Habitacional	2	3	5	6	3
Infra-estrutura	26	26	30	30	29
Mineral	1	2	1	2	4
Produção	1	1	1	2	4
Saúde	14	15	35	39	36
Trabalho	19	34	77	89	86
TOTAL	173	200	274	301	300

FONTE: Ocesc.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 13/II - COOPERADOS, SEGUNDO O TIPO DE COOPERATIVA - SANTA CATARINA - 1995-1999

SEGMENTO	1995	1996	1997	1998	1999
Agropecuário	59.852	56.547	53.110	48.387	47.194
Consumo	34.182	33.127	46.890	59.849	62.264
Crédito	51.554	58.174	62.171	66.465	76.117
Educacional	9.784	10.088	9.723	10.830	10.874
Especial	-	-	-	24	90
Habitacional	1.066	1.634	2.834	1.578	1.328
Infra-estrutura	132.004	137.567	131.591	136.447	142.257
Mineral	395	395	400	405	416
Produção	24	27	28	50	128
Saúde	4.896	4.985	5.662	6.090	6.735
Trabalho	2.446	4.250	15.097	20.645	25.228
TOTAL	296.203	306.804	327.551	350.770	372.631

FONTE: Ocesc.

TABELA 14/II - RECEBIMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS PELAS COOPERATIVAS, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS - SANTA CATARINA - 1995-1999

PRODUTO	1995	1996	1997	1998	1999
Arroz em casca	162.371	113.203	115.817	121.420	168.43
Aveia	4.865	5.621	2.014	781	3045
Azevém	122	1.595	263	137	361
Cebola	4.434	4.500	1.400	301	301
Cevada	867	2.047	1.781	2.134	-
Erva-mate	1.561	1.423	1.659	1.009	1.759
Ervilhaca	132	2.376	280	60	86
Feijão	94.139	70.613	147.861	32.638	47.399
Laranja	39.577	35.127	54.628	88.864	28.583
Maçã	4.258	21.782	28.479	31.673	27.584
Maracujá	500	1.694	3.350	2.982	4620
Milho	656.657	576.843	764.111	529.202	669.98
Pêssego	250	740	687	260	350
Soja	251.232	230.295	348.236	301.391	304.85
Trigo	36.420	73.162	49.986	35.053	65.754
Triticale	164	230	23	732	8.749
Uva	2.175	1.329	3.018	3.218	1.350
Aves (1.000 cab.)	33.707	33.864	59.691	66.962	69.427
Bovinos (cab.)	4.364	4.566	2.385	2.222	1.063
Leite (1.000 l)	180.396	196.584	189.574	200.562	210.79
Suínos (1.000 cab.)	1.227	1.385	1.309	1.564	1.646

FONTE: Ocesc.

TABELA 15/II - MÁQUINAS AGRÍCOLAS VENDIDAS, SEGUNDO O TIPO - SANTA CATARINA - 1996-1999

(nº)

DISCRIMINAÇÃO	1996	1997	1998	1999
Cultivadores	121	160	95	95
Trator de rodas (em cv)		786	867	1.013
Tratores de esteiras	16	25	25	22
Colheitadeiras	48	50	85	131
Retroescavadeiras		126	169	62
TOTAL GERAL	674	1.147	1.241	1.323

FONTE: Anfavea (1, 2).

TABELA 16/II - CONSUMO APARENTE DE FERTILIZANTES, SEGUNDO O TIPO - SANTA CATARINA - 1995-1999

(t)

DISCRIMINAÇÃO	1995	1996	1997	1998	1999
Fertilizantes	310.345	333.311	353.351	383.414	349.552
Nutrientes					
- N	47.733	47.963	52.389	58.635	56.235
- P205	46.996	55.404	56.774	57.638	52.002
- K20	39.315	47.255	50.372	55.910	47.537

FONTE: Anda (5).

TABELA 17/II - PRODUÇÃO DE SEMENTES CERTIFICADAS (*), SEGUNDO OS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - 94/95-98/99

(t)

CULTURA	94/95	95/96	96/97	97/98	98/99
Alho	225,80	47,00	-	88,60	96,00
Arroz-irrigado	953,70	1.349,85	4.020,92	6.580,39	5.898,49
Batata-semente	19.888,41	22.614,49	15.836,79	8.779,23	9.803,54
Feijão	294,75	82,25	71,25	5,00	-
Soja	1.123,20	-	-	193,35	1285,00
Trigo	-	-	-	23,46	368,00

FONTE: Cidasc (3).

(*) Produção aprovada.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 18/II - PRODUÇÃO DE SEMENTES FISCALIZADAS (*), SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - 94/95-98/99

CULTURA	94/95	95/96	96/97	97/98	98/99
Arroz-irrigado	2.084,95	1.134,55	2.510,60	979,02	-
Arroz-de-sequeiro	51,35	-	36,00	135,00	165,00
Aveia	1.365,62	1.312,15	656,16	550,05	19,20
Azevém	106,71	281,45	28,45	57,80	138,00
Cevada	360,00	48,00	108,00	288,00	169,50
Feijão	4.386,85	1.242,98	2.706,52	2.244,26	7.075,13
Milheto	8,25	148,55	240,00	125,00	60,00
Milho	2.738,36	2.886,72	3.120,06	3.361,88	7.767,00
Soja	69.947,91	71.015,21	76.363,23	77.247,47	67.684,85
Trigo	6.714,15	7.146,50	7.069,65	3.900,19	8.189,30
Triticale	586,65	560,12	136,00	146,30	656,90

FONTE: Cidasc (3).

(*) Produção aprovada.

TABELA 19/II - CRÉDITO RURAL CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE - SANTA CATARINA - 1996-1999

DISCRIMINAÇÃO	1996	1997	1998	1999
CUSTEIO				
Número de contratos	142.492	120.254	121.857	132.837
- Atividade agrícola	138.071	111.578	113.227	124.735
- Atividade pecuária	4.421	8.676	8.630	8.102
Valor dos contratos (\$R)	418.000.421	628.246.153	580.481.421	637.756.403
- Atividade agrícola	328.633.239	371.001.926	380.275.740	447.910.920
- Atividade pecuária	89.367.182	257.244.227	200.205.681	189.845.482
INVESTIMENTO				
Número de contratos	5.045	9.702	9.971	7.191
- Atividade agrícola	3.317	6.190	8.657	5.244
- Atividade pecuária	1.728	3.512	1.314	1.947
Valor dos contratos (\$R)	36.876.060	78.314.701	47.030.810	56.785.349
- Atividade agrícola	22.349.523	43.653.476	36.364.086	40.155.369
- Atividade pecuária	14.526.537	34.661.225	10.666.724	16.629.980
COMERCIALIZAÇÃO				
Número de contratos	1.240	356	614	1.395
- Atividade agrícola	1.233	356	248	558
- Atividade pecuária	7	-	366	837
Valor dos contratos (\$R)	27.678.656	66.878.585	99.089.944	172.341.053
- Atividade agrícola	26.857.156	66.878.585	94.981.175	153.186.410
- Atividade pecuária	821.500	-	4.108.769	19.154.643

FONTE: Bacen (4).

2.4. INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA

TABELA 20/II - ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS VEGETAIS - SANTA CATARINA - SAFRAS - 98/99 - 99/00

(mil t)

PRODUTO	OFERTA	SAFRA 98/99						SALDO
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial				
Alho	16,4	-	4,1	2,1	2,7	1,6	10,5	5,9
Arroz	758,8	-	374,4	-	24,3	-	398,7	360,1
Banana	519,1	-	114,5	62,3	-	155,3	332,1	187,0
Batata	112,5	-	140,0	-	15,0	2,2	157,2	(44,7)
Cebola	348,6	-	30,0	-	-	58,6	88,6	260,0
Feijão	211,0	-	75,0	1,0	4,0	10,5	90,5	120,5
Maçã	371,7	-	20,0	55,7	-	6,0	81,7	290,0
Mandioca	632,5	331,8	37,9	253,2	-	9,6	632,5	0,0
Milho	2.690,3	3.917,8	85,0	50,3	4,0	135,0	4.192,1	(1.501,8)
Soja	471,6	5,0	3,0	1.200,0	22,0	14,0	1.244,0	(772,4)
Trigo	42,4	-	-	315,0	4,0	0,8	319,8	(277,4)

(continua)

(conclusão)

PRODUTO	OFERTA	SAFRA 99/00						SALDO
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial				
Alho	19,6	-	4,5	2,9	3,7	2,0	13,1	6,5
Arroz	797,1	-	375,0	-	25,0	2,4	402,4	394,7
Banana	595,3	-	114,5	71,4	-	178,6	372,5	228,8
Batata	124,2	-	140,0	-	17,0	2,2	159,2	(35,0)
Cebola	456,0	-	30,0	-	-	136,0	166,0	290,0
Feijão	228,3	-	75,0	1,0	8,0	12,0	96,0	132,3
Maçã	500,2	-	25,0	100,0	-	20,2	145,2	355,0
Mandioca	720,0	377,2	43,2	290,2	-	9,4	720,0	0,0
Milho	3.388,1	4.061,3	85,0	50,0	4,0	162,0	4.362,3	(974,2)
Soja	524,7	5,0	3,0	1.200,0	20,0	15,8	1.243,8	(719,1)
Trigo	45,4	-	-	320,0	5,2	0,9	326,1	(280,7)

FONTE: Instituto Cepa/SC.

Obs.: Estimado em 12/07/00.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 21/II - EXPORTAÇÕES DE ORIGEM NO SETOR PRIMÁRIO, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS - SANTA CATARINA - 1998-2000

PRODUTOS	1998	1999	(US\$/FOB)	
			JANEIRO/MAIO	
			1999	2000
Açúcar e produtos de confeitaria	33.502.612	24.306.502	10.838.051	698.658
Banana	3.785.221	6.241.130	3.414.091	2.242.895
Carne de aves e miudezas	393.436.910	422.870.372	150.574.879	153.878.035
Carne suína e miudezas	98.667.021	66.932.943	26.944.327	18.166.906
Erva-mate	3.180.133	2.558.578	987.293	1.083.639
Fumo	127.255.039	84.388.480	20.133.039	26.692.483
Maçã	450.770	17.024.346	15.513.861	17.800.312
Pescado	8.164.718	7.975.488	3.272.518	6.708.316
Soja e derivados	179.571.878	103.550.370	22.140.349	28.281.178
SUBTOTAL	957.823.834	735.848.209	253.818.408	255.552.422
TOTAL EXPORTADO SANTA CATARINA	2.605.306.071	2.567.364.409	960.474.619	1.070.042.736

FONTE: Secex/Decex (Sistema Alice).

TABELA 22/II - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO, CONSUMO INTERMEDIÁRIO E PRODUTO INTERNO BRUTO SEGUNDO A ATIVIDADE ECONÔMICA DO SETOR PRIMÁRIO - SANTA CATARINA - 1995-1999

GRUPOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA	VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (mil R\$)				
	1995	1996	1997	1998	1999
	Lavouras	1.300.335	1.219.384	1.511.624	1.558.439
Pecuária	1.657.961	1.710.862	1.948.316	1.992.171	2.336.312
Indústria Rural	186.218	180.106	204.699	232.965	271.086
Silvicultura	272.169	280.480	240.251	261.842	296.796
Extração Vegetal	133.231	66.907	52.662	47.046	55.488
Prod. Part. do Pessoal Resid.	3.940	4.091	4.882	4.659	5.661
TOTAL	3.553.852	3.461.829	3.962.433	4.097.123	4.833.488
Consumo Intermediário	1.018.657	1.025.672	1.152.958	1.194.265	1.439.819
Produto Interno Bruto	2.535.195	2.436.157	2.809.474	2.902.858	3.393.669

FONTE: Instituto Cepa/SC

TABELA 23/II - ICMS ARRECADADO PELO SETOR AGROPECUÁRIO, SEGUNDO AS ATIVIDADES - SANTA CATARINA - 1998-1999

ATIVIDADE	1998	1999
Insumos/máq./equip. agric.	163.787	215.331
Produção agropecuária	6.636	9.874
- Agricultura	3.958	5.760
- Pecuária	1.596	3.182
- Pescado	186	327
- Silvicultura	776	518
Pesquisas agropecuárias	70	40
Cooperativas agropecuárias	49	47
Transformação primária	196.199	165.826
- Agricultura	80.276	79.556
- Pecuária	75.061	42.505
- Pescado	70	40
- Silvicultura	40.793	43.724
Comércio	15.620	14.193
- Agricultura	3.308	3.838
- Pecuária	8.140	6.636
- Pescado	802	765
- Silvicultura	3.370	2.954
Serviços	91	82
TOTAL DAS ATIVIDADES	382.333	405.305
TOTAL ESTADUAL	2.024.177	2.328.685
PART. ATIVID. AGROP. NO TOTAL ESTADUAL	18,89	17,40

FONTE: Secretaria da Fazenda.

2.5. PREÇOS AGRÍCOLAS

TABELA 24/II - PREÇOS MÍNIMOS VIGENTES, POR PRODUTO, NA REGIÃO CENTRO-SUL - 1996-2000

ANO	MÊS	ARROZ IRRIGADO (sc 50 kg)	ARROZ SEQUEIRO (sc 60 kg)	FEIJÃO (sc 60 kg)	SOJA (sc 60 kg)	MILHO(sc 60 kg)	TRIGO (t)	MANDIOCA (raiz) (t)	FARINHA DE MANDIOCA (50 kg)	FÉCULA DE MANDIOCA (kg)
1996	Jan.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,32	144,00	24,00	7,40	0,219
	Fev.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	144,00	24,00	7,40	0,219
	Mar.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	144,00	24,00	7,40	0,219
	Abr.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	144,00	24,00	7,40	0,219
	Mai.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	144,00	24,00	7,40	0,219
	Jun.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	144,00	24,00	7,40	0,219
	Jul.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	144,00	24,00	7,40	0,219
	Ago.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	157,00	24,00	7,40	0,219
	Set.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	157,00	24,00	7,40	0,219
	Out.	10,53	8,85	24,00	8,14	6,00	157,00	24,00	7,40	0,219
	Nov.	10,53	8,85	25,20	8,14	6,00	157,00	24,00	7,40	0,219
	Dez.	10,53	8,85	25,20	8,14	6,00	157,00	24,00	7,40	0,219
1997	Jan.	10,53	8,85	25,20	8,14	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Fev.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Mar.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Abr.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Mai.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Jun.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Jul.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Ago.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Set.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Out.	10,53	9,30	25,20	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Nov.	10,53	9,30	26,00	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
	Dez.	10,53	9,30	26,00	8,88	6,70	157,00	24,00	7,40	0,220
1998	Jan.	10,53	9,30	26,00	8,88	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Fev.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Mar.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Abr.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Mai.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Jun.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Jul.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Ago.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Set.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Out.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Nov.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Dez.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
1999	Jan.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Fev.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Mar.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Abr.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Mai.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Jun.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Jul.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Ago.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Set.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Out.	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Nov.	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Dez.	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
2000	Jan.	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	28,50	8,50	0,253
	Fev.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Mar.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Abr.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Mai.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Jun.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Jul.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Ago.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Set.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Out.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Nov.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Dez.	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253

FONTE: Conab.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

TABELA 25/II - PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS - SANTA CATARINA - JAN/DEZ - 1999

PRODUTO	(R\$)											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Alho (kg)	1,97	2,08	2,35	2,50	2,60	2,70	2,91	2,00
Arroz irrigado (50 kg)	16,00	16,70	15,95	15,08	14,69	13,44	14,15	13,96	13,38	14,14	14,39	14,32
Batata-inglesa (50 kg)	14,09	12,93	12,12	9,12	10,01	8,67	10,31	7,90	10,16	9,78	11,17	9,85
Cana-de-açúcar (t)	40,00	31,25	31,25	21,00	30,75	33,25	32,50	31,25	32,50
Cebola (20kg)	3,33	5,03	5,46	5,17	5,25	3,41	2,13
Feijão-preto (60 kg)	40,27	35,00	35,50	29,47	26,91	26,29	22,73	23,41	30,00	29,50	25,00	27,24
Feijão-carioca (60kg)	47,93	36,32	37,21	27,79	24,60	20,55	20,52	22,82	30,00	29,50	25,00	35,05
Fumo em folha (estufa)(kg)	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10
Mandioca (t)	75,47	68,33	67,41	58,00	54,39	59,59
Milho em grão (60 kg)	8,50	8,88	9,20	9,07	9,00	9,00	9,00	9,10	9,98	10,94	12,94	12,80
Soja em grão (60 kg)	13,90	15,89	16,00	15,03	14,76	15,08	14,92	16,61	18,29	19,58	19,61	18,48
Tomate (22-25 kg)	2,33	1,52	1,11	4,58	5,00	7,62	5,68	10,95	...	11,70	8,55	3,31
Trigo intermediário (60 kg)	8,50	12,26	11,90	11,53
Trigo superior (60kg)	8,95	10,27	10,93	11,13	11,30	12,82	12,18
Banana-caturra (20 kg)	1,00	0,87	1,39	1,50	1,62	2,79	3,79	4,45	4,11	4,5	3,27	2,52
Banana-prata (kg)	0,20	0,18	0,18	0,20	0,23	0,24	5,72	6,14	5,26	5,14	5,05	4,62
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	2,06	1,99	1,95	1,99	2,00	2,10	2,17	2,19	2,17	2,10	2,12	2,14
Laranja (indústria)(t)	72,67	65,33	59,25	48,42	42,00	41,44	45,00	45,00
Pêssego (kg)	0,51	1,20	0,86	0,64	0,51
Uva (kg)	0,63	0,66	0,76
Bovinos (30kg) ¹	28,40	30,00	30,00	30,00	30,00	30,00	31,36	32,00	33,33	34,00	36,84	36,81
Frangos (kg) ¹	0,62	0,66	0,66	0,66	0,65	0,65	0,67	0,67	0,68	0,71	0,73	0,78
Suínos (kg) ¹	0,91	0,98	1,07	1,05	0,94	0,93	0,93	0,93	0,95	1,03	1,14	1,15
Lã (kg)	0,90	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50
Leite plataforma (l)	0,23	0,22	0,23	0,23	0,23	0,23	0,26	0,25	0,25	0,23	0,24	0,25
Ovos de galinha (dz)	0,81	0,82	0,96	0,85	0,90	0,91	0,86	0,89	0,93	0,99
Mel (kg)	3,43	3,54	3,53	3,52	3,00	...	2,00	2,00	2,00	2,00

FONTE: Instituto Cepa/SC.

NOTA: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

(¹) Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

TABELA 26/II - PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS - SANTA CATARINA - JAN/JUN-2000

PRODUTO	(R\$)					
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Alho (kg)	1,80	2,16	1,97	1,94	2,37	2,60
Arroz irrigado (50 kg)	14,04	13,13	11,51	11,05	10,65	10,62
Batata-inglesa (50 kg)	8,74	8,07	7,50	8,09	11,92	10,49
Cana-de-açúcar (t)	32,50	32,50	32,50	32,50	32,50	32,50
Cebola (20kg)	2,77	3,63	5,48	5,87	9,90	8,71
Feijão-preto (60 kg)	25,81	21,71	19,54	20,06	25,75	24,86
Feijão-carioca (60kg)	26,71	21,86	19,45	20,17	28,93	27,57
Fumo em folha (estufa)(kg)	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25
Mandioca (t)	100,00	100,00	72,10	60,00
Milho em grão (60 kg)	12,30	11,24	10,32	10,81	11,29	11,00
Soja em grão (60 kg)	18,76	18,24	17,62	17,73	18,21	17,49
Tomate (22-25 kg)	3,64	4,90	10,00	7,11	2,55	1,67
Trigo intermediário (60 kg)	11,00	11,20	11,20	11,20	11,54	12,50
Trigo superior (60kg)	11,65	11,95	11,95	12,07	12,54	13,50

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(conclusão)

PRODUTO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Banana-caturra (20 kg)	3,15	2,00	3,13	4,53	3,93	3,71
Banana-prata (cx20kg)	6,00	6,25	7,00	6,61	5,41	5,33
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	2,23	2,20	2,37	2,37	2,41	2,41
Laranja (indústria)(t)	49,00	48,83
Pêssego (kg)	0,60	0,45
Uva (kg)	0,80	0,78
Bovinos (30kg) ¹	36,00	36,00	36,00	36,00	35,18	35,00
Frangos (kg) ¹	0,77	0,77	0,71	0,66	0,65	0,70
Suínos (kg) ¹	1,15	1,15	1,08	1,02	1,00	1,00
Lã (kg)	0,50	0,58	0,58	0,58	0,50	0,50
Leite plataforma (l)	0,26	0,27	0,27	0,27	0,29	0,30
Ovos de galinha (dz)	0,97	0,98	1,00	1,00	0,91	0,97
Mel (kg)	3,57	3,38	3,34	3,28	3,45	3,65

FONTE: Instituto Cepa/SC.

NOTA: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

⁽¹⁾ Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

TABELA 27/II - EQUIVALÊNCIA ENTRE PREÇOS PAGOS E RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES CATARINENSES PARA PRODUTOS SELECIONADOS - 1997-1999

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE MEDIDA	INSUMO/PRODUTO ⁽¹⁾			VARIÇÃO (%)		
		1999 (A)	1998 (B)	1997 (C)	A/B	A/C	B/C
ARROZ (sc 50 kg)							
. Satanil E	20l	16,74	11,38	13,19	47,11	26,92	-13,72
. Microtrator (14 a 15 Cv)	unid	595,82	576,97	708,76	3,27	-15,93	-18,60
. Uréia	sc 50 kg	1,10	0,89	1,46	23,11	-24,91	-39,01
FEIJÃO-PRETO (sc 60 kg)							
. Adubo 05-20-10	sc 50 kg	0,65	0,27	0,44	136,93	46,18	-38,30
. Calcário ensacado	t	1,28	0,69	1,05	85,74	21,47	-34,60
. Dithane PM	kg	0,39	0,16	0,24	139,21	65,56	-30,79
MILHO (sc 60 kg)							
. Adubo 07-30-13	sc 50 kg	2,46	2,02	2,48	21,64	-0,74	-18,40
. Calcário ensacado	t	3,78	4,34	5,07	-12,85	-25,35	-14,34
. Primavera	5l	4,77	4,20	4,88	13,54	-2,37	-14,01
. Trator (62 a 65 Cv)	unid	2688,75	2947,41	3436,24	-8,78	-21,75	-14,23
SOJA (sc 60 kg)							
. Adubo 03-30-15	sc 50 kg	1,38	1,15	0,95	20,16	46,02	21,52
. Calcário ensacado	t	2,26	2,56	2,01	-11,70	12,59	27,51
. Trifluralina 445	l	0,51	0,39	0,31	29,73	64,25	26,61
. Trator (62 a 65 Cv)	unid	1607,39	1736,22	1365,84	-7,42	17,68	27,12
TRIGO (sc 60 kg)							
. Adubo 05-25-25	sc 50 kg	2,73	1,95	2,03	39,93	34,44	-3,93
. Uréia	sc 50 kg	1,89	1,57	2,02	20,24	-6,32	-22,09
. Tilt 250 CE	l	8,25	5,80	5,43	42,31	52,00	6,81
BATATA (sc 50 kg)							
. Adubo 05-20-10	sc 50 kg	1,80	1,00	1,34	80,87	34,64	-25,56
. Manzate BR	kg	1,10	0,60	0,75	83,73	47,15	-19,91
. Superfosfato triplo	sc 50 kg	2,41	1,33	1,81	80,70	33,15	-26,31

(continua)

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 1998-1999

(conclusão)

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE- DE MEDI- DA	INSUMO/PRODUTO ⁽¹⁾			VARIAÇÃO (%)		
		1999 (A)	1998 (B)	1997 (C)	A/B	A/C	B/C
BANANA-CATURRA (cx 20 kg)							
. Adubo 00-20-20	sc 50 kg	7,33	6,65	10,25	10,33	-28,42	-35,13
. Óleo mineral	200 l	79,96	77,56	113,41	3,09	-29,50	-31,61
. Roundup 480	l	3,86	3,97	6,28	-2,77	-38,59	-36,84
CEBOLA (sc 20 kg)							
. Adubo 05-20-10	sc 50 kg	4,46	3,62	1,82	23,12	144,97	98,97
. Microtrator (14 a 15 Cv)	unid	2058,03	2043,67	1055,32	0,70	95,01	93,65
FUMO (kg)							
. Diária trabalhador rural	unid	6,16	6,49	6,41	-5,15	-3,93	1,29
. Lenha (eucalipto/bracatinga)	m st	4,35	4,52	3,85	-3,70	12,85	17,19
TOMATE (cx 22 a 25 kg)							
. Adubo 05-20-10	sc 50 kg	2,97	3,20	3,78	-7,17	-21,56	-15,50
. Ridomil+Mancozeb	kg	7,30	7,04	7,69	3,73	-5,00	-8,41
. Decis	250 ml	2,03	1,98	2,18	-2,53	-7,07	-9,36
. Diária trabalhador rural	unid	2,12	3,04	3,43	-30,33	-38,38	-11,55
BOI GORDO (arroba)							
. Arame farpado	500 m	1,46	1,41	1,62	3,17	-10,10	-12,86
. Bezerro desmamado	unid	5,96	5,10	5,39	16,84	10,59	-5,35
LEITE (litro)							
. Arame farpado	500 m	193,58	181,60	188,69	6,60	2,59	-3,76
. Ração p/ bovinos lactação	sc 40 kg	49,19	44,67	49,03	10,14	0,34	-8,90
. Vaca leit. s/ registro	unid	1698,10	1701,23	1687,13	-0,18	0,65	0,84
SUÍNO (kg)							
. Concentrado p/ suínos	sc 40 kg	14,49	16,12	16,54	-10,15	-12,42	-2,53
. Milho (produtor)	sc 60 kg	9,87	9,55	7,30	3,31	35,20	30,87
. Ração p/ suínos inicial	sc 40 kg	14,45	15,46	15,55	-6,52	-7,10	-0,62

FONTE: Instituto Cepa/SC.

⁽¹⁾ índice anual, obtido pela média dos índices mensais, que expressa a quantidade de produto necessário para adquirir o insumo nas unidades de medida estabelecidas



PARTE III

ANEXO I

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS E MUNICÍPIOS - 1997

MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE

MRG SÃO MIGUEL DO OESTE

Anchieta
Bandeirante
Barra Bonita
Belmonte
Descanso
Dionísio Cerqueira
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Iporã do Oeste
Itapiranga
Mondai
Palma Sola
Paraíso
Princesa
Riqueza
Romelândia
Santa Helena
São João do Oeste
São José do Cedro
São Miguel do Oeste
Tunápolis

MRG CHAPECÓ

Águas de Chapecó
Águas Frias
Bom Jesus do Oeste
Caibi
Campo Erê
Caxambú do Sul
Chapecó
Cordilheira Alta
Coronel Freitas
Cunha Porã
Cunhataí
Flor do Sertão
Formosa do Sul
Guatambu
Iraceminha
Irati
Jardinópolis
Maravilha
Modelo
Nova Erechim
Nova Itaberaba
Novo Horizonte
Palmitos
Pinhalzinho
Planalto Alegre
Quilombo
Saltinho

Santa Terezinha do Progresso
Santiago do Sul
São Bernardino
São Carlos
São Louranço do Oeste
São Miguel da Boa Vista
Saudades
Serra Alta
Sul Brasil
Tigrinhos
União do Oeste

MRG XANXERÊ

Abelardo Luz
Bom Jesus
Coronel Martins
Entre Rios
Faxinal dos Guedes
Galvão
Ipuaçú
Jupia
Lajeado Grande
Marema
Ouro Verde
Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
Xanxerê
Xaxim

MRG JOAÇABA

Água Doce
Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Fraiburgo
Herval do Oeste
Ibiam
Ibicaré
Iomerê
Jaborá
Joaçaba
Lacerdópolis
Lebon Régis
Luzerna
Macieira
Matos Costa
Ouro

(continua)

(continuação)

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS E MUNICÍPIOS - 1997

Pinheiro Preto	Curitibanos
Rio das Antas	Frei Rogério
Salto Veloso	Monte Carlos
Tangará	Ponte Alta
Treze Tílias	Ponte Alta do Norte
Vargem Bonita	Santa Cecília
Videira	São Cristóvão do Sul
MRG CONCÓRDIA	Vargem
Alto bela Vista	Zortéa
Arabutã	MRG CAMPOS DE LAGES
Arvoredo	Anita Garibaldi
Concórdia	Bocaina do Sul
Ipira	Bom Jardim da Serra
Ipumirim	Bom Retiro
Irani	Campo Belo do Sul
Itá	Capão Alto
Lindóia do Sul	Celso Ramos
Paial	Cerro Negro
Perituba	Correia Pinto
Piratuba	Lages
Presidente Castelo Branco	Otacílio Costa
Seara	Painel
Xavantina	Palmeira
MESORREGIÃO NORTE CATARINENSE	Rio Rufino
MRG CANOINHAS	São Joaquim
Bela Vista do Toldo	São José do Cerrito
Canoinhas	Urubici
Irineópolis	Urupema
Itaiópolis	MESORREGIÃO VALE DO ITAJAÍ
Mafra	MRG RIO DO SUL
Major Vieira	Agronômica
Monte Castelo	Aurora
Papanduva	Braço do Trombudo
Porto União	Doma Emma
Santa Terezinha	Ibirama
Timbó Grande	José Boiteux
Três Barras	Laurentino
MRG SÃO BENTO DO SUL	Lontras
Campo Alegre	Mirim Doce
Rio Negrinho	Pouso Redondo
São Bento do Sul	Presidente Getúlio
MRG JOINVILLE	Presidente Nereu
Araquari	Rio do Campo
Balneário Barra do Sul	Rio do Oeste
Corupá	Rio do Sul
Garuva	Salete
Guaramirim	Taió
Itapoá	Trombudo Central
Jaraguá do Sul	Vitor Meirelles
Joinville	Witmarsun
Massaranduba	MRG BLUMENAU
São Francisco do Sul	Apiuna
Schroeder	Ascurra
MESORREGIÃO SERRANA	Benedito Novo
MRG CURITIBANOS	Blumenau
Abdon Batista	Botuverá
Brunópolis	Brusque
Campos Novos	Doutor Pedrinho

(continua)

(conclusão)

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS E MUNICÍPIOS - 1997

<p>Gaspar Guabiruba Indaial Luiz Alves Pomerode Rio dos Cedros Rodeio Timbó</p> <p>MRG ITAJAÍ Balneário Camboriú Barra Velha Bombinhas Camboriú Ilhota Itajaí Itapema Navegantes Penha Piçarras Porto Belo São João do Itaperiú</p> <p>MRG ITUPORANGA Agrolândia Atalanta Chapadão do Lajeado Imbuia Ituporanga Petrolândia Vidal Ramos</p> <p>MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS</p> <p>MRG TIJUCAS Angelina Canelinha Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento São João Batista Tijucas</p> <p>MRG FLORIANÓPOLIS Antônio Carlos Biguaçu Florianópolis Governador Celso Ramos Palhoça Paulo Lopes Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara</p> <p>MRG TABULEIRO Águas Mornas Alfredo Wagner</p>	<p>Anitápolis Rancho Queimado São Bonifácio</p> <p>MESORREGIÃO SUL CATARINENSE</p> <p>MRG TUBARÃO Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Garopaba Grão-Pará Gravataí Imarui Imbituba Jaguaruna Laguna Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão</p> <p>MRG CRICIÚMA Cocal do Sul Criciúma Forquilha Içara Lauro Muller Morro da Fumaça Nova Veneza Siderópolis Treviso Urussanga</p> <p>MRG ARARANGUÁ Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Ermo Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Passo de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul Sombrio Timbé do Sul Turvo</p>
--	--

ANEXO II

ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - GRANFPOLIS Águas Mornas Alfredo Wagner Angelina Anitápolis Antônio Carlos Biguaçu Canelinha Florianópolis Garopaba Governador Celso Ramos Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Palhoça Paulo Lopes Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São Bonifácio São João Batista São José São Pedro de Alcântara Tijucas</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA FOZ DO RIO ITAJAÍ - AMFRI Balneário Camboriú Bombinhas Camboriú Ilhota Itajaí Itapema Luiz Alves Navegantes Penha Piçarras Porto Belo</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ - AMMVI Apiúna Ascurra Benedito Novo Blumenau Botuverá Brusque Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Indaial Pomerode Rio dos Cedros Rodeio</p>	<p>Timbó</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO NORDESTE DE SANTA CATARINA - AMUNESC Araquari Balneário Barra do Sul Campo Alegre Garuva Itapoá Joinville Rio Negrinho São Bento do Sul São Francisco do Sul</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA - ÁMOSC Águas de Chapecó Águas Frias Caxambu do Sul Chapecó Cordilheira Alta Coronel Freitas Formosa do Sul Guatambu Irati Jardinópolis Nova Erechim Nova Itaberaba Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Santiago do Sul Serra Alta São Carlos Sul Brasil União do Oeste</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE - AMPLA Itaiópolis Mafra Monte Castelo Papanduva</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO CARBONÍFERA - AMREC Criciúma Forquilha Içara Lauro Müller Morro da Fumaça Nova Veneza Siderópolis Treviso Urussanga</p>

(continua)

(continuação)

ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO URUGUAI CATARINENSE - AMAUC	Curitibanos
Alto Bela Vista	Fraiburgo
Arabutã	Frei Rogério
Arvoredo	Ibiam
Concórdia	Iomerê
Ipira	Macieira
Ipumirim	Pinheiro Preto
Irani	Ponte Alta do Norte
Itá	Rio das Antas
Jaborá	Salto Veloso
Lindóia do Sul	São Cristóvão do Sul
Paial	Timbó Grande
Peritiba	Videira
Piratuba	ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ - AMAVI
Presidente Castelo Branco	Agrolândia
Seara	Agronômica
Xavantina	Atalanta
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE LAGUNA - AMUREL	Aurora
Armazém	Braço do Trombudo
Braço do Norte	Chapadão do Lajeado
Capivari de Baixo	Dona Emma
Grão-Pará	Ibirama
Gravatal	Imbuia
Imarui	Ituporanga
Imbituba	José Boiteux
Jaguaruna	Laurentino
Laguna	Lontras
Orleans	Mirim Doce
Pedras Grandes	Petrolândia
Rio Fortuna	Pouso Redondo
Sangão	Presidente Getúlio
Santa Rosa de Lima	Presidente Nereu
São Ludgero	Rio do Campo
São Martinho	Rio do Oeste
Treze de Maio	Rio do Sul
Tubarão	Salete
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO SERRANA - AMURES	Santa Terezinha
Anita Garibaldi	Taió
Bocaina do Sul	Trombudo Central
Bom Jardim da Serra	Vidal Ramos
Bom Retiro	Vitor Meirelles
Campo Belo do Sul	Witmarsum
Capão Alto	ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO MEIO OESTE CATARINENSE - AMMOC
Cerro Negro	Água Doce
Correia Pinto	Capinzal
Lages	Catanduvas
Otacílio Costa	Erval Velho
Rio Rufino	Herval do Oeste
Painel	Ibicaré
Palmeira	Joaçaba
Ponte Alta	Lacerdópolis
São Joaquim	Luzerna
São José do Cerrito	Ouro
Urubici	Tangará
Urupema	Treze Tílias
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - AMARP	Vargem Bonita
Arroio Trinta	

(continua)

(conclusão)

ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO OESTE CATARINENSE - AMEOSC Bandeirante Barra Bonita Belmonte Descanso Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Iporã do Oeste Itapiranga Mondai Palma Sola Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste Tunápolis</p>	<p>Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul Sombrio Timbê do Sul Turvo</p>
<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO IRANI - AMAI Abelardo Luz Bom Jesus Coronel Martins Entre Rios Faxinal dos Guedes Galvão Ipuaçu Lajeado Grande Marema Ouro Verde Passos Maia Ponte Serrada São Domingos Vargeão Xanxerê Xaxim</p>	<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO CONTESTADO - AMURC Bela Vista do Toldo Caçador Canoinhas Calmon Irineópolis Lebon Régis Major Vieira Matos Costa Porto União Santa Cecília Três Barras</p>
<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO ITAPOCU - AMVALI Barra Velha Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba São João do Itaperiú Schroeder</p>	<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ENTRE RIOS - AMERIOS Anchieta Bom Jesus do Oeste Caibi Campo Erê Cunha Porã Cunhataí Flor do Sertão Iraceminha Maravilha Modelo Palmitos Riqueza Romelândia Saltinho Santa Terezinha do Progresso São Miguel da Boa Vista Saudades Tigrinhos</p>
<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO SUL CATARINENSE - AMESC Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Ermo Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Passo de Torres</p>	<p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO NOROESTE CATARINENSE - AMNOROESTE Jupiá Novo Horizonte São Bernardino São Lourenço do Oeste</p> <p>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO PLANALTO SUL CATARINENSE - AMPLASC Abdon Batista Brunópolis Campos Novos Celso Ramos Monte Carlo Vargem Zortéa</p> <p>MUNICÍPIOS NÃO FILIADOS A NENHUMA ASSOCIAÇÃO Cocal do Sul</p>

Papei

ANEXO III

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS REGIÕES HIDROGRÁFICAS E MUNICÍPIOS - 1997		
REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-1 EXTREMO OESTE	PEPERI-GUAÇU	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Itapiranga Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste Tunápolis
	RIO DAS ANTAS	Anchieta Caíbi Campo Erê Cunha Porã Descanso Flor do Sertão Iporã do Oeste Iraceminha Maravilha Mondai Palma Sola Palmitos Riqueza Romelândia Santa Terezinha Progresso São Miguel da Boa Vista Tigrinhos
RH-2 MEIO OESTE	RIO CHAPECÓ	Abelardo Luz Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caxambu do Sul Cordilheira Alta Coronel Freitas Coronel Martins Cunhataí Entre Rios Formosa do Sul Galvão Guatambu Ipuaçú Irati Jardinópolis Jupia Lajeado Grande Marema Modelo Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Ouro Verde Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo

(continua)

(continuação)

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-2 MEIO OESTE	RIO CHAPECÓ	Saltinho Santiago do Sul São Bernadino São Carlos São Domingos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil União do Oeste
	RIO IRANI	Arvoredo Bom Jesus Chapecó Faxinal dos Guedes Passos Maia Ponte Serrada Vargeão Xanxerê Xavantina Xaxim
RH-3 VALE DO RIO DO PEIXE	RIO DO PEIXE	Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Ervai Velho Fraiburgo Herval do Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Ipira Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Macieira Ouro Peritiba Pinheiro Preto Piratuba Rio das Antas Salto Veloso Tangará Treze Tilias Videira
	RIO JACUTINGA	Água Doce Alto Bela Vista Arabutã Catanduvas Concórdia Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Presidente Castelo Branco Seara
RH-4 PLANALTO DE LAGES	RIO CANOAS	Vargem Bonita Abdon Batista Anita Garibaldi Bocaina do Sul Bom Retiro Brunópolis Capão Alto

(continua)

(continuação)

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-4 PLANALTO DE LAGES	RIO CANOAS	Campo Belo do Sul
		Campos Novos
		Celso Ramos
		Cerro Negro
		Correa Pinto
		Curitibanos
		Frei Rogério
		Lages
		Lebon Regis
		Monte Carlo
Otacílio Costa		
Painel		
Palmeira		
Ponte Alta		
Ponte Alta do Norte		
Rio Rufino		
Santa Cecília		
São Cristóvão do Sul		
São José do Cerrito		
Urubici		
Vargem		
Zortéa		
Bom Jardim da Serra		
São Joaquim		
Urupema		
RH-5 PLANALTO DE CANOINHAS	RIO NEGRO	Campo Alegre
		Mafra
		Rio Negrinho
		São Bento do Sul
		Três Barras
		Bela Vista do Toldo
		Canoinhas
		Itaiópolis
		Major Vieira
		Monte Castelo
Papanduva		
Irineópolis		
Matos Costa		
Porto União		
Timbó Grande		
RH-6 BAIXADA NORTE	RIO CUBATÃO	Garuva
		Itapoá
		Joinville
		São Francisco do Sul
		Araquari
		Balneário Barra do Sul
		Barra Velha
		Corupá
		Guaramirim
		Jaraguá do Sul
Massaranduba		
São João do Itaperiú		
Schroeder		
Agrolândia		
Agronômica		
Alfredo Wagner		
Atalanta		
Aurora		
Apiuna		
Ascurra		
Balneário Camboriú		
Benedito Novo		
Blumenau		
Botuverá		
Braço do Trombudo		
RH-7 VALE DO ITAJAÍ	RIO ITAJAÍ	

(continua)

(continuação)

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-7 VALE DO ITAJAÍ	RIO ITAJAÍ	Brusque Camboriú Chapadão do Lajeado Dona Emma Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Ibirama Ilhota Imbuia Indaial Itajai Ituporanga José Boiteux Laurentino Lontras Luiz Alves Mirim Doce Navegantes Penha Petrolândia Piçarras Pomerode Pouso Redondo Presidente Getúlio Presidente Nereu Rio do Campo Rio do Oeste Rio dos Cedros Rio do Sul Rodeio Saleté Santa Terezinha Taió Timbó Trombudo Central Vidal Ramos Vitor Meirelles Witmarsum
	RIO TIJUCAS	Angelina Bombinhas Canelinha Governador Celso Ramos Itapema Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Porto Belo São João Batista Tijucas Antonio Carlos Biguaçu Florianópolis Águas Mornas Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara Garopaba Paulo Lopes
RH-8 LITORAL CENTRO	RIO BIGUAÇU	
	RIO CUBATÃO DO SUL	
	RIO DA MADRE	

(continua)

(conclusão)

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-9 SUL CATARINENSE	RIO D'UNA	Imarui
	RIO TUBARÃO	Imbituba Anitápolis Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Grão Pará Gravatal Jaguaruna Laguna Lauro Muller Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Bonifácio São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão
RH-10 EXTREMO SUL CATARINENSE	RIO URUSSANGA	Cocal do Sul Içara Morro da Fumaça Urussanga
	RIO ARARANGUÁ	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Criciúma Ermo Forquilha Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Nova Veneza Siderópolis Sombrio Timbê do Sul Treviso
	RIO MAMPITUBA	Turvo Passos de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul

ANEXO IV

CONCEITOS

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Cooperativa - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

Erva-mate cancheada - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR n° 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Precipitação pluviométrica - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Semente fiscalizada - Resultante da multiplicação da semente básica, produzida em campos específicos, de acordo com as normas estabelecidas pela entidade fiscalizadora e responsável pela qualificação do produto.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Temperatura - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

Temperatura máxima - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Temperatura mínima - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Umidade relativa do ar - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.



LITERATURA CONSULTADA

- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Metodologia do censo agropecuário de 1980*. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais - 1981*. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. *Pesquisas agropecuárias contínuas*. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.

LISTA DE FONTES

- 01 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO 1957/1993 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 1994.
- 02 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO 1957/1995 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 1996.
(www.anfavca.com.br)
- 03 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INSPEÇÃO DA PRODUÇÃO ESTADUAL DE SEMENTES E MUDAS - SAFRA 97/98. Florianópolis: Cidasc, 1999.
- 04 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CRÉDITO RURAL – 1995-1999. Brasília: Bacen, 1995-1999.
- 05 - ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO SETOR DE FERTILIZANTES - 1995 - 1999. São Paulo: Anda, 1996-2000.
- 06 - CENSO AGROPECUÁRIO - SANTA CATARINA 1985. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.
- 07 - CENSO AGROPECUÁRIO - SANTA CATARINA 1995 - 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.
- 08 - CENSO DEMOGRÁFICO - BRASIL - 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.
- 09 - CENSO DEMOGRÁFICO - SANTA CATARINA - 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.
- 10 - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. *Relatório das unidades por UF e município - 10/04/00*. Brasília, 2000.
- 11 - FAO. (www.fao.gov)
- 12 - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Contagem da população - 1996*. Rio de Janeiro, 1997.
- 13 - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Divisão de Pesquisas. *Área dos municípios de SC - 1997*. Florianópolis, 1998. 5 p.
- 14 - INDICADORES DA AGROPECUÁRIA. Brasília: Conab, v.9, n.4, abr. 2000.
- 15 - LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE/Deagro, dez. 1999, abr. e maio 2000.
- 16 - LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE/Dipec/SC/Cepag, abr. 1999.
- 17 - PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO - SANTA CATARINA - 1998. Rio de Janeiro: IBGE, s.d.
- 18 - PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO - SANTA CATARINA - 1999. Rio de Janeiro: IBGE, s.d.
- 19 - PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL - SANTA CATARINA - 1998. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
- 20 - PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E DA SILVICULTURA – 1996 – 1998. Rio de Janeiro: IBGE, s.d.
- 21 - USDA. (www.usda.gov)



LISTA DE GRÁFICOS

PARTE I

1.1. DESEMPENHO DA AGRICULTURA CATARINENSE NAS SAFRAS 98/99-99/00

1. Índice de produtividade da terra de lavouras selecionadas - Santa Catarina - 1988-1999.....13

1.2. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL

ALHO

1. Preços recebidos pelos produtores catarinenses - 199918
2. Rendimento médio nacional e estadual - 1991-1999.....18

BANANA

1. Participação dos principais países na área plantada - 1999.....24
2. Participação dos principais países na produção mundial - 199924
3. Produtividade nos principais estados brasileiros e média nacional - 199925
5. Preços recebidos pelos produtores catarinenses - 199925

BATATA

1. Comportamento da produção brasileira - Safras - 93/94-98/9927
2. Preços médios recebidos pelos produtores catarinenses - 1997-1999.....27
3. Comportamento da produção catarinense - Safras - 95/96-98/9929
4. Produtividade média dos campos brasileiros - Safras - 93/94-98/99.....29
5. Evolução da área plantada no Brasil - Safras - 93/94-98/99.....29

CEBOLA

1. Comportamento da área plantada no Brasil - Safras - 93/94-98/99.....31
2. Evolução da produção brasileira - Safras - 93/94-98/9931
3. Produtividade média dos campos brasileiros - Safras - 93/94-98/9931
4. Importações brasileiras - 1990-1999.....32
5. Comportamento da produtividade - Santa Catarina - Safras - 90/91-98/9933
6. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safra - 98/9934

MAÇÃ

1. Distribuição da área plantada no Brasil - Safra - 98/9948
2. Capacidade de armazenagem frigorífica - Brasil - 199948
3. Evolução da produção nacional - Safras - 94/95-98/9949
4. Exportações brasileiras - 1993-1999.....49
5. Importações brasileiras - 1995-1999.....49

MANDIOCA

1. Raiz de mandioca - Preços recebidos no Litoral Sul - Safras 97/98-98/9953
2. Raiz de mandioca - Preços recebidos no Alto Vale - Safras - 97/98-99/0053
3. Farinha grossa - preços recebidos pelo produtor do Litoral Sul - 1998-200054

4. Farinha fina - Preços recebidos pelo produtor do Litoral Sul - 1998-2000	54
5. Fécula - Preços recebidos pelas indústrias do Alto Vale - 1998-2000	54

MILHO

1. Principais produtores mundiais	56
2. Evolução das cotações internacionais	57
3. Produção do Mercosul	57
4. Principais estados produtores - 1999	58
5. Preços no atacado de Chapecó	59

SOJA

1. Principais produtores mundiais - Safra - 98/99	61
2. Evolução das cotações internacionais - 1997-1999	62
3. Distribuição no Mercosul	62
4. Principais estados produtores - Brasil - Safra - 98/99	63
5. Complexo soja - Exportações brasileiras	63
6. Evolução dos preços no atacado de Chapecó	63

TOMATE

1. Produção nos principais países - 1999	65
2. Produção nos principais países da América do Sul - 1999	65
3. Produção em Santa Catarina - Safra - 98/99	66
4. Preços recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 1999	67

1.3. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL

AVES

1. Produção, exportação e mercado interno - Santa Catarina - 1999-2000	77
2. Produção, consumo e exportação - Brasil - 1999-2000	77

SUÍNOS

1. Abates em Santa Catarina - 1999-2000	94
2. Participação das diferentes formas de abate - Santa Catarina - 1999	94

1.4. DESEMPENHO DA PESCA E AQUICULTURA

PESCA

1. Volume capturado - Brasil - 1980-1998	97
2. Exportação e importação - Brasil - 1995-1999	97
3. Volume das capturas - Santa Catarina - 1990-1999	98
4. Exportação e importação catarinenses - 1992-1999	101

PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE

1. Produção da piscicultura (água doce) - Santa Catarina - 1983-1999	107
--	-----

CAMARÃO MARINHO

1. Produção com o cultivo de camarão exótico (*Litopenaeus vannamei*) - Santa Catarina - 1998-2000.....111

MARISCO E OSTRAS

1. Mariscos - Produção em Santa Catarina - 1991-1999113
2. Ostras - Produção em Santa Catarina - 1991-1999113

1.5. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO FLORESTAL

1. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses - 1993-2000120
2. Participação de Santa Catarina nas exportações de produtos florestais da Região Sul e Brasil - 1993-1999121
3. Madeira Industrial - Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Jul/94-Maio/00123
4. Madeira Industrial - preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Jul/94-Maio/00124

LISTA DE MAPAS

PARTE I

1. Distribuição percentual do valor da produção da agropecuária por produto, segundo as mesorregiões geográficas - Santa Catarina - 199916

LEITE

1. Leite - Participação das mesorregiões na quantidade recebida pelas indústrias inspecionadas - 199990
2. Leite - Número de indústrias inspecionadas, segundo as mesorregiões - 199991

PRODUTOS FLORESTAIS

1. Área reflorestada (ha) e produção de madeira em toras (m³) para fins industriais, segundo as mesorregiões - Santa Catarina - 1996120

PARTE II

1. Divisão municipal do estado de Santa Catarina - 1997132

LISTA DE QUADROS

PARTE I

1. Calendário Agrícola - Plantio, colheita e comercialização dos os principais produtos agrícolas - Santa Catarina - 199976

MEL

1. Mel de abelha - Período de safras por região produtora - Santa Catarina92
2. Mel de abelha - Estrutura de comercialização do setor apícola - Santa Catarina92

LISTA DE TABELAS

PARTE I

1.1. DESEMPENHO GERAL DO SETOR AGROPECUÁRIO EM SANTA CATARINA - SAFRA 98/99

1. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária - Santa Catarina - Safras - 97/98-98/9912
2. Área plantada, produção e posição do estado no Brasil, segundo os principais produtos agrícolas - Santa Catarina - Safra - 98/9914
3. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária - Santa Catarina - Safras - 98/99-99/0015

1.2. DESEMPENHO DA EXPLORAÇÃO VEGETAL

ALHO

1. Produção nos principais países - 199917
2. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/0019
3. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - 97/98-99/0019

ARROZ

1. Área colhida mundial e do Mercosul - 1998-199920
2. Produção mundial e do Mercosul - 1998-199920
3. Rendimento mundial e do Mercosul - 1998-199920
4. Balanço de oferta e demanda mundial - Safras - 97/98-99/0021
5. Arroz em casca - Balanço de oferta e demanda brasileira - Safras - 97/98-99/0022
6. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 98/99-99/0022
7. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 97/98-99/0023

BANANA

1. Área, destinada a colheita no ano, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-98/9926
2. Área, destinada a colheita no ano, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/0026

BATATA

1. Área plantada, produção e rendimento - Santa Catarina - Safra - 98/99	28
2. Produção brasileira - Safra 98/99	28
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	30
4. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	30

CEBOLA

1. Área plantada, produção e rendimento - Brasil - Safra - 98/99	31
2. Importações brasileiras - 1990-1999	32
3. Área plantada, produção e rendimento por microrregião produtora - Santa Catarina - Safra - 98/99	32
4. Área plantada, produção e rendimento esperado para a cultura no Brasil - Safra - 99/00	35
5. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	36
6. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 97/98-99/00	36

FEIJÃO

1. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	40
2. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	41
3. 1ª Safra - Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	41
4. 2ª Safra - Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	42

FUMO

1. Comparativo das safras do Sul do País - Safras - 97/98-99/00	42
2. Preço médio recebido pelos produtores do Sul do País - Safras - 94/95-99/00	44
3. Produção, exportação, importação, consumo e estoque final, mundial e dos principais países - 1995-1999	45
4. Preço médio recebido pelos produtores - Safras - 96/97-99/00	46
5. Exportações brasileiras - 1992 - 1999	46
6. Exportações catarinenses - 1992-1999	46
7. Valor das exportações brasileiras - 1995-1999	46

8. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	47
9. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	47

MAÇÃ

1. Desempenho da produção brasileira - Safra - 98/99	49
2. Área plantada e colhida, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra - 98/99	50
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98 -99/00	50
4. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98 -99/00	51

MANDIOCA

1. Raiz de mandioca - Preços recebidos pelo produtor nas regiões do Litoral Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí - Safras - 97/98-99/00	54
2. Farinha - Preços recebidos pelo produtor na região do Litoral Sul Catarinense - 1998-2000	54
3. Fécula - Preços recebidos pela indústria, na região do Alto Vale do Itajaí - 1998-2000	55
4. Mandioca - Área colhida, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	55
5. Área colhida, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	56

MILHO

1. Balanço de oferta e demanda mundial - Safras - 97/98-99/00	56
2. Balanço de oferta e demanda - Estados Unidos - Safras - 97/98-99/00	57
3. Evolução do balanço de oferta e demanda - Argentina - Safras - 97/98-99/00	57
4. Balanço de oferta e demanda - Brasil - Safras - 97/98-99/00	58
5. Balanço de oferta e demanda - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	58
6. Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul - Safras - 97/98-99/00	60
7. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	60
8. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 97/98-99/00	61

SOJA

1. Soja-grão - Balanço de oferta e demanda mundial e norte-americano - Safras - 97/98-99/00	62
2. Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul - Safras - 97/98-99/00	64

3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	64
4. Área colhida, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	65

TOMATE

1. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	67
2. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	68

TRIGO

1. Balanço de oferta e demanda mundial - Safras - 97/98-00/01	68
2. Comparativo da safra brasileira - 97/98-98/99	69
3. Comparativo das safras - Santa Catarina - 84/85-99/00	69
4. Comparativo da safra brasileira - 99/00	70
5. Preços mínimos - 2000 e 1999	71
6. Oferta e demanda brasileiras - Safras - 96/97-00/01	71
7. Produção mundial - Safras - 97/98-00/01	71
8. Estimativa de exportação, segundo os principais países e mundial - Safras - 98/99-00/01	72
9. Estimativa de importação, segundo os principais países e mundial - Safras - 98/99-00/01	72
10. Importações brasileiras de trigo em grão - 1995-1999	72
11. Valor FOB médio das importações brasileiras de trigo em grão - 1995-1999	72
12. Importações brasileiras de farinha - 1996-1999	73
13. Valor FOB médio das importações brasileiras de farinha - 1996-1999	73
14. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 98/99-00/01	73

UVA

1. Área destinada a colheita, produção e rendimento por estado - Safras - 97/98-99/00	74
2. Área destinada a colheita, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras - 97/98-99/00	75

1.3 DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL

AVES

1. Carne de aves - Balanço brasileiro de oferta e demanda - 1996-2000	78
---	----

2. Carne de aves - Balanço catarinense de oferta e demanda - 1996-2000.....	78
3. Carne de frangos - Produção brasileira - 1996-1999	78
4. Frangos - Exportação brasileira - 1996-2000.....	79
5. Frangos - Abate total - Santa Catarina (SIF, não-SIF e autoconsumo) - 1995-2000.....	79
6. Carne de aves - Produção mundial de países selecionados - 1996-2000.....	79
7. Carne de aves - Importação mundial de países selecionados - 1996-2000	80
8. Carne de aves - Exportação mundial de países selecionados - 1996-2000	80
9. Carne de aves - Consumo mundial de países selecionados - 1996-2000	80

BOVINOS

1. Carne bovina - Balanço da oferta e demanda nacional - 1998-2000	81
2. Carne bovina - Balanço da oferta e demanda - Santa Catarina - 1998-2000	82
3. Bovinos de corte - Abates totais mensais de bovinos - Santa Catarina - 1996-2000	82
4. Carne bovina - Produção mundial de países selecionados - 1996-2000.....	83
5. Carne bovina - Importação mundial de países selecionados - 1996-2000	83
6. Carne bovina - Exportação mundial de países selecionados - 1996-2000	83
7. Carne bovina - Consumo mundial de países selecionados - 1996-2000.....	84

LEITE

1. Produção de leite de vaca de países selecionados - 1995-2000.....	84
2. Produtividade de países selecionados - 1995 - 2000	85
3. Produção brasileira total - 1985 e 1995-1996	86
4. Quantidade recebida pelas indústrias inspecionadas - Santa Catarina - 1989-1999.....	87
5. Leite e derivados - Importações brasileiras - 1992-1999	87
6. Leite e derivados - Quantidade das importações brasileiras por bloco - 1992-1999	88
7. Leite e derivados - Valor das importações brasileiras por bloco - 1992-1999.....	88
8. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 1990-2000.....	89
9. Vacas ordenhadas em países selecionados -1995-2000.....	89
10. Leite e derivados - Valor médio das importações brasileiras por bloco - 1992-1999.....	90
11. Leite e derivados - Importações catarinenses - 1992-1999	90
12. Leite - Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 1990-2000.....	90

SUÍNOS

1. Carne suína - Balanço de oferta e demanda - Brasil - 1998-2000	93
2. Carne suína - Balanço de oferta e demanda - Santa Catarina - 1998-2000	94
3. Suínos - Abates totais - Santa Catarina - 1997-2000.....	95
4. Carne suína - Produção mundial de países selecionados - 1995-2000.....	95
5. Carne suína - Importação mundial de países selecionados - 1995-2000	95
6. Carne suína - Exportação mundial de países selecionados - 1995-2000.....	96
7. Carne suína - Consumo mundial de países selecionados - 1995-2000.....	96

1.4. DESEMPENHO DA PESCA E AQÜICULTURA

PESCA

1. Capturas nominais por principais produtores de peixes, crustáceos, moluscos, e outros.....	102
2. Exportações brasileiras - 1995-1999.....	97
3. Importação brasileira - 1995-1999.....	97
4. Total capturado, por tipo de pesca - Santa Catarina - 1975-1999	99
5. Principais espécies capturadas - Santa Catarina - 1992-1998	99
6. Captura de pescado, segundo as microrregiões geográficas - Santa Catarina - 1993-1998.....	100
7. Total das exportações de pescado (peixes, crustáceos, moluscos e outros), por país de destino - Santa Catarina - 1992-1999.....	100
8. Total das importações catarinenses de pescado (peixes, crustáceos, moluscos e outros), por país de origem - 1992-1999.....	100

AQÜICULTURA

PISCICULTURA DE ÁGUA DOCE

1. Piscicultura de água doce (água morna) - Piscicultores assistidos, número de viveiros e área alagada com viveiros - Santa Catarina - 1983-1999	106
2. Piscicultura de água doce (águas frias) - Truticultura - Produção por administração regional da Epagri - Santa Catarina - 1996-1999	106
3. Piscicultura de água doce (águas frias) - Truticultura - Produção - Santa Catarina - 1993-1999	106
4. Piscicultura (água doce) - Produção por espécie cultivada - Santa Catarina - 1996-1999	107
5. Piscicultura de água doce (água morna) - Produção por administração regional da Epagri - Santa Catarina - 1996-1999.....	108
6. Piscicultura - Preço de peixes destinados à indústria e ao pesque-pague - Média do primeiro trimestre/200 em 13 regiões - Santa Catarina.....	108

7. Piscicultura - Preço da ração utilizada - Média do primeiro trimestre/2000 em 13 regiões - Santa Catarina.....	109
8. Piscicultura - Preço de alevinos - Média do primeiro trimestre/2000 em 13 regiões - Santa Catarina.....	109

CAMARÃO MARINHO

1. Camarão congelado - Exportações brasileiras - 1995-1999.....	110
2. Produção com o cultivo de camarão-nativo - Santa Catarina - 1992-1996.....	110
3. Preço das espécies de camarão capturadas em Santa Catarina e comercializadas na Ceagesp - 1999.....	111
4. Quantidade de espécies de camarão capturadas em Santa Catarina e comercializadas na Ceagesp - 1998-1999.....	112

MARISCO E OSTRAS

1. Ostreicultura - Produção nos principais municípios - Santa Catarina - 1996-1999.....	114
2. Ostreicultura - Preço médio de ostras gigas cultivadas - Primeiro semestre/2000 - Santa Catarina.....	114
3. Miticultura - Produção anual nos principais municípios - Santa Catarina - 1990-1999.....	114
4. Marisco cultivado - Preço médio - Primeiro semestre/2000 - Santa Catarina.....	115
5. Moluscos catarinenses e quantidades comercializadas na Ceagesp, por região de procedência - 1998-1999.....	115

1.5. DESEMPENHO DA PRODUÇÃO FLORESTAL

1. Madeira em tora - Produção mundial, segundo os continentes e principais países - 1996-1998.....	116
2. Madeira em tora - Produção mundial para fins industriais, segundo os continentes e principais países - 1996-1998.....	117
3. Produção brasileira de produtos da extração vegetal, segundo as grandes regiões e principais unidades da Federação - 1995-1996.....	118
4. Produção brasileira de produtos da silvicultura, segundo as grandes regiões e principais unidades da Federação - 1996-1996.....	118
5. Produção dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 1996-1998.....	119
6. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 1993-1998.....	121
7. Exportação de produtos florestais - Brasil e estados da Região Sul - 1993-1998.....	122
8. Quantidade e valor das exportações de produtos florestais - Santa Catarina - Período Jan-Abr/1999 e 2000.....	123
9. Produtos florestais - Preço médio dos principais produtos - Santa Catarina - 1996-1998.....	124
10. Realizações do programa florestal catarinense - 1999-2000.....	125

PARTE II

2.1. DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS

1. Área territorial, segundo os municípios - Santa Catarina - 1997.....	129
2. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 1999.....	133
3. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 1999.....	133
4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 1999.....	134
5. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 1999.....	134

2.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

6. População residente, segundo a situação de domicílio - Brasil e Santa Catarina - 1991/2000.....	135
7. População residente (total, rural e urbana) - 1996 - Estimativa da população residente - 1997-1999, segundo os municípios - Santa Catarina.....	135
8. Pessoas ocupadas, por sexo, segundo o setor econômico - Santa Catarina - 1998-1999.....	142
9. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 1998-1999.....	142
10. Domicílios particulares e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 1998-1999.....	142

2.3. ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

11. Capacidade estática de armazenagem em meio ambiente não controlado, por tipo, dos armazéns cadastrados na Conab, segundo as microrregiões geográficas - Santa Catarina - 2000.....	143
12. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 1995-1999.....	143
13. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 1995-1999.....	144
14. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 1995-1999.....	144
15. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 1996-1999.....	145
16. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 1995-1999.....	145
17. Produção de sementes certificadas (*), segundo os produtos agrícolas - Santa Catarina - 94/95-98/99.....	145
18. Produção de sementes fiscalizadas (*), segundo os principais produtos agrícolas - Santa Catarina - 94/95 - 98/99.....	146
19. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 1996-1999.....	146

2.4. INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA

20. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras - 98/99 - 99/00.....	147
21. Exportações de origem no setor primário, segundo os principais produtos – Santa Catarina – 1998-2000.....	148
22. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto segundo a atividade econômica do setor primário - Santa Catarina - 1995-1999.....	148
23. ICMS arrecadado pelo setor agropecuário, segundo as atividades - Santa Catarina - 1998-1999.....	148

2.5. PREÇOS AGRÍCOLAS

24. Preços mínimos vigentes, por produto, na Região Centro-Sul - 1996-2000.....	149
25. Preços médios mensais recebidos pelos produtores pelos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - Jan/Dez - 1999.....	150
26. Preços médios mensais recebidos pelos produtores pelos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - Jan/Jun - 2000.....	150
27. Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses para produtos selecionados - 1997-1999.....	151

PARTE III

ANEXOS

I. Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das mesorregiões, microrregiões geográficas e municípios – 1997.....	155
II. Associações de municípios do estado de Santa Catarina.....	159
III. Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios - 1997.....	163
IV. Conceitos.....	169



ÍNDICE REMISSIVO

Alho, 17-19
Aqüicultura, 104-115
Área territorial, 129-131
Armazenagem, 143
Arroz, 19-23
Associação de municípios, 159-161
Aves, 77-80
Bacias hidrográficas, 163-167
Balanço de oferta e demanda, 147
Banana, 23-26
Batata, 26-30
Bovinos, 81-84
Calendário agrícola, 76
Camarão, 109-112
Carnicultura, 109-112
Carne bovina, 81-84
Carne de frango, 77-80
Carne suína, 93-96
Carvão vegetal, 115-126
Cebola, 31-36
Cooperativas, 143-144
Crédito rural, 146
Desempenho da agropecuária, 11-15
Equivalência de preços, 151
Erva-mate, 118-126
Exportação, 148
Feijão, 37-42
Fertilizantes, 145
Fumo, 42-47
ICMS, 148
Leite, 84-91
Lenha, 115-126
Maçã, 47-51
Madeira em tora, 116-126
Mandioca, 51-56
Máquinas agrícolas, 145
Marisco, 112-115
Mel de abelha, 91-92
Mexilhões, 112-115
Microrregiões geográficas, 155-157
Milho, 56-61
Miticultura, 112-115
Molusco, 112-115

Ostra, 112-115
Ostreicultura, 112-115
Pecuária, 77-96
Pesca, 96-103
Pessoal ocupado, 142
PIB, 12, 148
Piscicultura, 105-109
População residente, 135-141
População rural, 135-141
População urbana, 135-141
Precipitação pluviométrica, 134
Preços agrícolas, 149
Preços mínimos, 149
Preços recebidos, 150-152
Produção vegetal, 17-75
Produto interno bruto, 12, 148
Produção florestal, 115-126
Ranicultura, 104-105
Sementes certificadas, 145
Sementes fiscalizadas, 146
Setor primário, 11-15
Soja, 61-65
Suínos, 93-96
Temperatura máxima, 133
Temperatura mínima, 133
Tomate, 65-68
Trigo, 68-73
Umidade relativa, 134
Uva, 74-75
Vacas leiteiras, 89
Valor bruto da produção, 12, 148
Vieiras, 104-105





FETAESC

UNIÃO

JUSTIÇA

TRABALHO

- A FETAESC é uma entidade sindical de segundo grau.
- Congrega 227 sindicatos de trabalhadores rurais e 44 extensões de base.
- Busca a valorização da agricultura familiar, através de benefícios econômicos, sociais e de preservação ambiental.

MISSÃO

Buscar o desenvolvimento rural sustentado de Santa Catarina através de assessoria, estudos, projetos e disseminação de informações.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

- Desenvolvimento local e regional.
- Estudos e pesquisas sobre o espaço rural.
- Geração e disseminação de informações.
- Monitoramento e análise da produção, do mercado agrícola e das políticas públicas.

ESTRUTURA

NDA: Núcleo de Observação e Desenvolvimento do Agronegócio:

- Estudos e pesquisas setoriais e globais sobre o espaço rural;
- Cenários de médios e longo prazo;
- Informações de suporte à pequena e média agroindústria;
- Competitividade de cadeias produtivas;
- Implantação e gestão do agronegócio.

NGI: Núcleo de Gerenciamento de Informações

- Desenvolvimento e manutenção de base de dados;
- Gerar, armazenar e disseminar informações rurais.

NDR: Núcleo de Desenvolvimento Local e Regional

- Pesquisa e projetos de desenvolvimento de dados
- Treinamento para agentes de desenvolvimento

NPM: Núcleo de Monitoramento de Políticas Públicas

- Acompanhamento das políticas públicas no agronegócio;
- Monitoramento e análise da produção e o mercado agrícola;
- Políticas e ações de vantagens competitivas ao agronegócio.



INSTITUTO CEPA/SC

INSTITUTO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA
Rod. Admar Gonzaga, 1486 - Itacorubi - 88034-001 - C.P. 1587 - Florianópolis - SC
Tel (0xx48) 334 5155 - www.icepa.com.br

informação
produtos
serviços



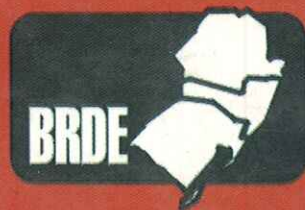
Escolhemos
apenas
um lado.

O do crescimento.

Há 38 anos o BRDE tem sido o parceiro ideal dos melhores projetos da Região Sul. Da indústria à agricultura, do comércio à prestação de serviços, o Banco está sempre contribuindo para o crescimento econômico e social. As empresas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul têm à sua disposição linhas de crédito com prazos e condições na medida certa para cada tipo de empreendimento.

Se você realmente quer crescer, o BRDE é o parceiro ideal. Converse com a gente.

BRDE, parceiro para crescer.



Banco Regional De Desenvolvimento Do Extremo Sul

Porto Alegre: 51.215.5000

Florianópolis: 48.221.8000

Curitiba: 41.250.7373